

# ESPECIARIA

Cadernos de  
**Ciências  
Humanas**

ISSN: 1517-5081

Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas	Ilhéus	v. 16	n. 29	1-244	jun./dez. 2016
--	--------	-------	-------	-------	----------------

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - Editora da UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16 - 45662-000 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
www.uesc.br/editora

Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas na Internet:  
<http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria>

### **Governo do Estado da Bahia**

Rui Costa - Governador

### **Secretaria de Educação**

WALTER PINHEIRO - Secretário

### **Universidade Estadual de Santa Cruz**

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Reitora  
Evandro Sena Freire - Vice-reitor

### **Editus - Editora da UESC**

Rita Virgínia Alves Santos Argollo - Diretora

### **Diagramação**

Lária Farias Batista

### **Revisão**

Isaias Francisco de Carvalho  
Jó Rodrigues Cezar Junior  
Renato Gonçalves Peruzzo

### **Imagem da Capa**

Ilustração: Jane Hilda Mendonça Badaró / Título: Frutos de Ouro

E77

Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas / Universidade Estadual de Santa Cruz. Vol. 1, n.1 (jan./jun. 1998)- . – Ilhéus, BA : Editus, 1998-  
v.

Semestral.

Continuação de: Especiaria: revista da UESC.

Continua como: Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas.

Interrompida: 2010-2012.

Descrição baseada em: v. 16, n. 29 (jun. /dez. 2016).

ISSN 1517-5081

1. Letras – Periódicos. 2. História – Periódicos. 3. Filosofia – Periódicos I. Universidade Estadual de Santa Cruz.

CDD 301

## Conselho Editorial

Adriana Rossi (Universidade Nacional de Rosário)	Leandro de Araújo Sardeiro (UESPI)
Ana Clara Torres Ribeiro (IPPUR/UFRJ)	Marc Dufumier (Institut National Agronomique de Paris - GRIGNON - INA - PG)
Anatércia Ramos Lopes Contreiras (UESC)	Marcio Goldman (Museu Nacional/UFRJ)
André Luis Mitidieri Pereira (UESC)	Marcos Bretas (UFRJ)
André Moysés Gaio (UFJF)	Maria Cristina Fornari (Università del Salento (Itália))
Angela Michelis (UNITO - Università Degli Studi di Torino (Itália))	Maria Luiza Silva Santos (UESC)
Antonio Carvalho Campos (UFV)	Michel Misse (IFCS/UFRJ)
Bárbara Botter (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)	Mione Salles (UERJ)
Carlos Alberto de Oliveira (UESC)	Moema Maria Badaró Cartibani Midlej (UESC)
Edivaldo Boaventura (UFBA)	Pablo Rubén Mariconda (USP)
Edmilson Menezes (UFS)	Paulo Cesar Pontes Fraga (UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora)
Eduardo Paes Machado (ISC/UFBA)	Pedro Cezar Dutra Fonseca (UFRGS)
Elaine Behring (UERJ)	Raimunda Silva D’Alencar (UESC)
Fernando Ribeiro de Moraes Barros (UFC - Universidade Federal do Ceará)	Reheniglei Rehem (UESC)
Genigleide Santos da Hora – (UESC)	Roberto Guedes (UFRRJ)
Gentil Corazza (UFRGS)	Roberto Romano da Silva (UNICAMP)
Gey Espinheira (UFBA) (in memoriam)	Robson Norberto Dantas (UESC)
Jéferson Bacelar (UFBA)	Saskya Miranda Lopes (UESC)
João Reis (UFBA)	Sérgio Adorno (USP)
Johnny Octavio Obando Morán (UNILA - Universidade da Integração Latino-Americana)	Sérgio Ricardo Ribeiro Lima (UESC)
José Carlos Rodrigues (PUC-RJ)	Susana de Mattos Viegas (Universidade de LISBOA)
José Vicente Tavares (UFRGS)	Walter Fagundes Morales (UESC)

### Editor

Roberto Sávio Rosa

### Editor científico

Isaias Francisco de Carvalho

### Organização deste número

Fernando José Reis de Oliveira

Reheniglei de Araújo Rehem

Robson Norberto Dantas

## **Objetivo da Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas**

Publicar semestralmente artigos, traduções e resenhas das grandes áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de colaboradores nacionais e internacionais.

## Apresentação

A Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) promoveu, entre os dias 09 e 11 de novembro de 2015, o Colóquio Internacional Centenário Adonias Filho, com o tema “Literatura, cultura, história e memória”. O Colóquio celebrou o centenário de nascimento desse autor, ficcionista, ensaísta e crítico literário natural de Itajuípe, Bahia, por meio da reflexão, da leitura e do estudo crítico sobre a obra e a vida do escritor homenageado, pela diversidade temática, de gêneros literários e a riqueza de sua prosa ficcional e ensaística.

O evento reuniu escritores, autores, acadêmicos, professores, pesquisadores, nacionais e estrangeiros, artistas e estudantes dos cursos de Letras, História, Comunicação Social e mestrands, para refletir sobre a contribuição de Adonias Filho para cultura nacional, regional e local. O Colóquio constituiu-se em efetivo momento de intercâmbio cultural, universitário, inter-relacionando a pesquisa, o ensino e a extensão, em importante espaço de celebração cultural, com a presença de convidados internacionais da Europa e da África, a exemplo do escritor, crítico e ensaísta, Prof. Arnaldo Baptista Saraiva, da Universidade de Porto-Portugal, e da pesquisadora e linguista da Universidade Pedagógica de Moçambique, Sarita Monjane, além do Presidente da Academia Brasileira de Letras, Domício Proença Filho.

Os trabalhos apresentados neste número 29 (v.16, jul-dez 2016), de autoria dos citados acima e de outros pesquisadores, são fruto dos trabalhos desenvolvidos no Seminário *Perspectivas: o literário, o político e o trágico* e desse Colóquio Internacional Centenário Adonias Filho – *Literatura, cultura, história e memória*, em homenagem à vida e à obra do imortal Adonias Filho, na Universidade Estadual de Santa Cruz, no ano de 2015. Ao tempo em que agradecemos às/ aos autoras/es por suas contribuições, convidamos as/os leitoras/es embarcarem na literatura adoniana tendo os textos aqui disponíveis como possível passaporte ou ponto de partida.

Pela multiplicidade de ângulos propostos para se pensar a obra de Adonias Filho neste número da *Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas*, apresentamos os trabalhos pelo critério sequencial da ordem alfabética dos nomes dos/as primeiros/as autores/as, a começar por Adeíto Manoel Pinho, com “Leituras

de *Corpo vivo*, identidades híbridas por escrito”, que empreende um estudo do romance *Corpo vivo*, partindo da constatação de que, ao mesmo tempo em que atualiza uma corrente forte na ficção brasileira – o indianismo, essa obra de Adonias Filho providencia uma visão problematizada da ocupação econômica da região sul do Estado da Bahia, com o aporte teórico principal do pós-colonialismo e da perspectiva do agenciamento.

Na sequência, Bárbara Albuquerque da Paixão e Isaías Francisco de Carvalho, em “Barbárie e civilização na trilogia do cacau de Adonias Filho: vingança, violência e morte”, apresentam reflexões e análises, a partir do binômio barbárie-civilização, com base em Tzvetan Todorov, da chamada trilogia do cacau, a saber: *Os servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*.

Na perspectiva das especificidades da linguagem literária, o escritor e poeta Cyro de Mattos, em “A linguagem romanesca em Adonias Filho”, adentra a escrita adoniana considerando-a de alto teor criativo, ao expressar estilisticamente a beleza, a emoção ou a verdade essencial da realidade e da experiência grapiúna.

Mais um trabalho – “Imagem e violência na literatura de Adonias Filho”, de Fernando Oliveira e Fernanda Smith –, aborda as mazelas da região cacauzeira, a partir das leituras de dois clássicos do autor – *Corpo vivo* e *As velhas* – que trazem imagens da terra, da região, da mata, do homem e da mulher, da condição humana e seu sentido de existência no território, no espaço real e ficcional, cuja narrativa, feita de sangue e brutalidade, faz jorrar nas terras do cacau, nesse espaço-tempo marcado pela desigualdade social, gestos de baixa humanidade, expressões da degradação da vida e do sem sentido na vida de homens e mulheres.

Em empreendimento de linha similar, Jó Rodrigues Cezar Junior, em “Trágico ou espetáculo monstruoso? Categorias aristotélicas na obra *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho”, propõe analisar essa obra ficcional quanto à presença, ou não, do elemento trágico ou do espetáculo monstruoso. Outras categorias aristotélicas também são consideradas nessa análise: a catástrofe, o reconhecimento e a peripécia, o nó e o desenlace, presentes na *Poética* aristotélica.

A professora Olívia Barradas, em “A inserção poética do quimbundo no romance *Luanda Beira Bahia*”, apresenta dois eixos que se interligam: mostrar a importância da participação do

escritor Adonias Filho no Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa, em Moçambique, e apresentar um glossário com a tradução dos termos do quimbundo inseridos por Adonias Filho em seu romance *Luanda Beira Bahia*.

Por seu turno, o Presidente da Academia Brasileira de Letras, Domício Proença Filho, traz a contribuição “A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista”, em que, além do título esclarecedor, demonstra a associação entre as dimensões do real geográfico e o espaço do simbólico na narrativa brasileira contemporânea, com ênfase no romance *Corpo vivo*, de Adonias Filho.

Na seara da crônica adoniana, o historiador Marcus Mota, em “Adonias Filho cronista: apresentação e pequena antologia”, traz a memória de que esse gênero literário estava inserido no contexto do jornal *Última Hora*, comprometido com a ditadura no início dos anos 80, do qual Adonias Filho era um dos vice-presidentes nessa época. Marcus Mota comparece com um segundo trabalho – “O fim do fim: a produção ficcional nos últimos anos de Adonias Filho” –, no qual toma o conceito de “estilo tardio”, elaborado pelo crítico e teórico da literatura Edward Said, para defender que é possível identificar um conjunto homogêneo de decisões criativas no projeto ficcional de Adonias Filho, sendo seu estilo tardio a chave para a compreensão da carreira desse autor.

Também historiador, Robson Dantas apresenta o trabalho “Renascimento do Homem (1937), o ensaio-chave para entender a obra de Adonias Filho”, em que demonstra como esse autor homenageado, nesse ensaio, constrói os vigamentos filosóficos, soteriológicos e estéticos de seus primeiros romances. Crítico radical da Renascença e do homem moderno, o escritor baiano nos mostra o fundo compósito de ideias e teorias, muitas vezes contraditórias, que iriam marcar profundamente a arquitetura dos romances *Os Servos da Morte* e *Memórias de Lázaro*, onde aparecem imagens recorrentes da degenerescência do homem sem fé, primitivo e decaído.

O escritor, poeta e Babalorixá do Ilê Axé Ijexá de Itabuna (Bahia) Ruy do Carmo Póvoas faz um recorte e aborda a figura de Zonga, a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauceiras, como uma das robustas personagens da ficção adoniana. Seu trabalho é intitulado “Zonga: a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauceiras”.

Retomando o romance adoniano *Luanda Beira Bahia*, a professora Sarita Monjane Henriksen, da Universidade Pedagógica de Moçambique, faz uma breve análise sociocultural dessa obra, concentrando-se particularmente no cruzamento entre aspectos históricos, literários e culturais. Descreve a presença constante do mar, do hibridismo cultural, da convivência e das identidades multiétnicas, mistas e crioulas, da heterogeneidade e da diáspora, em seu trabalho “*Luanda Beira Bahia: o olhar romanescos de Adonias Filho para culturas comparadas (a África)*”.

Silmara Santos Oliveira, em “Memorial Adonias Filho: patrimônio e memória em Itajuípe”, contempla a experiência de salvar o acervo do escritor Adonias Filho, bem como a preservação da sua memória por meio dos patrimônios material e imaterial existentes no Memorial Adonias Filho; discute ainda esse Memorial sob a perspectiva da formação do leitor a partir do trabalho realizado no município e a significação da escrita para as gerações futuras.

Finalmente, Simone da Silva Santos, em “*Simoa: o divino e a condição feminina em Adonias Filho*”, discute a representação do divino e a condição feminina a partir da análise do personagem título dessa novela adoniana. Analisa o imbricamento das relações sociais e da organização da comunidade por meio das ações de Simoa, bem como a representação dos mitos africanos e de suas características para a formulação da sociedade sul-baiana, reconhecendo o protagonismo feminino na constituição da sociedade na qual a personagem título se insere.

Honrados por organizar este número da *Revista Especiaria* em homenagem ao centenário de nascimento do importante escritor Adonias Filho, mais uma vez agradecemos às contribuições das/os autoras/es aqui elencadas/os e oferecemos esses textos ao mundo. Em tempo, agradecemos a todas/os que organizaram os eventos que geraram esta edição, com destaque para Inara de Oliveira Rodrigues, Josefa Sônia Pereira da Fonseca, Mayana Brandão dos Santos, Samuel Leandro Oliveira e Silmara Santos Oliveira.

Fernando José Reis de Oliveira  
Reheniglei Rehem  
Robson Norberto Dantas  
(Organizadores)



## SUMÁRIO

Prefácio.....	11
Leituras de <i>Corpo vivo</i> , identidades híbridas por escrito <b>Adeitalo Manoel Pinho</b> .....	13
Barbárie e civilização na trilogia do cacau de Adonias Filho: vingança, violência e morte <b>Bárbara Albuquerque da Paixão</b> <b>Isaías Francisco de Carvalho</b> .....	28
A linguagem romanesca em Adonias Filho <b>Cyro de Mattos</b> .....	41
Imagem e violência na literatura de Adonias Filho <b>Fernando Oliveira</b> <b>Fernanda Smith</b> .....	51
Trágico ou espetáculo monstruoso? Categorias aristotélicas na obra <i>Memórias de Lázaro</i> , de Adonias Filho <b>Jó Rodrigues Cezar Junior</b> .....	75
A inserção poética do quimbundo no romance <i>Luanda Beira Bahia</i> <b>Olívia Barradas</b> .....	90
A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista <b>Domício Proença Filho</b> .....	107
Adonias Filho cronista: apresentação e pequena antologia <b>Marcus Mota</b> .....	120
O fim do fim: a produção ficcional nos últimos anos de Adonias Filho <b>Marcus Mota</b> .....	161
<i>Renascimento do Homem</i> (1937), o ensaio-chave para entender a obra de Adonias Filho <b>Robson Norberto Dantas</b> .....	182
Zonga: a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauzeiras <b>Ruy do Carmo Póvoas</b> .....	197
<i>Luanda Beira Bahia</i> : o olhar romanesco de Adonias Filho para culturas comparadas (a África) <b>Sarita Monjane Henriksen</b> .....	203

Memorial Adonias Filho: patrimônio e memória em Itajuípe <b>Silmara Santos Oliveira</b> .....	216
<i>Símoa</i> : o divino e a condição feminina em Adonias Filho <b>Simone da Silva Santos</b> .....	225

## Prefácio

A coletânea, que ora apresentamos, resulta de palestras e comunicações proferidas no *Colóquio Internacional Centenário Adonias Filho*, com o tema “Literatura, cultura, história e memória”, e no Seminário *Perspectivas: o literário, o político e o trágico*, ocorridos na Universidade Estadual de Santa Cruz, em 2015.

Para o Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, a presente publicação representa uma homenagem ao grande escritor baiano, ao mesmo tempo em que reúne textos de estudiosos e intelectuais que se debruçaram sobre a obra de Adonias Filho, lembrando e fazendo sobreviver a sua poderosa narrativa, a sua memória, a sua língua. Como afirmou Jorge Amado no discurso de recepção a Adonias Filho na Academia Brasileira de Letras, em 28 de abril de 1965, “em Literatura ninguém está concluindo, ninguém está dizendo a última palavra, escrevendo a última obra-prima, realizando finalmente a experiência decisiva. Ninguém.” Sempre nos depararemos com algo novo que a apropriação da obra literária suscita e requisita.

Nesse sentido, não é sem razão afirmarmos a honra que é acolher tão rica reflexão emaranhada de vozes que falam de diferentes lugares sobre a obra de Adonias Filho.

Por isso é oportuno agradecer aos organizadores desta coletânea, pelo trabalho cuidadoso de edição, bem como aos autores e autoras, pelos textos que materializam esta belíssima homenagem ao nosso querido Adonias Filho.

Ilhéus, 24 de março de 2017.

Élida Ferreira  
Diretora do Departamento de Letras e Artes (UESC)

Centenário Adonias Filho -  
literatura, cultura, história e  
memória

# Leituras de *Corpo vivo*, identidades híbridas por escrito

**Adeíto Manoel Pinho**

Doutor, Prof. Titular de Literatura Brasileira da UEFS;  
Coordenador Executivo do Centro de Pesquisa em Literatura e Diversidade Cultural;  
Coordenador do GELC – Grupo de Estudos Literários Contemporâneos.  
E-mail: adeitalopinho@gmail.com

Recebido em: 06/06/2015

Aprovado em: 16/02/2016.

**Resumo:** Estudo o romance *Corpo vivo*, de autoria do escritor baiano Adonias Filho. Esse romance, ao mesmo tempo em que atualiza uma corrente forte na ficção brasileira – o indianismo, providencia uma visão problematizada da ocupação econômica da região sul do Estado da Bahia. A cultura do cacau, uma das mais ricas culturas agrícolas do início do século XX, no país, oferece oportunidade de o romancista investigar o modo de civilização, organização política, encontro de culturas, configurados em torno da urgência das lavouras cacaueiras. Por isso, faz-se oportuno o uso da nomenclatura teórica em voga no início do século XXI, notadamente, o pós-colonialismo e o agenciamento.

**Palavras-Chave:** Literatura baiana; Romance; Indianismo; Pós-colonialismo.

## Readings of *Corpo vivo*, writing hybrid identities

**Abstract:** This is a study about *Corpo Vivo (Living Body)*, by Brazilian (Bahia) writer Adonias Filho. In the novel, at the same time a strong literary manifestation in Brazilian fiction is updated – “indianismo”, a problematic view from Bahia Southern Region economic occupation is also presented. Cocoa farms, one of the richest agricultural cultures in the early 20<sup>th</sup> Century in Brazil, offer the writer the opportunity to investigate the civilization, political organization and cultural encounters which are presented around the cocoa plantation. For these reasons, it is appropriate to use the theoretical definitions which have been in vogue in the early 21<sup>st</sup> Century, post-colonialism and agency.

**Keywords:** Literature of Bahia; Novel; Brazilian Indian culture; post-colonialism.

Este estudo aborda a obra de autor baiano que completa, em 2015, centenário de nascimento. Isso é motivo de comemoração, pois se trata de um dos grandes autores brasileiros. Os romances I de Adonias Aguiar Filho<sup>2</sup> (1915-1990) cobrem vasta geografia do Brasil e do exterior. Eles tratam tanto da cidade de Salvador, do seu ambiente natal, a chamada Nação Grapiúna – localidades que compreendem os dois municípios baianos de Ilhéus e de Itabuna –, do Rio de Janeiro, do trânsito marítimo entre a África, Europa e o Brasil, muito semelhante às movimentações teorizadas pelo chamado Pós-colonialismo: emigração, diáspora e nomadismo. O autor estava interessado em representar, nas produções ficcionais, a problemática causada pelo percurso colonial no Brasil. Algumas pouquíssimas histórias da literatura<sup>3</sup> classificam o romancista baiano como representante de segundo momento modernista, atrelado ao regionalismo. Este estudo, ao discordar das classificações anteriores, ancora-se na proliferação de trabalhos literários estribados no que se convencionou chamar de estudos culturais, contemporaneamente. E também está reforçado justamente pelo fato das reflexões sobre cultura, identidade, etnia, já serem preocupação de criações ficcionais da década de 1950, como é o caso do romance *Corpo vivo*,<sup>4</sup> aqui abordado.

A atenção à literatura com o foco representativo voltado para a paisagem geográfica e humana do estado da Bahia oferece motivos para a tranquila manutenção da identidade fixa do *leitor nacional* e, por outro viés, a intranquila constatação, nesses espaços detalhadamente observados, da presença de identidades<sup>5</sup> sociais, culturais e individuais, mestiças, incompletas e fortemente marcadas pelo elemento tido por negativo, como é o caso do índio, do negro, do pistoleiro, das regiões orais, da floresta e etc. Essa diversidade não é atributo exclusivo de literaturas produzidas no Estado, mas de culturas que por ventura estão fora da visada supra valorizada das metrópoles e/ou culturas robustamente escritas (letradas), as mesmas que tendem a imitar os modelos europeus de hábitos culturais<sup>6</sup>.

A primeira postura de leitura, mencionada acima como *nacional*, é responsável, muitas vezes, pela manutenção de um sujeito leitor fixo. Esse tipo de leitura impõe, ao leitor, a ilusão de uma observação de cima, imóvel tanto para uma nova visão dos acontecimentos tratados pela trama como porque pouco mobiliza (desestabiliza) o próprio agente da leitura. Esse ato marcado de ler oferece uma in-

formação exótica do mundo tratado, turística, na forma de descanso das atividades tidas por sérias daquele leitor, para, em alguns momentos, divertir-se com as agruras um pouco comoventes, um pouco patéticas de homens desumanizados pela nodosa mistura sanguínea (onde o “sangue” bom é chorado e o ruim é marca de humilhação e rebaixamento do mais importante, o europeu). A partir desse tipo de leitura, o mundo representado é visto de maneira superficial, não há interesse de se ver em profundidade, ou, antes, não vale a pena o esforço; dele, quem lê parece ser sempre mais digno do que aquilo/aqueles que se está representando.

Do gosto de riso e patética, estão locupletados os programas de televisão jornalísticos ou telenovelescos. Por isso, tanto se pode rir ou ter pena da figura estranhamente feliz dos paupérrimos vaqueiros que se exibem para o repórter, demonstrando, com ferimentos reais, o quanto é difícil a sua profissão; ou do sotaque do serrano que, simplesmente, faz notar, à nacionalidade, o seu modo de vida e de falar – isto é sintomático das caatingas sertanejas aos pampas gaúchos. O uso dessa espécie de exotismo acabou fazendo com que tanto a crítica e a opinião popular se incumbisse da difícil tarefa de acusar de traidores ou preconceituosos os seus próprios escritores – justamente os que ousaram falar de paragens exiladas da cultura dominante. Pelo seu êxito popular, autores, como Jorge Amado, são exemplos dessa desconfiança, cuja falseta finalmente parece estar sendo desmentida pelas investigações críticas mais contemporâneas. Esse jogo é reproduzido, de forma semelhante, em resenhas críticas, tomos de coletâneas onde vão estudar os candidatos a especialistas em literatura das universidades, e, completando um ciclo, vão reproduzir-se em histórias da literatura.

Justamente, é numa fixação em histórias da literatura que estudos dessa natureza devem desembocar, porque as histórias não deixaram de ser importantes para a compreensão da literatura e, fatalmente, nelas estará, quando puderem compreender e perceber o seu próprio valor político, uma das maneiras de visualizar o horizonte das possibilidades culturais e humanas de uma determinada região. A respeito das histórias literárias, o crítico Nelson H. Vieira profere opinião propícia ao que se está discutindo aqui:

A meu ver, representações desta possível solução [o impasse entre o nacional e as diferenças culturais] encontra-se na ficção brasileira

onde emergem, em crescente escala, diálogos entre vozes manifestando as várias etnias e raças, a cultura e a religião populares, e as questões de gênero. (VIEIRA, 2003, p. 109).<sup>1</sup>

Nelson Vieira percebe também a necessidade da história da literatura enfrentar o problema da diferença cultural como marca que põe em suspenso a nacionalidade, mas, por outro lado, percebe a literatura brasileira realizando, há tempos, essa hibridização e alteridade culturais, nos exemplos citados de Jorge Amado, Rubem Fonseca, Roberto Drummond, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Adélia Prado, Sérgio Sant'Anna e Moacyr Scliar. Acompanhado pelas figuras de Homi Bhabha, Nestor G. Canclini e Silviano Santiago, o teórico da historiografia expõe a sua proposta:

[...] Por isso, desejamos identificar aqui estas culturas 'esquecidas' para que possam ser incluídas numa história literária. Em vez de uma suposta visão total ou abrangente da literatura, pretendemos oferecer algumas noções gerais sobre as possibilidades de uma nova configuração da história literária inspirada pelo clima (multi)cultural do presente. (VIEIRA, 2003, p. 98-99).<sup>1</sup>

O romance de Adonias Filho se inclui nesse espaço híbrido e crítico onde necessariamente vão surgir culturas "esquecidas", no dizer de Vieira, e que, pela leitura menos conciliadora, podem ser chamadas de culturas "vilãs" (n' *Os Sertões*), "pornográficas" e "blasfemas" (em romances de Jorge Amado), "coronelistas" (em romances de Wilson Lins). Inegavelmente, e aí está o papel da história da literatura, as culturas híbridas devem aparecer, para que a diferença possa "demarcar" ou "desmascarar" o que há de cultura brasileira.

A questão perpendicular, na reflexão sobre o romance de Adonias Filho, é que esse leitor fixo, tranquilo, trajado e confortavelmente instalado nas salas dos centros urbanos não está assim tão seguro. Mesmo com o desestimulante conselho de que tal literatura, que ousa representar longínquos e "bárbaros" locais de humanidade relegada e sem letramento, seja abandonada, ela continua sendo realizada, talvez porque essa tipologia humana, nela contida, ainda esteja lá, conseguindo sobreviver com os poucos recursos que a nação, mãe-pátria, ofereça. A título de exemplo, em estudo crítico e destemido que realiza a respeito da poesia de Castro Alves, o his-



torizador Flávio Kothe<sup>2</sup> menciona que a mensagem castroalvina era simples, em relação ao escravo, ou comete suicídio (enlouquecendo) ou retorna para a África. Tais mensagens são visíveis no poema “O Navio negreiro” e no livro *A Cachoeira de Paulo Afonso*. A vivência, do mesmo modo, do coronelismo, da violência em meio ao veto ao acesso às letras, e à nutrição e ao conforto, presente nos grandes centros, ainda é cotidiana. Também, exemplos de resistência, o movimento de Canudos e do Cangaço, provam que o aconselhamento para o suicídio nunca foi acatado.

Por outro lado, as literaturas que ousam desafiar a orientação nacional acabam por problematizar o leitor, oferecendo um grande repertório de identificações incompletas, móveis e, principalmente, construindo um uso político para as informações contidas através das representações ficcionais. As palavras do crítico anglo-indiano Homi Bhabha são expressivas de novos modelos de percepção do literário de maneira ampla – não só da aristocracia e da burguesia, mas também das classes populares – e do drama pós-colonial: no caso do romance em foco, o colonialismo surge, via percepção étnica (branco, negro, índio e mestiços) e o uso da terra (coronéis, latifundiários, posseiros, indígenas).

É desse espaço entre a mímica e o arremedo, onde a missão reformadora e civilizadora é ameaçada pelo olhar deslocador de seu duplo disciplinar, que vêm meus exemplos de imitação colonial. O que todos têm em comum é um processo discursivo pelo qual o excesso ou deslizamento produzido pela *ambivalência* da mímica (quase o mesmo, *mas não exatamente*) não apenas ‘rompe’ o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa o sujeito colonial como uma presença ‘parcial’. Por ‘parcial’ entendendo tanto ‘incompleto’ como ‘virtual’. É como se a própria emergência do ‘colonial’ dependesse para sua representação de alguma limitação ou proibição estratégica *dentro* do próprio discurso autorizado. O sucesso da apropriação colonial depende de uma proliferação de objetos inapropriados que garantem seu fracasso estratégico, de tal modo que a mímica passa a ser simultaneamente semelhança e ameaça. (BHABHA, 1998, p. 131).<sup>1</sup>

É preciso dizer que as observações do crítico pós-colonialista tomam, nesse trecho executado, o contexto mais restrito da dominação britânica da Índia e, daí, expande sua postura reflexiva para os outros modelos de colonização. No caso do romance de Adonias

Filho, a ameaça proporcionada ao discurso canônico está na mímica temporal, social e da tradição. Como sugestiona Bhabha, *Corpo vivo* aparenta ou arremeda os modelos vitoriosos de conduta cultural nos embates cuja ação dramatiza a substituição progressiva da floresta de Mata Atlântica pela floresta do Cacau. Pode-se pensar apressadamente, que é uma ficção sobre a vitória da civilização capitalista (a riqueza da matéria-prima do aclamado chocolate) sobre a indigna e peçonhenta floresta. Imitando um gênero consagrado pelas elites do passado – o indianismo –, que providenciou também a vitória irônica do sujeito colonizador sobre o nefasto selvagem indigno dessa porção de terras, o romancista parece estar festejando um projeto bem-sucedido no passado.

Emparelhado à mímica de Homi Bhabha, não houve um festejo da evidente empresa associada entre o capitalismo, colonialismo e literatura, mas, por outro lado, toda uma problemática causada pelo manejo dessas forças. Mesmo tão terrível para a população indígena, no século XIX e anteriores, em pleno século XX, bolsões nativos ainda continuam sendo massacrados pelo apetite da acumulação capitalista. Se o gênero indianista, na figura dos seus autores, ficou por dever explicações por sua representação do nativo, o nosso famoso e envolvente *pele vermelha* insistia em sobreviver ao *happy end* colonial.

No tipo de literatura que desenvolve a mímica do dominador – “parece igual, mas será o mesmo?”, a própria teoria deverá tomar cuidado quanto ao seu arsenal de investigação do fenômeno ficcional, uma vez que as noções de heróis e vilões, de tempo, de violência e recompensa podem estar se referindo àquele modelo canônico de leitor. Muitos tropos de classificação literária são motivados por modelos já consagrados, ligados a intenções organizacionais, como as escolas literárias (romantismo, realismo, modernismo), religiosos (como os sentidos de falha/erro, pagamento, arrependimento, redenção e recompensa do herói, que caracterizam o romance romântico principalmente de José de Alencar), temáticos, como são exemplos do tema nacional o ufanismo, o romance histórico, e o indianista do século XIX.

O romance *Corpo Vivo* é uma obra literária que levou mais de duas décadas para estar terminada (início em 1938, publicação em 1962). Seu autor publicara, no intervalo entre o anúncio da obra e a sua efetiva publicação, alguns importantes romances, *Os servos da morte* (1946) e *Memórias de Lázaro* (1952). A leitura do romance de Adonias Filho denuncia uma preocupação tal com a linguagem, for-

ma estrutural romanesca que se impõe uma afirmação: é o trabalho de um autor obcecado pela consagração.

Em *Corpo Vivo*, é construída uma gênese psicológica para a vingança, uma sinfonia da violência, calcada no cuidadoso trabalho de construção da frase, na escolha das palavras pela sua sonoridade e apresentação gráfica no papel. O autor escolhe o poético como tecnologia para representar o seu universo grapiúna<sup>2</sup>, do homem à floresta e vice-versa. O sul baiano é o cenário para a trajetória do protagonista Cajango – misto de branco e índio, de homem e de fera, de anjo e demônio. E tudo ganhará mais vivacidade com a liquidez da lama, a perdição da mata, a morbidez do ataque da onça – ao final, a natureza selvagem do sul da Bahia impõe-se como poder. Nós não devemos nos enganar, é em nome do cacau – vegetal/capital estranho à floresta – que o homem branco inaugura a história com sangue, que tinge o corpo e a alma do pequeno Cajango – testemunha única do assassínio dos familiares – e pode, então, começar a história de vingança que é sua própria aprendizagem do mundo, *Corpo Vivo*. Assim começa o romance:

Encontrarão o ninho, é o que pensa. Nas costas, oculta pela mata, ficara a serra. A terra devia ter se contorcido, fervido em lama, pedras e lavas em atrito, para fazê-la o aleijão medonho. Erguendo-se da chapada, montanha que sobe em desaprumo, floresta e rochedos se abraçam nas quedas dos despenhadeiros. Furacão doido e bruto que rodava a torcera, como se fosse um pano molhado, e malhas são as nuvens que a rodeiam. O vento, detido pelas encostas do outro lado, não passa. Imagens nos olhos, enquanto anda, João Caio sabe que ali o homem e a mulher encontrarão o ninho. (ADONIAS FILHO, 1974, p. 19).<sup>3</sup>

Logo de início, o narrador impõe a tragédia humana – na morte e na violência – aproximada à constituição bizarra da natureza, protetora e cruel. Num tempo presente e impreciso, apresentam-se fragmentos em ritmo cinematográfico<sup>4</sup>, em primeira pessoa, por narradores múltiplos, pedaços de um enigma que poderá se desvendar mais adiante. Ao feitio de um cirurgião, o autor busca incisões precisas e vitais para a narrativa – economia simbólica de uma ficção que, em poucas páginas (135), possui a capacidade de se multiplicar em imagens. No trecho a seguir, narrado pela personagem Padrinho Abílio, exemplifica-se o expressivo processo:

Na sala de jantar, emborcadas na poça de sangue, as duas meninas – Maria Laura, de 12 anos, e Maria Lúcia, de dez anos – estavam caídas como alvejadas em pleno carreira. Sobre o batente da porta, como se tivesse escapado dos braços da mãe, o corpo tão pequeno do pagão que ia fazer três meses. Andando com os pés no sangue, em direção à sala onde ficara minha mulher, levantei o candeeiro para aumentar a luz. A comadre ainda tinha as mãos sobre o rosto e, um pouco distante do marido, como que se preparava para dormir. Januário, de costas, estirado, sangrado no pescoço como se fosse um porco. Pondo o candeeiro no chão, cuja luz parecia empretecer as poças de sangue, abracei minha mulher procurando animá-la. Foi ela quem, acima da minha perturbação, perguntou por Maria Teresa. Era a mais velha e tinha 18 anos. Retornei com o candeeiro, percorrendo os quartos. Fui encontrá-la na despensa, quase despida, e observei que unhas de homens tinham rasgado a sua pele. Deitada de bruços, o sangue já não gotejava da ferida aberta na nuca. O punhal, que a matara, penetrara fundo. (ADONIAS FILHO, 1974, p. 22).<sup>5</sup>

A narrativa pulsa golpeando com as palavras no sentido dramático, da gravidade, da ação de extermínio da família de Cajango e também pela construção do universo existencial do sul baiano para o leitor – muitas vezes desavisado e outras, recusando esse universo. Assim, as mortes devem ser descritas com requintes destacados, está em jogo o *mando6* – o jagunço cumpre ordens à risca seja homem, mulher e menino. Mulher-moça de inimigo é presa e prêmio do macho viril. Assim, um código de conduta vai tomando contorno. No adiantado do romance, esse mesmo código dará a indicação da sutil diferença entre os grupos contendores.

*Corpo Vivo* é um romance que impõe sua própria teoria interpretativa. Publicado em momento anterior às demandas identitárias e pós-modernas de teorização do literário, a preocupação com o homem híbrido (branco + negro + índio) e os conflitos advindos do encontro nem sempre festivo entre o homem civilizado e a natureza estão pulsando em suas linhas; inclusive, a narrativa explicita um percurso existencial capaz de renunciar a uma evolução cultural da mata para a cidade, i. e., do primitivo para o civilizado, por entender que tal projeto estivesse falido em nossa realidade e compreender a humanidade como condição permanente tanto do branco, índio e negro. Assim, a ambivalência selvagem e violenta de *Corpo Vivo* instaura o humano.

Adonias Filho está consciente da problemática visualização das

etnias que compõem a cultura brasileira. A Nação Grapiúna é lugar onde – para além de sintetizar a sua população em branca, negra e índia, também de mestiços, bugres, que são tropeiros, jagunços, plantadores de cacau, arreeiros – estes tipos estão em plena ação existencial articulada com as formas de ocupação. O homem branco atua nas plantações e no *mando*; o mestiço jagunço, no pleno exercício das armas e da morte; o bugre – índio de profundo conhecimento da mata, da caça, da noite, do silêncio – senhor de temidos domínios, sabe artificar a vingança pelo derramamento de sangue. Os contendores estão irremediavelmente unidos, mesmo em lugares conflituosos, pelo exercício da morte na narrativa.

Digno de nota é que, nessa nação ficcional, não há etnias exiladas ou expatriadas. Se a cidade é o lugar civilizado, cânone do mundo ocidental, pela moral da violência e fator de equilíbrio entre a contenda, também a floresta é lugar de força na estratégia dos combates, sendo os caminhos e as matas de cacau, as casas de vendas isoladas, os lugares onde circulam os dois grupos. A floresta é do bugre e do homem-fera que é Cajango e seus liderados – mestiços, negros, outros bugres e marginalia: aleijados como Cludo, o albino, animalizados como o Sangrador, feição de símio; a cidade é do mando, dos comandados por se alugar e pela ambição do cacau – aqui estão também jagunços e mestiços cumprindo o mesmo papel do lado oposto.

Adonias dialetiza a relação identitária pelo “negativo”! Aparecerá com vigor uma língua negada nos nomes e nos atos – a indígena, os gostos pela conversa de cócoras e pelo esconderijo em buracos úmidos e frios ao feitio da vida dos antepassados guaranis. Não há qualquer sinal da típica classe canônica dos salões encartolados e do fulgor dos brilhantes em meio a frases de efeito de requintes tantas vezes glosados. Assim como certos livros famosos, temas e personagens, cuja incessante admiração causa desgaste e corrosão, também hábitos e gestos são canonizados. Para estas obras grandiosas, resta a proteção contra a crítica, o estudo devassador. Reta também as providências de isolamento, higienização, esterilização, para que leituras mais agressivas não venham causar fraturas irremediáveis nas já frágeis e raras edificações.

No jogo de espelhos, o personagem Cajango é toda a nação em excitação pela dívida histórica dos seus que, por sua vez, são indistintos, somente visíveis pela invisibilidade da marginalização provocada por uma cultura que menospreza as raças não vindas da Europa.

Observando na geografia do romance, a floresta de Camacã – reino/fortaleza do protagonista – é tão extensa e vigorosa que oprime as cidades e os vilarejos, marcando mais uma vez, mesmo em meio ao conflito civilizatório e o exílio do selvagem como demônio, a força do que é o nativo, a negação cultural do Brasil; a Nação Grapiúna e o selvagem, em suas “obscenidades”, sufocam a cultura canônica. O bando de Cajango, em ataque, é narrado como onda que se abate sobre frágeis construções civilizadas. O combate se dá em *Corpo vivo* – em diversos estágios.

O olhar do leitor se divide em duas perspectivas já mapeadas pela crítica: a) um romance ao gosto da literatura brasileira de 1930, onde o personagem principal busca semelhança com as figuras marginais de Lampião e Antonio Silvino. Tais sujeitos, mesmo tão representados em incontáveis linhas sociológicas, ficcionais e críticas, não estão ainda compreendidos pela cultura do nacional; muitas vezes, historiadores, críticos e romancistas representam o esforço de polimento e homogeneização desses fenômenos e não em perspectivas teóricas desejosas de compreender o que é a brasilidade; b) uma narrativa ao estilo inconfundível de W. Faulkner, onde é característica a estilização psicológica do *far West* norte-americano – ali, confundem-se as ações físicas pela arma de fogo e o drama psicológico pela adoção de um regime social brutal. Tais perspectivas também se estendem até a contemporaneidade naquele país.

O leitor busca as duas filiações também no intuito de se proteger do susto da experiência compartilhada. São corretas, pelo caminho de leitura que empreendo aqui, as experiências usufruídas pelo autor de *Corpo Vivo*. Haja vista, por um lado, o labor do crítico literário Adonias Filho – leitor e resenhista diário da literatura brasileira. Esta literatura também caracterizada como uma das melhores no mundo ocidental e brasileira, entre os anos de 1940 e de 1960. Adonias exerce a Crítica em diversos periódicos cariocas e baianos, aí se incluindo vários textos sobre o autor norte-americano. Também, tanto pela formação de homem nordestino e pelo interesse sociológico de Adonias, que tem publicados alguns ensaios políticos e sociológicos em *Sul da Bahia*, *chão de cacau*, e *A Nação Grapiúna* e outros, tenha se interessado pelo fenômeno cultural e de resistência que foi o Cangaço.

*Corpo vivo* avança para o entre-lugar, o problemático, incompleto, aflitivo, porque deixa poucas opções ao leitor de olhos

acostumados. Se a condição de pacífica foi muito bem construída e sedimentada desde o início da colonização para as classes subalternas, o romance ensaia outra condição, bem mais próxima dos estereótipos propagados entre os meios de elite: o canibalismo dos antepassados estaria re-ritualizado no ato de cortar as cabeças dos inimigos tombados em combate e trazidos cuidadosamente para o reconhecimento de Cajango, segundo o narrador, para que ele pudesse identificar os assassinos da sua família. Essa prática de degola foi usada pelas *volantes* nos combates contra os cangaceiros e na Guerra de Canudos – transformando a barbárie em espetáculo para a população e educação pelo medo. Não existem, na narrativa, as visões de inferioridade intelectual atribuída ao negro e mestiço; nem a visão de inadaptável e circunscrito somente à mata, atribuídas ao indígena, como fator de sobrevivência. Significando a força necessária para os combates de vingança, é o índio que oferecerá o conhecimento selvagem para a resistência nas *pelejas*, em contraposição à covardia das tocaias e das estratégias reprováveis dos jagunços alugados – frutos da civilização.

Se é grande a cultura do cacau, motivação do romance, ela aparece como corrupta e nociva para o encontro de culturas promovido no sul da Bahia. Enfim, a leitura de *Corpo vivo* acaba por providenciar identidades negadas por escrito. Nessas escritas, tecnologia impura porque utiliza o próprio código do poder de dominação, substancializa-se, como nas observações do crítico Homi Bhabha, em semelhança e ameaça. E essas vigorosas *culturas por escrito* alimentam-se do fruto acre-doce das humanidades mestiças!

## Notas

- 1 Adonias Filho é autor das seguintes ficções: *Os servos da morte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946; *Memórias de Lázaro*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952; *Corpo vivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962; *O forte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; *Léguas da promessa*; novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; *Luanda Beira Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; *As velhas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; *Fora da Pista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978; *O largo da Palma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; *Noite sem madrugada*. 2ª. ed., São Paulo: DIFEL, 1986; *O homem de branco*; romance. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987; *O menino e o cedro*. 3ª. ed., São Paulo: FTD, 1996.
- 2 Nascido na cidade baiana de Itajuípe, na fazenda São João, a 27 de novembro de 1915, era filho do fazendeiro de cacau Adonias Aguiar e de Raquel Bastos de Aguiar. A José Olympio publicou seu primeiro romance, *Os servos da morte* em 1946, o pri-

- meiro da prometida saga do cacau, romance forte, beirando o trágico e o poético. É uma obra baseada nas novas tendências do romance norte-americano e francês. Em 14 de janeiro de 1965, foi eleito para a Cadeira 21, da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Álvaro Moreyra, que tinha como patrono José do Patrocínio. Foi recebido pelo também grapiúna Jorge Amado. Publicou, nesse mesmo ano, a segunda série dos *Modernos ficcionistas brasileiros*, pela Editora Tempo Brasileiro, do baiano Eduardo Portella, e o livro *Nação grapiúna*, reunindo os dois textos da cerimônia de posse na ABL, o seu próprio e o texto de Jorge Amado. No ano de 1987, editou seu último romance, *O homem de branco*, baseado na vida de Jean Henri Dunant, um dos fundadores da Cruz Vermelha. Depois de uma vida voltada para a literatura através dos seus romances, contos, novelas, ensaios e artigos críticos, morreu Adonias Aguiar Filho na Fazenda Nova Aliança, de sua propriedade, no distrito de Inema, em Ilhéus, a 2 de agosto de 1990, muito próximo do lugar onde nasceu. A causa oficial de sua morte foi derrame cerebral, porém muitos amigos próximos afirmam que foi tristeza, saudades de Rosita, sua esposa, que havia falecido de complicações logo após uma cirurgia 30 dias antes.
- 3 CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: EDUSP, 1999. 2 v. e COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, v. 2.
- 4 Adonias Filho. *Corpo vivo*. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; José Olympio; Editora Três, 1974.
- 5 Refiro-me aqui ao conceito de identidade investigado por: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998; CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997; COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003; HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000; GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989; HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7.ª ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik e Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte/Brasília: UFMG; Unesco, 2003; HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.) *Identidade e diferença*. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003; KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: Estudos Culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSP, 2000; MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003; SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar da Literatura Latino-americana. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.) *Identidade e diferença*. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- 6 DERRIDA, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: \_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. 2.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 229-249.
- 7 VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 109.
- 8 VIEIRA, 2003, p. 98-99.



- 9 KOTHE, Flávio R. *O cânone imperial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000, p. 128, 271-314.
- 10 BHABHA, Homi K. Da mímica e do homem: a ambivalência do discurso colonial. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 131.
- 11 Segundo o dicionário Houaiss: Ba. Designação dos sertanejos para os habitantes do litoral.
- 12 Adonias Filho. *Corpo vivo*. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; José Olympio Editora; Editora Três, 1974, p. 19.
- 13 São cortes súbitos, rapidez e lentidão na narrativa mesclados, sinestesia, valorização da imagem.
- 14 ADONIAS FILHO, 1974, p. 22.
- 15 “E veem o bando que entra, quase uma coluna, ao peso dos bornais e das cartuchei-ras. Farejando os caminhos, com os nervos rebentados, encharcam-se na aguardente. Contratados para a luta, na guerra de morte, não poupam a quem quer julguem a serviço de Cajango. São 30, João Caio sabe.” (ADONIAS FILHO, 1974, p. 86).

## Referências

- ADONIAS FILHO. **O menino e o cedro**. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O homem de branco**: romance. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Noite sem madrugada**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O largo da Palma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Fora da pista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- \_\_\_\_\_. **As velhas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Corpo vivo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; José Olympio Editora; Editora Três, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Luanda Beira Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Léguas da promessa**: novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. **O forte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Memórias de Lázaro**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Os servos da morte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

ARAÚJO, Vera Lúcia R. C. **Palavras de deuses, memória de homens**: diálogo de culturas na ficção de Adonias Filho. Maceió: EDUFAL, 1999.

BARTHES, R. **The pleasure of the text**. Trad. R. Miller. New York: Hill, 1975.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos).

\_\_\_\_\_. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrião. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1975. v 2.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada na América Latina**: ensaios. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **O índio brasileiro e a Revolução Francesa**: as origens brasileiras da teoria da bondade natural. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, João Carlos Teixeira. **A tempestade engarrafada**: ensaios. Bahia: EGBA, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A inquietude de Luís Costa Lima. In: LIMA, Luís Costa. **O controle do imaginário**: razão e imaginação nos tempos modernos. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. 2. ed. Tradução de Vamireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, S. **Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Organização de Liv Sovik, Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; Unesco, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.) **Identidade e diferença**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Col. Biblioteca Pierre Menard).

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: Estudos Culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSP, 2001.

KOTHE, Flávio R. **O cânone imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho: representação épica da forma dramática**. Salvador-Ba: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

PINHO, Adeitalo Manoel. **Um crítico, dois caminhos: a produção crítica de Adonias Filho e Djalma Viana**. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.) **Identidade e diferença**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

# Barbárie e civilização na trilogia do cacau de Adonias Filho: vingança, violência e morte

**Bárbara Albuquerque da Paixão**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras:  
Linguagens e Representações (UESC)  
E-mail: barbara.apaixao@gmail.com

**Isaías Francisco de Carvalho**

Professor de Literaturas Anglófonas (UESC)  
Doutor em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura (UFBA)  
E-mail: isaiasfcarvalho@gmail.com.

Recebido em: 15/08 /2015.

Aprovado em: 11/10/2015.

**Resumo:** O trabalho, de cunho descritivo-bibliográfico, tem como principal objetivo analisar a perspectiva da barbárie-civilização, com base em Tzvetan Todorov (2010), nos personagens da chamada trilogia do cacau – a saber: *Os servos da morte* (1986), *Memórias de Lázaro* (1970) e *Corpo Vivo* (1989) –, de Adonias Filho. Para tanto, estabelecemos o contraponto entre a imagem simbólica do “fruto de ouro”, comumente propagada na sociedade grapiúna contemporânea, e as representações fundacionais adonianas, baseadas em vingança, violência e morte. Espera-se que este trabalho promova discussões *outras* acerca dessa imagem promovida, diferenciando-a do modo de elevação e glória pertencentes a esse imaginário sul-baiano.

**Palavras-chave:** Barbárie. Civilização. Trilogia do cacau. Imagem simbólica.

## **Barbarism and civilization in Adonias Filho's cocoa trilogy: revenge, violence and death**

**Abstract:** The work, descriptive-bibliographic in nature, aims mainly at analyzing the perspective of barbarity-civilization, based on Tzvetan Todorov (2010), in the characters of the so-called cocoa trilogy – namely: *Servants of Death* (1986), *Memories of Lazarus* (1970), and *Living Body* (1989) –, by Adonias Filho. We establish the counterpoint between the symbolic image of the “golden fruit”, commonly propagated in the contemporary Grapiúna society, and the Adonian foundational representations, based on revenge, violence and death. It is hoped that this work will trigger further discussions about this promoted image, differentiating it from the way of elevation and glory belonging to this South-Bahia imaginary.

**Keywords:** Barbarism. Civilization. Cocoa trilogy. Symbolic image.

Nesta comemoração do centenário de nascimento do escritor sul-baiano Adonias Aguiar Filho, gostaríamos também de prestar-lhe uma singela homenagem. Para tanto, optamos por iniciar este trabalho saudando a esse ilustre imortal, que, em sua posse na Academia Brasileira de Letras, discursou sobre a liberdade humana: a liberdade das escolhas e principalmente sobre a força da liberdade literária. Esse autor, filho de Itajuípe, rompeu com os padrões comumente propagados na literatura sul-baiana cacauera. Remando contra a maré, Adonias Filho revelou uma estética literária subjetiva, metafísica e trágica.

Homem que, quando criança, se encantava com a força da oralidade dos trabalhadores de cacau, compôs uma realidade quase pouco divulgada nesse cenário: a morte *na* e *pela* terra, a vingança como mantenedora da vida e a violência como artífice para as ínfimas possibilidades de sobrevivência. Todas essas características envoltas numa natureza avassaladora onde a luz do sol era (quase) impenetrável.

Ao nos debruçarmos sobre suas obras, de uma maneira geral, percebemos que o lugar adoniano estava distante da repetição imagética em torno do “fruto de ouro”, a saber: a imagem construída em torno do cacau fabuloso. O saudosismo marcante, propagado nos diversos tipos de autores e textos, histórias e causos acerca desse imaginário, insiste em manter resguardado o tempo do paraíso na terra – o “tempo bom” do coronel –, além de ser comumente perpetuado no cotidiano grapiúna contemporâneo.

Tais ações são enfatizadas e enaltecidas enquanto marcas de identidade e pertença e mantêm resguardado o tempo de glória das fazendas de cacau. Porém, em que consiste a glória em se matar por meio de traição, se mutilar corpos e dizimar famílias inteiras? Como manter essa memória vinculada a atos heroicos que criaram sua morada em propriedades completamente dizimadas pela vingança?

Para responder a essas inquietações, optamos pela trilogia do cacau adoniana: *Os servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*. Essas narrativas nos facultaram argumentos aos incitamentos aflorados, pois nelas percebemos que tanto os personagens quanto o ambiente ilustrado apresentam como temática, não o fabuloso fruto de ouro, mas o seu tormento. Os protagonistas, Paulino Duarte (*Os servos da morte*), Alexandre (*Memórias de Lázaro*) e Cajango (*Corpo vivo*), se estabelecem com ações suplantadas da glória e do heroísmo (comumente caracterizado por ações desbravadoras), muito mais próximas da animalidade, impetuosidade e incivilidade.

*Os servos da morte*, publicado em 1946, é o primeiro romance de Adonias Filho. Essa narrativa, sobrepõe o tema da vingança como possibilidade de ajustamento particular: a fazenda Baluarte é o pano de fundo sobre o qual se desenvolvem ações violentas, pérfidas e abomináveis.

Não nos passou despercebido o nome da fazenda Baluarte. Seria uma ironia adoniana? Segundo Homero, na *Iliada*, o herói grego Ajax geralmente tem o seu nome vinculado ao epíteto “baluarte dos aqueus”. A qualificação elogiosa insinua que, com Ajax lutando ao lado dos gregos, eles seriam imbatíveis, pois baluarte implica sustentáculo, local absolutamente seguro, inviolável. Já em *Os servos da morte*, Adonias Filho introduz outro significado, precisamente o seu avesso: a fazenda Baluarte parece estar à ágora da insegurança, da fraqueza, da miséria e crueldade humanas. Estaria Adonias tentando justificar a conduta das personagens a partir da compreensão de homem/humano enquanto insignificante, abjeto e desprezível? Ou essa voz foi silenciada na tentativa de se resguardar a memória produzida pela sociedade grapiúna contemporânea como um autor de influência clássica?

Ambientada nessa região grapiúna, *Servos da morte* tem como personagem principal o patriarca Paulino Duarte. A narrativa parece indicar que o conjunto de adversidades, ao qual as personagens da família Duarte estão interligadas, tem início nas engrenagens subterrâneas que afloram com as frustrações e elucubrações ilustradas (planejamento, execução e sentença) de Elisa, esposa de Paulino. Como podemos perceber nesse trecho:

Suportara-o, suportaria-o ainda durante muitos anos, não fora perceber que a doença se transmitira, ali estava na carne dos seus filhos. Quase enlouquecera ao verificar ter sido o instrumento por ele usado para desenvolver aquela herança maldita. Desejou que tudo acabasse queimado pelo fogo, ela vendo os ossos dos filhos sepultados no barro da casa. (ADONIAS FILHO, 1986, p. 8).

A contenda cotidiana travada entre a cultura da ilustração (Elisa é fruto da educação formal, dos valores cristãos ensinados nos internatos) e os impulsos primitivos (Paulino Duarte é criado com os cães) se encerra com o advento deste em função do preterimento daquela. Elisa tem em Ângelo, filho ilegítimo, a possibilidade de

vingar-se de Paulino. Após sua morte, a personagem se transforma no espectro do filho que não vive, senão como a sua sombra, seu reflexo macabro, a sua presença terrificante.

Ao transitar pela sede (as descrições adonianas das habitações das fazendas) encontramos, em cada detalhe, a rusticidade como guia e senhora. Como exigir, então, um cabedal de ilustração à personagens tão paupérrimos quanto abastados, tão exóticos quanto comuns, tão cheios de si quanto abandonados?

A segunda obra do autor, *Mémoires de Lázaro*, publicada em 1952, narra as inquietações subjetivas do protagonista Alexandre, transpõe e configura o ambiente externo ao qual as demais personagens estão fatalmente vinculadas, o *Vale*, e apresenta os conflitos - interior e exterior - do personagem em torno ao qual se estruturam as ações nefastas.

O ambiente da narrativa revela a obscuridade e a brutalidade dos habitantes envolvidos na trama pertencentes a essa região. O *Vale* é a mortalha dos seres que o habitam, recordado por uma estrada infinita: “Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. Onde começa, ninguém sabe. Onde termina, ninguém sabe também.” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 3). Pode-se observar também:

Aqui, embora as moças cantem na colheita e possam os rapazes domar os potros entre gritos, negra é a alma e bruto o coração. Não que alucine o medo de ser destruído pelo semelhante, a necessidade da força física, a assistência para não ser devorado na luta impiedosa. Os fracos, aqui, morrem nos seios das mães. Restam as feras que se apaixonam com ódio, insensíveis e rudes. Mas, agarrados à crosta do vale como prisioneiros, como animais enjaulados numa planície sem céu, refletem na angústia do sangue o pânico da obscuridade e da solidão. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 5).

A sociabilidade urbana não encontra eco no ambiente em questão. Todas as relações parecem regidas pela força e violência, inclusive a constituição familiar. Alexandre toma Rosália para si, na condição de consorte. Ela projeta casar-se com qualquer homem que a liberte do julgo paterno e que sobretudo a ajude a cumprir o designo jurado pelo parricídio. Espancada desde seu nascimento, a personagem informa ao então marido, Alexandre, que espera um filho do seu próprio irmão.

Temas caros aos habitantes do interior do país, o parricídio e o incesto perpassam a narrativa adoniana com crueza suficiente para

nos fazer ver o quanto estamos vinculados aos excessos e interditos. Os tormentos do protagonista parecem principiar quando Rosália é encontrada morta. Alexandre, então, segundo as usanças recordadas por Jerônimo: “o vale precisa saber que só agora você vai matar.” (ADONIAS FILHO, 1970, p.78), necessita harmonizar o costume aviltado: vingar-se. Porém, na peregrinação em busca da verdade dos fatos é informado pelo protetor/abusador de Rosália que, em sua ausência, ela teria atraído Gemar Quinto, leproso habitante tolerado do vale, pois vislumbrava a grande contaminação (a grande vingança): transmitir a peste a todos os habitantes do Vale.

O terceiro romance adoniano, publicado em 1962, *Corpo vivo*, apesar da recorrência do tema vingança e da crueldade do entorno do fruto de ouro em que se encontram inseridas as vicissitudes do protagonista, sugere a uma possibilidade de redenção, simbolizado pelo *ninho*.

Cajango é o único sobrevivente da sangrenta luta de posses na região do cacau. Vendo, ainda criança, sua família ser dizimada, é levado por Padrinho Abílio para as Matas do Camacã, onde passa a ser criado pelo seu tio, o autóctone Inuri, o qual ao menino ensinava o que lhe parecia ser a vida, moldando-o para se tornar um homem em busca de vingança: “[...] porque não pode viver quem não vive para vingar o pai e a mãe.” (ADONIAS FILHO, 1989, p. 20). Sob suas ordens, forma-se um grupo de homens armados e autônomos que vivem espalhando o medo pela região, mas que não atingem os donos de fazendas, os mandantes, pois reconhecem que estão em número menor de armas e de jagunços. Ilustra-se:

O sul inteiro associa o Camacã ao nome de Cajango. Esconde-se na selva com seus homens, na espera, para saltar sobre o inimigo. Todos os foragidos se protegem à sua sombra e os assassinos, como o Alto, nele se encostam. Alguns ao bando se uniram nos povoados, os sem destino, desiludidos com a aventura do cacau. Quem quer que venha, porém, não tarda a provar a obediência: um homem para Cajango é um rifle. (ADONIAS FILHO, 1989, p. 45).

Entretanto, o protagonista conhece Malva e, com a chegada da mulher para o convívio comum, ocorre a inversão de perspectiva: Inuri a rejeita, “[...] pois veio como fêmea perturbar os homens. Uns aos outros, por causa dela, se morderão como cachorros.” (ADONIAS FILHO, 1989



p. 104), porque percebe que o intento de vingança está ameaçado. Para reposicionar o objetivo, Inuri desafia Cajango para uma luta, na qual é morto, iniciando a dissolução do grupo. O casal consegue se desvencilhar dos seus perseguidores fugindo para a Mata, onde não serão encontrados.

Adonias Filho, nessas obras, parece se preocupar em estabelecer um equilíbrio entre a concepção e a realização, pois seus romances obedecem a um roteiro pré-determinado. Nas três narrativas utiliza o recurso central para marcar os personagens e as obras: os personagens narram suas histórias, dialogam pouco e há a presença do narrador onisciente. O autor assume muitas vezes o caráter de primeira pessoa como uma tentativa de generalizar o sofrimento e as dificuldades do “destino humano”, dando a entender que seus personagens limitam-se a viver num impasse geral. O foco dessas narrativas seria, portanto, a maldade infinita dos homens (através dos atos de vingança), a ancestralidade (vinculada à violência) e a herança maldita (associada à morte).

Para Ronaldes de Melo e Souza (2015, p. 1), Adonias Filho configura uma trama de efabulação dramática pois, a intriga central que norteia o destino de todos os personagens gira sempre em torno da morte. A multiplicação dos focos narrativos reflete as diversas tentativas para se compreender o tenebroso mistério da vida que não cessa de morrer e da morte que não cessa de renascer das sombras da violência, do clamor e da vingança.

Por seu turno, Robson Dantas (2010, p. 24) defende que o marco diferencial da literatura adoniana está em revelar o caráter moral, social e cultural das famílias grapiúnas a partir de um espaço real, impondo, contudo, à sua narrativa uma carga simbólica, cujos personagens funcionam como suportes para as indagações intelectuais. Para ele, Adonias Filho pressupõe um homem patológico em todas as atividades humanas, cujas ações, egoístas, insensíveis e amorais, o afastam do preceito cristão (solidariedade, fraternidade e compaixão). Dessa maneira, segundo o autor, o conjunto da obra adoniana está implicitamente associada às questões políticas da sua região e à crítica ao homem materialista saído do marxismo.

Assim elencados, o modo de narrar a terra e os embates valorativos atribuem a Adonias Filho um marco diferencial na literatura regional cacaueira. Os elementos de meio e momento não represam a sensibilidade do ficcionista, que possui um estilo com grande força sugestiva: o humano de carne e osso.

Em suma, em alusão às três primeiras obras do autor, *Servos da morte*, *Memórias de Lázaro* e *Corpo vivo*, reconhecidas pela crítica literária como *A trilogia do cacau*, têm o ponto de convergência comum: ao mesmo tempo em que o cacau é plano de fundo, deixa de sê-lo para dar espaço ao drama humano do tormento do cacau: não está a natureza sugestiva do ambiente, mas como esse ambiente sugere a esses personagens a ações de insensibilidade, crueza e tormento.

O sentido do fruto de ouro está comumente condicionado à construção e manutenção de uma memória vinculada à glória remanescente do cacau. Porém, nessa trilogia do cacau, Adonias Filho ilustra, não essa condição fabulosa, mas enaltece fazendas amaldiçoadas, relações condicionadas pelo uso da força e da brutalidade, por ambientes funestos e pelo disfarce indiscriminado da vingança, ou seja, por ações distanciadas ao preterido pela memória do grapiúna. Desse modo, a trilogia do cacau tem como fina cortina o ambiente cacauero sim, mas que, quando aberta, revela os atos de barbárie promovidos tanto pelo ambiente quanto pelos personagens. Esse espetáculo, cujo ápice está remetido à crueldade aprisionada de Ângelo condicionado a fúria da vingança, Alexandre com seu *abílio interior* associado à violência íntima e Cajango, que tem através da morte o triunfo. Essas ações, ao que aparece nesse contexto, estão muito mais próximas da animalidade, impetuosidade e incivilidade, estando, portanto, distanciada dos atos irretocáveis.

Para Todorov, em *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*, essas ações revelam que o perfil do bárbaro está condicionado a um comportamento avesso ao praticado coletivamente, pois “[...] eles se comportam como se os outros não fossem seres humanos.” (TODOROV, 2010, p. 27). Dessa maneira, para executar os atos mais íntimos, eles não levam em consideração o ponto de vista dos outros. Podemos usar como exemplo:

Tangido, saltando por vezes e por vezes trotando, o animal foi permitindo que a distância diminuísse. [...] Imobilizado, movia ainda a cabeça. Nesse instante, tão suado como o animal, um dos Luna esmurrou seus olhos – os olhos claros e belos olhos que logo se converteram numa pasta de sangue. O animal estremeceu, soprando. E vi afinal que os dois Luna, enquanto Jerônimo cuspiam nas mãos, rasgavam a princípio com um pedaço de estaca a boca do cavalo. Feito o talho, jorrando o sangue, o corpo ainda debatendo, completaram com as próprias mãos, os dedos presos aos dentes, a abertura que transformou a boca numa chaga horripilante.

Sentaram-se, depois, sobre o animal, ambos ensanguentados, e começaram a gargalhar. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 63-4).

Tal exemplo pode ilustrar o modo de agir das personagens adonianas, circunstanciadas a determinado ambiente (promotor de solidão avassaladora) caracterizado pela ausência de impulso altruísta e de minoração das agruras alheias. Essa perspectiva pode fazer com que o leitor venha a identificar esses personagens – e a defini-los – como bárbaros, “[...] aqueles que negam a plena humanidade dos outros. Para ele, o civilizado é quem sabe reconhecer plenamente a humanidade dos outros.” (TODOROV, 2010, p. 27-32; grifo nosso).

Todorov demonstra que o medo do desconhecido pode ensejar, nas comunidades autóctones, comportamento idêntico aos promovidos e praticados por associações avessas. Argumenta também que a redução da identidade múltipla do indivíduo à identidade única faculta a irrupção da violência, transformando o conjunto da identidade em identidades assassinas, o que os define como bárbaros. Dessa maneira:

Os bárbaros são aqueles que transgridem as leis fundamentais da vida comunitária por serem incapazes de respeitar a distância ajustada na relação com os próprios pais: assim, sinais confirmados de barbárie são, por um lado, o matricídio, o parricídio e o infanticídio; e por outro, o incesto. (TODOROV, 2010, p. 35).

Assim observado, a perspectiva de Todorov perpassa essa trilogia do cacau, como podemos observar na seguinte passagem de *Os servos da morte*:

No seu íntimo, em movimentos desencontrados, passava e repassava os quadros da sua miséria. Lisinha chorando, esperneando, ele correndo, espinhos rasgando o corpo da criança. Depois, no centro da roça, rindo-se como um ébrio, torturado por uma aflição sem limites, jogara-a no chão, pisando-a, enterrando-a quase na lama do brejo. Apanhou-a com asco, agitou-a, mas ela não se movia. Atirou-a sobre um pequeno monte de pedras, e correu. (ADONIAS FILHO, 1986, p. 235).

Ainda segundo TODOROV (2010 p. 36), Os bárbaros são aqueles que estabelecem uma verdadeira ruptura entre eles próprios e os outros homens. Por extensão, aqueles que recorrem, sistematicamente, à violência para resolver seus desacordos são considerados como aparentados à barbárie.

Ao que parece, essas relações, apesar da tentativa do esquecimento grapiúna, estão sobrepostas ao *modus vivendi* dessa região, pois, ao mesmo tempo em que há uma tentativa do esquecimento, há também a expectativa de sua continuidade.

Porém, é possível projetar uma civilização do cacau ancorada nessas práticas que os identificam? É possível definir identidade, ou identidade grapiúna? A estrutura complexa desse conceito permite diversas interpretações tanto das áreas literárias, quanto de áreas afins. Dessa maneira, a discussão que aqui encetamos trata diretamente da construção e manutenção da imagem, dúbia, vinculada no entorno do cacau. A imagem que os *outros* projetam sobre essa condição.

A partir do choque de sentido da autocaracterização e da caracterização *extramuros*, nos ancoramos em determinados modelos possibilitando que relações sejam estabelecidas. Relações que sustentam a coletividade de um povo. Adonias Filho, na trilogia do cacau, parece querer ilustrar uma construção diferenciada dos demais autores e do *modus* dessa região.

Para essa discussão, Hall, em *Quem precisa de identidade*, trata da questão da identidade e da diferença – centro da teoria social e da prática política hoje. As antigas fontes de ancoragem das características peculiares de um povo, a saber, a família, o trabalho e a igreja, estão em crise evidente, mesmo que grandes parcelas das sociedades persistam em negar. Novos anseios culturais se fazem visíveis na cotidianidade, buscando afirmar suas características e circunstâncias, ao mesmo tempo em que questionam a posição privilegiada das expressões até então hegemônicas: “A abordagem desconstrutiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença.” (HALL, 2000, p. 106).

Dessa maneira, novos anseios culturais se fazem visíveis na cotidianidade, buscando afirmar suas características e circunstâncias, propondo que o conceito de identidade deveria estar sujeito a uma historização em um constante processo de transformação e de mudança. A identidade, portanto, está associada a um conjunto

organizado segundo determinados valores que sustentam a coletividade de um povo:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108; grifo nosso).

A partir desses teóricos, parece possível então problematizar as estruturas identitárias, pertencentes à região grapiúna contemporânea através das narrativas adonianas. Tais narrativas implicam outra conduta ao leitor. Precisamente, a de admissão e conformidade a determinada mudança de perspectiva na maneira ou forma de ilustrar a realidade sul-baiana cacauera.

A trilogia do cacau parece não objetivar o despertar de sentimentos e pensamentos irretocáveis, cujos méritos ultrapassem o normal (concepção heroica clássica). Pelo contrário! A apresentação das forças em jogo faculta a apreensão daquela profundidade obscura que nos constitui, do que fora até então recalcado, do interdito moralmente e que em Adonias Filho, através das tramas, se transformam em recurso para convencer, para alterar a opinião e o comportamento recordando a difícil tarefa de fracassar.

Finalmente, por que e para que ler Adonias Filho? Crítico literário, jornalista, político, ensaísta, homem social etc. Todos esses atributos estão menores diante da perspicácia narrativa desse escritor que procurou ilustrar a região do cacau de um modo diferenciado, incomodado e cruel: seus personagens – Ângelo, Alexandre, Cajango e toda a civilização nascida no entorno do cacau (os que derrubaram as matas, os que perderam famílias, os que enlouqueceram, os que sentiram o ar impregnado pelo odor do fruto de ouro e os que mancharam as mãos com o sangue atávico) – foram revelados, para essa sociedade grapiúna, como tipos humanos distanciados da glória e do heroísmo propagado nas histórias e causos acerca dessa região.

A grandeza adoniana reside justamente em se colocar na con-

tramão do imaginário dourado grapiúna, ao propagar a imagem dessa civilização vinculada à barbárie, que ora nos surpreende e move, ora preferimos esconder e perder.

O ambiente primitivo das narrativas permeou este trabalho para demonstrar o homem fadado às ações instintivas da existência questionadora, perturbadora e hostil.

No discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, retomo ao início dessa apresentação, Adonias consagrou essa região, fazendo-nos perceber o quanto estamos vinculados aos atos monstruosos, próprios da tradição de valores prontos, estanques e condicionados a uma memória que parece precisar ser reescrita e repensada. Esse posicionamento está incondicionalmente ligado à liberdade: das escolhas, das palavras, da motivação para a busca incessante de se autoconstruir e de construir mundos e da reconstrução da nossa realidade.

Por esse motivo e por tantos outros, esse autor e sua trilogia foram escolhidos para ilustrar não o imaginário glorioso do cacau, mas, a partir deles, a possibilidade de se compreender esse imaginário social e cultural tão predominante. A intenção não está condicionada a ver o grapiúna como um bárbaro, mas, a partir dessas atitudes representadas na obra adoniana, a compreender de que barro viemos. Ler Adonias – e homenageá-lo – é prestigiar a coragem de um romancista em revelar que não só de fruto dourado vive a memória de um homem, não só de glória se constitui uma civilização, mas de seu entendimento, de suas fraquezas, de seus medos. Ler Adonias Filho significa um resgate de quem somos, de onde estamos, de como fazemos e de que perspectivas comungamos.

## Referências

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau (uma civilização regional). 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. **Os servos da morte**. 6. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

\_\_\_\_\_. **Memórias de Lázaro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

\_\_\_\_\_. **Corpo vivo**. 23. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1989.

ADONIAS FILHO. **O romance brasileiro de 30**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1969.

ADONIAS FILHO. Experiência de um Romancista. Conferência no Simpósio de Literatura Brasileira em Brasília. Promovido pela Fundação Cultural do Distrito Federal, VIII Encontro Nacional de Escritores, 1973. **Jornal Minas Gerais**, Suplemento Literário, 9 de fevereiro de 1974, pág. 2.

ADONIAS FILHO; AMADO, Jorge. **A nação grapiúna**: Adonias Filho na Academia. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

AMADO, Jorge. **Cacau**. Livraria Martins Editora: São Paulo, 1982.

\_\_\_\_\_. **São Jorge dos Ilhéus**. 18. ed.. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

\_\_\_\_\_. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 36. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

\_\_\_\_\_. **Terras do sem fim**. 19. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

BRASIL, Assis. **Adonias Filho**; ensaio. 1. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões Editora: R, 1969.

BRUNO, Haroldo. **Naturalismo e supra-realismo em Adonias Filho**. Estudos de literatura Brasileira, 2ª série. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1966.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 2. ed. vol. III. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, v. I. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.

DANTAS, Robson Norberto. **Entre a arte, a história e a política**: itinerários e representações da “ficção brasileira” e da nação brasileira em Adonias Filho (1937-1976). 2010. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas.

FALCÓN, Gustavo. **Os Coronéis do Cacau**. Salvador: CED/UFBA/INAMÁ, 1995.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao Encontro do mundo**. A capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul, Ilhéus 1534-1940. Ilhéus: EDITUS, 2001.

FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro. **Os donos dos frutos de ouro**. 1979. (dissertação de mestrado). Salvador : Universidade Federal da Bahia- UFBA.

HOMERO. **Iliada**. (em versos). 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAVIGNE, Euzínio. **Regionalismo literário**. Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.  
LITRENTO, Oliveiros. **Surrealismo e ficção**. Suplemento literário do jornal O Estado de São Paulo, 19/10/1963.

LORENZ, Gunter. **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1973.

LOPES, Ruth Silvian Brandão. **Corpo vivo: tessitura da violência**. 1978. Tese (doutorado). Minas Gerais: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

MATTOS, Cyro. **Berro de fogo e outras histórias**. 2. ed. Ilhéus: EDITUS, 2013.

NETO, Euclides. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: EDITUS, 1997.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho: representação épica da forma dramática**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

SOUZA, Ronaldes de Melo. **O romance dramático de Adonias Filho**. Disponível em: <[www.geocities.ws/ail\\_br/oromancedramaticodeadonias.htm](http://www.geocities.ws/ail_br/oromancedramaticodeadonias.htm)>. Acesso em: 18 abr. 2015.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010.

VIEIRA, José Haroldo Castro. **O visgo do cacau**. São Paulo: GRD, 1994.



# A linguagem romanesca em Adonias Filho

**Cyro de Mattos**

Escritor e Poeta

Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Santa Cruz –  
UESC

Recebido em: 10/08 /2015.

Aprovado em: 16/10/2015.

Em *Literatura e linguagem* (1974), a ensaísta Nelly Novaes Coelho conceitua a Língua como um sistema de elementos vocais que se impõe como regra a todos os integrantes de determinada comunidade. O indivíduo por si só não pode criá-la porque lhe é exterior. Nasce de um tácito entendimento, do pacto entre os que integram uma comunidade. Esse sistema de elementos vocais é um produto coletivo e estático, para exercê-lo faz-se necessário um aprendizado. É objeto de estudo da Gramática.

A linguagem é a parte da língua usada pelos indivíduos na comunidade para comunicar ideias. Não é uma função biológica como o respirar, que já nasce com o ser humano quando vem ao mundo. É fenômeno que decorre da nossa natureza gregária, manifesta-se porque precisamos dela para comunicarmos e dizermos do mundo, de pessoa a pessoa.

A capacidade humana de expressão verbal acontece com a Língua e a Fala. Ainda segundo Nelly Novaes Coelho, “Língua é a linguagem coletiva, sistematizada ou codificada; Fala é a linguagem individual, oral; Linguagem é toda expressão falada ou escrita.” A Linguagem como produto individual e dinâmico é objeto de estudo da Linguística, da Estilística ou da Poética.

O que vem a ser a linguagem literária no universo linguístico? A linguagem literária busca expressar estilisticamente a beleza, a emoção ou a verdade essencial da uma realidade ou experiência. A linguagem científica é mensagem verbal intencionalmente referencial, vinculada ao fato, informativa no que pretende dizer, seja qual for o seu conteúdo, econômico, histórico, sociológico, filosófico, religioso,

político, etc. Não há nenhuma função linguística em estado puro, na linguagem literária há também a informativa e na literária uma série de elementos de natureza científica. O objeto da obra, consignado pela intencionalidade, permite classificar sua linguagem como literária ou não. O reconhecimento da linguagem literária depende da maior ou menor capacidade criativa de seu autor.

E o que é Literatura? É arte, um ato que resulta da criatividade humana, que se expressa com os sinais visíveis da escrita para tocar a emoção, levar o mundo à humanidade. Esse ato criador é operado através da palavra, que em suas múltiplas significações produz um universo autônomo, onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo o lugar, o espaço e o modo assemelham-se aos que são identificáveis nas relações objetivas do mundo real que nos cerca, mas que ali transformados em linguagem assumem uma dimensão diferente, pertencem ao reino da ficção.

Literatura é um sistema de signos. Como todo ser vivo, que é organizado em células, vasos, tecidos, vísceras e funções, a literatura também possui um corpo que é a matéria verbal. Esses signos organizam-se em frases, discursos, ritmos, melodias, estrofes, rimas, prólogos, capítulos, períodos, etc. Literatura é a expressão verbal artística de uma experiência humana. A obra literária é feita de palavras que formam frases, que pertencem a registros diferentes da fala, como nos fala Todorov. (Ver Estruturalismo e poética).

Os romances de José Alencar tratam das gentes e da terra brasileira. O tratamento dado aos assuntos revela essa alma brasileira, em função da sintaxe e modismos inseridos no texto. Tema e linguagem dos romances de José de Alencar são provenientes de um autor que à época mais tinha a alma brasileira quando então nossa literatura mostrava-se dependente de outras literaturas.

O espaço telúrico do ficcionismo brasileiro configurou-se em sua evolução com uma linguagem ufanista, decorativa, nativista e documental. Em fins do século XIX e começo do XX, período denominado de eclético em nossas letras, nossa prosa de ficção, principalmente o conto, vai procurar no espaço geográfico do interior brasileiro os elementos necessários para documentar a realidade e renovar nossa sensibilidade. Ficcionistas procuravam ver o Brasil dentro do Brasil, fortalecendo nessa postura o movimento nativista, incorporador de nossas gentes e coisas à nossa cultura, na busca de sua identidade própria.

O romance regionalista de 30, com José Américo de Almeida, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, retrata, em quadro e imagem, o universo brasileiro que se mostra no micro duma região nordestina. Em linguagem e paisagem, problema e drama, folclore e comportamento é algo assim eficaz como criação literária, capaz de representar a personalidade típica de um povo.

Depois do romance de 30, uma nova fase de nossa literatura vai se preocupar em questionar o sistema linguístico. Segundo o romancista e crítico Assis Brasil,

No caso do romance, a sua renovação se processa exatamente a partir da intenção do autor de modificar a língua, o seu instrumento de trabalho. Partindo desse princípio, o escritor é quem cria as possibilidades de renovação da língua, dando como resultado o que ele tanto procura: a linguagem. A linguagem ficcional. (ASSIS BRASIL, 1969).

Procedimentos dos mais avançados de renovação esteticista da moderna prosa de ficção brasileira configuram-se em João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Autran Dourado e Adonias Filho. Nova concepção de arte literária se processa na estrutura e linguagem. Elementos de vanguarda do século vinte incorporam-se à textura ficcional. O mundo adquire agora forte carga de sentidos por meio de vozes múltiplas, o imaginário se expressa em modelar carpintaria e inventiva formal.

Com esses quatro romancistas, a sintaxe tradicional subverte-se, o tempo da narrativa onisciente é desprezado e, subjetivado nos limites de prosa e poesia que se fundem, anula uma lógica visível. A linguagem consciente, usada como recurso literário, não reproduz os níveis fônicos e psicológicos para transpor simplesmente o real, imitando-o tal qual ele é. Torna-se instrumento de mergulho existencial ou metafísico nos personagens que vivem a atmosfera ou se movimentam na ação dos episódios, e até narram, instaurando o discurso do pensamento, paralelo ao discurso do autor que narra, indiretamente, desligado do fato. E, quando os personagens também narram, recuperam o idioma, pensam a ação e transcendem a psicologia.

Certa crítica comete erro de aferição quando observa que Adonias Filho não exagera a estilização, mas escreve elegante demais

para poder retratar um meio rural, com diálogos bem escritos que o homem do campo não sabe dizer. A acusação a Guimarães Rosa é o inverso: ele exagera a deturpação dos vocábulos em mistura com latinismos e termos eruditos, que dificilmente seriam encontrados no falar do interior. O ficcionista mineiro escreveu romances para filólogos, tanto que revolucionou a linguagem literária usando neologismos, valorizando arcaísmos, etc.

Quando mostram o interior do Brasil, tanto Adonias Filho como Guimarães Rosa documentam a realidade nacional através da arte onde estão implícitos a denúncia, a crítica, o problema social e histórico, e, em essência, o homem em sua dimensão mais profunda. Despojados dos excessos românticos, Adonias coloca o homem em sua dimensão universal diante do leitor. Consegue recursos originais, onde predominam a musicalidade, a densidade, o travamento sintático e uma entonação bíblica ritmada com o sentido profético. Aqui conhecemos um criador de um mundo bárbaro, de mistério, de violência, de fatalidade, varrido por um sopro de poesia vigorosa.

Um personagem rústico, primitivo, iletrado, desalmado, violento, destituído de qualquer ternura, não precisará que seja situado na obra ficcional como ele fala no seu mundo real. Quem pensar o contrário comete equívoco lamentável. O ficcionista não tem essa obrigação de retratar mais fiel possível à realidade circunstante. Ele propõe essa realidade formada no plano das relações objetivas como projeção do seu pensamento mágico, inventivo, com muito pouco do pensamento lógico, desenvolvido por meios de raciocínios corretos.

No caso de Adonias Filho, tal dimensão é alcançada graças a uma linguagem incisiva, cortante, que infunde a atmosfera de peso, de violência e sangue. Não será preciso que seja inserida em sua obra uma enxurrada de termos locais regionais. Alguns dirão ainda que sua narrativa distancia-se da realidade com uma linguagem mais para o erudito do que regionalista. Por estar no plano de uma realidade particular, subjetiva, de legítima criação com engenho e arte, sendo sua a visão que tem do mundo, a obra de um romancista é o seu depoimento, a sua denúncia e a sua interpretação do real.

A prosa do escritor Adonias Filho resulta de um projeto estético concebido e executado com paciência e sensibilidade. A linguagem se assenta em dois comportamentos: a sua frase nunca se distende em descrições desnecessárias, é curta, corta como lâmina afiada, sendo ao mesmo tempo reveladora das camadas espessas da cria-

tura pelos desvãos dos instintos. Quando se espraia, em poucos casos, é luminosa, sustenta-se no gerúndio para descobrir seres e coisas dentro de uma realidade subjetiva, do autor em tudo que lhe é permitido criar. O tempo verbal que distende a ação nela busca uma duração psicológica, parada, ausente de movimento no tempo sequenciado com os elementos tradicionais do princípio, meio e fim. Já em Guimarães Rosa a prosa organiza-se com o canto e plumagem das palavras, em camadas múltiplas de significação.

Outro recurso que encontramos na linguagem romanesca do autor de *As velhas* é a inversão do sujeito e predicado, procedimento que dá um tom solene e conseqüente áurea mítica. O tom solene da linguagem é um dos recursos usados na tragédia grega. No processo de mitificação de determinada humanidade emerge a linguagem densa no significado para que os personagens apareçam quase sob uma dimensão sobrenatural. Os instintos regem a ação dos personagens. A linguagem soberba concorre para que o espanto e o horror causem o assombro, a estupefação, alcancem o ponto elevado no final trágico de uma representação dramática, melhor e intensa. Sobra em Adonias Filho sensibilidade poética, um conhecimento exato do valor da palavra, a noção de sua força, o exercício de um poderio retórico espantoso, que lhe supre as deficiências estilísticas apontadas pela crítica quando incorre em repetições que formam um bloco monótono no que pretende dizer.

O instrumental linguístico desse escritor se serve de localismos e expressões usadas na região cacaueira baiana, no tempo de infância da selva, termos como ripa (surra), cabruca, picada, embira, vosmecê, cacaio (teréns), abelhar, terra melosa, nomes característicos de árvores e bichos. A propósito, no conto "O Rei", de *Léguas da promessa*, chamou-me a atenção o uso do termo carcará para designar o gavião que rasgou a criança no terreiro com suas garras poderosas. Carcará no agreste nordestino é um gavião de porte pequeno, que só agarra seres menores como pinto e calango. O termo carcará usado por Adonias Filho para um gavião enorme parece à primeira vista ter sido empregado de maneira incorreta. Na verdade, homens humildes vieram do agreste nordestino para a região cacaueira baiana no tempo do desbravamento. Prefiro pensar que carcará, vocábulo trazido pelos nordestinos, generalizou-se, tendo sido adaptado por essa primeira gente rústica para também significar a harpia, a águia enorme, possante, com quase dois me-

tros de envergadura, dominando os ares ali da selva fechada. Daí o gavião que figura no conto de Adonias Filho ser a harpia, muito encontrado nas matas do Sul da Bahia na época do desbravamento, mas que é chamado de carcará no seu conto, em razão da adaptação e extensão de significado que o termo sofreu em novo ambiente.

Severas críticas lhe foram feitas em relação ao excesso de violência e ao exagero de pormenores na obra. Outras críticas se deram em relação à linguagem utilizada: personagens rudes e ignorantes falando em expressão elevada. Quanto a esse aspecto, segundo Ludmila Bertié, sua sobrinha neta, na biografia que escreveu sobre o escritor, Adonias Filho bateu pé firme:

Acontece que, para mim, o romance não é uma captação fonográfica, nem tampouco uma investigação linguística. É um trabalho de arte a depender tão somente do artista. Então, o romance não tem nenhum compromisso com a linguagem comum de todos os dias. A linguagem pertence ao escritor e não aos personagens. Posso ter falhado, posso não ter conseguido o que foi ambicionado – mas essa qualidade artística, que é a medida proporcional, impedia-me desequilibrar a construção no aproveitamento de uma linguagem vulgar e de uma primária manifestação expressional. Ninguém mais, a não ser Shakespeare, orienta-me nessa decisão. (BERTIÉ, 2015).

Tudo que Adonias Filho escreveu como autor de ficção fez bem. No texto elíptico pulsa um estilo nervoso, tantas vezes poético, carregado de significados e abrangências míticas com seus heróis degradados, habitando o espaço fabuloso das danações fatalistas. Ali lateja, com nervos e sangue, loucura e fatalidade, o texto elíptico no estilo centrado na poesia, carregado de enunciados múltiplos. A impressão digital do escritor maior se faz presente na escrita sugestiva, muitas vezes suscitando com eficácia formal e imaginário encantador a escritura bela e poderosa. Observa-se que o ficcionista modelar foge sempre do registro exterior, fazendo prevalecer sobre o documentário o mundo subjetivo dos personagens, cenas e situações bem descritas para quem quiser conhecer o que de melhor possui a ficção brasileira. Sua narrativa desliga-se do fato, a ele interessa narrar uma humanidade vista por uma visão particular do mundo, com gravidade repercutindo os elementos constitutivos da estrutura na alma dos tempos.

Afirma Lúcia Miguel-Pereira que se inserem no regionalismo “as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora”. Na opinião da ensaísta, o regionalismo limita-se ao ruralismo e ao provincianismo, tendo como principal qualidade o que se denominou chamar cor local.

Nos caracteres do regionalismo está presente o enfoque do típico e do peculiar, inclusive da fala, tendo por fundo uma região, cujas condições são refletidas no conteúdo, conferindo-lhe nota especial. O que faz uma obra regional é o fato de mostrar-se presa, em sua matéria narrativa, a um contexto cultural específico que se propõe a retratar e onde vai haurir a sua substância.

Vejamos esses dois trechos de *Léguas da promessa*:

1 - “Falar para um homem da selva, é trabalho difícil. Um mês vinha eu, noite e dia, sozinho comigo mesmo, silencioso como a minha faca. Tudo esperava encontrar, tudo que a selva é cheia de surpresas, menos aquela queimada nos costado do rio”. (ADONIAS FILHO, 1968)”.

2 - “Falar é difícil, um homem e seus cachorros, mês ou mais sem ouvir a própria voz. O gibão de couro, a faca, as alparcatas, o baco-marte, os bornais. A fogueira da noite, o dedo no gatilho, é acordado que se dorme. A gente escuta as coisas, a água nas pedras do riacho, bandos de aves gritando como uma metralha, o vento no copado dos arvoredos, escuta sempre com a boca fechada.” (ADONIAS FILHO, 1968, p. 114).

Em *Memórias de Lázaro*, o romance tem esse começo:

“Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. Não é uma estrada como outra qualquer, com pássaros e ladeada de grama, mas uma linha sinuosa no chão avermelhado e seco. Onde começa, ninguém sabe. Onde termina, ninguém sabe também.” (ADONIAS FILHO, 1952, p. 9).

Não se espera que o homem filho dessa absoluta solidão cósmica

seja loquaz. Esse homem de língua travada, mateiro como o índio, mais para observar do que para dizer, como era Adonias Filho, nascido na fazenda do pai, ali criado, vivendo e crescendo. Ouvia à noite histórias daquelas léguas despovoadas, de sua gente, enquanto o pai costurava os sacos de cacau no armazém sob a luz de candeeiro.

O sistema social não estava organizado, o viário era formado por trilhas na selva escura cercada de perigos. As cidades eram amontoados de casas dando os primeiros passos. Quem se alimentou da caça, bebeu água de ribeirão, conversou com longínquas estrelas ficou sendo chamado de grapiúna, aquele que improvisou morada na infância da selva, sem que um soubesse do outro, de tão distante que estava com o pensamento alimentado pela vontade da terra, sitiado pelos ocasos.

Índios, pássaros grandes, macacos, bichos predadores, escuridões. O homem com a barba por fazer, a natureza braba do ambiente forjando gente movida pelos instintos nos gestos primitivos. A mulher vestia também camisa de homem, mas era mulher. Naquele tempo era coisa rara, os caçadores pegavam índia no mato a dente de cachorro. Trocava-se na feira aquela mulherzinha quase nua por um pedaço de mata derrubada, já com alguma plantação de milho, mandioca, banana e cacau.

Tantas solidões e situações toscas foram amalgamadas e aproveitadas por Adonias Filho para a construção de uma narrativa sinopada, densa, sinuosa como o cipó, elevada como a árvore nativa, de porte linheiro, copa harmoniosa, a linguagem romanesca assim plasmada de seiva natural tem cheiro do homem no cosmos, em lugares infernais com suas representações dramáticas.

Íntimo de sua língua e capaz de transformá-la em linguagem e expressão pessoal, usando de maneira singular os meios para a criação do texto literário, cabe ao autor de ficção regional que tenta alcançar o universal revelar a razão e a emoção da criatura humana no seu difícil gesto de viver, não importa onde esteja. Incumbe-lhe desdobrar de maneira harmoniosa na escrita eficiente os seus sentimentos e pensamentos hauridos também no contexto típico em que está inserido.

Adonias Filho demonstrou com seus contos, novelas e romances que a linguagem literária é caminho importante para a compreensão do outro mais o mundo. Com esse escritor admirável ficamos sabendo que as obras literárias falam à imaginação e ao sentimento.



Fica implícito que as científicas, de preferência à razão. A soma da sabedoria humana não está apreendida por nenhuma linguagem. Nenhuma linguagem em particular é capaz de exprimir todas as formas e graus de compreensão humana. De todas as linguagens a que mais se aproxima dessa condição é a literária. A literatura é a expressão mais completa do homem, como ente que pensa e sente. Todas as outras expressões referem-se ao homem enquanto especialista de uma atividade. Só a literatura concebe e apreende o homem enquanto homem. Sem distinção nem qualificação alguma. A escrita desse escritor de períodos curtos, nos quais aparece o sujeito posposto, o uso valorizado do gerúndio e infinitivo, a supressão do verbo na frase verticalizada, é um procedimento metódico visando aprofundar a língua na alma brasileira, sem perder com isso o lastro que lhe deu vida, as suas raízes portuguesas.

Afirmam que o lugar faz o homem. Não Penso assim. O homem é quem faz o lugar onde nasce a memória, que perdura de gerações em gerações. Adonias Filho declarou que “nessa vida, na qual tudo é exemplar, o que fica mesmo é a obra, pois o homem passa.” O exemplo disso percebemos com seus livros, pois neste velho mundo cada um vem para, no seu canto, contar a sua história. Adonias Filho soube contar a dele como poucos.

## Referências

- ADONIAS FILHO. **Os servos da morte**. Rio de Janeiro: GRD Edições, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Memórias de Lázaro**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Léguas da promessa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. **As velhas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1981.
- BRASIL Assis. **Adonias Filho**. Rio de Janeiro: Organização Simões editora, 1969.
- BERTIÉ, Ludmila. **Adonias Filho, a força da terra**. Bahia: Editora Solislugna, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974.

\_\_\_\_\_. **Escritores no Século XX**. São Paulo: Editora Letra Selvagem, 2014.

FISCHER, Almeida. **O áspero ofício**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1983.

ELLISON, Fred. Adonias Filho. In: **Dictionary of literary biography**, volume One Hundred Forty-Five, Modern latin-american fiction writers, Detroit, A Bruccoli Clark Layman Book Gale Research Inc. Detroit, Washington, D. C., London, 1988.

LIDMILOVÁ, Pavla. **Alguns temas da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1984.

MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo. **Pequeno dicionário de Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

MATTOS, Cyro. **Viagrária**. São Paulo: Editora Roshita Kempf.

\_\_\_\_\_. **Histórias dispersas de Adonias Filho**. Bahia: Editus (Editora da UESC), 2013.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho**: representação épica da forma dramática. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira** – prosa de ficção. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971

# Imagem e violência na literatura de Adonias Filho

## Fernando Oliveira

Prof. Dr. em Comunicação e Semiótica, Professor-Adjunto do Departamento de Letras e Artes (UESC); Coordenador do Colóquio Internacional Centenário Adonias Filho

E-mail: fjrdeoliveira@gmail.com

## Fernanda Smith

Graduanda do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Rádio e TV e orientanda de Iniciação Científica na temática Imagem e violência na literatura de Adonias Filho

E-mail: fesmith2@hotmail.com

Recebido em: 13/08 /2015.

Aprovado em: 09/10/2015.

**Resumo:** Este artigo reflete sobre as imagens da violência e da morte que se irradiam na prosa romanesca e ficcional de Adonias Filho, a partir das leituras de dois clássicos do autor: *Corpo vivo* e *As velhas*. São imagens da terra, da região, da mata, do homem e da mulher, da condição humana e seu sentido de existência no território, no espaço real e ficcional, cuja narrativa feita de sangue e brutalidade, faz jorrar nas terras do cacau, nesse espaço-tempo marcado pela desigualdade social, gestos de baixa humanidade, expressões da degradação da vida e do sem sentido na vida de homens e mulheres, onde o mercantilismo hegemônico e a dominação a todo custo instauram contradições entre vida e morte, amor e ódio, céu e inferno, e do processo contraditório de ocupação da terra do sul na região Sul do Estado da Bahia, criando um turbilhão de imagens da violência – e da violência simbólica – que nos remete à fenomenologia da finitude e da morte, enquanto horizonte de uma teoria dramática da representação da existência.

**Palavras-chave:** Imagem simbólica; ação dramática; violência simbólica.

## Image and violence in Adonias Filho's literature

**Abstract:** This article reflects on the images of violence and death that radiate in the fictional prose of Adonias Filho, from the readings of two of his classics: *Living body*

and *The old ones*. They are images of the earth, the region, the forest, the man and the woman, the human condition and its sense of existence in the territory, in real and fictional spaces, whose narrative, made of blood and brutality, springs forth in the cocoa lands, Space-time marked by social inequality, gestures of low humanity, expressions of the degradation of life and meaninglessness in the lives of men and women, where hegemonic mercantilism and domination at all costs set up contradictions between life and death, love and hate, heaven and hell, and the contradictory process of occupation of the southern land in the southern region of the State of Bahia, creating a whirlwind of images of violence - and symbolic violence - that refers us to the phenomenology of finitude and death as a horizon of dramatic theory of the representation of existence.

**Keywords:** Symbolic image; Dramatic action; Symbolic violence.

## Apresentação

Para compreendermos as transformações no espaço territorial, histórico e também no espaço romanesco da prosa ficcional de Adonias Filho, que giram ao redor do processo de disputas das terras férteis da Região Sul do Estado da Bahia – onde se estabeleceu e se disseminou a lavoura cacaueteira, sinônimo de riqueza e ostentação para coronéis e proprietários de terra, e de miséria e agonia para muitos trabalhadores, tropeiros, jagunços e mateiros, etc, que vieram instalar-se na região. É preciso destrinchar sobretudo a composição dessas relações nesse espaço-tempo e seu impacto na tessitura da fábula ficcional, dramática e romanesca de Adonias Filho.

O objetivo dessa pesquisa consiste em inventariar as imagens da violência no imaginário ficcional do escritor sobre as disputas envolvendo as terras do cacau e a vida das personagens que povoam a trama romanesca, cuja região se fez como resultado de um capitalismo selvagem, na forma de um mercantilismo hegemônico, que se impõe a todo custo, através da exploração de trabalhadores rurais e suas famílias, da disseminação da pobreza e o aprofundamento das contradições sociais. A literatura apresenta-se, pois, como lugar por excelência do testemunho desse processo histórico, evidenciado nas formas de engendramento das desigualdades sociais, características da realidade social e política da Região Sul, nas descrições de lugares reais, como os municípios de Itabuna, Ilhéus etc, e ficcionais, como o Camacã, presente em *Corpo vivo*, cujas matas densas e por vezes

inacessíveis constituem o palco de lutas sangrentas, mas também o lugar frio e úmido, onde o bugre Inuri vai criar o menino Cajango, personagem central da trama em *Corpo vivo* (2010). Nesse sentido, tomamos aqui a literatura não como mero devaneio de um escritor, mas como documento histórico, onde estão reunidas e perpetuadas as histórias e as estórias daqueles tempos, na vida de personagens reais e ficcionais, na trama romanesca que Adonias Filho recolhe das imagens de suas memórias, do olhar de observador atento, com base em suas vivências nas chamadas terras do cacau, de onde é originário. Eis o sentido das leituras críticas que apresentamos aqui a partir da análise dos livros *As velhas* e *Corpo vivo*.

Reagir a algo que se apresenta à minha percepção é produzir um juízo perceptivo, reunindo qualidades que podem refletir a identidade e a diferença. Se voltamos nosso olhar para o universo das imagens vislumbrando o universo dos signos da visualidade, podemos correr o risco da separação estanque das linguagens, que impedem de olharmos o universo imagético em sua complexidade. A complexidade do real exige a complexidade das linguagens, das leituras e das imagens, que aqui inventariamos a partir da noção de violência simbólica, conforme apresentaremos posteriormente. Eis como estudaremos as imagens da violência e da morte na prosa romanesca e na ficção adoniana.

## **Imagem e violência simbólica no campo da representação**

O antropólogo Gilbert Durand (2000) acredita que as cenas de violência mediadas pela televisão exercem uma função fantástica, em conformidade com o fenômeno da conscientização do homem e da satisfação da necessidade de violência imaginária à qual estamos submetidos em vida. Segundo o autor, as imagens violentas da morte – de guerras, agressões, desastres, tiros, mortes, socos, pontapés, explosões, assassinatos, etc. - transmitidas diariamente pelas mídias, através de jogos imaginários, são de natureza iconofílica e cumprem o papel de dar vazão à necessidade de consumo de imagens da violência imaginária do homem, produzidas com o claro intuito de elaboração e processamento do fenômeno da morte. As imagens simbólicas da violência encontram ressonância no imaginário sombrio de receptores,

expectadores marcados pela angústia e pelo medo da morte. Essas imagens exercem o apelo ontológico do indizível, do inominável, do sagrado onde se epifaniza o próprio mistério. Segundo o autor, a virtude essencial do símbolo é assegurar no seio do mistério pessoal a própria presença da transcendência (DURRAND, 2000, p.30). Seria este o papel das imagens da violência simbólica e da morte que se irradiam a partir das narrativas trágicas e dramáticas, cujas realidades são intermediadas pela imaginação simbólica, que saltam das tramas romanescas e literárias do escritor Adonias Filho?

A imagem simbólica da morte permite ao homem ampliar sua experiência de realidade, de mundo real, cumprindo assim o papel de elaboração da função fantástica e espetacular, presente na raiz dos processos de tomada de consciência de sua própria finitude pelo homem contemporâneo, revelando-se como marca originária do espírito do tempo, nos dias atuais. O conhecimento humano é uma obra em estado crítico e de alerta, pois está continuamente em formação, como um sistema de crenças, teorias e conceitos, etc, que muda e evolui de acordo com a percepção que expressamos, a partir daquilo que captamos e chamamos de realidade, lugar, entorno, região, terra, paisagem. Mas o que é a paisagem real e a paisagem ficcional tal como a vemos no contexto narrativo da literatura dramática e ficcional daquele autor? Vejamos o que nos ensina a respeito da noção de paisagem o geógrafo e pensador social Milton Santos (1997):

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal, ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. [...] A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado. (SANTOS, 1997, p. 62).

A realidade é antes aquilo que se apresenta à percepção dos sentidos do escritor-observador e ganha materialidade em suas representações literárias, linguísticas, imagéticas, enfim, como sistemas de

signos e símbolos, estes também sistemas de imagens, que ganham vida na representação e vão viver no mundo imaginário do romance, no espaço da ficção, nas tramas narrativas da literatura e dos personagens, em que homens e mulheres se corporificam. Vale notar que, ao reconhecer o problema da interpretação e do entendimento da realidade - da realidade percebida, da imagem construída pelo autor-observador - tocamos em uma questão central da ciência contemporânea: a separação entre o observador e a coisa observada - ou o objeto de sua observação - que foi basilar na sustentação do paradigma cartesiano, sustentáculo do pensamento de quinhentos anos de ciência clássica. Já não podemos concordar com esse ponto de vista. A relação entre o observador e a coisa observada resulta de uma malha de abstrações, tecidas de signos e símbolos - imagens - criadas a partir de operações semióticas da percepção, da vivência, da observação e do conhecimento, que se estabelece e evolui nessa relação, pois a obra literária afeta o lugar e a forma como vemos o território, assim como o lugar também afeta o processo de criação do escritor. A leitura do objeto - da terra, da mata, da região, da gente, da guerra entre os homens, etc. - tem que ser elaborada e representada em palavras, pinturas, desenhos, ideias, ações, sentimentos, paixões, enfim imagens reunidas na constelação dos símbolos, em códigos culturais complexos, que representam as ações dramáticas vividas e percebidas como algo de carne e osso, de corpos, de seres, de personagens - reais ou ficcionais - mas que, de uma forma ou de outra, envolve sempre a experiência da corporalidade, seja expressão das vivências de dada personagem, mas também fruto da experiência da corporalidade e das vivências do próprio autor. Por mais sofisticada e precisa que seja a natureza dessa representação, ela tende a ser sempre algo diferente da experiência da ação, do vivo e do vivido propriamente dito, pois dá-se sempre como leitura da realidade, da paisagem, do território, da história, da política, e por conseguinte passa pelo filtro dos valores simbólicos - valores ético e estéticos - do escritor.

Quando falamos de violência simbólica nos referimos à violência que se legitima na esfera da representação pela imposição aos sentidos da realidade aprisionada no domínio da narrativa e do imaginário, e que o escritor lança mão através de estratégias discursivas que lhe são próprias, na liberdade do processo de criação literária, dando materialidade aos fenômenos históricos, culturais e artísticos, às histórias de vidas, de amor e de morte, que transmite em sua fábula dramatúrgica e ficcional, mas carregadas de imagens

simbólicas e valores subjacentes. Nesse processo de transmissão das imagens simbólicas assistimos e nos deparamos com uma hierarquização de contextos sociais, pela agregação de valores a signos e símbolos, dentro da ordem social e coletiva – a coletividade, a cidade, a região, o local, o sistema de crenças e valores, representados pelo autor. Vejamos as noções conceituais de violência simbólica e poder simbólico que se legitimam na esfera da representação através das imagens simbólicas, conforme a sociologia dos sistemas simbólicos de Pierre Bourdieu (1989). O poder simbólico define-se como:

Poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força – física ou econômica – graças ao efeito específico de mobilização, só se for reconhecido, que dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1989, p. 14).

O poder de fazer-crer que não se manifesta apenas nas palavras em si, mas na legitimidade conferida dos falantes e pelos que escutam. Os discursos não servem tão somente para serem absorvidos, compreendidos, pois ultrapassa até mesmo a capacidade de comunicar. Segundo Bourdieu (1989) são também signos de riqueza destinados a serem avaliados, apreciados e signos de autoridade, destinados a serem acreditados e obedecidos.

A comunicação entre as pessoas fica à mercê das forças hegemônicas - econômicas e também linguísticas – o poder da fala, a voz autorizada a enunciar e falar sobre cada fato ou problema da sociedade também é afetada pela estrutura social e seus componentes: a posição hierárquica que cada um ocupa, a legitimidade da língua, a autoridade do escritor e do falante. A afirmação de tal competência técnica no domínio da língua nasce da capacidade performativa da *competência legítima*, autenticando-se também sob as leis capitalista, do mercado e do lucro.

Bourdieu (1989) atentou também para a análise da posição ocupada por esses atores no campo, que emanam das condições sociais de sua existência e influenciariam a percepção do escritor a partir das relações estabelecidas no interior do campo:



---

O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes, grupos, ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nessa medida) que os produtores servem aos interesses dos grupos exteriores ao campo de produção. (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Segundo o autor, a reação dos sujeitos, circunscrita aos limites desse universo simbólico, vai ser permanentemente elaborada e reelaborada para servir aos interesses de grupos hegemônicos, que se encontram em posição destacada, ou seja, das velhas classes dominantes no interior das ordens sociais. Elas são corresponsáveis pela formação do seu campo de atuação, ditando as regras para os demais grupos que estejam em uma inferior posição econômica e política. Estamos nos referindo ao espaço social, um campo de tensão no qual inúmeros campos – o campo cultural, religioso, jornalístico, literário, o econômico, o jurídico, etc. - disputam simbolicamente entre si o espaço da representação para interponem suas imagens de mundo e, por conseguinte, a validação de suas imagens simbólicas e assim fixar o próprio sentido de existência, a partir da irradiação daqueles valores imanentes à sua existência, conforme os interesses de cada campo e dos grupos hegemônicos aí existentes. Todavia esse conflito não ocorre apenas nas lutas simbólicas da sociedade como um todo, mas na dimensão do campo X contra campo Y. A disputa pelo espaço da representação também acontece no interior do campo em si mesmo, pois em cada campo constitui-se em espaço de luta pela condição de hegemonia e controle das transformações sociais em curso, na disputa entre a conservação das condições favoráveis – ou contrárias - ao jogo das forças hegemônicas no interior da ordem social em questão. Eis o motor que determina e orienta a dinâmica de sua própria evolução:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. (BOURDIEU, 1987, p. 57).

Em todo campo há relações de forças e tensão entre dominados e dominantes. Um indivíduo não é conduzido apenas pelas forças

do campo ao qual pertence. Ele também pode interferir na estrutura deste campo. Há agentes que desejam e lutam por mudanças e outros que batalham pela permanência do sistema dominante. É por causa dessas relações de desigualdades existente no espaço, que os diferentes protagonistas apresentam frequentemente representações polêmicas dos outros agentes com os quais estão em concorrência ou posição divergente. Segundo Bourdieu (1987) muitas vezes essas representações apresentam-se como estratégias de luta que comprovam a relação de força no interior do campo e visam a modificá-la ou conservá-la. No interior dos grupos dominantes estabelecem-se as lutas que definem os chamados “princípios de hierarquização”, muitas vezes preservados na representação das imagens simbólicas. Os setores dominantes, cujo poder se baseia no capital econômico, legitimam sua dominação através da própria produção simbólica, a cargo de um grupo conservador de produtores culturais – autores, escritores, poetas, enfim comunicadores, etc., que atende aos interesses dominantes sobre os dominados. Nesse espaço as ações e reações dos grupos subordinados estão circunscritas às possibilidades permitidas pelo grupo dominante, que ditam as regras que garantem o poder econômico e o poder simbólico.

## **Imagem e violência na prosa ficcional e dramaturgica de Adonias Filho**

Qual é verdadeiramente a natureza da violência – e sobretudo da violência simbólica representada – presente na ação dramática dos personagens e na fábula ficcional e literária do escritor Adonias Filho? Ainda não temos resposta para essa pergunta que se estabelece como fio condutor dessa pesquisa e que fazemos aqui para orientar nosso esforço de reflexão.

Dono de um estilo próprio, que rejeita a pregação social, mas que explora um espaço de violência e morte em franco contraste ao espaço mítico ou de contemplação, Adonias chegou a publicar estudos críticos sobre O Romance Brasileiro de Trinta, referindo-se aos romancistas pós anos 30, que precederam sua geração. Advogava o autor que o romance dos 30 tem suas raízes na oralidade dos contos folclóricos, das peças teatrais e de várias formas da balada,

inclusive de antigos romances dos tempos da sociedade colonial.

Apreciando a leitura de Adonias Filho encontramos traços daquilo que Henry James apresenta como sendo o papel fundamental do romance, em sua *Arte da ficção* (1995):

Um romance, em sua definição mais ampla, é uma impressão direta e pessoal da vida: isso, para começar, constitui seu valor, que é maior ou menor de acordo com a intensidade da impressão. Mas não haverá intensidade alguma, e portanto, valor algum, se não houver liberdade para sentir e dizer. Traçar uma linha a ser seguida, um tom a ser obtido, uma forma a ser preenchida, é uma limitação dessa liberdade e uma supressão justamente daquilo que estamos mais curiosos. A forma, parece-me é para ser apreciada depois dos fatos: só então a escolha do autor terá sido feita, seu padrão indicado; só então podemos seguir linhas direções e comparar tonalidades e semelhanças; só então podemos avaliar sua qualidade e aplicar o teste da execução. (JAMES, 1995, p. 26-27).

Para James (1995) a execução do romance pertence tão somente ao autor. É exatamente isso o que há de mais pessoal. Para ele a vantagem do artista, e aí também reside seu luxo, seu tormento e sua responsabilidade, é que não existem limites para o que ele quiser tentar fazer como escritor, não há limites para seus experimentos, conquistas, esforços e descobertas. O valor do romance e do romancista está nos significados que ele dá a sua história, aos seus personagens, etc. As personagens, a situação que assusta alguém por sua realidade serão as que mais tocarem e interessarem ao escritor, mas a medida dessa realidade é difícil de fixar. É preciso ter senso de realidade para escrever um bom romance. Não existe, todavia, uma receita pronta de como dar existência a esse senso de realidade. A humanidade é imensa e a realidade por sua vez apresenta-se em uma miríade de possibilidades e formas: uma miríade de imagens em permanente transformação. Assim sendo, adverte James (1995) que o máximo que se pode dizer é que as flores da ficção devem ter o odor e o frescor da realidade vivida. Todavia, nada se pode dizer sobre a composição desse buquê. Voltemos a Henry James (1995) para refletir sobre a natureza das imagens que vemos e nos deparamos nos romances de Adonias Filho:

Escrever a partir da experiência. Que tipo de experiência pode ser pretendida pelo escritor? Onde ele começa e onde termina? A experiência nunca é limitada e nunca é completa; ela é uma imensa sensibilidade, uma espécie de vasa teia de aranha, da mais fina seda, suspensa no quarto de nossa consciência, apanhando qualquer partícula do ar em seu tecido. É a própria atmosfera da mente; e quando a mente é imaginativa – muito mais quando acontece de ela ser a mente de um gênio – ela leva para si mesma os mais tênues vestígios de vida, ela converte as próprias pulsações do ar em revelações. (JAMES, 1995, p. 29-30).

## Imagens e violência em *As velhas*

A violência simbólica no romance *As velhas*, apresenta-se de muitas formas. Numa Sociedade marcada pelo machismo, acreditava-se que a mulher era propriedade do homem e a partir dessa concepção difundia-se a noção da objetificação do outro: a imagem da mulher objeto. Sexto romance de Adonias Filho, *As velhas* (2004) narra a história de vida de quatro mulheres, nos primórdios da ocupação das terras do cacau na região do Sul da Bahia, cujos fios de suas existências marcados pela tragédia e pela violência. Em linguagem rítmica estilizada, o autor apresenta as histórias das quatro matriarcas envoltas em uma trama circular, onde a memória e a oralidade desempenham papel crucial na construção fenomenológica da narrativa literária do escritor.

Em enredo circular, o livro se baseia nas imagens das memórias de vida de quatro mulheres, matriarcas de suas famílias, vivendo na casa de seus oitenta anos, em diferentes partes das matas, na região Sul da Bahia, As personagens representam as etnias e traduz a riqueza de nosso mosaico identitário, marca característica do processo civilizador do povoamento das terras do Sul da Bahia, fruto da mistura e da miscigenação das matrizes africana, indígena e a branca europeia, a saber: a velha Tari Januária, uma índia pataxó forte e determinada; a mestiçagem transparece na figura de Zefa cinco, que veio do sertão e chegou na região ainda moça, e carrega esse nome por conta dos cinco jagunços que matara de uma só vez; a matriz afrodescendente está representada pela velha Zonga, negra valente e filha de escravos; e por último Lina de Todos, uma mulher de expressão vivaz, marcada pela dureza e brutalidade, e temida pelos que conheciam a sua história.

A narrativa inicia quando Tari Januária ordena a seu filho mais velho, Tonho Beré, que vá em busca dos ossos de seu pai morto há vinte anos atrás. Nessa empreitada o destino de Tonho Beré e das Velhas se entrelaçam e através dos relatos de vida de cada uma, contadas por elas próprias ou por terceiros – Adonias tem por estilo valer-se da narrativa polifônica no sentido *bakhtiniano* do termo: a história é narrada a partir de múltiplas vozes e leituras de distintos narradores, para constituir a “verdade” da narrativa, enquanto registro das histórias das lutas e ocupação das terras no Sul da Bahia. Nesses relatos destacam-se a contínua disputa entre as famílias de trabalhadores e os interesses maiores dos ricos e poderosos, que vão se apropriar das terras através de lutas sangrentas, para se estabelecer na região como os futuros produtores de cacau, desbravando matas fechadas e matando índios, mateiros, tropeiros, etc., pela posse da terra. Nas palavras do próprio Adonias Filho, o cacau é fruto de “fome, morte e luto. Essa é a maldição do cacau”.

As velhas têm a dura vida marcada por lutas, mortes, perdas e sofrimentos. A partir dessa descrição pode-se prever que uma das características marcantes do romance é a violência inerente ao processo de conquistas de terras na região e fundamental para a sobrevivência do povo local. Essa violência ultrapassa a ideia de violência física para se revestir em violência simbólica, visto que, depreende-se a partir da obra que a violência já é algo cultural e intrínseco à região e inerente à forma de ser dos homens da região. Vejamos a partir da seleção de alguns trechos do livro *As velhas* (2004), a exemplificação da representação da violência, e das imagens simbólicas da violência, na ficção literária e romanesca da prosa adoniana. Um dos trechos mais marcantes do livro é quando Pedro Cobra, pai de Tonho Beré, vê seu pai Paupemba morrer guerreando com índios camacãs. Acompanhemos essa passagem:

O menino trepado na árvore, oculto nas folhas, vê o homem como um caititu cercado por cachorros. Luta de vida ou morte, isso ele sabe. Paupemba salta e, com o machado no ar atinge um dos índios que cai com o lombo aberto. Grunhe como porco, o sangue escorre, estrebucha. Foi isso, o companheiro estrebuchando, que fez os índios recuarem para longe, flecharem Paupemba. Solta o machado, tem quatro flechas no corpo, cai de bruços com braços abertos. Tudo o menino vê, escondido na folhagem, muito quieto. (ADONIAS FILHO, 2004).

Ainda criança Pedro Cobra vê o pai, plantador de cacau, ser assassinado de forma brutal pelos índios e esse fato irá afetar para sempre em seu modo de ser e viver. Aprenderá a se proteger e a matar, perceberá que o ambiente que vive é um ambiente de luta e tentará sobreviver nele. Um lugar de perigo invisível: *a mata, cenário da carnificina nos romances As velhas e Corpo vivo*. Vale dizer que essa passagem é, sem sombra de dúvidas, uma das cenas mais marcantes dessa representação da violência simbólica na literatura de Adonias Filho.

Mais tarde Pedro cobra tem a chance de vingar a morte pai e proteger suas terras, planeja com outros produtores de cacau – *cacaucultores* - um massacre para dizimar uma tribo, salvo sua mulher Tari Januária:

Não houve tempo para nada nem avisar ou fugir, quando os brabos puxaram os gatilhos. Corri em busca do ribeirão mas, sem saber ao certo o que fazia, atirei-me numa loca de pedras. Ali fiquei e, sem chorar, vi o fim daqueles pataxós. Eu digo e digo mil vezes que luta não houve O massacre dos pataxós no cerco da morte. Mulher ou menino, que saiu da maloca, caiu varado de balas. (ADONIAS FILHO, 2004).

Num ambiente hostil marcado por conflitos frequentes e pela contínua luta armada os indivíduos acabam por banalizar a vida, além disso o sentimento de vingança constitui-se em código de ética rígido, em que a honra se mantém quando se vinga com sangue o sangue derramado. O personagem viu seu pai ser morto por índios e só foi capaz de aplacar sua raiva com a destruição da tribo, ainda que tenha casado com a única sobrevivente do massacre. É perceptível que nesse ambiente de guerras e hostilidade as pessoas desde novas são educadas para viverem prontos para luta. Esse conhecimento é transmitido dentro do contexto familiar e para aprenderem a sobreviver é essencial que, assim como aprendem a plantar e caçar, saibam manusear armas, conforme destaca o trecho a seguir:

E, se Pedro Cobra lhe ensinara a atirar, por sua vez ensinara aos filhos. Todos eles, Tonho Beré, Inuá, Moá, mesmo Branca Ita, seriam capazes de matar uma onça em pleno salto. Tinham dedos tão rápidos que. Na descarga, as balas cortariam um homem ao meio. Tari Januária se orgulhava disso. (ADONIAS FILHO, 2004).

Em um de seus relatos Tari Januária fala que Pedro Cobra lhe ensinou a viver como os brancos. Nesse trecho fica claro o processo de aculturação no qual a personagem foi submetida e que não deixa de ser uma forma de violência simbólica, pois não foi uma escolha pessoal, mas sim sua única oportunidade de sobreviver, visto que, sua tribo foi dizimada em um massacre, tornando-se ela sua própria tribo:

Me lembro da labuta dele, Pedro Cobra, para me ensinar as coisas dos brancos. [...] Homem da selva Pedro Cobra, homem calado. Bom trabalhador e de muita coragem. Me ensinou a comer com sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle e não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto do jenipapo. (ADONIAS FILHO, 2004).

Em outra passagem do romance, vemos Tari Januária, a índia pataxó, pedir a seu filho Tonho Beré para encontrar e trazer de volta os ossos do pai, o caçador de onças Pedro Cobra, desaparecido há mais de 20 anos, e trazê-lo de volta para casa. Para Tari “todas as velhas têm os seus mortos. A questão é saber se esses mortos ficaram ou se estão esperando na frente”. É nesse contexto da obstinada missão de encontrar os ossos do pai, que Tonho Beré vai conhecer as outras três velhas, e sobretudo Lina de Todos. Dentre as perdas computadas ao longo da vida, Zefa Cinco, descendente de imigrantes europeus, sonhava com o retorno de sua filha, conhecida pelo nome de Lina de Todos. A filha de Zefa Cinco passou a se chamar Lina de Todos no momento em que Timóteo Lapa, o Raposo, marido de Lina, depois de perder tudo na jogatina, levou o jogo às últimas consequências e apostara a própria esposa no jogo de cartas. A mulher era objeto de cobiça nas terras do cacau, sobretudo no caso de Lina, considerada uma das mais belas e desejadas pelos companheiros do Raposo. Quando Timóteo perde a esposa para o grandalhão Zebeleu, Lina não perdoa o marido e incita a violência dos demais, transformando o episódio em um dos momentos mais violentos da literatura adoniana. Apresentamos a seguir o trecho em que o marido de Lina de Todos, perde o jogo para Zebeleu:

Todos bebiam muito e bêbados terminavam a jogatina dos dados [...] E dentre eles, que talvez fossem os piores bichos-domato, estava Zebeleu, um agigantado de cabelos nos ombros

e barba nos peitos. No desafio com o grandalhão, perdendo e perdendo sempre, o Raposa já não tinha o que apostar. Foi então que, querendo recuperar o perdido, exclamou com os olhos fora da cara:

- Jogo minha mulher!

- Eu topo – o grandalhão reagiu. (ADONIAS FILHO, 2004).

Nesse momento, Lina estava no interior da palhoça e não ouviu a aposta, enquanto uma anta era assada na fogueira. O jogo transcorria em estado de tensão, com os homens fechando a roda e os olhos presos nas mãos de Timóteo Lapa. Logo depois ouviria Zebelev: “A mulher é minha!”. Sem entender bem o que estava acontecendo, inocente como um passarinho, Lina veio de dentro da casa, quando o Raposa a chamou: - Ganhei você no jogo. Você, agora, é minha! Ao que Lina respondeu: “- Então sou mula para servir de aposta? E o pior é que tenho um filho deste peste no bucho.” A partir daquele momento os homens iriam conhecer Lina de Todos, vamos ao autor: “Não é de gente, e muito pior que veneno de cobra, o sangue que tem corpo. Venceu neste mundo sofrimentos e doenças, pisaduras e misérias. Não estranho, pois, que derrote a própria morte.” (FILHO, Adonias, 2004, p. 127-128).

Sim, os homens a conheceram quando, depois de fitar Zebelev com firmeza e encerrar o Raposa com desprezo, disse ainda com calma: “- Ele me pôs nos dados, o safado!”

Escondendo a raiva tratou, abaixando-se um pouco deixou-se mostrar os seios e até esboçou um riso que alegrava o semblante. Sabia que aqueles animais matariam por qualquer fêmea, quanto mais pela mulher que há tanto tempo desejavam! Se lançaria sobre aqueles cachorros famintos, como um pedaço de carne, mas com uma condição:

- Já não sou mais dele porque me jogou nos dados. Não, não serei apenas de Zebelev! [...] Serei de todos! – exclamou, gritando, a ordenar: Matem o Raposa, agora, com as mãos ou a machado, que serei de todos. (ADONIAS FILHO, 2004, p. 129).

Os homens partem para cima do Raposo que em poucos minutos esvai-se em sangue no chão, não passando de um amontoado de



carne. Ao se darem conta do que fizeram os homens fugiram com medo de Lina e do que ela poderia fazer com eles, após ouvirem de Zebeleu que “*Satanás estava no sangue e na carne daquela mulher e doido de acabar nos infernos quem a ela se entregasse*”. Arrastou o corpo do Raposa até o ribeirão e jogou-o nas margens do rio. Os jacarés não demorariam a comê-lo. Foi então que voltou lentamente como se tivesse ido pegar água no rio. Impossível seria adivinhar o que ela pensava quando sentou-se no batente da porta, com os cabelos ao vento, cabeça baixa e mãos ao ventre. Diz o narrador: “Eu tenho para mim que, naquele momento, falou ao filho pela primeira vez”.

A violência em *As velhas* toma a forma de tragicidade da existência e está plenamente integrada à condição humana na luta pela sobrevivência dessas personagens, cujo panorama revela a brutalidade dessa condição e ao mesmo tempo as imagens simbólicas que o autor manipula na construção da trama romanesca, e da ação dramática de Lina na violência extrema, expressa no rito sacrificial do marido. A tensão dialética do conflito homem e mulher resolve-se na contradição extrema da morte sacrificial, que garantirá a libertação da mulher e do filho.

## Imagem e violência em *Corpo vivo*

Em *Corpo vivo* (2010), vimos Cajango surgir como a criança adotada por Januário, criado com amor e carinho na fazenda dos Limões, cuja plantação de cacau começava a dar frutos e por sua valorização incomodava os Bilá, família que tinha um exército no rifle. É Cajango que vai presenciar a carnificina da família, com a morte de Januário, a mulher, o pagão que ainda iria fazer três meses, as duas meninas de Maria Lúcia (10 anos) e Maria Laura (12 anos) e Maria Tereza (18 anos), cuja pele fora atacada por unhas de homens e depois morta com uma punhalada na nuca. Sobrevivente do massacre refugiando-se nas matas, Cajango é o garoto de surge aos olhos de padrinho Abílio, no momento em que enterram os corpos: “Foi neste momento que, saindo das trevas, correndo pra mim, surgiu o menino, Cajango, meu afilhado. O sangue empretecido dos pais e dos irmãos estava em seus cabelos, em suas mãos, em suas roupas.” (ADONIAS FILHO, 2010, p.18).

Ao receber Cajango, então com onze anos, do padrinho Abílio, o índio Inuri, tio do menino, deu as costas ao padrinho, e juntos penetraram a selva. Vejamos a descrição do narrador, o bugre Inuri:

Padrinho Abílio avisara que, tendo nascido na mata, não seria difícil adaptar-se. Neto do meu pai, seu sangue era igual ao meu. Isso eu entendi no primeiro dia quando, avançando na trilha, percebi que se sentia como se estivesse em casa. (...) Levando-o, sabendo que durante meses não veria outro homem senão a mim, temia não sobrevivesse para vingar os nossos mortos. (ADONIAS FILHO, 2010, p. 18-19).

Ao longo da obra, Cajango é cuidadosamente preparado por Inuri nas brenhas do Camacã para submeter-se às provas do aprendizado com as próprias feras da mata, para que pudesse realizar sua missão: agir continuamente guiado por esta vontade ética de vingar a honra da família; mas para executá-la friamente Inuri sabia que Cajango precisava ter o coração de pedra, pois a luta seria pior que a das feras.

A ação dramática do romance sustenta-se portanto no desejo que move a vontade do herói de vingar a família assassinada e é sobre este objetivo que Adonias Filho imprime toda a força dramática à fábula romanesca, presente igualmente na descrição misteriosa do próprio personagem Cajango: “É difícil saber-se o que nele é humano além do corpo” (ADONIAS FILHO, 2010, p.40). Vejamos o que diz Eduardo Portela *apud* Adonias Filho (2010, p. 9) em sua Resenha do livro *Corpo vivo, Peripécias do herói ético*, publicada primeiramente na *Revista Tempo Brasileiro* (1962) e republicada como prefácio da presente edição do romance:

O tema central de *Corpo vivo*, rigorosamente inscrito no código de honra individual, é a vingança. A honradez aciona a vingança, que aciona o dispositivo novelístico. Até aí, nada de muito preocupante. Os estilos românticos e pós-românticos nos inundaram de justiceiros sem imaginação. Mas não é o caso deste romance. Aqui se inverte a lógica do enredo convencional. Começa por ser a vingança que não houve. O que é tanto mais surpreendente quando sabemos que o vigor dramático de Cajango advém justamente da expectativa da vingança, desta sua destinação inevitável, dessa fatalidade irremovível. A heroicidade deste personagem absorvente, fiel escudeiro da ética prescritiva repousa diretamente neste ato. (PORTELA, 1962 *apud* ADONIAS FILHO, 2010, p. 9).

Inuri recebera o menino das mãos de padrinho Abílio e na selva o trancara para que se tornasse aquela máquina assassina na qual se transformara, odiado por homens e mulheres. Foi Inuri que o transformara neste ser. E agora, no momento em que o cerco se aperta e necessitam de união, Cajango parecia esquecer o pai, a mãe e os irmãos, e os anos vividos no Camacã. Eis como pensava Inuri tal como encontra-se na passagem em que alerta para o risco da chegada de Malva, após o anúncio de Cajango:

- Venho com a mulher – Cajango fala, a voz dura, o olhar firme.

- Eu vejo – o outro responde. O nosso cemitério! (exclama Inuri); ficamos por aí, espalhados no chão, adubo da terra. [...]

- Você veio e eu o aceitei. Aqui, nestas brenhas, no Camacã. A luta, depois. Seu pai e o negro Setembro. Muito Cajango, temos que fazer!

- Ela não pode ficar. Você tem que compreender. Ela não pode ficar.

- Quem vai impedir que ela fique? – a pergunta de Cajango.

(Narrador) “os olhos de Canjango e os de Inuri tantas vezes estiveram juntos na descoberta do perigo. Um reconhece o que há no outro: aquele ódio que está nos nervos, a explosão inevitável, o mundo agora pequeno para os dois.

[...]

- Acabem com isso! (Exclama Padrinho Abílio colocando-se entre os dois).

- Ela começa nos separando. (Narrador, o bugre fala, sem pressa, calmo.) – Você precisa entender que todos estão contra a gente. Todos, Cajango, todos. E você bem sabe que não pode ter uma mulher.

(Narrador) O corpo em Cajango, é uma carapaça de pedra. Os cipós, quando estendidos para que neles passam as correntezas, não são mais tensos que os seus músculos. O fel, que azeda o coração, está no sangue. Inuri, ele não ignora, está certo. Como ter uma mulher como foi sua mãe para seu pai? Como, se vive em uma roda de sangue, fogo e pólvora? O bugre já intervém e o que escuta não lhe surpreende.

- Eu vou embora, Cajango, e volto a ficar sozinho nas brenhas do Camacã.

- Um de nós morrerá aqui – é o que diz Cajango, prestes a iniciar a luta que culminará na morte do índio Inuri. (ADONIAS FILHO, 2010, p. 141-145).

Segundo Portela (1962) apud Filho (2010), vide a passagem descrita acima, Adonias Filho destrói a unidade dramática do romance que consiste na expectativa da vingança e de sua determinação rumo a essa tragédia anunciada. O herói caminha em direção à sua prova maior que vai coroar sua trajetória, todavia não é isto que acontece.

A historicidade deste personagem absorvente (Cajango) fiel escudeiro da ética prescritiva (do autor), repousava diretamente neste ato. O mais parecia trajeto de sua consumação. Porém Adonias Filho não vacila em destruir o herói. Ao interditar a vingança, promove a imediata descompressão da heroicidade, debilita a substância heroica alimentada desde o início. É um comportamento promissor, que cresce quando nós reconhecemos, por apatia, preguiça ou glorificação inútil, renitentes salvadores do herói. O frequente em nossa literatura é promover-se a canonicidade do herói. No outro polo da opção a uma só vez impiedosa e judiciosa do autor de *Corpo vivo*. É este o maior ato de violência do romance. Dele que tanto utiliza a violência como recurso para transcender. E que assim procedendo, de tanto conviver com o abismo, de tanto se perder nessas terras temerárias, chega a incorporar a morte ao cotidiano, e retirar-lhe a sua antiga tragicidade. (PORTELA, 1962 apud ADONIAS FILHO, 2010, p. 9-10).

Não há dúvida de que a morte de Inuri por Cajango constitui um gesto extremo de violência, quando o sobrinho na condição de criatura criada pelo tio (Inuri) volta-se ao encontro destrutivo de seu criador; mas essa violência que culmina na morte de Inuri também exprime, por outro lado, a destruição da condição heroica do personagem Cajango e a morte do próprio herói, culminando por sua vez na morte da própria narrativa, com o esfacelamento do eixo ético que orientava as ações dramáticas do personagem. Voltemos à crítica literária de Eduardo Portela:

Ao romper-se o acordo moral que sustentava as precárias relações interpessoais, os seus mandatários sucumbem inexoravelmente. A sensação de vazio se instala em todos nós. A catarse parece interrompida para sempre. [...] Duas perspectivas se cruzam irremediavelmente. Cajango sobrevive, para falecer como herói. Inuri morre, para sobreviver como herói. E ao morrer, fornece a chave da salvação de Cajango: 'Se eu morrer, e tudo estiver ocupado, procure a serra' (p. 114). É quando pacificado por Malva (a mulher desfaz a sua cólera) se exila na serra, fogue do cerco e

trai a sua destinação. Talvez porque a única maneira encontrada para alcançar a liberdade foi o rompimento, cruel e determinado, com o passado. Cajango se refugiou na evasão, demitiu-se. Adonias Filho não poupou o seu herói. (PORTELA, 1962 apud ADONIAS FILHO, 2010, p. 10).

Para estudar as representações das imagens da violência, da violência bruta, da violência simbólica representada por Adonias Filho, nesse espaço-tempo de sua prosa literária e romanesca, analisamos as imagens simbólicas criadas pelo escritor como resultado do fluxo imaginário de suas leituras da região, acerca dos processos de ocupação das terras do cacau, no contexto social e conflituoso da vida humana, na região sul da Bahia.

Ao inventariar as imagens simbólicas na paisagem literária, dramática e romanesca de Adonias Filho encontramos com as imagens dos processos de desumanização dos seres humanos em meio às contradições impostas pela desigualdade social, a força da brutalidade e a animalidade na expressão da violência bruta, que levam à degradação dos valores da vida humana, relações feitas de imagens da terra, das matas, das memórias, em meio às lutas sanguíneas, marcadas pela crueldade e o ódio, que perpassam as disputas pela apropriação da terra e da riqueza da lavoura cacauzeira. Também percebemos o papel da memória na fundamentação da narrativa, o lugar da morte no imaginário dos personagens desse autor e que povoam o espaço-tempo imaginário da literatura para refletir nos múltiplos sentidos atribuídos pelo autor à região como história, política, mas também como dobra, construção imaginária, dos tempos passado, presente e futuro das ações dramáticas e das almas de seus personagens.

Se por um lado não podemos isolar sua literatura, sua arte, do contexto social e político do qual emerge - pois ele também é muito importante para entendermos as imagens da violência e da morte, na trama das relações entre as personagens e autor - por outro lado devemos estudar os elementos intrínsecos ao objeto literário e as relações entre os valores éticos e estéticos, as relações espaço-temporais da representação, o tema, a terra ficcional, a região ficcional, e também a própria noção de morte e finitude na literatura do escritor. Nesse ponto devemos ter em mente o papel da imaginação com sua facticidade e temporalidade específicas,

como meio de acesso aos fundamentos da compreensão humana e também veículo de sua expressão, que encontramos aderência nas reflexões do pesquisador Marcus Mota (2014, p. 99). Segundo esse autor, ao narrar a fenomenologia da finitude em sua trama imagética, Adonias Filho apreende a raiz da complementaridade, o contexto inteligível da representação da morte como horizonte de uma teoria não metafísica, mas que se apresenta dramática no processo do conhecimento. Vejamos:

A morte se possibilita como morte, como reconciliação com sua abrangência e flexibilidade. A morte resguarda, resguardando-se envolve, ocultando-se a sua dissimulação. Ficcionaliza-se, circunscreve-se nas frinchas, franjas e dobras de sua tensão temporal. A morte é nada e a tudo sobredetermina. No trama da morte, *Kháos* encena e entoa seu *Satyricon*. (MOTA, 2014, p. 100).

## Conclusão

A literatura adoniana nos revela o universo das relações sociais e políticas, os arranjos particulares e seus rebatimentos nas condições históricas do lugar, nas relações e nas vidas das pessoas, sempre em contínuo movimento de transformação, todavia lançando mão das discontinuidades da narrativa e dos planos cronológicos, pois representa antes as imagens da memória dos narradores – relato em terceira pessoa, monólogos, a voz da memória – que se alternam entre o autor-narrador e os personagens, onde a ação dramática é criteriosamente laboriada pelo autor em *Corpo vivo* e *As velhas*.

A imagem da morte do pai nos olhos da criança em *As velhas*, ou a imagem do assassinato da família inteira na imagem fundadora da ação dramática de *Cajango*, apresenta-se como exemplo singular da forma como o escritor lança mão da violência simbólica na operação de condensação de imagens da violência simbólica – que instaura o conflito dramático nos dois romances – expressam a própria condição humana vivida no processo de disputas pela ocupação das terras do cacau na Região Sul da Bahia. Ao posicionar o ser em sua essência de criança em formação nos dois casos, o escritor coloca-se frente a frente com a matriz geradora da violência, gênero ficcional que se reproduz através do escritor como condição humana presente na ocupação das terras do cacau.

Em *Corpo vivo*, o papel desempenhado pela ação de Cajango confere ao romance a força dramática da ação, guiado por sua presença direta e indiretamente, nas lutas e itinerâncias errantes mata adentro, e sua vontade cuja finalidade última da ação humana envolvida em suas intenções consiste na vingança. Quando Cajango mata Inuri também mata a si mesmo como herói. A morte do herói dá lugar ao nascimento do homem. Assinala-se aqui para muitos leitores dessa obra, uma espécie de processo de humanização de Cajango, que tem início com a chegada de Malva em sua vida e a possibilidade aberta pela chegada do amor, o sentimento inteiramente contrário ao rumo que a narrativa poderia tomar caso o escritor optasse pela canonização do herói. Mas a morte do herói cede lugar ao nascimento do homem e todas as consequências que decorrem dessa opção.

A dramaturgia é um ato de criação – pelo menos deveria ser – fruto do poder criativo do autor e, como tal, um ato de rebelião permanente, cujo nível significativo de expressão advém dessa liberdade criativa e dessa capacidade de poder livremente entregar-se ao exercício de sua faculdade criadora. O escritor pode assim recusar fórmulas prontas e deixar-se levar pelo desafio de instaurar valores novos e quicá surpreendentes. Todavia, esse exercício de criação ficcional e elaboração pelo autor da estrutura de seu texto artístico – no caso da literatura dramática – está sempre inserido em contextos históricos, sociais e permeado de contradições, pois submetidos às regras do mundo real, organizado pelas relações sociais de produção e relações de poder.

O maior desafio da arte da ficção consiste em desenvolver a melhor formulação estética para chegar aos valores éticos da existência e isso não se consegue sem que a experiência de vida revele uma obra de arte autêntica. A matéria prima primordial da boa ficção romanesca consiste na perfeita dependência do sentido moral de uma obra de arte à qualidade da experiência de vida envolvida e vivida em sua produção. Esse sentido ético de moralidade da obra romanesca deve nutrir-se da experiência autêntica ou da própria vida vivida pelo escritor e não pelos lances de um mero jogo encantatório do autor, como decoração artificial de uma ideia.

O romance é um gênero em permanente construção. A verdadeira arte nutre-se dessa experiência autêntica e nesse sentido os valores éticos nascem entranhados aos valores estéticos. Adonias

Filho é, antes de tudo, um fino narrador das consciências humanas de homens e mulheres vivendo sob condições extremas nas terras do cacau. A imagem ficcional que ele nos apresenta não é apenas carregada de tintas de crueldade, mas reveste-se também de um grande dose de verdade, das verdades profundas, peculiares à vida do próprio escritor e que o fez imaginar *As velhas* e *Corpo vivo*, dentre outros livros.

O autor descobre há muito, que o tema não é a coisa mais importante, mas o que dele se estrai dele e afasta-se continuamente do lugar comum do romance e dos romancistas de um único tema: marido, mulher e amante. E o que vamos encontrar nessas leituras é aquela palavra-chave que buscamos em toda experiência de vida como em toda arte: autenticidade. Ela se apresenta não apenas como uma estética da violência, mas sobretudo na formulação estética dos valores éticos, que o escritor manuseia com maestria e como possibilidade para retratar a condição humana em sua luta e seu drama de sobrevivência. E nesse sentido, tal como assinala Henry James (1995), o sentido moral de uma obra somente é verdadeiramente possível se é conjugado à autenticidade da experiência relatada. E a arte verdadeira nutre-se da experiência autêntica.

Ao analisar as razões pelas quais um romance se torna uma obra de arte, este autor defende que o romance é uma forma de arte em permanente construção e como tal, oferece ao artista criador a liberdade de criação. A única razão para a existência de um romance é a de que ele tente de fato representar a vida. E somente através desse percurso, representando a experiência de vida, pode o escritor criar uma obra autêntica e singular.

Escritor de múltiplos estilos e gêneros literários, romancista, ficcionista, ensaísta, contista e crítico, dentre outros, sábio e manso na fala, ainda que bravo e misterioso como os seus personagens, tal como no dizer de sua amiga Raquel de Queiroz, Adonias Filho foi um agudo observador da condição humana e deixou registrado esse olhar sobre o povo, os menos favorecidos e sobre sua terra e sua gente. Constatamos assim, que a violência simbólica é matéria prima essencial da literatura dramática do autor e a força dessas imagens simbólicas dramáticas constitui a própria marca da trama e da vida de suas personagens, indissociável do valor de sua prosa ficcional e romanesca. E Adonias em sua produção literária nos mostra como se reproduz o processo de produção da violência e o faz lançando



mão da violência simbólica das imagens da morte e da infância, que em *Corpo vivo* e *As velhas* estruturam o fio condutor de sua narrativa feita de terra, de sangue e morte, e que esgarçam nossos sentidos e nosso estômago no mais íntimo de nosso ser.

Todavia a ação criativa da qual goza o artista criador no espaço sedutor e perigoso da liberdade criativa da obra romanesca, oculta também os perigos da contradição primordial que se evidencia na própria vida do escritor, pois a verdade e a autenticidade de um romance provêm sobretudo do fato de nascerem da mesma essência: a experiência autêntica que a obra pode e deve representar. A maior expressão da violência simbólica observada em nossa análise da obra ficcional, dramática e criativa de Adonias Filho reside na contradição de seu projeto de vida enquanto homem, ao submeter-se às condições socioculturais e políticas abraçando as circunstâncias de um Brasil em tempos sombrios, enquanto entrega-se a um projeto ético e estético de caráter elevado, voltando-se para construção de personagens que, como Cajango, estão assediados por paixões contraditórias e que os conduzem em direções opostas e os levam a ações e atos que se contrariam. Se por um lado o exercício criativo do escritor permite dar vazão à necessidade de expressão dos conflitos interiores através de tais personagens, cujos interesses e paixões podem ser verdades morais, religiosas, o sentimento de família, o amor da mulher amada, o amor à pátria, etc., por outro evidenciam também as contradições vividas perante as insatisfações de uma vida prática que parece aprofundar o fosso que separa em uma distância abissal o homem do artista escritor. Eis a pior de todas as violências, a violência simbólica de viver essa liberdade criativa de escritor à sombra dessa contradição, em que a vida do homem põe em risco o projeto estético e ético do próprio escritor, porque inseparável, sobretudo quando se pretende tocar os poderes eternos com as verdades morais: o sagrado, o divino e o verdadeiro.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Editora Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Edições 70, 2000.

ADONIAS FILHO. **As velhas**. Rio de Janeiro, Editora Romance 3, 2004.

\_\_\_\_\_. **Corpo vivo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

JAMES, Henry. **A arte da ficção**. São Paulo: Editora Imaginário, 1995.

GARDNER, J. **A arte da ficção**. Orientação para futuros escritores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MOTA, Marcus. **Imaginação e morte: estudos da finitude**. Editora UNB, 2014.

PALLOTTINI, Renata. **Introdução à dramaturgia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

## Trágico ou espetáculo monstruoso? Categorias aristotélicas na obra *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho<sup>1</sup>

**Jó Rodrigues Cezar Junior**

Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Membro da Sociedade de poetas e músicos marginais do Salobrinho (Ilhéus, Bahia)

E-mail: jo.rodrigues.cezar@gmail.com

Recebido em: 29/08 /2015.

Aprovado em: 18/10/2015.

**Resumo:** A proposta do trabalho é analisar a obra ficcional *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho, isto é, averiguar se na obra referida haveria elemento trágico ou espetáculo monstruoso. Considerando o forte apelo emocional constituinte da mesma, a saber, as passagens e alusões textuais, que comumente são referidas enquanto trágicas. No recurso da inflexão, utilizado para verificar a obra adoniana, considerar-se-á os elementos do trágico e do monstruoso, da catástrofe, do reconhecimento e da peripécia, do nó e do desenlace, presentes na *Poética*, aristotélica.

**Palavras-chave:** Adonias Filho. Trágico. Espetáculo monstruoso. Hermenêutica. Aristóteles.

### Tragic or monstrous spectacle? Aristotelian categories in the work *Memories of Lazarus*, by Adonias Filho

**Abstract:** The purpose of this work is to analyze the fictional work *Memories of Lazarus*, by Adonias Filho, that is, to determine if there is a tragic element or a monstrous spectacle in the work mentioned. Considering the strong emotional appeal constituent of this literary work, namely, the passages and textual allusions, which are commonly referred to as tragic. In the appeal of the inflection, used to analyze Adonias Filho's work, we will consider the elements of the tragic and the monstrous, the catastrophe, the recognition and the peripetia, the knot and the outcome, present in the Aristotelian *Poetics*.

**Keywords:** Adonias Filho. Tragic. Monstrous spectacle. Hermeneutics. Aristotle.

## 1 Introdução

A trama adoniana, na obra *Memórias de Lázaro*, desvela uma paisagem e/ou “lugar” com características de um passado destituído de posturas que comumente chamamos “humanistas” ou “éticas”. É possível perceber situ(ações) distanciadas do conjunto de regras advindas dos costumes, tradições e convenções de uma determinada cultura, portanto, situ(ações) “resolvidas sem lei escrita”, ou dito de outra forma, “pela lei do facção/pelo uso da força”. Ações e ocorrências que poderíamos conceber, à primeira vista, apenas como espetáculos monstruosos.

Assim, poderíamos sugerir enquanto percurso investigativo, que a obra *Memórias de Lázaro* não contém elemento ou acontecimento que desvele algo trágico, ou seja, um conflito trágico. Portanto, para que a análise proposta não compareça apenas superficialmente, haja vista de não estarmos pessimistas ingênuos, faz-se necessário à distinção entre conflito trágico e espetáculo monstruoso.

Destarte, “sabemos” que a inconsequente atitude a se tomar é precisamente a de refletir e investigar, ao que parece, investigação tornou-se “faca de dois gumes”, pois ao desvendarmos determinado encadeamento de ações, de expressões, estilos e enigmas, podemos estar desvendando algo acerca da nossa existência. Desse modo, temos um impasse: Até onde é necessário dar a “vida” por um conceito? A “vida” é maior ou menor que a definição? Há “vida” para ser dada por um juízo?

Contudo, se faz interessante recordar a frase do escritor Alceu Amoroso Lima: “Se é duro, difícil, carregar a pedra até o alto da montanha, e se é uma grande decepção ver a pedra descer, só há uma conclusão: é preciso empurrar novamente a pedra até o alto”. Assim, ao que parece dar continuidade a pesquisa, visualizar cada instante e detalhe da obra de Adonias Filho e, se possível, as ações ambivalentes que a perpassam. Analisar, se há ambivalência entre algo dito e não-dito, determinado e indeterminado, positivo e negativo, etc.

## 2 Categorias aristotélicas na obra *Memórias De Lázaro de Adonias Filho*

Antes de tudo é interessante expor que a tragédia (consoante à compreensão clássica) está o lugar no qual o trágico habita. Assim não há tragédia sem situação trágica. Pois bem, como dissemos na introdução, cabe no primeiro momento distinguir o que seja trágico e o que seja espetáculo monstruoso. Para tanto, faremos isso de maneira inicial e sumária, utilizando a *Poética* de Aristóteles. Os outros detalhes entre o trágico e o monstruoso serão feitos no decorrer do texto, ou seja, a cada narrativa de fatos da obra *Memórias de Lázaro* indicaremos argumentos da *Poética*, e de outras obras e textos secundários que se façam necessários.

Não é tarefa fácil utilizar-se da obra aristotélica, pois muitas vezes nos deparamos com dificuldades hermenêuticas. Tais dificuldades podem nos levar a cometer erros nas definições, entretanto, compreendemos que um dos principais elementos do trágico, é o erro. Portanto, sigamos nas definições.

Já nos parágrafos iniciais da *Poética*, especificamente no capítulo II, podemos ver que uma situação trágica é composta pela imitação (*mimesis*), que a imitação é feita por pessoas, em determinadas ações, e que essa ação é de pessoas com caráter elevado ou não elevado, isto é, superiores e inferiores<sup>1</sup>, notamos também, no capítulo VI, que a imitação não é de homens, mas de ação e de vida e a vida consiste em ação<sup>2</sup>.

Devemos esclarecer que a palavra *mimesis* indica a imitação em duas acepções: como *simulação* e como *emulação*; isto é, ela é *simulação*, ao exibir ou demonstrar algo, e é *emulação* ao designar o desejo de aprender e de seguir um mestre ou um modelo exemplar. Tanto a simulação quanto a emulação implicam a *identidade*, mas não há completa identidade na imitação, há a aproximação da semelhança e a distância da diferença, já que algo se manifesta a nós através do *mímema*, ou seja, daquilo que imita alguém ou alguma coisa. (DE MENEZES E SILVA, 2009, p. 88).

No entanto, a qual das ações pertence o que chamamos de trágico? Se entendermos, que o trágico possui habitação na tragédia, podemos concordar com Aristóteles, quando ele diz no capítulo V

que tanto a poesia épica (epopeia) quanto à tragédia tratam da imitação de homens superiores, assim o trágico revelaria um conjunto de ações levado a cabo por homens de carácter elevado, como diz o filósofo de Estagira, no capítulo VI:

É, pois, a tragedia imitação de uma acção de carácter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efectua] não por narrativa, mas mediante actores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 2003, p. 110).<sup>3</sup>

E sob esta perspectiva, podemos indicar o trágico como ação de carácter elevado, em que temos um personagem, situado na ação mimética, como “*simulação*, ao exhibir ou demonstrar algo, e *emulação* ao designar o desejo de aprender e de seguir um mestre ou um modelo exemplar”, estaria também, na composição da ação trágica, o terror (entendido como temor) e a piedade. Em contrapartida, no espetáculo monstruoso não há nem temor nem piedade, muitos menos um carácter elevado das personagens que estão imitando as ações, assim não haveria no personagem, de determinada obra, um desejo de seguir um mestre ou um modelo exemplar.

Vale ressaltar as definições de temor e piedade. No capítulo XIII da “Poética”, a piedade está para aquele que é infeliz sem o merecer, e o temor para nosso semelhante desditoso, (que passa à infelicidade<sup>4</sup>). São importantes essas definições, porque para Aristóteles, as ações que não provocam temor nem piedade não formam a ação trágica, portanto, nesse capítulo ele expõe quais seriam as situações que não provocam temor e piedade, e é nesse capítulo que podemos notar, o que a tradição filosófica chama de *hamartia* aristotélica.

A *hamartia* (erro), para Aristóteles, é a situação trágica primordial, e o conceito da mesma é entendido, como aquela situação na qual o personagem desconhece os efeitos nefastos de seus atos (tanto para si quanto para outrem), inclusive procurando agir visando o distanciamento de tais prejuízos, como se estivesse agindo involuntariamente<sup>5</sup>, mas a origem da desdita está nele, tal acontece, não porque seja vil e malvado, mas por força de algum erro<sup>6</sup> cometido. Involuntariamente não quer dizer que o personagem e/ou a ação esteja amparado no irracional, mas sim, que agiu visando à solução

elevada (destituída de velhacaria/subterfúgio), mas se equivocou no propósito, logo não é injusto ou justo e por isso provoca temor e piedade.

Fica então exposto aqui, que no trágico há a *hamartia* e no espetáculo monstruoso, não há, bem como, no trágico há a *mimesis*, isto é, na *mimesis* trágica é preciso que haja um personagem que seja o modelo exemplar, um herói trágico, que não seja vil nem malvado, que o espectador ao ouvir ou assistir uma tragédia, queira imitar, que sinta temor e piedade, se tal não acontece, se procuram sugerir pelo espetáculo, não o temor, mas o monstruoso, esses nada produzem de trágico, mas apenas, espetáculos repugnantes<sup>7</sup>. Ou seja, não temos um modelo exemplar, mas sim, um personagem que é monstruoso. E por monstruoso, entendemos: inferior, ruim, violento, grotesco, brutal, animalesco, ferino, que não possui alma, desmedido, hediondo, abjeto, asqueroso, etc.

Depois de fazer essa sumária distinção a respeito de trágico e espetáculo monstruoso, passemos a uma pequena centralização e explicação da obra *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho.

Sabemos que a obra, *Memórias de Lázaro*, faz parte de algo chamado Trilogia do Cacau, tal formação é composta por: *Os Servos da Morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952) e *Corpo Vivo* (1962). Diferente da trilogia tebana, que conta a história de Rei Édipo e sua família, na trilogia adoniana comparece não a história de uma família, mas de uma região conhecida atualmente como região grapiúna.

O romance referido possui uma narrativa não linear, no qual os acontecimentos do passado e do presente se fundem para formar o entendimento dos fatos. Em *Memórias de Lázaro* a narrativa é apresentada na primeira pessoa do singular, com a presença de um narrador, que parece as vezes um personagem oculto, mas que logo em seguida, será identificado como Alexandre, o filho de Abílio. Nesse sentido, o livro em questão, trata das ações que perpassam a vida e as memórias, de Alexandre.

Dessa maneira, os personagens, que tomamos como principais, são: Alexandre, filho de Abílio; Abílio – de pai desconhecido e filho de uma rameira de Ilhéus. Pai de Alexandre; Jerônimo – Amigo de Abílio e Alexandre, cuidou de Abílio quando este fugiu de Ilhéus e veio parar no Vale do Ouro, bem como de Alexandre, depois que Paula e Abílio morreram; Natanael – Um velho que morava perto da aldeia de Itajuípe, que acolheu Alexandre, depois que ele fugiu da

aldeia de Coaraci; Joana – Esposa de Natanael; Mano – Sobrinho de Natanael; Orlandina – Filha de Natanael e Joana; Gemar Quinto – O leproso do Vale do Ouro, foi também, caçador antes de ter lepra; Roberto, Fernando e Henrique – irmãos de Rosália; Rosália – Esposa de Alexandre; Canuto – fabricante de tijolos, dono da olaria no Vale do Ouro; Chico Viegas – Filho de Canuto e primeiro homem que fora prometido a Rosália; João Garganta – vendedor de água de Ilhéus. Abílio trabalhava com ele, quando morava em Ilhéus; Paula – Esposa de Abílio e mãe de Alexandre; João Cardoso – Pai de Paula; Felício Santana – Pai de Rosália; Terto – Um morador que veio da aldeia de Coaraci, morava numa mata, longe oito dias de viagem de Coaraci, foi a primeira pessoa que Alexandre encontrou depois de fugir do Vale do Ouro; Rodolfo – Ferreiro da Aldeia de Coaraci.

Pois bem, a maioria das ações e acontecimentos ocorrem no Vale, chamado de o Vale do Ouro. O Vale é descrito de várias formas, num primeiro momento é colocado como lugar dos mais fortes.

Não que alucine o medo de ser destruído pelo semelhante, a necessidade da força física, a assistência para não ser devorado na luta impiedosa. Os fracos, aqui, morrem nos seios das mães. Os enfermos se isolam, apodrecem, são naturalmente eliminados. Restam as feras que se apaixonam com ódio, insensíveis e rudes. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 5).

O interessante é que essas feras, insensíveis e rudes, são o que, “comumente”, chamamos de humanos, mas para Adonias, “no vale, os homens são piores que as feras. Humanos, no vale, são os cavalos selvagens” (ADONIAS FILHO, 1970, p.10). Assim o vale, é lugar dos mais fortes, e os “homens”, que o habitam, são fortes, porque são os mais selvagens e violentos. Mas, selvageria e violência estão prerrogativas do trágico? Não. Como dito acima, aquele que é selvagem ou hediondo, e por isso violento, está somente prerrogativa do monstruoso.

Fazendo um pequeno adendo, quando pensamos na questão dos mais fortes, não pensamos, em elementos da tragédia ou trágico, mas pensamos nos sofistas. Na antiguidade havia essa discussão acerca do que é (existir) se por *physis* e/ou por *nomos*. Existência por *Physis*, se entende, usualmente, por natureza (necessário, o não fabricado segundo Giacoia Junior<sup>1</sup>), natureza às vezes entendida



como aquilo que é da “essência” (interno), natureza como aquilo que torna os homens semelhantes (externo), concepção essa que era defendida pelo sofista Hípias de Élis e, ainda, natureza às vezes associada a uma lei do mais forte ou direito da natureza contra o direito do Homem, que era defendida por Calicles. Já existência por *Nomos*, comumente se entende como, o convencionado, o acordado, o estabelecido através do costume tornado lei, e não como algo “inato”, como uma “ideia”.<sup>2</sup>

Um problema filosófico complicado é a justiça. No vale não existem leis “formais” ou “direitos”, pois uma pessoa do vale é capaz de rasgar com as unhas o corpo do “semelhante” e depois limpar o sangue, das mãos ensanguentadas, na relva<sup>3</sup>. No vale, a “vida” está ligada àquele que sabe ferir mais rápido, que sabe matar<sup>4</sup>, que nasceu para matar<sup>5</sup>. Porque:

No vale, a justiça não pede esclarecimentos, não julga e não condena. Como entre os lobos, podem aqui os inimigos resolver suas próprias questões, o mais forte ou o de mais sorte permanecendo impune. [...] não impõe ao criminoso qualquer restrição à sua liberdade [...] Sua justiça, pois, é espontânea e não estabelece consultas. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 36)

Aqui, podemos notar um impasse em relação ao capítulo XIII, da *Poética* aristotélica, uma vez que para Aristóteles, não cabe à pessoa perversa em extremo, ser vista passando ou caindo da felicidade no infortúnio<sup>6</sup>, já que isso não mostraria temor nem piedade, porém o que vemos em *Memórias de Lázaro*, até agora, são personagens que estão sempre em infortúnios, costumeiramente praticam ações brutais ao extremo, ao que tudo indica, são assassinos, uma vez que nascem para matar, não desvelam temor, muito menos piedade, são monstros ou subumanos.

Como vimos também, as questões que envolvem justiça e injustiça, para Aristóteles, são julgadas pelo caráter voluntário e involuntário das ações, sendo que o trágico está atrelado às ações em que o personagem desconhece que seu ato é prejudicial a outro, pelo qual a personagem não é vil e nem malvada, ela age involuntariamente, logo não existe injustiça ou justiça. Porém, as ações justas e injustas são feitas voluntariamente, bem como, na *Ética a Nicômaco*, o filósofo de Estagira, diz que uma coisa é injustiça por natureza ou por lei<sup>7</sup>.

Assim, em relação aos personagens adonianos, observamos que:

1) Em geral, agem de modo voluntário, como no caso de Alexandre, que quando soube que Rosália fora prometida ao filho de Canuto, Chico Viegas, decide ir bem cedo a casa do mesmo para resolver esse problema, e de maneira consciente e voluntária, colocar, no cinturão a faca, que serve para abater os porcos e as cabras, ou seja, sai prevenido para uma possível briga que poderia acontecer.

2) Em geral, agem por natureza, por instinto, pois como exposto, os homens do vale são fortes porque são os mais selvagens e violentos, são mais selvagens que os animais, exemplo disso é o caso dos irmãos Luna que matam um cavalo por instinto e divertimento<sup>1</sup>.

No trágico temos um jogo alternado da ausência e da presença, há na ação trágica uma angústia, um temor do inesperado esperado, da fala do silêncio. Entretanto, o vale é entendido como um lugar de crueldade, de ódio, as crianças crescem como os cachorros<sup>2</sup>, um lugar sem felicidade, “porque uma criatura feliz, alguém que não traga ferrugem nos ossos” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 21), não viveria ali. Assim:

Não há, nas *Memórias de Lázaro*, pròpriamente angústia. Há sim, o ódio. Um ódio generalizado, quase infuso, um ódio hereditário e cego, que se transmite por contágio de personagem a personagem. O ódio que vem de Abílio, que está em Alexandre, que alimenta Rosália, [...] todo o Vale do Ouro. (FAUSTO CUNHA, *apud* ASSIS BRASIL, 1969, p. 100)

Compreendemos que uma das configurações do trágico clássico está o conflito. E esse conflito trágico, se desvela, às vezes, como luta entre a divindade e o humano, porém, diferentemente do exposto por Sófocles em Rei Édipo, quando é possível perceber o embate entre o vaticinado (a necessidade do acontecimento, a inexorabilidade) e a liberdade de Édipo (do agente subjugado a ditadura do que poderá ocorrer), em *Memórias de Lázaro*, não há divindade, isto é, não há deuses ou deus.

Torna-se necessário, dizer sobre a não-existência de um deus em *Memórias de Lázaro*, porque alguns pesquisadores, falam de uma possível esperança, a saber, uma transcendência em função de algo divino. Por isso, o que observamos, trivialmente, na obra

referida, é uma atmosfera horrenda e um céu material, isto é, que não mostra nada de religioso ou místico, sem possibilidade alguma de transcendência.

O que transparece é apenas uma indicação, de algo que poderíamos chamar, bênção, no sentido de saudação, que é pronunciada por Jerônimo, que diz: “Vá com os podêres da sorte!” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 11). Portanto, “a visão trágica, sustenta-se, especificamente, sobre o combate. O que devemos questionar e tentar responder é, se a *justa* (o conflito edificado na trama narrativa), por si só, é trágica? E se não é como se torna trágica?”

Acentuemos mais um fato de *Memórias de Lázaro*.

Na primeira parte do livro, Alexandre, decide conversar com Chico Viegas sobre o destino de Rosália tramado através de um acordo entre Canuto e Felício Santana. Do filho de Canuto obtém garantias acerca da sua “boa” intenção, a saber, de unir-se em matrimônio com Rosália, contrariando o acordo efetuado entre os progenitores, o que no vale significa apoderar-se de, visto já estar a moça prometida a Chico Viegas.

Em seguida, após receber aval do noivo, decide conversar, também com o pai da moça, Felício, sobre o seu casamento com Rosália. Neste episódio, em função da negativa paterna de romper o acordo (pré)estabelecido acontece uma briga entre eles e, em esse momento que Adonias Filho introduz o parricídio: “Rosália, inquieta e desfigurada, tinha a faca ensangüentada na mão” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 36), ou seja, Rosália matou seu pai.

Esse fato é importante, porque alguns escritores fazem uso dele, para dizer que existem traços trágicos na obra *Memórias de Lázaro*. Muitos equívocos foram consumados por conta dessa interpretação. No entanto, esse fato não é prova suficiente, pois podemos notar nesse ato, não uma ação inusitada, como na peça trágica *Rei Édipo*, mas sim uma ação consciente, premeditada, Rosália tinha total conhecimento de que aquele era seu pai, diferente de Édipo, que descobre depois que o estranho no caminho era seu pai. Nisso os elementos da Tragédia ou mesmo do trágico requerem o reconhecimento, isto é, algo que era desconhecido torna-se conhecido, bem como, uma mudança em sentido contrário do ser e acontecer de toda a ação (peripécia)<sup>4</sup>. Alguns escritores, diriam ainda que não é nessa cena que se mostra o reconhecimento e a peripécia. Assim, vejamos as ações que aconteceram depois do parricídio.

Os irmãos de Rosália, Roberto, Fernando e Henrique, ao chegarem a casa, deparam-se com o corpo do pai morto no chão da sala. Ficou decidido, entre Rosália e Alexandre, que para os Irmãos de Rosália e para todo Vale do Ouro, quem matou Felício Santana fora Alexandre. Somente Jerônimo sabia da verdade. Ao criar essa versão dos fatos, pensava Alexandre, que Rosália estava protegida<sup>5</sup>. Mas, ocorre o contrário, Rosália está desprotegida, os irmãos podiam fazer o que quisessem, podiam expulsá-la e espancá-la, ou mesmo, entregá-la ao leproso, Gemar Quinto<sup>6</sup>, porém o que acontece é um possível incesto.

Para dizer a verdade, Alexandre, apesar de todos os esforços, não posso recordar exatamente o que aconteceu. Sei que a correia que Roberto brandia, ao invés de atingir o cachorro, alcançou-me nos seios. Eu a senti novamente no ventre e nas coxas. [...] senti nos meus braços as mãos dos irmãos. Deitada, no chão, como morta, flutuavam as mãos na obscuridade como se fossem asas. Sobre mim, alguma coisa pesava. E quando a carne se dilacerou, tão forte a dor que, recuperando os sentidos, vi a cara de Roberto unida à minha, suas coxas comprimindo as minhas. Gritei, apavorada, empurrando-o. Suas mãos, porém, dominaram-me e êle permaneceu, ofegante, o queixo na minha testa. O que houve depois, Alexandre, eu não posso dizer. Eu não sei dizer, Alexandre, porque desmaiei novamente. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 44)

Antes de comentar, se há um reconhecimento ou peripécia nessa ação, é necessário, ainda, expor outras coisas. O possível incesto aconteceu, antes de Alexandre morar com Rosália, pois ela somente iria morar com ele, depois que ele construiu a casa. As ações, citadas a seguir, são de quando os dois já moravam juntos.

Assim, é preciso saber, que desse possível incesto, temos a narrativa do produto do incesto: “E se Rosália tivesse um filho de Roberto? E se a irmã tivesse um filho do irmão?” (ADONIAS FILHO, 1970, p. 47). Alexandre preocupado com isso, não teve relações sexuais com Rosália. “E se o filho nascer?” (ADONIAS FILHO, 1970, p.60) Então: “Espere, Alexandre, espere – êle repetiu. – Mas, se o filho nascer, é preciso que você o mate, que você obrigue o pai a comer a carne como os urubus comem a carniça dos bezerros. Espere, porém, Alexandre. (ADONIAS FILHO, 1970, p.60)

Alexandre, que passara o dia todo ajudando Jerônimo nos seus afazeres, não teve tempo para esperar o filho nascer, pois antes que tal ação se desenrolasse, Rosália, que segundo a narrativa, estava doente, abatida e pálida, comete suicídio, se enforca.

Chamei, então por Rosália. [...] Quando compreendemos que ela não respondia [...] somente então Rosália me apareceu. Seus pés imóveis. Têso, o corpo. Voltado para cima, ainda impresso o espasmo da aflição, o rosto se ocultava um pouco nos cabelos que sobre ele caíam. Quase negra, visível, a língua inerte. O couro do cabresto, que erguia o corpo pelo pescoço, estava preso, em cima, na trave da cumeeira. No chão, a escada. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 71).

Com Rosália morta, e enterrada no quarto da casa, na cabeça de Alexandre, o que precisava ser feito: matar Roberto, o irmão que cometera o incesto. Entretanto, na procura de sua vingança, uma segunda versão da história vem à tona com Roberto, história essa que cria certa ambiguidade acerca da figura de Rosália.

Na versão de Roberto, Rosália não cometera suicídio, ele a matou porque ela era uma pessoa perversa, capaz tudo, até de ter relações sexuais com o leproso, para assim transmitir lepra a todo Vale do Ouro, não estava grávida, mas fingia.

Ela chamava o leproso, os braços abertos. Não me contendo a mim mesmo, entrei no quarto, gritando. [...] Eu gritei novamente, como um doído. O leproso recuou, arrastando-se, e deixou a casa. Ficamos sós, eu e Rosália. [...] indaguei: “Mas por que você atraiu Gemar Quinto?” Puxou a saia, mostrando as coxas, antes de responder. Naquele instante, apesar de não duvidar ser ela minha irmã, eu soube que Rosália não era uma mulher. [...] E suas palavras vieram, firmes [...] Ele pensa que estou grávida, êle, Alexandre. Pensa que o filho é seu Roberto. Eu mesma me violentei, rasguei a minha própria carne com as unhas. [...] ‘Quer saber então por que chamei Gemar Quinto! Quer saber? Pois Saiba! Queria a sua doença, queria a sua lepra para transmitir a Alexandre, Jerônimo, queria ver o vale terminar assim, inchado, podre, aos pedaços’. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 101).

Ao ouvir a versão de Roberto, os fatos deveriam ser confirmados, quem estaria falando a verdade, Rosália ou seu irmão? Portanto,

o romance continua, e a única coisa a se fazer: verificar se havia ou não o produto do incesto, violar o túmulo, procurar no ventre da morta o testemunho físico da verdade. Entretanto, não há como saber qual a versão verdadeira, pois segundo a narrativa de Alexandre, o corpo já estava em total putrefação.

E só então compreendi que tudo seria inútil. Muito tarde, em verdade. O corpo parecera ter explodido quando o peso da terra se desfizera, órgãos e barro se confundindo, apenas o calor e a podridão denunciando a carne já sem sangue e sem forma. [...] Impossível encontrar-se, ali dentro, o testemunho da verdade. (ADONIAS FILHO, 1970, p. 106).

Dessa maneira, diante da indeterminação da prova, Alexandre, na sua desmedida, prefere acreditar na versão de Rosália, matando assim, Roberto. Pois bem, feito essas considerações, podemos voltar e comentar sobre a questão do reconhecimento e da peripécia.

Observamos em todos os fatos narrados, desde o momento que Alexandre acredita que Rosália ficaria protegida se ele assumisse a morte de Felício Santana até a morte de Roberto, certa peripécia, isto é, há sempre um mudança de ação. No entanto, essa mudança não é em sentido contrário ao ser ou acontecer de determinada ação, uma vez que não há o reconhecimento. Isso acontece, porque, para Aristóteles, a ação trágica, na Tragédia, se desvela através do reconhecimento juntamente com a peripécia, porque o reconhecimento com peripécia suscitará temor e piedade, e nós mostramos que o trágico é imitação de ações que despertam tais sentimentos<sup>1</sup>. Porém tal ação não acontece em *Memórias de Lázaro*, porque no final da ação não temos como saber (passar do desconhecido ao conhecido), se existia ou não um produto de incesto no ventre da morta, ação essa que mudaria todo romance.

### 3 Conclusão

Para que se obtenha, o sentimento esperado de uma situação trágica, não basta somente utilizar casos de incestos, parricídios e fratricídios, achando que com esses elementos o trágico já estaria presente. Como vimos, o efeito trágico, nos moldes aristotélicos,

necessita de um personagem que seja o exemplo a ser imitado, que não delibera suas ações porque é vil e selvagem, é preciso também, que na atmosfera trágica tenha a peripécia juntamente com o reconhecimento, que pode cominar ou não em morte, no patético (catástrofe), sendo assim, um mito complexo.

Desse modo, uma peça trágica, precisa tratar do extraordinário, da apresentação do inapresentável, necessita despertar em nós os sentimentos de temor e piedade, sem esses sentimentos, uma obra ou romance seriam apenas espetáculos monstruosos. Posto o problema dessa forma, indicamos *Memórias de Lázaro* como um livro que trata apenas do monstruoso, não há nenhuma ação que desperte no espectador temor ou compaixão, em todo momento, a obra adoniana, causa repulsa, tal acontece, porque *Memórias de Lázaro*, trata do ordinário, ou seja, os casos de incesto, de parricídio, etc., são desvelados de modo comum, simplório, algo costumeiro, sem elevação, instintivo. Os personagens adonianos, na obra em questão, são nefandos, horrendos, selvagens, assassinos, isto é, não são modelos a serem seguidos, não são heróis trágicos, mas são inferiores, monstros, logo produzem apenas espetáculo monstruoso.

## Notas

1 Trabalho orientado por Roberto Sávio Rosa - Docente do curso de Filosofia DFCH/UESC. E-mail: savio@uesc.br

2 Ver *Poética*, capítulo II, 1448 a.

3 Ver *Poética*, capítulo VI, 1450 a 16.

4 Ver *Poética*, capítulo, VI, 1449 b 24.

5 Ver *Poética*, capítulo XIII, 1453 a.

6 Compreendemos que a atmosfera trágica se configura na contradição, no paradoxo, a saber, no seu caráter voluntário/involuntário, isto é, na ação voluntária de fugir do próprio destino, Édipo, de maneira involuntária, andou ao seu encontro.

7 Ver *Poética*, capítulo XIII, 1453 a 1-7. Conferir também, *Ética a Nicômaco*, Livro III, 1 e Livro V, 8.

8 Ver *Poética*, capítulo XIV, 1453 b.

9 Ver Giacoia Junior. **Sobre técnica e humanismo**. Cadernos IHU Idéias, ano 2, nº 20, 2004.

10 Ver mais sobre assunto *physis e nomos* em: Werner Jaeger, *Paideia: a formação do homem grego*.

11 Conferir *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 32.

12 Ver *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 20.

13 Ver *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 38.

14 Ver *Poética*, capítulo XIII, 1453 a.

- 15 Ver *Ética a Nicômaco*, 1135 a 5-10.
- 16 Conferir *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 62-63.
- 17 Conferir *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 154.
- 18 Roberto Sávio Rosa, texto inédito, não publicado.
- 19 Ver *Poética*, capítulos X e XI.
- 20 Ver *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 37.
- 21 Ver *Memórias de Lázaro*, 1970, p. 44.
- 22 Ver *Poética*, capítulo XI.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADONIAS FILHO. **Memórias de Lázaro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. 14. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A.

\_\_\_\_\_. *Arte Poética*. In: **A Poética Clássica: Aristóteles, Horácio, Longino**. Trad. Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

\_\_\_\_\_. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. 7ª ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Valladro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ASSIS BRASIL. **Adonias Filho**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1969.

BIBLIA SAGRADA. Trad. Euclides Martins Balancin; Ivo Storniolo; José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 2004.

DE MENEZES E SILVA, Christiani Margareth. **Sobre o Prazer da Tragédia em Aristóteles**. Anais de Filosofia Clássica, vol. 3, n. 6, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mimese, pintura e poesia na Poética aristotélica**. Dois Pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 11, n. 1, p.11-38, abril, 2014.

GIACOIA JUNIOR. **Sobre técnica e humanismo**. Cadernos IHU Idéias, ano 2, nº 20, 2004.



GOBRY, Ivan. Vocabulário Grego da Filosofia. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

HIRATA, Filomena Yoshie. **A Hamartía Aristotélica e a Tragédia Grega**. In: Rio de Janeiro: Anais de Filosofia Clássica, Vol. 2 nº 3, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Édipo de Knox**. In: São Paulo: Revista USP, v. 58, n.junho/agos, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Introdução À Tragédia De Sófocles**. Trad. Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA, Maria Efigênia Ferreira da Silva. **O Traço Trágico na obra de Adonias Filho**. Ilhéus: Uesc, 2001(monografia).

ROSA, Roberto Sávio. Imprecações Cotidianas: sobre a Neurastenia do Trágico. In: **Cadernos de Ciências Humanas: Especiaria**. V.9, n.16 (jul/dez.2006). Ilhéus: Editus, 2006, p. 467 -487.

SÓFOCLES. **Tragédias do Ciclo Tebano: Rei Édipo, Édipo em Colono e Antígona**. Trad. Padre Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1957.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Geir Campos. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Édipo em Colono**. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.

\_\_\_\_\_. **Antígona**. Trad. Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

## A inserção poética do quimbundo no romance *Luanda Beira Bahia*

**Olivia Barradas**

Professora de Teoria literária, de Literatura comparada e de Semiótica na UFRJ

Membro do PEN Clube, da UBE e da Academia Nacional de Letras e Artes

E-mail: olle@uol.com.br

Recebido em: 07/08 /2015.

Aprovado em: 16/10/2015.

**Resumo:** Neste texto dois eixos se interligam: mostrar a importância da participação do escritor Adonias Filho no Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa, em Moçambique, o que lhe permitiu coletar vocábulos do quimbundo, por ele utilizados na produção do romance *Luanda Beira Bahia* –, prestigiando, assim, uma língua banto falada nas então colônias Angola (em Luanda e Malange) e Moçambique; para melhor compreensão do romance apresentação de um glossário com a tradução dos termos do quimbundo inseridos pelo referido autor, na obra em questão; uma história de amor incestuoso.

**Palavras-chave:** Adonias Filho. *Luanda Beira Bahia*. Quimbundo. Incesto.

### The poetic insertion of Kimbundu in the novel *Luanda Beira Bahia*

**Abstract:** In this text, two axes are interlinked: showing the importance of the participation of the writer Adonias Filho in the congress of the communities of Portuguese culture in Mozambique, which allowed him to collect words from Kimbundu, which he used in the production of the novel *Luanda Beira Bahia* –, thus praising a Bantu language spoken in the then colonies of Angola (in Luanda and Malange) and Mozambique; better understanding of the novel presentation of a glossary with the translation of the terms of Kimbundu inserted by the author in the work in question; a story of incestuous love.

**Keywords:** Adonias Filho. *Luanda Beira Bahia*. Kimbundu. Incest.

## 1 Introdução

Justa e louvável é a organização deste congresso comemorativo do centenário do escritor, jornalista, romancista, ensaísta, crítico literário, tradutor e dramaturgo Adonias Filho. (1915-1990). Aproveitamos o ensejo para agradecer ao Prof. Fernando José Reis de Oliveira que soube organizá-lo, com competência, envidando todos os esforços e vencendo todos os obstáculos e dificuldades. o convite para dele participar. A fim de homenagear o escritor baiano, propomos uma releitura do romance *Luanda, Beira e Bahia*, obra-prima da Literatura Brasileira, inspirada na viagem que o autor empreendeu a Angola e a Moçambique, a convite do Prof. Adriano Moreira, ex-Ministro de Ultramar, fundador e Presidente da União das Comunidades de Cultura Portuguesa, entidade não-oficial, para participar do II Congresso das aludidas Comunidades, de 13 a 23 de julho de 1967.

Foram também convidados para o referido congresso cerca de 88 renomados intelectuais brasileiros, parlamentares, jornalistas, homens de negócios, banqueiros, os professores da USP, Antônio Augusto Soares Amora e Eurípedes Simões de Paula, além de professores da PUC/São Paulo, da UFRJ, Celso Cunha e membros da Academia Brasileira de Letras, Adonias Filho, Pedro Calmon, Josué Montello, Viana Moog, Estiveram também presentes Ovídio Gouveia da Cunha, Deputado Cunha Bueno e as Sras Condessa Pereira Carneiro e Lucy Bloch

As únicas remanescentes deste Congresso, residentes no Rio de Janeiro, a Sra. Ângela Cunha e sua filha Ângela Maria Cunha da Motta Telles, como assistentes do aludido Congresso, relataram-nos fatos sobre o Congresso realizado no luxuoso navio Príncipe Perfeito. Nessa viagem, Adonias Filho atravessou os mares do Oceano Atlântico e do Índico, voando do Rio de Janeiro a Luanda, cidade portuária e, atualmente, capital de Angola, tendo ido também à cidade de Lourenço Marques, hoje, Maputo (Moçambique) – onde foi instalado o II Congresso (flutuante) das Comunidades de Cultura Portuguesa, – além da Cidade de Beira e à Ilha de Moçambique. Aproveitou a ocasião para registrar 30 vocábulos do quimbundo, topônimos, substantivos próprios e comuns africanos da linguagem oral das comunidades visitadas ao identificar as afinidades raciais

e culturais daqueles povos lusófonos para posterior produção e, ao mesmo tempo, registrou dados documentais da vida daqueles povos. Dessa fértil coleta, de volta ao Brasil, o referido escritor produziu um dos mais significativos romances, *Luanda Beira Bahia*. Tal romance oferece várias possibilidades de exegeses. Além da engenhosa estruturação da narrativa e da poeticidade da linguagem, desvela horizontes para o criativo encontro entre povos irmãos “[...] separados de nós por grandes distâncias físicas, porém próximos de nós pelas formas de cultura.” (FREYRE, 1959).

Foi, pois, o conhecimento empírico auferido da realidade, auferido através dessa visita que lhe despertou o interesse para construir essa narrativa: é a vida dando subsídios à criação. Aliás, esta é a tese central da sua ficção, conforme já explicitara no livro de crítica *O romance de 30* onde ele diz que sua literatura se serve de uma espécie de documento, a fim de colaborar na compreensão do país e de sua gente. Como já comenta Adonias a respeito da sua concepção de romance: “A obra de um intelectual tem sempre um pé na realidade. Mas a imaginação do escritor a transfigura. [...] Em verdade, trata-se da mimese aristotélica em que à realidade é acrescentada a imaginação criadora.” (PÓLVORA, 1990).

Ao renovar a tradição, a obra em foco, à semelhança de uma literatura de viagem tema recorrente nas Literaturas Portuguesa e Brasileira constitui também uma expressão romanesca tendo o mar como leit-motiv articulador. De fato, de posse de tal instrumental linguístico, com ele construiu o romance *Luanda Beira Bahia* (1971). Introduziu-o, adequadamente, na estrutura da obra, como se fosse uma continuação, sem choques nem estranhamentos dos falares daqueles territórios distantes, e, antes, paradoxalmente, tão próximos do universo baiano. Com esses termos não encontrados em dicionários de língua portuguesa publicados no Brasil, ampliou-se o vocabulário do português utilizado em textos da nossa Literatura. Por conseguinte, o romance em foco foi tecido de maneira criativa e pode ser considerado um espaço textual de afrontamento de linguagens, ou seja, uma fraterna interlocução, entre culturas e etnias, engendrando uma escrita inaugural, além da engenhosa estruturação.

Na verdade, toda a obra deste consagrado autor baiano monta um amplo painel de brasilidade, painel que, no entanto, se vai abrindo para a amplidão do universal. Após a Trilogia do cacau *Servos da morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952) e *Corpo vivo* (1962)

onde a ação se passa na zona do cacau, região do sul da Bahia, e *O forte* (1965) situado em Salvador, Adonias amplia, na obra em estudo, os limites do espaço romanesco e desloca o foco narrativo para a vida à beira-mar, interligando o Brasil (Ilhéus e Salvador) à África (Luanda e Moçambique).

Antecipando, na Literatura Brasileira, o atual olhar de múltiplas perspectivas supranacionais, Adonias Filho articulou a efabulação de *Luanda Beira Bahia* fora do eurocentrismo. Já na década de 70, propôs uma poética oriunda de outras fronteiras. Assim, assumiu o fluxo da diversidade, a memória ancestral daqueles povos marcados pelo colonialismo cultural. No aludido romance, Adonias traz à luz a atmosfera híbrida de etnias, ao empreender, ao mesmo tempo, a circulação e a coexistência de três horizontes em rica interação, sem priorizar um espaço geográfico em detrimento do outro.

Desse modo, o romance demonstra a visão cosmopolita do autor fora dos signos coloniais e dos paradigmas metropolitanos luso-brasileiros. Em síntese, ele poetizou o diverso, valorizando culturas à margem, através de novos atores. No entanto, na comunicação que ora propomos neste Congresso, que consiste em apresentar um glossário de vocábulos do quimbundo utilizados por Adonias acreditando com isso possibilitar melhor compreensão do romance, direcionaremos o enfoque para o plano linguístico, cerne, aqui, do nosso propósito.

Em Angola, mais de 2/3 da população têm como língua materna uma das línguas bantos, o que significa tratar-se de um país plurilíngue. Nos casos de êxodo rural para maiores centros, no interior das famílias, porém, tais línguas de origem são faladas ainda numa segunda geração, (SÃO VICENTE. s/d) presença simultânea do idioma português com essas línguas locais, oriundas do banto, promoveu alterações nos níveis lexical, morfológico e sintático. Tal fenômeno de alternância de códigos com a introdução de termos e expressões, e até mesmo em virtude dos mecanismos gramaticais da língua oficial, é verificado nas línguas quimbundo, quicongo e umbundo na cidade de Luanda, \_local em que se passa parte do mencionado romance, assim como ocorre em Benguela. Huambo e outras localidades. Os aludidos 2/3 da população angolana falantes das línguas bantos tiveram acesso à escola, na qual o português é ensinado como norma padrão europeia. Assim o português é utilizado tanto para a comunicação oral como para a escrita, inclusive

em textos oficiais. No confronto de duas línguas, o aparente predomínio de uma delas é, em princípio, possibilitado pela supremacia sociocultural ou pela superioridade numérica, o que é, no entanto, motivo de polêmica.

Em determinado momento histórico, o idioma pode ser o símbolo e a defesa da unidade do grupo. Sabe-se que as marcas raciais são hereditárias, enquanto a língua, o português, por exemplo, pode ser falada por mais de um povo, assim como um povo, é o caso do suíço, pode expressar-se por intermédio de mais de um idioma. Portanto é necessário, antes de examinarmos a questão dos vocábulos do quimbundo, que tracemos uma panorâmica da situação da língua em Angola e do contexto social daquele povo.

A colonização portuguesa em Angola durou quase 500 anos: de 1482 a 1975, incluindo nesse período 14 anos de luta de libertação nacional, de 1961 a 1975. Após o período de descolonização na África, questionou-se a continuidade da língua metropolitana. Surge, então, uma língua literária de Angola já nação, catalisando marcas nacionais, fundamento importante para o seu desenvolvimento econômico, político e cultural. O português é a língua oficial em Angola falada pela maioria da população. Em Angola, as principais línguas nacionais são: o umbundo, quimcongô, fiote, tchokwe, n'ganguela e qunhama. Outras línguas não-oficiais e bastante faladas são de origem banto, além das mencionadas quimbundo e quicongo, também o ovimbundo, o lunda, ganguela, leitchaze e ovampo. O bochimano e todos os dialetos daí provenientes são falados no sul, por uma pequeníssima minoria, junto ao rio Cunene. Tramitou em Angola a discussão de um projeto de integração das línguas nativas no sistema de ensino nacional, segundo informação do vice-cônsul daquele País no Rio de Janeiro, Dr. João Diogo Fortunato.

É consabido que a língua constitui um dos fatores responsáveis para formar uma nação e funciona como veículo de transmissão dos valores culturais. Angola, ainda cenário de várias etnias que se expressam por meio de múltiplos idiomas, continua uma só nação. O idioma português devido à sua maior penetração no território angolano, contribuiu para integrar o País internamente, para minimizar divergências étnicas e para unificar e promover a libertação dos povos conquistados. Para falas no rádio e cartazes de propaganda em prol da sua vitória política, foi decidido a utilização do português e não das línguas e dialetos nativos. Contudo, as línguas bantos de

Angola permanecem localizadas regionalmente.

O umbundo representa um grupo linguístico que congrega diversas comunidades étnicas, tais como: os huambos, os bienes, os bailundos, e outros. No caso dessas diferenças dialetais serem fortemente marcadas só uma língua literária possibilitaria a compreensão e o intercâmbio entre os diversos segmentos do povo. A maior parte dos falantes do português encontra-se nas cidades maiores e em seus arredores, ocupando as províncias de Luanda, Huambo, complexo sociocultural ovimbundo considerado como o majoritário de Angola, Benguela, Malanje habitada por diversos grupos etnolinguísticos de sociedades ditas primitivas tais como quimbundo, bengalas, bendos, songos e gingas, ao norte. Outros grupos Porto Amboim e Quibala, citados em *Luanda Beira Bahia*, Namibe, Huila. Cuando, Cubango, essas duas terras “coutadas”, isto é, reservadas para gado, equinos e bovinos e onde a caça é proibida, Bié e Moxico, capital Luena cujos vasos são também mencionados no romance, reflete-se em outras províncias, tais como: Bengo, Cuanza Norte e Lundas. Paradoxalmente, o Português, levado pelos colonizadores para a África, transformou-se na língua oficial, exercendo um papel importante na libertação de Angola, por articular-se como fator de unidade nacional. 42% da população com idade de 15 anos ou superior sabem ler e escrever.

Quanto à literatura angolana sob forma escrita, ela se consolida apenas no século XIX, e, como literatura oral, é bem mais antiga, origina-se nos primórdios da própria comunicação humana.

Quanto ao romance *Luanda Beira Bahia*, o escritor Adonias Filho, ao recolher para sua obra termos ouvidos em Angola e em Moçambique, promoveu, com eficaz mestria, a passagem da oralidade à forma escrita, de uma língua banto para o seio da língua portuguesa, alargando, assim, os limites desta. O aludido romancista, assim procedendo, estabelece liames entre a Literatura Brasileira e a Angolana. Nesta última há escritores que preferem expressar-se em Português sem alterações da norma europeia, promovendo a inserção de termos percebidos no discurso dos falantes. Na verdade, a língua, como sistema, é a mesma em todo o mundo lusófono com naturais variações de norma e de uso, situadas apenas no espaço da *parole* (ato de fala).

Assim, conforme já se afirmou, no romance *Luanda Beira Bahia*, a inserção dos vocábulos africanos da família banto promoveu um enriquecimento na Literatura Brasileira, não provocando, contudo,

alterações radicais na estrutura linguística, nem nas formas gramaticais de nosso idioma. A significação dos vocábulos que apresentamos adiante foi encontrada em *Falares africanos na Bahia* de Yeda Pessoa de Castro, assim como no glossário da *Antologia de contos* de Oscar Ribas intitulada *Misoso (Lendas e contos infantis)*, na Casa de Angola, em Salvador e no *Dicionário do quimbundo Português*, on-line. Também recolhemos pertinentes informações acerca da atualidade semântica dos referidos vocábulos com o Dr. João Vítor Fortunato, Vice-Cônsul de Angola, no Rio de Janeiro, na época da 1ª versão deste texto.

Antes de passarmos ao estudo dos vocábulos do quimbundo utilizados por Adonias filho, faremos uma apresentação panorâmica do romance. Já o título sonoro, poético, ritmado de *Luanda Beira Bahia* congrega por meio de três topônimos, dois continentes, três cidades do mundo lusófono, roteiro daquela viagem de Adonias Filho, no nível do real, que o inspirou a criar através da ficção recriando, através da ficção, a história dos personagens João Joanes que, na África passou a se chamar Vicar e Caúla, seu filho, em consequentes idas e vindas deste, da Bahia para Beira e para Luanda e de lá para o início do périplo, Ilhéus, impelidos os dois, pela atração do mar e pelo fatalismo, a viver uma trágica história de amor.

Uma segunda leitura do título se nos fixarmos no nível semântico seria: Luanda beira (do verbo beirar) Bahia, por suas semelhanças, reportando-nos àquela teoria de que, em tempos ancestrais, o Brasil se desprende da África, haja vista o recorte das duas costas de Angola e do Brasil que se encaixam. A colocação dos três topônimos *Luanda Beira Bahia*, no mesmo nível, remete a três povos presentes no romance ilustrando, portanto, a equivalência das raças, a idêntica sensibilidade entre nações bem como a cordialidade entre os povos lusófonos brasileiro e africano, assim, já se depreendem do próprio título do livro, índices relevantes para esta chave de abordagem. Os três territórios — *Luanda Beira Bahia* — estão significativamente colocados emparelhados, em sinal de igualdade — uma das características do Multiculturalismo, o que é expressivo e comprova o caráter não discriminativo do autor em face de outras manifestações étnico-culturais. Há ainda outro aspecto a ser lido no título, sintomático para a confirmação do que se deseja desenvolver: Luanda e Beira antecedem à menção à Bahia, sendo esta a síntese dos dois, tornando-se elemento congregador, com a narrativa iniciada em Ilhéus e terminada circularmente no mesmo local.



Através destes detalhes, aparentemente casuais para um leitor desavisado, embora relevantes para a proposta desta análise, nota-se que o autor com tais artifícios subliminares firma um compromisso valorativo com aquelas localidades, distantes, mas próximas pelos laços da língua e costumes. É importante que se diga que à época em que a mencionada obra foi publicada, no início da década de 70, os dois territórios africanos não se encontravam politicamente emancipados.

A independência de Angola e de Moçambique só se concretizou em 1975. O fato de o romancista haver inserido poética e democraticamente em seu romance vocábulos do quimbundo, do falar local, durante o período colonial, revela nítida intenção de prestigiar a oralidade e a cultura popular daqueles futuros países africanos. É justamente por intermédio de um membro da Academia Brasileira de Letras. Vinda da “cultura letrada,” e em um momento no qual o eurocentrismo dominava as instâncias do saber, a inserção de tais vocábulos, estranhos à oficial língua portuguesa falada no Brasil, ganha muito mais força. Isento de preconceitos e hierarquias, já a partir da harmônica configuração do próprio título, Adonias Filho conferiu prestígio literário àquela língua africana, o quimbundo, uma das línguas banto. É a criação artística, navegando entre paragens longínquas para de lá trazer o húmum linguístico e étnico, a fim de fecundar o português.

Pelo respeito à diversidade com a interativa interlocução entre falares e visões de mundos diferentes, mais uma vez, comprova-se que *Luanda Beira Bahia* é uma obra original. Inovadora, traz marcas da Modernidade ao interagir naquele espaço circulante do “entre-dois” a que se refere Roland Barthes, ao longo de sua obra, *De fato*, em várias instâncias, o dialogismo cultural do “entre-dois” dá-se a ler em *Luanda Beira Bahia*. E o romancista o fez de modo consciente, pois, em que pese ter sido convidado pela União das Comunidades de Cultura Portuguesa, posicionou-se e transgrediu os limites linguísticos do idioma oficial da Metrópole, ao inserir vocábulos do quimbundo, ao interligar os três continentes – Brasil, Europa e África – e o passado ao futuro.

## 2 Resumo de *Luanda Beira Bahia*

O romance se constitui das múltiplas peripécias, apresentadas por meio de *flashes-back* que constroem a trama, configurada por um ir-e-vir, aglutinando tempos e espaços que se cruzam, se gestam e se completam. Isso exige que primeiro se faça, sucintamente, um resumo da história dos personagens, para compreensão do romance como um todo. No primeiro percurso da narrativa, o arrojado marinheiro João Joanes deixa, em Ilhéus, Morena, sua mulher, com seu filho Caúla, sob a guarda de seu amigo Pé-de-Vento, e parte para Salvador, com a promessa de voltar. Tal como Penélope à espera de Ulisses, cansada de procurá-lo e aguardá-lo durante dez anos, ela morre. Antes, tentando evitar a ida de Caúla garoto, também para o mar, partida similar à do pai, sua mãe colocara o menino para trabalhar de sapateiro. Após a morte de Morena, sua mãe, ele decide ir para Salvador. Lá, vem a saber que seu pai, João Joanes, sofrera uma traição, sendo envolvido com o tráfico de diamantes, por terem colocado um saco desse material precioso em sua bagagem. Receoso de a polícia vir a prendê-lo, sentiu-se obrigado a fugir para a África, passando por percalços até Luanda, onde, mudando de nome para Vicar, conheceu Corina Mulele, com quem tem uma filha, Iuta. De novo, o marinheiro desaparece, como fizera, em Ilhéus. A mulher morre de febre.

Em um núcleo narrativo paralelo, em Salvador, com Conceição do Carmo, neta da mãe Filomena, tem sua iniciação sexual e por ela se apaixona. Ao retornar de Ilhéus flagra a traição da mulher. Desesperado, tomado por paixão, decide ir para mais longe no Bailundo, cargueiro de nome banto, que trafegava para a África. Parte em busca do pai, análogo a Telêmaco, filho de Ulisses. Em Beira, ama Maria do Mar liricamente banhados pelas águas do oceano.

Em Luanda, encontra Iuta, com quem tem afinidade, e desta união ela engravida. Voltando para Ilhéus, ao chegar à sua casa com Iuta, encontram João Joanes que, em Luanda mudara o nome para Vicar. Os jovens descobrem ser aquele homem, o pai de ambos. Diante do amor incestuoso dos próprios filhos, João Joanes/Vicar atira neles e também se mata. Pé-de-Vento, seu fiel amigo desde os primeiros tempos, é chamado e corta a jindiba, árvore testemunha da vida da infausta família e dela fez três caixões.

Constata-se logo nessa história uma projeção do Brasil sobre a África lusófona, na medida em que os personagens da fábula, João Joanes e, posteriormente seu filho Caúla, empreendem viagem iniciada na Bahia, — de Ilhéus a Salvador — deslocando-se, em seguida, para Moçambique e Angola. Vários territórios de culturas — distintas, porém de influência lusitana — interagem na configuração de um contexto, no qual a diversidade se congemma no universo de língua portuguesa.

No Português falado no Brasil, há varias vocábulos oriundas do banto: moleca, quilombo, senzala, mucama, molambo, esmolambado, esmolambento, dendê, dendezeiro e muitas outras. Em alguns casos, a palavra banto passou a ser mais usada do que a portuguesa: Cochilar em vez de dormir, carimbo em vez de sinete, moringa por bilha, corcunda por gimba, caçula por benjamim. E mais outros vocábulos poderão ser acrescentados.

Assim, no romance *Luanda Beira Bahia*, a inserção poética dos vocábulos do quimbundo, promoveu um enriquecimento na Literatura Brasileira, não provocando, contudo, alterações radicais na estrutura linguística, nem das formas gramaticais de nosso idioma. Tais vocábulos, porém, não se presentificam em todos os dicionários da língua portuguesa publicados no Brasil.

Após tais considerações, apreciemos, agora, através da leitura, os trechos em que Adonias emprega uma série de vocábulos do quimbundo, que conferiram originalidade à língua utilizada no romance *Luanda Beira Bahia*, movendo-se com eficácia poética na interligação de duas literaturas lusófonas. A seguir, apresentamos, em ordem alfabética, os vocábulos do quimbundo. Os números remetem às páginas da edição de Glossário do Quimbundo:

**Bendos:** Instrumentos musicais

**Cabinda** (banto): Região quicongo do Noroeste de Angola de fala fiote

Os vasos cabindas e luenas, cabeças deformadas de sobas como tampas adquiriram vida. (p. 157).

**Cacimbo:** nevoeiro, garoa, sereno, relento. Dança popular, em Umbundo. Segundo Oscar Ribas. *Misoso. Literatura tradicional angolana*. 1º vol. 1979, cacimbo significa estação de frio, caracterizada por densos nevoeiros mormente de noite, no inverno tropical (de 15 de maio a 15 de agosto).

Mesmo no cacimbo quando o orvalho esfriava as noites, ele não

cortava as andanças. (p. 123).

**Embondeiros ou imbondeiros:** essência. Esta árvore, também denominada [...] baobabe é de grande porte, mesmo a maior dentre os vegetais, tendo, por isso, recebido o epíteto de gigante da selva.

Deitam-se muitas vezes na terra e dormem debaixo dos embondeiros parte da noite com o mormaço e o silêncio. (p. 51)

**Euê:** Saudação a Ossaim. Segundo Oscar Ribas, interjeição designativa de surpresa ridícula: Ih! Ora vejam, que coisa esquisita!.

E quanta coisa acontecera \_euê\_ Luanda como um palco, a mãe e o pai dentro dele como em um inferno (euê, menina! Os olhos morrerão um dia, mas aquelas imagens entrarão comigo no reino de Deus (p. 55).

O vento do mar, de um lado. E, de outro, o vento da selva. Era fácil distinguir os dois, euê. (p. 56)

Euê, luta foi assim. (p. 62)

Euê, que ida! [...] Euê, luta e como fazia a mãe, exclamou (p. 156)

**N' Gomas:** tambor comprido, aproximadamente de 1,50 m feito de cipó desmiolado de mafumeira adelgado em uma extremidade que fica aberta e, na outra extremidade vedado com pele de veado ou corça.

**Jimambas:** Búzios pequenos, coisas, bugigangas.

As divindades negras, à noite, enchem Luanda de mistério. Longe, de todos os lados, chegam os sons dos bendos, gomas e jimambas. (p. 155-156)

**N' Guzo:** Força, axé, vigor; força nos homens:

As quiandas, sereias que moram nas águas do mar, ajudam nessa preparação dos desejos.

**Kalulu:** caruru

Pescador daquelas bandas segura o tubarão na linha de cinco anzóis, deixa o bicho saltar na flor da água, "e um exercício que abre a fome para o kalulu e o jogo (112)

**Luando:** Espécie de esteira; Entre a camada humilde de Angola, constitui o luando econômica e prática dormida. Como objeto de simples repouso, quer para assento, quer mesmo para leito, utiliza-o toda mulher de panos. E todas essas criaturas ainda dele fazem mesa para refeições em dias solenes [...] Funciona também como colchão e proporciona bem-estar.

Fechada a barra

O luando aquecia-se no mormaço e luta ficava deitada com sua preguiça. (p. 65)

Estenda-se no luando com a preguiça a lhe fechar os olhos. (p. 67)

**Luenas:** Capital da província de Moxico

**Mafumeira:** Árvore frondosa africana, de cujo tronco se fazem pirogas e produtora de frutos que contém pelos sedosos e brancos, o kapoc (capoco)\_ semelhante ao algodão. Segundo Oscar Ribas, atinge 30ms de altura. Pela sua brandura é o caule aproveitado por escavação para o fabrico de canoas. Da penugem do fruto faz-se o recheio de colchões e almofadas.

Bonitas de ver, fora as tardes cheias de luz, eram as árvores gigantes que tinham escuridão na sombra e mafumeira se chamavam. (p. 62)

**Mulemba:** gameleiras ou figueiras brancas consideradas árvores sagradas. Segundo Oscar Ribas, atinge 25ms de altura, copa volumosa, hemisférica, muito ramificada.

Bom como um santo, muito feliz por descobrir para mim os caminhos de Angola, preso à selva como as mulembas. (p. 65)

**Mabelas:** Palmeira

As choupanas surgiram e, no gramado, entre as palmeiras mabelas, no campo esquerdo, sobressaiu uma casinha de barro escuro. (p. 139)

**Malufu:** Vinho do sumo do caju ou da seiva da matebeira, palmeira.

Corina Mulele trazia o malufu de caju, aquele vinho forte, na bandeja de pau. (p. 123)

Detinham-se, ao encontrar os bares, para beber vinho de caju, o malufu. (p. 123)

E, porque provocada sede e fome, bebem-se todos os vinhos e cervejas, malufu e quimbombo, come-se farinha de musseque com puco. (p. 156)

**Massemba:** Bailado angolano caracterizado por sembas (umbigadas)

**Musseque:** Terreno arenoso, situado fora da orla marítima em planalto. Nos antigos musseques de Angola, a vegetação que predominava era o cajueiro e a mandiqueira esta constituindo , pela indústria da farinha, a primacial fonte de vida de seus habitantes. Às vezes, mangueira e o monstruoso embondeiro.

Fogo das estrelas mais forte que a luz nos musseques. Aí, o casario anão em labirintos, plantados sem ordem como em todas as favelas, os negros ainda respiram a selva. (p. 52-53)

Conhecia muita gente, negros dos musseques e dos mercados, e para eles uma senhora de posse. (p. 65)

Mulheres se ofereciam nas portas de cabarés de onde escorriam músicas de musseque. (p. 149)

**Puco:** toupeira, rato silvestre. A sua carne é utilizada. Vendem assados.

come-se farinha do musseque com puco. (p. 156)

**Puita:** Instrumento musical feito de um tronco oco, Zabumba.

Homem diferente, os braços fortes, as mãos pesadas, a voz dura como o som de um tambor, a puita, que alegrava a aldeia nas noites de massemba. (p. 60)

As quiandas escutariam as puitas, correriam o quilombo e a uala que eram boas cervejas de milho, a cantoria até de madrugada. (p. 136)

**Quiandas:** sereias.

negras tão lindas são que as quiandas \_ as sereias de Luanda \_ estremeçam de ciúme no fundo do mar. (p. 53)

Não se pode olhar em torno \_ as praias e as ilhas \_ sem que se admita seja uma quianda o coqueiro ou a própria areia cor de leite. Tudo, em verdade, o de ser uma quianda, mesmo a torre da Fortaleza de São Miguel, mesmo o elevador de um arranha-céu, e por isso Luanda \_ do mar a Quiçamã, é uma região encantada. O povo, em línguas quimbundo e umbundo, avisa isso todos os dias. Pertence do mar como Beira e Bahia. (p. 53)

E ainda hoje, para Zuan, o menino negro que ajudava na cozinha de bordo, ele é um filho das quiandas, nascido homem [...] E possível que Zuan tenha razão, Filho, um filho das quiandas! (p. 70)

Quianda da Beira de cabelos acinzentados e olhos verdes, pelo escura de sol e sal. (p. 137)

**Quimbanda:** Exorcista, mago. Por extensão, médico, benzedeiro. Restabelece a harmonia conjugal. Concede poderes para o domínio do amor

O quimbanda é curandeiro, adivinho e benzedeira. Benzeu a aldeia e, de porta em porta, anunciou que alguém chegaria. (p. 59-60)

Os negros pareciam em festa e contentes porque o quimbanda acertara. (p. 50)

Estrelas baixas, ventos maneiros, vinhos e comidas, as divindades atuam sem medo dos quimbandas. (156)

Pequena multidão em frente e, porque havia respeito e mistério, Caúla pensou que ali morasse um quimbanda. Morasse um benzedor, adivinho, feiticeiro. (p. 139)

Quimbombo : Bebida afermentada de milho mais forte que o quitoto.

E porque provocam sede e fome, bebem-se todos os vinhos e cervejas, malufu e quimbombo, come-se farinha de musseque com pucu. (p. 139)

**Quimbundo:** Língua de Luanda do planalto central de Angola cuja área linguística se estende pelas regiões de Bengo, Malanje, e Kuanza Norte.

O povo, em línguas quimbundo e umbundo, avisa isso todos os dias. (p. 53)

Aprendera o quimbundo bastante para se entender com os negros. Foi nessa língua que se ofereceu para defender a aldeia quando, chegando, soube da invasão do leopardo. (p. 59)

**Quimengueno:** Ter relações sexuais.

Quimengueno, fraqueza nas mulheres. (p. 156)

**Quindas:** cestas regionais angolanas.

Vejo-me a descer a escadinha de bordo, assustada com o barulho do cais, Joana Dé me ajudando a carregar as quindas. (p. 64)

**Quissondes:** formigão avermelhado, de mordedura dolorosa. Indica mau presságio.

Antes que alcançasse o porto, no beco sem calçamento, vendo as quissondes em fila, empurrando Caúla, a mola preveniu. (p. 156)

Riu-se Caúla, africaninha cheia de credices, formigas anunciando desgraça, quissondes. (p. 156-157)

**Quitoto:** Resíduos de bebida afermentada de milho, mais fraca que o quimbombo.

As mãos na caneca de barro, adorava beber o quitoto, a cerveja de milho que punha alegria no coração (p. 57).

Ali estava, redonda de gordura, sentada no almofadão, a mão na caneca cheia de quitoto. (p. 58).

A mãe sentada no almofadão, bebendo o quitoto, embrutecida pela indolência. (p. 62).

**Soba:** chefe de tribo na África. Chefe de família.

a mãe não saía nunca, sempre no almofadão, negra de luxo que parecia mulher de um soba. (58). Os vasos cabindas e luenas, cabeças deformadas de sobas como tampas, adquiririam vida. (p. 157)

**Uala ou ualá:** Tecido branco que encobre e protege Oxalá em aparições públicas rituais; sonho.

O uala, a melhor cerveja de milho de Angola. (p. 59)

**Umbundo:** Uma das línguas veiculares de Angola, falada pelo povo Ovimbundo, concentrado na região do antigo reino de Benguela. (CASTRO, 347) e, segundo Oscar Ribas, na zona

meridional e central de Angola.

Xê: Designativo de chamamento

Xê, mocinha, alguma coisa? (p. 58)

Além desses substantivos comuns encontram-se registrados no romance em estudo nomes próprios tais como Andulo, Cacolo, Mavinga, Mussende, Porto Amboim, o Gabela, Maianga (antigo bairro de Luanda, na parte baixa. Designa também espíritos de caçadores e rituais de evocação de espíritos), Cajiri, o ferreiro, Capulo, o conhecedor dos caminhos, assim como os sertões de Angola: Moxixo, Huila, Malanje e, no litoral, Bengo. Praia de Mossulo, pesqueiro de Canapu, Luanda, Quibala, Benguela, Praia de Corimba, Caombo, Parque Nacional de Quicama, o Bailundo. Em Moçambique: Reserva de Gorongoza, Praia de Corimba, ruas de Malanga, Ambaça, Quicombo. Inhambane, porto de Aruanqua, povoação de Manica e Sofala, a Beira, rio Pungoé no Índico, o Estreito de Moçambique e outros mais.

Em conclusão, diríamos que os movimentos africanos libertadores desde cedo decidiram aceitar a língua portuguesa como idioma oficial para alfabetização, propaganda política, quer escrita, quer através de programas de rádio, e como língua de contacto entre etnias. Contudo o português vem sofrendo substanciais transformações nas suas varias ex-colônias. A etno-linguista Yeda Pessoa de Castro, vem estudando a influência africana no português do Brasil que se faz sentir na língua falada no âmbito sintático, semântico, lexical e prosódico. (In. "O português em contacto com as línguas africanas no Brasil". Inicialmente ela pesquisou a influência do iorubá a partir dos estudos sobre o candomblé de tradição nagô-queto da Bahia. Mais recentemente, suas pesquisas ampliaram-se, ocupando-se da relevante influência do banto na língua portuguesa. O banto oriundo do proto-banto é falado há quatro milênios, dando origem a centenas de línguas.

No Brasil, 4 a 5 milhões de africanos substituíram o trabalho dos indígenas. Bandeirantes e catequistas transmitiam o português, mas os dialetos afro-brasileiros eram falados nas senzalas, nas plantações, quilombos, minas e nas línguas de santo, na Bahia. Duas figuras que exerceram funções na sociedade da época no Brasil-colônia, interligando esses dois universos, foram a mãe-preta no âmbito da família colonial e a do negro ladino, bilíngue, muito útil nas negociações.



*Luanda Beira Bahia* apresenta-se como farto material para inúmeras outras análises. Conforme afirma o Prof. Celso Cunha (CUNHA, 1979): “O estudo científico de uma língua é fundamentalmente o estudo da cultura”. De fato, através das inserções linguísticas em *Luanda Beira Bahia* pode-se constatar a existência de uma sólida ponte entre língua e Cultura. Com efeito, este romance, estabelecendo relações entre as sociedades e etnias já se move para o campo de uma incipiente universalidade na construção de uma literatura afro-brasileira. Adonias Filho consagrado romancista brasileiro, mantendo a estrutura e norma padrão da língua portuguesa, prestigiou o falar africano local de Angola e Moçambique, além de veicular a existência desses vocábulos, muitos ainda até o presente momento desconhecidos nos dicionários de língua portuguesa.

Finalmente, concluindo, diria que, por essas razões, a nosso ver, a experiência inovadora de Adonias Filho, ao introduzir vocábulos banto, em seu romance, vai além de simples procedimento retórico, sendo, realmente, fruto de seu posicionamento sobre o papel do romance, papel esse, tão bem definido pelo autor, na seguinte afirmação:

No futuro, quando todas as paixões contemporâneas estiverem mortas, dificilmente será feito o processo de nosso tempo sem que se reveja o testemunho do romance e, inclusive, do romance brasileiro. A sua impossibilidade de crise, \_ a tão apregoada crise do romance \_ resulta mesmo dessa capacidade em absorver o mundo e a vida ao se referir a todos os problemas da criatura e da condição humana. Queiramos ou não, e mesmo quando o apregoamos em inquirição psicológica ou intimista, é fatal a penetração documentária. (ADONIAS FILHO, 1976).

## Referências

ADONIAS FILHO. **Luanda Beira Bahia**. 15 ed. Rio de Janeiro: Beryrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **Última Hora**, 25 de outubro de 1976.

CUNHA, Celso. **Política e cultura do idioma**. Rio de Janeiro: Associação de Ensino Superior São Judas Tadeu, 1979.

CUNHA, Ovídio Gouveia. **Fundamentos geopolíticos da Comunidade Lusíada**. Discurso no dia 22 de março de 1967 no Real Gabinete Português de Leitura, em sessão comemorativa do dia da solidariedade a Angola, organizada pelo Centro dos Portugueses do Ultramar.

FREYRE, Gilberto. **Uma política transnacional da cultura para o Brasil de hoje**. Conferência, 1959.

PAULA, Eurípedes Simões de. II Congresso das comunidades de cultura portuguesa. (Moçambique, 14-21 de julho de 1967). In. PÓLVORA, Hélio. Crônicas de amizade. Adonias Filho: solidão e morte. **A Tarde**. Salvador: 4 ago.1990. Caderno 2. p. 1.

SÃO VICENTE. **Angola**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, s/d.

# A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista

**Domício Proença Filho**

Presidente da Academia Brasileira de Letras  
Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Brasileira pela UFSC

Recebido em: 10/09/2015.

Aprovado em: 22/10/2015.

## 1 Introdução

*O telefone já não tocava com a mesma frequência.*

*Fazia falta sua preocupação constante com os caminhos da cultura brasileira e com o destino do Brasil, o fino humor com que ironizava as vaidades da feira literária.*

*O meu amigo Adonias, já há algum tempo recolhido à sua ilheense Fazenda Aliança, parecia começar a abdicar, discreto, de sua atuação na cena cultural. Mais notadamente depois de seu último livro, a biografia de Jean Henri Dunant, O Homem de Branco, o sofridíssimo fundador da Associação Cristã de Moços, o idealizador da Cruz Vermelha.*

*Nossas últimas conversas, bem anteriores, deixaram-me a preocupante impressão de fundo desencanto. Incomodava-o, desde muito, a inexorabilidade da velhice, a relatividade das coisas. Mas havia, no contraponto, a sua fé católica e o empenho com que se entregava à atividade literária.*

*De repente, a fatalidade do inesperado: a partida de Dona Rosita, mulher e companheira de afeto e dedicação admirada. Desmoronado pela perda, abrigou-se no silêncio de sua fazenda.*

*Não consegui mais falar com ele. Evidenciava-se, como de outras vezes, o pudor com que escondia seus momentos sofridos. Jamais o ouvi externar uma queixa, uma lamentação que fosse.*

*Respeitei-o, certo de que, diante do tempo, que tudo cura, superaria a ferida funda com que o Destino o surpreendera na caminhada.*

*A dor e a tristeza foram mais poderosas. Adonias deixou-se partir na plenitude dos seus lúcidos setenta e quatro anos. Estou certo de que com a tranquilidade dos que cremos que a morte é um ritual de passagem para o território transcendente da plenitude definitiva da Vida. Era o segundo dia de agosto. O ano, 1990.*

*Deixou a grata lembrança de sua funda amizade, rara e transparente amizade, jamais arranhada por falsas desconfianças.*

*Deixou as marcas do dinamismo de sua ação na imprensa, na direção do Serviço Nacional de Teatro, na operosidade da direção da Biblioteca Nacional, na Presidência da Associação Brasileira de Imprensa, nos mandatos sucessivos no Conselho Federal de Cultura, de que foi presidente.*

*Legou - nos, para além dos limites inexoráveis da humana travessia, a permanência da palavra fundadora de sua obra romanesca.*

*Nesta celebração do centenário de seu nascimento, sejam a minha homenagem a ele algumas breves considerações sobre a alta representatividade e a singularidade de sua obra, o seu lugar no processo da literatura brasileira.*

## **2 A ficção de Adonias Filho: para além da dimensão regionalista**

A associação entre as dimensões do real geográfico e o espaço do simbólico na narrativa brasileira contemporânea tem sido frequentemente assinalada por vários críticos.<sup>1</sup>

Considerada a especificidade que individualiza cada texto literário, situo-me entre os que entendem que tal relacionamento também se evidencia, de maneira peculiar, em *Corpo vivo*, romance de Adonias Filho.

Trata-se de narrativa que envolve uma realidade cultural caracterizada por um múltiplo dimensionamento: define-se em termos geográfico-sociais, destacados, como elementos configuradores, a paisagem baiana das terras do cacau, os pequenos e grandes fazendeiros, a família; converte-se em território mágico de mistério e medo, diluídas as demarcações da geografia e acentuado o plano do fantástico. Esse amplo espaço integra o plano da fábula (ou trama) e o plano da estruturação simbólica (ou da significação profunda).

Na superfície da fábula, o texto de Adonias se resume numa estória da saga do cacau na Bahia e no jogo de ações em conflito.

Neste sentido, a tensão básica situa-se na luta entre pequenos fazendeiros subjugáveis e outros mais poderosos, como os Bilá, que “tinham um exército no rifle” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 5), e na vingança de Cajango.

Se o romance em exame se limitasse a tais componentes fabulescos, muito perderia de sua representatividade literária. É na articulação desses elementos com o plano da estruturação simbólica que se amplia a sua dimensão, enquanto manifestação de literatura. No traçado articulador, o tratamento da linguagem.

Não nos esqueça de que o texto literário constitui uma forma de linguagem específica que tem uma língua como suporte.

A narrativa em *Corpo vivo* configura, assim, um painel alegórico, onde a geografia baiana se torna acidental, mas nem por isso menos importante, para ceder lugar ao território mítico em que a selva do Camacã se transfigura num mundo de caos, e onde se ergue a utópica montanha cósmica “que sobe para o céu” (ADONIAS FILHO, 1962, p.92).

Se o “realismo de detalhes” nos coloca numa região situada a algumas léguas de Ilhéus e se esse território se mitifica, é na “motivação baiana” associada à “motivação telúrica” que se encontra o ponto de partida, e condicionante sócio- econômica que justificará a violência e propiciará a transcendência revelada no texto. O Camacã do romance, como acontece com outros espaços ficcionais, pode ser lido como uma imensa metáfora do teatro mundo, onde o Destino comanda o espetáculo. Mas isso diz muito pouco.

A concepção mítica que se depreende de *Corpo vivo* evidencia-se num conjunto de arquétipos simbólicos onde o divino e o demoníaco caracterizam um confronto entre dois universos.

Numa visão religiosa da existência, a obra do escritor baiano deixa entrever a perspectiva dicotômica cosmos/caos e o mito do retorno às origens, tal como os explicita Mircea Eliade 2

Os acontecimentos se desenrolam num ambiente interiorano, dentro da selva. O Camacã existe e consta das enciclopédias e dos mapas: cidade e município do Estado da Bahia, zona cacauzeira, 83 metros de altitude. A geografia no romance envolve a generalização do município, da pequena cidade, dos arruados, dos pousos, do esconderijo.

A relação tempo/espaço marca distâncias, à luz do real. Mas não nos esqueçamos de que essa realidade nos chega na abstração das imagens, matéria de memória de personagens, no espaço do discurso, a partir de visões “particulares”, compromissadas com o

modo de ver desses personagens, integrada naquilo que o romance é, estreitamente relacionada com a ação em desenvolvimento.

Os espaços do real geográfico funcionam como referência, testemunho, e ponto de partida para a mitificação.

O processo mitificatório começa a insinuar-se, assinaladas as distâncias e os traços especiais que separam o Camacã do resto da paisagem: “falavam de umas terras perdidas, dez léguas para dentro, onde o diabo criava onças [...]. Era uma mata que, de tão fechada, o sol não entrava.” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 32).

O delineamento da geografia política aos poucos perde contornos; os indícios conferem novas dimensões à região: terras perdidas, de medos e perigos. Personagens do bando, por exemplo, seguem para o encontro com Cajango, furando a selva numa viagem longa fora das estradas. Seis meses de travessia, pisam afinal a terra *escura* do Camacã. Atente-se para ambiguidade presente no adjetivo grifado. Os diversos pousos localizados no romance, intimamente vinculados à terra, assemelham-se a verdadeiras estações infernais. E ainda não são o *acampamento*, cujo aparecimento vai sendo pouco a pouco preparado e que se esconde no mais fundo das brenhas.

A paisagem geográfica vai gradativamente confundindo-se com os territórios do mito.

E a selva se deixa ver como a desorganização, a impossibilidade da Vida, onde o homem, apenas um *Corpo vivo*, não assume a plenitude do seu *ser*.

A serra é o *Axis mundi*, o ponto de reencontro como o Céu, entre a Terra e o Inferno. Ali Cajango reconstruirá o mundo, restaurará o equilíbrio, reassumirá a essência humana. Neste espaço sagrado, se estabelecerá, com Malva, a mulher, única condição de viver plenamente.

Na sua movimentação dentro da narrativa, os personagens se deslocam da estrada *real*, para as estradas que aos poucos se convertem em picadas e em mata fechada, até que se atinge o “bucho do inferno”, o reino da violência e da vingança. Este o ambiente da ação central, esta a paisagem que a cada momento se aloja nos olhos rememoradores de João Caio.

O Camacã é “a selva que vinha dos princípios do mundo” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 19), é a terra rude, primitiva, estranha. Não é um mundo de realidade.

Além dele, está a serra. “Longe, nas brenhas das brenhas”

(ADONIAS FILHO, 1962, p. 131), também sem demarcações de geografia localizadora.

O processo de mitificação resulta obviamente da integração de todos os elementos que fazem o romance. Em termos de espaço de ação, entretanto, o discurso é especificamente revelador. João Caio, na página 18, esclarece: “O mundo, vocês sabem, é uma rede. As estradas se trançam, umas nas outras, como os fios da rede” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 18). Esta afirmação ganha foros de metalinguagem: Em *Corpo vivo* cruzam-se a estrada real e a estrada mítica que leva à voragem do Camacã. Se este é o inferno, a serra é a “tromba de mil voltas na arrancada para o céu (ADONIAS FILHO, 1962, p. 92). É (sic) “o caminho das almas para o céu” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 132) e para confirmar ainda mais o confronto, a região infernal é marcada de trevas e mistério: “A noite, naquela banda do Camacã, é de trevas nas trevas (ADONIAS FILHO, 1962, p. 48).

Cajango é o herói que faz o percurso do inferno em busca de vingança. Inuri o colocara “em outro ventre. E desse ventre, a terra úmida e sombria, saíra para matar e encher o mundo com o seu nome” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 27). O homem-fera, lobo do homem, mantém, no entanto, o vínculo metonímico com a sua natureza humana e primeira: “tem no peito a cruz de arame do negro Setembro” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 27). E, por força do amor, abdica da violência e de seu propósito, para se refugiar na montanha. Cajango, o homem, retorna à trilha do Paraíso.

A violência do mundo arranca-o do equilíbrio familiar e da inocência feliz junto ao negro e sua cruz. Guardado e reorientado por Inuri, desumaniza-se, fera pior que a pior fera: “Cajango. sendo o mesmo, é outro. Tornaram-se mais duros os olhos verdes, de pedra são os músculos da cara e difícil saber-se o que nele é humano além do corpo” (ADONIAS FILHO, 1962, p.40).

Mas a nova natureza que se acrescenta ao personagem não elimina as suas origens e isso é, a cada passo reiterado: “Sei que Cajango pertencia à selva como qualquer das suas feras, outra natureza dentro da sua, de povoado no mundo conhecendo apenas o Vargito” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 37). O caos adormeceu o outro no herói.

O elemento religioso é, também, a cada instante, lembrado em relação à sua figura, com a cruz totalizante frequentemente destacada: “O rosário se perdeu dentro da guerra. A cruz de arame

vive no peito nu de Cajango. A cruz de arame do negro Setembro.” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 27).

Se Cajango vai “renascer” é para atingir um novo modo de existência que se situa além do Camacã violento, no mundo utópico da serra.

A transformação por que passa o herói se dá em três etapas: a primeira, logo após o massacre da família, a segunda depois da iniciação na selva, a cargo de Inuri, a terceira, configurada com a presença de Malva. No momento primeiro, a criança se faz homem; no segundo é transformada em fera, no terceiro, retoma a sua humanidade.

Sua própria palavra indicia a grande mudança final: “É pena que só agora esteja a nascer.” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 100).

A conscientização da mudança também se clarifica:

A cruz do negro Setembro, agora, está entre os seios de Malva. Coisa de muito tempo, o negro Setembro. Ali estivesse e seria o único a compreender, a censurar padrinho Abílio que o levava para Inuri, a dizer sempre que não há sossego para o excomungado. O cerco medonho - nas estradas e nos arruados - de jagunços querendo matá-lo não existiria. Seria um homem a construir sua casa, plantar seu cacau, viver com sua mulher. Inuri, porém, sepultara-o na selva do Camacã... Armara seu braço e lhe ensinara a matar (...) Por fora a hostilidade de todos, por dentro, a hostilidade do bando (ADONIAS FILHO, 1962, p.103).

É preciso eliminar Inuri para que a paz retorne.

A mulher desagregará o bando, porá fim à violência, compensará a morte dos inocentes, fazendo cumprir-se a profecia de Hebe. Por sua causa, morrerá Inuri, para que o homem e a mulher encontrem o ninho: “Poderão viver entre os bichos da selva, nus poderão andar e a paz existirá porque outro homem e outra mulher não descobrirão o ninho” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 123).

A perspectiva é, pois, universalizante. Tanto que, no momento do amor, estão isolados e se autorrevelam: “As paredes os isolam do mundo, a porta fechada, o fogo mostrando um ao outro o homem e a mulher” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 97).

E a ambos caberá a renovação do mundo: “Cajango e a mulher



estão ali, em alguma parte, unidos os corpos que vão gerar outros homens” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 136).

À terra virgem, um homem, uma mulher; a cruz de arame no peito de Malva, uma nova existência, um mundo novo, uma nova origem. Configura-se nitidamente a dimensão mítica de retorno a um tempo edênico.

Aos elementos caracterizadores do território mítico associam-se certos desempenhos dos personagens e um ritual que envolve os quatro elementos da Natureza: a água, o fogo, a terra, o ar, todos participantes. E em nível de oralização, o mito se constrói na voz do povo e na fala dos próprios personagens, entre eles incluindo o narrador onisciente.

A água, representada pelo rio, mas sobretudo pela chuva, é presença constante na selva e se alia ao herói: “A chuva é amiga de Cajango e ainda hoje, quando chove ele se faz melhor”. “Eu penso que ele acredita que a chuva lave o sangue que pensa estar em seu corpo. O sangue de sua gente e sobre o qual se arrastou, na fuga, como um rato” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 44).

E João Caio sabe que “debaixo da chuva nem o diabo enfrentará Cajango” (ADONIAS FILHO, 1962, p.54).

Essa mesma chuva, quase uma permanência na selva, se transforma em “orvalho tranquilo nas manhãs da serra”.

O fogo, também antropomorfizado, ganha força de símbolo, quer como proteção, quer como parte de rito: “fogo não faltará para abrandar o frio” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 123). É com um facho que padrinho Abilio procura o menino Cajango nas trevas dos Limões e são quatro os fachos que emolduram o túmulo da família assassinada (ADONIAS FILHO, 1962, p. 9); um incêndio propicia o heroísmo de Dico Gaspar e é por ele vencido. O fogo é ainda denunciador; por isso, em certos momentos, “fogo não se acende” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 17). O vento o conduz frequentemente por léguas e léguas para a destruição (Cf. ADONIAS FILHO, 1962, p. 39). Mas converte-se, o mesmo fogo, em proteção para Malva e João Caio: “A labareda que desce, como a protegê-los criando a sombra” (ADONIAS FILHO, 1962, p.80). Este é o seu sentido dominante na narrativa: elemento purificador, queima os cacauzeiros, “mostra os homens” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 86) e não as feras, participa, ativo, antropomorfizado, do ritual do amor entre Malva e Cajango: antes da posse, “o fogo espera, sem extinguir-se, como alimentado

pela curiosidade” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 48) no início do ato: “Ali está a mulher. Pode estender os braços e levantá-la do chão, apertando-a para escutar o coração batendo. Fita-a, ouvindo o fogo mordendo a lenha, os olhos subindo, como tomados de vontade própria” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 57). Na posse, “deita-a, então, no chão de barro onde o fogo devora a lenha” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 99). Depois da posse, “desperta-o, todos os músculos relaxados, aquele fogo” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 99). Claro está que o agente das ações, ao lado do fogo, é o herói de cabelos de palha.

A terra, enquanto selva, remonta aos princípios do mundo. Com ela identificam-se o herói e seu preceptor Inuri, mesmo porque, “se não fosse Inuri, não existiria Cajango” (ADONIAS FILHO, 1962, p.11). Ela gera alimento, defende e abriga. É, simultaneamente, terrível e protetora. Enquanto serra, descrita da selva, é vista como um aleijão medonho, na sua condição de terra virgem; depois é tromba de mil voltas, espiralado caminho para o céu. Com ela, assim redentora, “Cajango se entenderá [...] ela o abrigando, até fazer-se esquecido, o sangue de Inuri em suas veias. As peles de suas feras vestirão a ele e à mulher, o alimento em suas caças e suas ervas, os braços se encontrando em suas árvores” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 136). Na serra, tudo se ameniza (Cf. ADONIAS FILHO, 1962, p. 65, 66, 97).

O ar, sob as vestes do vento, é bastante significativo. Sopra todo o tempo da selva. Traz a poeira do mundo, identificado com a violência e o ódio, vale dizer, coma desorganização caótica. Após o encontro entre Cajango e Malva, significativamente”, os longos cabelos de Chico das Bonecas, agora quietos, provam que não há vento” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 105).

Se “o vento traz o ar pestado para que o calor mais apodreça os cadáveres e enquanto o cerco mais se aperta” e “o vento baixo, correndo na terra, levanta lençol de poeira” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 117-8), ele para com a chegada de Malva e, detido pelas encostas da serra, não passa para as terras que abrigarão o casal. Malva é o anti-vento. A serra será “a pureza sem vento para trazer a poeira do mundo” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 66), pois ali “detido pelas encostas do outro lado, não passa” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 1).

A oralização mitificatória está presente no romance a começar da própria rememoração de João Caio. E ainda nos pronunciamentos dos demais personagens a lenda ganha corpo: “- Onde passo escuto o nome de Cajango. Seu nome enche o sul inteiro” (ADONIAS FILHO,

1962, p. 10). “É verdade que mil homens perseguem ele?” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 10) E o mesmo João Caio sabe que nos arruados “falarão de Cajango e cegos não faltarão para contar sua guerra e seu amor” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 12). É através de múltiplos relatos valorizadores que o herói é apresentado na primeira parte do livro. Cria-se um clima de expectativa, diante do enunciado. E as notícias dizem de sua infância, sua iniciação e sua assunção como vingador. O mistério o envolve na própria narrativa, onde se anuncia indiretamente o que ocorrerá, através de fragmentos que, gradualmente, se integram. Completa-se o processo com a atuação de Hebe, a sibila sertaneja, lembrando, em sua loucura e na frase cifrada de oráculo, a falta cometida, prenunciando o trágico desenlace: “- Mataram os passarinhos de Deus!” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 51). Dizimado o bando, “os pássaros, agora, voltam em liberdade” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 123).

Em síntese, e a luz nas considerações de Northrop Frye sobre literatura e mito, evidencia-se, em *Corpo vivo*, imagística caracterizadora de arquétipos simbólicos apocalípticos e demoníacos.

A serra é o cosmos, a organização, onde o homem tem possibilidade de ser em plenitude; rodeia-a a selva, o caos.

Os homens são metaforicamente identificados como um corpo social único, constituem uma representação do mundo e de sua violência.

Ao chegar à montanha, o herói retorna à condição cósmica, antes representada por sua casa, a fazenda de Januário.

Cultuado e exaltado pelos seus seguidores, temido e respeitado pelos inimigos, Cajango está preso a uma causa da ética do sertão-selva: a vingança. É preciso “lavar a honra” da família. Olho por olho, sangue por sangue. E ele rompe essa ordem de coisas, para, fiel à sua primeira natureza, reencontrar-se na montanha cósmica, espaço da utopia.

A simbologia presente no romance transcende os limites da vingança para converter-se numa caracterização profunda da destinação humana, “criaturas cercadas” (ADONIAS FILHO, 1962, p. 99), ele e a mulher. Romper o cerco só é possível reconstruindo o mundo, em outro ninho, onde no sopra o vento. Afinal, na selva, a vitória acaba sendo dos Bilá, mobilizadores da violência, que permanecem livres de punição.

Não nos esqueça a polissemia do texto literário e a articulação que

assinalamos para os planos que integram a narrativa em *Corpo vivo*.

Se lemos o romance na sua dimensão social, a atenção se concentrará na vingança. Esta se configura em nível de fábula, e a cada passo, explicitada. Caracteriza-se por uma relação imediata com as terras do cacau e a desistência do herói é frustrante, mesmo que signifique uma mudança por força do amor, solução romântica e individualizante.

Se centralizamos a atenção no espaço sociológico, evidencia-se, de imediato, ainda no plano da fábula, a luta de dois grupos sociais: os grandes proprietários do cacau e os pequenos fazendeiros, devorados pela expansão capitalista.

Em ambos os casos, estaremos surpreendendo o que o próprio romancista, ao tratar de sua obra, chama de a “representação da vida”.<sup>1</sup>

Na leitura que nos propomos e que foi minuciosamente fundamentada em tese de livre-docência aprovada em 1974,<sup>2</sup> da qual este trabalho resume algumas conclusões que acredito ainda pertinentes, buscamos depreender do romance os “infinitos caminhos da criatura humana” também lembrados pelo escritor, onde a “representação da vida” está apreciada em dimensão amplificadora.

A realidade revelada em *Corpo vivo* constrói-se, como em qualquer obra literária, num texto feito de palavras, signos linguísticos que adquirem significação específica no momento em que se integram o todo ficcional, e podem transformar-se, entre outras possibilidades, em elementos caracterizadores de arquétipos simbólicos, base de perspectiva mítica reveladora da essencialidade do homem.

Por todos esses dados, entendemos que *Corpo vivo*, sem abandonar a ambiência cultural da Bahia, evidencia traços da condição humana, a nível do telúrico e do mítico, a partir da concepção de que o homem “é apenas o ensaio, simples experiência para determinar o ser definitivo” (ADONIAS FILHO, 1946, p. 50).

A ficção de Adonias privilegia, no espaço dessa concepção, o homem-fera, na selva-selvagem da vida, a partir de situações desintegradoras, tragicizadas.

*Servos da morte*, por exemplo, gira em torno da vingança contra a violência, aliada à fatalidade de uma família dominada pela loucura e a ela condenada. A vida é impossível para aqueles servos da Indesejada das gentes que, resignados, aceitam sua condição.

*Memórias de Lázaro* reitera metonimicamente a caracterização existencial de um grupo de párias também derrotados pelo destino e pela fatalidade.

Em *O Forte*, à semelhança do que ocorre em *Corpo vivo*, retorna, em outra estruturação, a temática da reconstrução da vida em perspectiva utópica, a partir de Jairo e Tibiti, a mulher, destruído o passado e a alijada violência.

Herói trágico e sertão voltam a presentificar-se nas seis novelas de *Léguas da promessa*, ainda sob o signo da violência, do patético, da morte e de instâncias mitificatórias, o que acontece também no romance *As velhas*.

Ao fundo, nos rumos da perquirição sobre a natureza do ser humano, como únicas possibilidades de sobrevivência suportável o conformismo estoico ou, como em *Corpo vivo*, o aceno à plenitude, à luz de uma visão cristã da realidade do mundo, a valorização do amor como ponte redentora. São marcas constantes e recorrentes, na sua produção ficcional, elaborada numa linguagem originalíssima.

Ao traçar seu percurso literário, Adonias optou por destacar o absurdo da existência, em textos ficcionais que, para além dos modelos ditos “realistas”, não privilegia a realidade como matéria de literatura, mas a maneira de articular a realidade e sua representação no espaço/tempo da linguagem, que é o espaço/tempo do texto.

Assim configurada, a sua obra vai além do modernismo para inserir-se no espaço da prosa moderna na literatura brasileira.

## Notas

- 1 Cf. ANTONIO CÂNDIDO. O homem dos avessos. In: -. Tese e antítese. São Paulo, Nacional, 1964; LIMA, Luis Costa. Explorações no sertão cósmico. Cadernos da PUC, Rio de Janeiro (11): 51.86.1972.
- 2 Cf. ELIADE, M. Aspects du mythe. Paris, Gallimard, 1969, p. 171).
- 3 Cf. ADONIAS FILHO: Experiência de um romancista. Brasília, Fundação Cultural do Distrito Federal, 1973. Texto mim.
- 4 Cf. PROENÇA FILHO; D. Um romance de Adonias Filho. Uma leitura de *Corpo vivo*. Rio de Janeiro, 1974. Texto mim.

## Referências

- ADONIAS FILHO. **Corpo vivo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Experiência de um romancista**. Brasília: Fundação Cultural do Distrito Federal, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Os servos da morte**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1946.
- ANTONIO CANDIDO. **Tese e antítese**. São Paulo: Nacional, 1964.
- DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. Introduction à l'archétypologie générale. Bordas, 1969.
- ELIADE, Mircea. **Aspects du mythe**. Paris: Gallimard, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Le sacré et Le profane**. Paris: Gallimard, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Le mythe de l'éternel retour**. 9. ed. rev. et augm. Paris: Gallimard, 1969.
- FREYE, Northrop. **Anatomie de la critique**. [Anatomy of Criticism]. Paris: Gallimard, 1969.
- GALVÃO, Walnice N. **As formas do falso**. Um estudo sobre a ambiguidade no Grande sertão: veredas. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- LIMA, Luís Costa. Adonias Filho. In: COUTINHO, A. dir. **A Literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970, t.5.
- \_\_\_\_\_. Explorações no sertão cósmico. Cadernos da PUC. Rio de Janeiro, (11): 51-86. 1972,
- LITRENTO, Oliveiros. **Adonias Filho: a alegoria de um mundo selvagem**. Leitura, Rio de Janeiro, jul. 1962.
- \_\_\_\_\_. **Corpo vivo**. Jornal de Letras, Rio de Janeiro, jul 1972.
- OLINTO, Antônio. **Corpo vivo I**. O Globo, Rio de Janeiro, 27 out. 1962.
- \_\_\_\_\_. **Corpo vivo II**, O Globo. Rio de Janeiro, 29 out. 1962.
- \_\_\_\_\_. **Corpo vivo III**, O Globo, Rio de Janeiro, 3 nov. 1962

OLIVEIRA, Franklin. Astúcia e razão no romance. O sol negro I. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 jun. 1972.

OLIVEIRA. Astúcia e razão no romance. **O sol negro (III)** Correio da Manhã, 29 out. 1962.

PORTELLA, Eduardo. **Dimensões III**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

\_\_\_\_\_. **Teoria da comunicação literária**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

\_\_\_\_\_. PROENÇA FILHO, D. **Um romance de Adonias Filho**: uma leitura de *Corpo vivo*. Rio de Janeiro, 1974.

# Adonias Filho cronista: apresentação e pequena antologia<sup>1</sup>

**Marcus Mota**

Doutor em História pela Universidade de Brasília – UnB  
Coordenador do Laboratório de Dramaturgia e Imagem Dramática –  
UNB

*E-mail:* marcusmotaunb@gmail.com

Recebido em: 19/08 /2015.

Aprovado em: 15/10/2015.

## 1. Introdução

Sobre as crônicas, a sugestão de sua existência veio de Cyro de Mattos, em conversa informal durante este seminário O Literário, O Político e o Trágico em Adonias Filho, na UESC<sup>2</sup>. As crônicas foram publicadas no “ressuscitado” *Última Hora (UH)* no contexto dos anos 80 do século passado. Ou seja, não se trata do histórico jornal fundado por Samuel Wainer em 1951, que teve sucursais em diversos Estados do país<sup>3</sup>. O jornal passa para o grupo Folha da Manhã em 1971, vai adquirindo um caráter mais popularesco e mais orientado ao regime militar até que fecha sua redação em 1982<sup>4</sup>. Em 1983 reabre pelas mãos de um de seus ex-editores, Ary Carvalho. Nessa época, Adonias Filho é um dos vice-presidentes do jornal, junto com Oliveira Bastos. É neste contexto de um jornal comprometido com a ditadura que temos as crônicas de Adonias Filho.

O novo *Última Hora* tem formato limitado - primeiro caderno com 12 páginas, seguido pelo *UH Revista*, com 8 páginas, com o roteiro cultural do Rio e informações da programação da TV. Poucas matérias são assinadas e há destaque para algumas cenas de violência e crime da cidade maravilhosa. As crônicas aparecem no início primeiro caderno, junto com editoriais e matérias políticas.

Digno de lembrança é o momento de reabertura do jornal: estamos



nos anos finais da ditadura militar: em 1985 começa a Nova República. Antes, Leonel Brizola fora eleito Governador do Rio de Janeiro, em 1982. O cenário é de um entrechoque ideológico muito claro. Desse modo, Adonias Filho, já na década final de sua existência, parece, em um primeiro plano, reforçar suas convicções conservadoras, ao mesmo tempo em que cada vez mais se vê inserido nas questões advindas das mudanças recentes nas esferas da comunicação e da tecnologia. Há um debate entre mudanças necessárias no modo de se enfrentar mais rápida e eficazmente problemas da exclusão social e quais ideias que justificariam tais enfrentamentos. Mesmo que Adonias Filho se encastele em sua perspectiva idealista e distanciada destes problemas, irrompe em suas crônicas uma identificação dos impasses e quase uma crítica de sua própria geração e classe em poder dar conta das consequências da exclusão social. Por outro lado, Adonias Filho, no curto espaço da crônica - que nada mais é aqui que um discurso sobre um tema relevante - , muitas vezes consegue ser mais direto na explicitação daquilo que recusa como caminho para o país. Ou/e também para o mundo.

Prática habitual de Adonias Filho é, junto com essa perspectiva distanciada e idealista, citar diversos autores para abonar suas reflexões. Adonias trabalha com conclusões pré-dadas: parte de afirmações que vão sendo confirmadas e expandidas durante seu texto. Nesse modo apriorístico de abordagem a prática de citar autoridades na verdade se torna uma tática de explicitar o grupo de pensadores ao qual Adonias se alinha. Isso era o que ele fazia em seus outros textos anteriores de crítica literária. Nas crônicas, Adonias Filho também se vale dessa estratégia, mas amplia seu repertório de abonações: algumas vezes se vale de autores não alinhados às posturas ideológicas que defende, mas usa as palavras destes para corroborar aquilo que afirma.

Uma das grandes questões que circundam a produção ideológica de Adonias Filho é aqui novamente levantada: como se pode construir um discurso correto diante de uma realidade perversa?<sup>5</sup> Se antes o contexto era de em plena ditadura Adonias escrever sobre valores cívicos, como que desligado da realidade da representação política, agora, em na abertura, temos aquilo que se pode, por um lado chamar de coerência e por outro repetido equívoco, ao novamente defender um estado de coisas que se derrete diante da pressão dos fatos.

Ora, a denúncia do totalitarismo comunista na Rússia e em Cuba não pode olvidar da denúncia do totalitarismo local. A imagem que as crônicas passam é o de um congelamento no tempo - Adonias ontem e hoje permanece o mesmo. Porém, antes da recusa e do rótulo, é preciso ler as crônicas. Pois, mesmo que seja injustificável alguém com tanta capacidade intelectual não conseguir perceber a complexidade histórica de sua época, hoje em dia aquilo que antes seria patrimônio de um tipo de formação cultural parece estar cada vez mais diluído ou absurdamente explícito pelas novas mídias sociais.

Logo, Adonias Filho não é apenas um profeta do caos. Os tumultos dos últimos anos (2014-2015) demonstram que cisões e tensões históricas ainda não foram resolvidas. Desse modo, as crônicas comparecer como um estranho túnel do tempo, um futuro do passado, quando as ideias e as formações culturais andavam juntas e não seria impossível perceber as palavras e as ações flutuam em mundos diferentes em todas as ordens sociais.

Por isso, ler hoje aquilo que foi condenado no início dos anos 90 e depois no início do novo século e que hoje parece ter muita clarividência, é um sintoma de que nossa historicidade tem sido construída em dicotomias extremas ainda hoje. Não se trata de concluir se Adonias antes estava errado e agora está certo. A “transhistoricidade” de suas crônicas é uma ilusão: Adonias Filho dialogava com o jogo entre verdades eternas e ilusões imediatas. Sendo assim, sempre estaria certo. O que importa para nós é o transpassar de um certo incômodo diante de uma ferida que não se fechou, de um fosso cada vez maior entre a inteligência e o contexto imediato.

Dessa forma, detectar uma falha lógica no sistema, ou uma premissa equivocada em uma argumentação invalida todo o discurso? Voltando-se para o próprio Adonias, embora o viés conservador e anticomunista de muitas das crônicas seja bem evidenciado, não é surpreendente notar o quanto elas são capazes de em poucas linhas expressar ideias e posições que antes nem eram escritas, e que, muitas delas, possuem, para nosso espanto, muita razoabilidade e, pior, aplicabilidade atual.

Sendo assim, não é patrimônio de uma formação social ou de um grupo indicar ou nomear a solução e a falta quanto aos dilemas nacionais. Por mais que ainda possa ser estranho, quando se pensa, mesmo que se queira abarcar o mundo em uma ideia, o mundo não cabe nesse pensamento. E, mesmo contra a vontade, somos todos

jogados de volta, uns contra os outros, uns com os outros, Adonias e nós.

Segue-se, pois, uma pequena amostra dos textos escritos no jornal *Última Hora* entre 1983 e 1984.<sup>6</sup>

## 2 A pressão ideológica<sup>7</sup>

Jamais houve um tempo cheio de mitos agressivos e violentos como o nosso. É realmente impossível qualquer análise, em qualquer setor político, sem que um desses mitos interfira a radicalizar os processos, as posições e o próprio pensamento. E, dentre os sem-número deles, nenhum ultrapassa a ideologia que, em nosso século, se fez responsável por grandes tragédias sociais.

Foi em nosso século, aliás, que a ideologia se impôs como um agente tão atuante politicamente que acabou por identificar-se com o Estado totalitário, fascista ou comunista. Enraizada a princípio como um sistema teórico, aceito como doutrina que reivindicava colocações utópicas, Napoleão chegou a ironizá-la como de significação lírica e abstrata. Na primeira metade deste século, porém, de tal maneira passou a concretizar o seu próprio corpo doutrinário. Tornou-se o poder, pois, a dirigir e a comandar o Estado como força totalitária organizada.

Se bem olharmos, verificaremos que o terrorismo tem na ideologia uma, senão a sua principal causa. Resultado de uma sociedade cada vez mais neurótica, e precisamente porque atingiu a condição irracional que vem de forças inconscientes, é que ninguém retratou melhor o terrorista do que Dostoievski. A definição certa é a que escapa de um dos seus grandes romances: os possessos. Na associação ideologia-terrorismo muito se explica e se entende o estado como força totalitária organizada. Glucksman, um dos novos filósofos franceses, atinge a verdade quando diz que “o princípio de aterrorizar, mais que o de convencer, está generalizado”.

É provável que o Estado assim conquistado – a partir da revolução fascista italiana, com todos os segmentos internacionais posteriores – tenha sido uma resultante de um dos seus principais componentes, principalmente a capacidade catequética. E, por ser catequética, a ideologia é extremamente dogmática. E, por ser dogmática, pretende ocupar um espaço religioso.

Foi Jung quem melhor compreendeu isso ao observar que “vol-

távamos aos espetáculos das pessoas que cortam o pescoço, uma às outras, por causa de teorias pueris sobre a forma de como realizar o paraíso na Terra”.

E, ainda em consequência daquele dogmatismo, ela não permite qualquer questionamento e, em sua aversão dialética, estabelece o mais inflexível bloqueio cultural. O esforço ininterrupto, na censura e na punição da inteligência, é para submetê-la aos cânones estabelecidos, transformando-a de força ativa em colaboradora passiva.

Está claro que, para conseguir isso, a ideologia não oculta o ódio ao pensamento que – como discernimento crítico e capacidade lógica – significa a mais eficiente arma contra ela própria, a ideologia. E daí a luta que, realizada através do bloqueio cultural maciço, corresponde ao ópio destinado a anestesiá-lo o pensamento. O “ódio ao pensamento”, de Jean Dollé, que, caracterizando a ideologia, vai concluir-se na censura, no crime de opinião e nos processos que levam intelectuais ao trabalho forçado nos campos de concentração.

O mais grave em tudo isso, porém, é que a ideologia, a definir coloca-se acima do próprio saber. E, à sombra mesma do Estado, interfere no conhecimento científico e na vocação criadora das artes, a ponto de deformar as verificações e os resultados. No fundo, bem no extremo, justifica a ordem política e a autoridade ditatorial – Stalin, Mussolini, Hitler – como resultantes culturais de experiências históricas associadas a submissões como a classe, o cesarismo e a raça.

E o controle inteiro da sociedade, o controle que a ideologia exige, se processa através da tecnoburocracia tão concentrada que não esconde a opressão. Uma inquisição, como já a chamaram, e de fato uma inquisição em permanente vigilância.

É a ideologia, finalmente, em plena ação política totalitária e, porque totalitária, extremamente radical. Prova-se a radicalização como o aprisionamento da sociedade mantida sob controle em todas as áreas, política ou cultural, econômica ou social. Um exemplo dessa pressão ideológica, que o Estado executa tecnicamente, quem o revela é o romancista tcheco Milan Kundera, que define a experiência stalinista como traumatizante em sua brutalidade totalitária. Os depoimentos, neste particular, seriam incontáveis. E alguns, situados tanto nos campos nazistas de concentração como nos soviéticos, refletem o terror neles submerso. Há neles, como alguém já observou, a justificação intelectual do assassinio e a superação da consciência moral.

Não será difícil concluir que a ideologia, em consequência de sua natureza totalitária, não tem como nascer ou vingar em função de sistemas políticos que valorizam o indivíduo na base das liberdades e das opiniões conflitantes. É coletivo o meio que explora – com toda uma liturgia tribal que provoca, por sua vez, as manifestações de massa como os grandes desfiles, as grandes concentrações e as grandes passeatas – e por isso mesmo não aceitáveis democraticamente.

Não será por mais nada que, ao submeter-se à pressão dos dogmas ideológicos, o cidadão renuncia ao melhor de si mesmo, que é a sua própria liberdade.

### **3 A ideia e o terror final<sup>8</sup>**

Jamais houve um tempo tão cheio de mitos agressivos e violentos quanto o nosso. É realmente impossível qualquer análise, em qualquer área política, sem que um desses mitos interfira a radicalizar os processos, as posições e o próprio pensamento. E, dentre os sem número deles, nenhum ultrapassará a ideologia que, em nosso século, se fez responsável por várias grandes tragédias. Foi em nosso século, aliás, que a ideologia se impôs como um agente tão atuante politicamente que acabou mesmo por identificar-se com o Estado totalitário, fascista ou comunista. Enraizada a principio como um sistema teórico, aceita como doutrina que reivindicava colocações utópicas, Napoleão chegou a ironizá-la como de significação lírica e abstrata. Na primeira metade deste século, porém, de tal maneira passou a caracterizar o Estado totalitário que o submeteu a seu próprio corpo doutrinário. Tornou-se o poder, pois, a dirigir e a comandar o Estado como força organizada.

É provável que assim conquistado – a partir da revolução comunista soviética e da revolução fascista italiana, com todos os segmentos internacionais posteriores -, o Estado tenha sido uma resultante de um dos seus principais componentes, precisamente a capacidade catequética. E, por ser catequética, a ideologia é extremamente dogmática. E, por ser dogmática, pretende ocupar um espaço religioso. Foi Jung quem melhor compreendeu isso ao observar que pessoas cortam o pescoço, umas às outras, por causa de teorias sobre a forma de realizar o paraíso na Terra. E, ainda em consequência

daquele dogmatismo, ela não permite qualquer questionamento e, em sua aversão dialética, estabelece o mais inflexível bloqueio cultural. O esforço ininterrupto, na censura e na punição à inteligência, é para submetê-la aos cânones estabelecidos, transformando-a de força ativa em colaboradora passiva.

O mais grave em tudo isso, porém, é que a ideologia, a definir e a acionar o Estado, coloca-se acima do próprio saber. E, à sombra mesma do Estado, interfere no conhecimento científico e na vocação criadora das artes a ponto de deformar as verificações e os resultados. No fundo, bem no extremo, justifica a ordem política e a autoridade ditatorial – Stalin, Mussolini, Hitler – como resultantes culturais de experiências históricas associadas a submitos como a classe, o cesarismo e a raça. E o controle inteiro da sociedade se processa através de tecnocracia tão fechada que não pode ocultar a opressão. Uma inquisição, como já a chamaram, e de fato uma inquisição em vigilância permanente. É a ideologia, finalmente, em plena ação totalitária.

E, porque totalitária, extremamente radical. Prova-se a radicalização como o aprisionamento da sociedade mantida sob controle em todas as áreas, política ou cultural, econômica ou social. Um exemplo dessa pressão ideológica, que o Estado executa tecnicamente, quem o revela é o romancista tcheco Milan Kundera, que define a experiência stalinista como traumatizante em sua brutalidade totalitária. Não há como se estranhar, em consequência, que a ideologia acabasse gerando um dos seus lados piores, precisamente o terrorismo. Os seus agentes – os possessos que põem o terrorismo a serviço da ideologia –, apesar da variação dos objetivos, sempre identificam à sombra da mesma brutalidade. Visando o Papa ou o Presidente dos Estados Unidos, explode como uma resultante da violência que hoje mais se agrava por culpa de uma sociedade cada vez mais neurótica.

Basta olhar e ver a tendência para destruição, que é uma carga humana ancestral, para concluir-se que toda uma sintomatologia psiquiátrica tanto explica a violência quanto o terrorismo. E por isso, precisamente porque atingiu a condição irracional que vem de forças inconscientes, é que ninguém retratou melhor o terrorista que Dostoiévski. É daí, desta distorção da personalidade consciente, que ele surge, sempre incapaz de domar o ódio e a paixão em seu delírio ideológico. Não foi por outro motivo, aliás, que a inquirição

dostoievskiana associou o terrorista ao possesso.

Esse possesso, em consequência da própria configuração do mundo contemporâneo, multiplicou-se de tal modo que até se pode falar em alcateia. Órfão da razão crítica, entre a enfermidade e o crime, ele é sobretudo um resultado da química intelectual que inundou a filosofia moderna. Alguém já observou que a justificação intelectual do assassinio – e, sobretudo, a superação da consciência moral – muito concorreu para torná-lo um agente de fácil mobilização por grupos ideológicos totalitários. Isso é realmente indiscutível ao verificar-se que a ação terrorista vem servindo apenas aos Governos totalitários, isto é, aos Governos que repelem o entendimento democrático como o único veículo possível para as crises e os conflitos sociais e políticos.

Um dos melhores dentre os jornalistas ingleses, Paul Johnson, já observou que a base do terrorismo, estando nos países totalitários, só opera com eficiência na liberdade de uma sociedade liberal. Na base das conclusões, porém, embora tenhamos que admitir os terroristas como agentes sempre mobilizáveis por agremiações subversivas a serviço de Governos totalitários, a verdade é que dificilmente sobreviveriam fora das ideologias. Luis Buñel morreu, infelizmente, sem concretizar o último filme que queria fazer, precisamente sobre esses assassinos que, nascidos da ideologia, vêm pondo em perigo a democracia e a civilização. Não foi por mera coincidência, aliás, que tentando adquirir uma configuração religiosa, a ideologia se expandiu quando – e como disse Albert Camus – Deus saiu da moda.

E talvez também não tenha sido mera coincidência que um desses terroristas, pensando em matar o Papa em proveito de sua ideologia, acreditasse matar o próprio Deus.

#### 4 A Ilha<sup>9</sup>

O presidente Reagan, entre os resultados positivos da invasão de Granada, deverá incluir o flagrante que desacredita Fidel Castro uma vez por todas. Os cubanos foram apanhados ao vivo, em Granada, e tanto eram soldados – que em Cuba, afinal, todos são soldados da milícia civil fascista – que quase cinquenta, sob o

comando do coronel do Exército, morreram lutando. O episódio de Granada, que logo provocou a retirada de cem cubanos do Suriname, veio comprovar que não falta razão a Jean-François Revel quando diz que “Fidel Castro dissemina a subversão, mas não a liberdade”.

Mas, nessa disseminação subversiva, sabe-se que, em Angola, soldados cubanos já aderem à guerrilha contra o Governo comunista de Luanda. Está claro que, por força mesma da condição de colônia soviética em que colocou o seu país e desde que se engajou na linha estalinista, Fidel Castro converteu a Ilha numa espécie de campo de concentração nazista. É preciso não esquecer, aliás, que Fidel jamais deixou de ler o *Mein Kampf*, de Hitler, e os discursos de Primo de Rivera, o criador da falange fascista espanhola.

Não foi por mais nada, senão por conhecê-lo na intimidade, que, fazendo-lhe o retrato em *Persona Non Grata*, Jorge Edwards – escritor marxista e um chileno do grupo de Allende – assegurou que loucos não eram os que não aplaudiam Fidel Castro, mas os que o aplaudiam nas praças de Havana. Mas, para mostrar a grande ilusão, ao tempo em que colocava quase 400 mil homens em armas, com 10 mil escolhidos a dedo para a sua segurança pessoal, o senhor de Cuba montava a máquina e movia a publicidade destinada a mostrar a Ilha como o novo paraíso. Dia a dia, porém, e durante mais de vinte anos, fatos e episódios filtraram-se de tal maneira que o paraíso, que era a Ilha, começou a aparecer em sua realidade incontestável. Nas Caraíbas, e durante aqueles vinte anos, Cuba foi o país de menor desenvolvimento econômico, ficando mesmo abaixo da República Dominicana. A agricultura da cana e a indústria do açúcar, apesar do trabalho compulsório até para estudantes, se não involuíram, também não evoluíram. E isto, se por um lado explica o racionamento de todos os gêneros de primeira necessidade, esclarece pelo outro por que a Ilha, até a invasão do Afeganistão, custava à União Soviética a bagatela de US\$ 1 milhão por dia.

É fácil concluir que o governo comunista de Havana fechou o cerco policial para silenciar o povo pela opressão, a censura e o medo. Jean-François Revel, estabelecendo os vínculos entre o mestre e o discípulo, observou que, “como os soviéticos, Castro compensa sua situação de crise doméstica com a agressividade no exterior”. E, se na Ilha já não havia greves, nem eleições e nem imprensa livre, a vigilância proibiu o resto inclusive “reuniões familiares”.

Isso, pelo lado menos esquerdo. E, pelo lado mais esquerdo,



como o documentou Arrabal em sua reportagem para *L' Express*, Fidel Castro não poupou sequer os guerrilheiros de Sierra Maestra como Lanas e Diaz, Huber Matos e Golendorf, o autor de *Prisioneiros de Castro*. E tantas as execuções e os crimes, de operários como Lauro Blanco e estudantes como Jorge Valls, que aos protestos não faltaram nomes como os de Norman Mailer e Jean-Paul Sartre. E, se a vaca sagrada começa a ruir, como disse Arrabal, não temos como esquecer o que ele ouviu de muitos cubanos: “se Castro deixasse o pessoal sair, acabaria só na Ilha”. Na Ilha, porém, como entre as grades da prisão de Boniato, permanece o povo que sabe que Fidel Castro, como disse Revel, “dissemina a subversão, mas não a liberdade”.

## 5 A nossa igreja<sup>10</sup>

Os bispos brasileiros da CNBB, em relatório ao Conselho Episcopal Latino- Americano (Celam), retornam à velha canção dos conflitos de terra, da questão dos índios, da prisão dos padres franceses e – Deus louvado! – das “dificuldades impostas à Igreja pela Lei dos Estrangeiros e pela Lei de Segurança Nacional”.

Discretos e prudentes, os bispos da libertação, ao contrário da desenvoltura das reuniões de Itaiçi, já não ousam o debate em arena aberta. Esperávamos, por exemplo, que protestassem contra o desrespeito do Governo marxista da Nicarágua ao Papa João Paulo II, mas mantiveram-se em mutismo absoluto

A visita do Papa à América Central, aliás, teve o seu grande momento precisamente na Nicarágua onde a violência, tão comum contra o povo, desta vez se fez – e nas palavras do próprio Papa – contra Jesus sacramentado. A denúncia contra o ensino oficial, obriga a população escolar a estudar cartilhas cubanas assim como denúncia à censura imposta ao arcebispo de Manágua, dom Miguel Obando y Bravo, todas essas denúncias não mereceram uma só referência ou menor solidariedade dos bispos da CNBB. Tinham os olhos nos índios, nos padres franceses e nos camponeses.

A verdade é que, após a visita do Papa à América Central, os bispos da libertação não devem andar muito satisfeitos com a sua pregação esquerdista. A resistência que não esperavam, a partir do pronunciamento do Papa quando ele esteve no Brasil e condenou a “ideologização a que se expõe a reflexão teológica”, continua a ampliar-se

dia a dia. As próprias comunidades eclesiais de base já estão a morrer após o fracasso nas eleições democráticas de novembro. Agora, porém, e um pouco em consequência dos episódios de Manágua, a extensão da resistência é de tal maneira flagrante que, saindo da defensiva, entra na ofensiva mesma contra o esquerdismo. A resistência, em uma palavra, se identifica com a mais conservadora linha da Igreja.

Os bons articulistas católicos, que não se iludiram com a pele do falso cordeiro, voltam a combater o comunismo e a desmascará-lo como o “verdadeiro ópio do povo”. Um dos primeiros foi o teólogo do Estevão Bittercourt, que mostrou a superioridade da Igreja sobre os partidos políticos e todas as ideologias. E, precisamente porque ultrapassa as ideologias e os partidos, é que conduz e retransmite a mensagem do Cristo. Um dos seus modernos teólogos, Thomas Merton, exige a prática contemplativa como a primeira dentre as obrigações do sacerdote católico. O que reivindica é a volta às clássicas disciplinas espirituais e sobretudo acreditar que Deus, atendendo às orações, interfere na destinação dos homens e dos povos.

E, como a endossar as colocações de Thomas Merton, outro sacerdote, Dom Marcos Barbosa, divulga as conclusões de alguém como Gustave Thibon sobre a situação atual dos países comunistas. O lúcido analista de Kierkegaard, ao referir-se ao “monumental fracasso comunista”, observa que o coletivismo, desde que vem tentando realizar-se, chega a resultados inteiramente opostos ao ideal que proclama: “o empobrecimento em vez de fartura, escravidão em vez de liberdade, arbítrio e poder centralizado em vez de uma justiça baseada na harmonização das desigualdades naturais”. Isso, a enorme chantagem comunista, tem um nome: Gulag.

E para que evite o Gulag – tão presente na União Soviética como na China e em Cuba -, mantendo-se à sombra de João Paulo II, ao invés de aplaudir e incentivar as greves injustas à maneira dos bispos de Itaiçi, dom João Evangelista Enout não esquece que há um conceito cristão para o trabalho. Citando muito a propósito o caso da Polônia, lembra nas palavras do Papa que “a atividade dos sindicatos não tem caráter político, não deve instrumento de ação de ninguém, de partido político algum, para poder concentrar-se de modo exclusivo e plenamente autônomo sobre o grande bem social do trabalho humano e dos trabalhadores”.

Deduz-se, e logo acrescenta dom João Evangelista Enout, que “o partido político também não poderá ser órgão de classe”. E, se o

partido não deve ambicionar ou tentar comandar os trabalhadores, muito menos deve fazê-lo a Igreja que, reconhecendo a condição verdadeiramente humana do trabalho, situa-se acima do partido, protegendo-o da exploração política do trabalho, e que se percebe quanto Marx está distante de Cristo.

O importante em tudo isso, porém, é saber-se que a Igreja não perdeu os seus melhores teólogos e sacerdotes. E são eles os que, reativando a evangelização e denunciando o marxismo como verdadeiro ópio do povo, continuam a assegurar a eternidade dos ensinamentos do Cristo. Mas, se a Igreja tem nos sacerdotes conservadores os responsáveis imediatos por sua dimensão transcendental, como ainda diria João Paulo II, nos bispos e padres da libertação, por sua vez, tem os agentes da decadência. Os ilustres bispos, pois, e como se vê, embora continuem falando em nome da Igreja Católica, na verdade representam apenas uma pequena parcela da hierarquia eclesiástica.

Correligionários do esquerdismo ortodoxo julgaram, por isso mesmo, popularizar a Igreja à sombra do marxismo nega Deus, a esperança e a caridade e por isso desemboca na mais brutal ditadura quando se torna Estado e Governo, ainda não tiveram tempo para observar nos países comunistas a “Igreja do Silêncio”.

E, muito pior que isso, porque na convivência com os marxistas ateus, não verificam que, na estranha convivência, não há uma recíproca verdadeira. Por isso mesmo, se falam em Marx a propósito de qualquer coisa, os marxistas, por sua vez, jamais falam no Cristo.

## 6 A estatização dos bancos<sup>11</sup>

O deputado que apresentou o projeto propondo a estatização dos bancos – na verdade a estatização do sistema financeiro – não quis ou se esqueceu de verificar, nos países socialistas, as consequências da burocratização da economia. Não adianta alterar a semântica porque se trata, efetivamente, de medida inseparável do comportamento socialista. Excluindo-se a Espanha, onde o monárquico – socialismo de Felipe Gonzalez é tão conservador como o de Margaret Thatcher – e por isso se recusou a estatizar os bancos espanhóis -, é possível afirmar-se que da estatização socialista nasceram

as dificuldades que hoje empobrecem os povos da União Soviética, Europa Oriental, Cuba e China. Um simples exemplo esclarecerá por que, na dependência totalitária do Estado, são fragrantemente as ineficiências dos seus parques industriais, dos seus campos agrícolas e de suas máquinas financeiras. E, se a taxa de mortalidade infantil da URSS supera duas vezes a dos Estados Unidos e três vezes a do Japão, a principal causa resulta da incapacidade dos órgãos estatais especializados em atenderem as exigências populares de saúde.

*The Economist*, aliás, resumiu o quadro ao observar que “o centralismo planeja grandes pacotes de mudanças e depois leva cinco anos para digeri-los”. E, por falar em digerir, não esqueçamos o que a estatização, em matéria de alimentos, fez na Polônia. Mas, se desejarmos avaliar realmente os prejuízos e a devastação econômica que a estatização pode causar em um país, com reflexo nas necessidades do povo, vejamos o caso da França de hoje, a França socialista de Mitterrand. A estabilidade econômica mantida até 1981, quando a esquerda derrotou eleitoralmente os conservadores de Giscard D’Estaing, não tardou a explodir com a estatização da rede bancária francesa. Dois anos depois, precisamente em maio de 1983, com o povo nas ruas a protestar já com agressividade, o quadro se tornou tão feio que o próprio primeiro – ministro, Pierre Mauroy, falando ao semanário *Le Nouvel Observateur*, confessou o fracasso do programa econômico socialista. O déficit orçamentário, o desemprego já ultrapassando 2 milhões de franceses, o enfraquecimento da moeda – valendo 50% menos que em 81 -, tudo a submergir por culpa e graça da estatização e, principalmente, da estatização dos bancos.

Ao lado, com os conservadores no poder sob a liderança de Margaret Thatcher, o exemplo da Grã-Bretanha que – mantendo a livre iniciativa e a privatização das instituições financeiras – não tem como se queixar da sorte. A taxa anual de inflação caiu para 4,6%, o mais baixo nível dos últimos 15 anos. A taxa de desemprego, por sua vez, caiu 2,2%. E, no confronto entre os dois sistemas econômicos, o francês e o inglês, temos que admitir a estatização dos bancos como a causa imediata dos problemas que hoje perturbam o Governo socialista de Mitterrand.

Pode-se reconhecer, já agora, que a proposta para a estatização dos bancos brasileiros, além de não prever os prejuízos que certamente levariam a nossa economia ao amargo fim, ignorou inteiramente o vínculo que faz a democracia uma resultante da

economia aberta. O sistema econômico fechado, com seus métodos de estatização, e como Friederich Hayek já observou, não tem como vingar fora do totalitarismo. Uma sociedade socialista, já dizia Milton Friedman, não pode ser também democrática precisamente por não ser possível a liberdade política sem o mercado livre. Jamais se viu em toda a história humana – e a verificação é de Irving Kristol – uma sociedade politicamente liberta que não se baseasse num sistema economicamente livre. E, se ainda não quiser admitir verdade tão historicamente comprovada, o deputado autor do projeto, que não parece ser um erudito em filosofia política, poderá fartar-se ao saber que o socialismo fracassou no mundo inteiro.

Apesar da enxurrada dialética que ainda tenta justificá-lo, os fatos são de tal modo incontestáveis que não há como se levar a sério os seus teóricos de ontem e de hoje. Desmentir as dramáticas realidades sociais – em países como a União Soviética, a China, Cuba e todos os outros que ao socialismo marxista foram submetidos – eis o que já não é possível. Os meios de comunicação, que reprojeta os fatos, apesar da censura e da impostura, acabaram por mostrar o socialismo nu em seu próprio fracasso foi e continua sendo a estatização. E, no conjunto, sobretudo a estatização das instituições financeiras.

A intervenção do Estado, em doses maciças, submetendo a atividade econômica aos interesses políticos, constitui a negação mesma do modelo democrático e da capacidade de produzir. A negação democrática que teríamos se, por acaso viesse a ser aprovada o projeto de estatização da rede bancária, a exemplo da França, num país em que o Banco do Brasil soma 500 milhões de ORTNs contra 223 milhões de todos os bancos comerciais privados. Isso, essa hipertrofia estatal, bastaria para nos afastar definitivamente de qualquer abertura ou possibilidade democrática. E tudo porque, ingressando no bloco socialista, cairíamos na configuração estabelecida por Peter Berger de que “não existe uma única sociedade socialista que seja democrática”. A explicação didática, aliás, já foi dada pelo professor Max Wachs, da Universidade de Georgetown, quando observou que os Governos que absorvem todas as decisões econômicas substituem, necessariamente, a cooperação voluntária pela conformidade forçada.

Tudo o que resta agora é não esquecer o que Thomas Jefferson disse para sempre: “O melhor Governo é o que governa menos”. Foi isso mesmo o que ele disse.

## 7 A Rússia e a União Soviética<sup>12</sup>

O governo comunista de Moscou, frente ao protesto mundial contra o impiedoso massacre que matou 269 inocentes – os passageiros do Boeing coreano derrubado pelo míssil de um caça – respondeu pela voz do ministro da Defesa que o poder militar será reforçado na União Soviética. Ameaças assim também Hitler fazia. Mas, na verificação do massacre que reflete em sim mesmo a brutalidade de um regime ateu, há um detalhe tão importante que vale por uma percepção de conjunto. É preciso distinguir dois países, a Rússia e a União Soviética, que, embora identificados pelo mesmo espaço físico, culturalmente não se misturam. E, porque a Rússia permanece cristã, com seu povo a amar o Cristo, russo não é o piloto que disparou o míssil. Um robô soviético, sim. Um simples robô, feito de ódio e fanatismo ideológico, e robô porque educado de Deus.

Não é fácil observar que os comunistas soviéticos sempre evitam falar em Rússia como se temessem a sua significação cultural e história. A União Soviética, apesar de mais de meio século de pagã canonização dos seus líderes, a começar por Lênin, continua a temer a Rússia. E tudo porque, perdidos os esforços para sepultar o Cristo – o personagem maior, afinal de toda a grande Rússia – os dirigentes soviéticos não ignoram que é religiosa a vocação do povo russo. O argumento irresponsável, nesse estranho dualismo entre um país ideologicamente fabricado e uma nação culturalmente nascida, é que, em quase 70 anos de perseguição religiosa e doutrinação anticristã e materialista, o fracasso continua sendo total. A Rússia vem impondo à União Soviética o fracasso de todas as medidas para derrotar a sua grande vocação que é a vocação religiosa.

E por isso razão não falta a Anatoli Krasnov – um ex-sacerdote que, como Soljenítsin, esteve em campos de concentração de 1949 a 1956 – quando afirma já ao ser possível deter “potente movimento religioso” na União Soviética. O que se pede hoje nas catacumbas, porque ainda à sombra do terror comunista, é a “liberdade ilimitada das convicções”. É o que prova, aliás, a “União Sócio-Cristã Pan Russa para a Libertação Popular”, em sua ação revolucionária pela implantação da “sociedade cristã”. Siniavski, hoje também nos campos de concentração por “crime de opinião” em consequência do seu trabalho de escritor, assegura por sua vez que “um forte interesse

religioso começa a empolgar os estudantes da URSS”. Wolfgang Leonhard, auto do livro *O Futuro do Comunismo Soviético*, comprova finalmente que a perseguição religiosa perdeu a guerra na União Soviética. E tudo porque, possa durar o tempo que consiga vencer a vocação religiosa de um poço e a destinação mesma da Rússia.

A vocação religiosa russa, aliás, não se demonstra apenas através da “Igreja do silêncio” que, desde os dias de Lênin, vem substituindo nas catacumbas a todas as perseguições. Greta Palmer, uma repórter norte-americana, já revelava os passos dos sacerdotes católicos naquelas catacumbas em 1949, e num livro que será sempre um documentário incontestável: *God’s Undergraund* (Apleton, New York, 1949) chama-se o seu livro. A autêntica vocação russa, porém, se comprova e sobretudo se explica através dos seus ascetas os velhos ascetas russos.

Há uma antologia de textos místicos desses ascetas, textos que vêm do século XVII, organizada pelo jesuíta Tyszkiewicz e pelo dominicano Belpaire (*Ascetes Russes, Les Editions du Soleil Levant, Namur Bélgica, 1957*). Muito do verdadeiro cristianismo russo aí se revela no encontro com filósofos como Soloviev, Rozanov, Berdiaeff e Rostov. Não será difícil concluir que, nos fragmentos dos sermões, das preces e das instruções, o que se ergue é um universo que – emergido da alma russa – denuncia como o cristianismo permanece vivo e poderoso no sangue do povo. Nessas vozes, que revigoram a crença e a fé, e muitas vezes resultante do sofrimento, pressentir-se-á a piedade, a piedade russa que faltou ao piloto do caça soviético que derrubou o Boeing coreano, aquela piedade que inunda de sangue cristão toda a grande ficção tradicional russa. Lendo-se os romances de Gogol, Tólstoi, Dostoievski e Turgeniev, ou alguns dramaturgos como Tchekhov e Pushkin, será fatal associar-se a problemática dos seus temas ao óleo que escorre das preces e dos sermões dos velhos ascetas.

Mas, porque esses ascetas respondem pela vocação russa, por isso mesmo jamais os poupou o Estado soviético. Monges enclausurados – como Dimitri de Rostov, Tikhon Zadonsky e Kronschtadsky -, que apenas conheceram a vida evangélica e a meditação, é espantoso como ainda possam amedrontar, do fundo dos séculos, todo o poder material soviético. É possível que o medo comunista a esses pastores de almas resulte do pânico de que, mais cedo ou mais tarde, a Rússia acabe por vencer a União Soviética. A verdade é

que, apesar da passagem das gerações e dos esforços para gerar uma nova mística, a mística ideológica, a União Soviética vem perdendo a guerra para a Rússia. A religião, em uma palavra, está mais viva que o império soviético, que ainda tenta vencê-la, precisamente porque representa a Rússia.

E, por tudo isso, é que a Rússia nada tem a ver com as ameaças do ministro da Defesa da União Soviética. E tem a ver muito menos com o piloto que, em nome de uma ordem inumana de maldade e ódio, disparou o míssil contra a civilização.

## 8 A denúncia<sup>13</sup>

No momento, em consequência da redemocratização, já não há escritores presos na Argentina. Isso, com a graça de Deus, é muito bom. Não acontece o mesmo, infelizmente na União Soviética, onde 103 escritores, presos em campos de trabalho forçado, pagam pelo crime de opinião e de contestação ao comunismo oficial. A informação, divulgada no 46º Congresso Internacional do *Pen Club* – com detalhes também sobre escritores encarcerados na China, em Cuba, no Vietnã e nos países comunistas da Europa Oriental -, me fez lembrar a condenação de seis dissidentes checos. E renovar a tese de que os intelectuais autênticos não podem conviver com as ditaduras ideológicas e os regimes totalitários. E, a lembrarmos o teatrólogo Vaclav Havel e o ensaísta Jiri Dienstbier no banco dos réus, em Praga, outra coisa não veremos senão a estúpida colocação reacionária de um regime que cada vez mais teme as ideias e a contestação lógica.

Não é por outro motivo, aliás, que sempre considerei nas relações do Estado com inteligência o melhor caminho para a definição da democracia. E, se reprime a vocação criadora do artista, se pune a opinião do intelectual como um crime, se não admite o debate e a contestação, o Estado não tem como reivindicar uma posição democrática. É necessário acrescentar, porém, que, embora a inteligência seja uma só, a vocação criadora e artística se distingue do intelecto. Esta nova colocação, aliás, acabou por gerar um dos mais agressivos debates na década dos cinquenta.

O debate, que se atualizou em consequência da Segunda Guerra Mundial, tornou-se permanente a partir dos ensaios de Julien Benda,



Dennis de Rougemont e Raymond Aron. Certo é que, hoje, não se deve aceitar o intelectual como um escriba ou um artista que serve à esquerda ou à direita como se o programassem para isso. E mais certo ainda é que o intelectual será para sempre um lógico a serviço da clareza e da coerência.

O intelectual, pois, a si mesmo se revaloriza pelo que T. S. Eliot chamou de “sistema de pensamento”. A capacidade reflexiva, o poder de análise e a consciência crítica o impedem de ser um demitido e, por isso mesmo, será sempre o insurgente a negar os mitos e as ideologias a que servia. Recordo-me, por exemplo, do reexame de alguns que, pondo a vida e a cultura acima da ideologia, renunciaram ao marxismo com a maturidade intelectual. E, lembrando-me do poeta Stephen Spender, não tenha como esquecer Gide e Malraux. É o caso, em que outro exemplo, dos novos filósofos franceses que, rompendo com o marxismo, filiam-se ao conservadorismo. Há, porém, um exemplo mais recente e, por isso mesmo, muito mais oportuno.

O “ Comitê de Intelectuais pela Europa das Liberdades”, declaradamente contra o marxismo, continua a mobilizar gente como Ionesco, Arrabal, Ladurie, Júlia Kristeva e Chatelet, deixando praticamente vazio os quadros do marxismo na França. E, se alguns chegam mesmo à direita, como Jean-Marie Benoist, não anulam a denúncia de que, se estão mudando para a ordem conservadora, é porque identificaram o esquerdismo com a mais reacionária agressão totalitária. Verifica-se, deste modo, que os julgamentos e prisões de intelectuais muito contribuíram para a conclusão de que apenas a democracia é capaz de estabelecer o relacionamento normal do Estado com a inteligência.

E talvez por isso seja necessário repetir todos os dias que, para o intelectual. Fora da democracia não há salvação.

## 9 A grande revolução<sup>14</sup>

Os “presidenciáveis”, esse que ambicionam chegar á Presidência da República, deviam ser submetidos a um exame público – espécie de questionamento cultural – que lhes julgasse o saber e a percepção sobre as maiores questões e os mais complexos problemas do nosso tempo. E, para começar, a pergunta inicial, que me parece

emergente de nossa própria época, seria esta: estamos a viver a grande revolução cultural capaz de mudar a sociedade e a civilização? Esta é a pergunta que corre os meios científicos, sobretudo nos círculos das ciências sociais e da tecnologia, com algumas respostas certas. E, embora ainda não se possa fazer uma ideia do que surgirá com as invenções tecnológicas mais recentes – com exemplos no raio laser, na televisão por cabo, na fábrica robotizada e na célula fotovoltaica –, parece indiscutível que elas, já estabelecido o debate, estão levando a tecnologia a buscar um pouso filosófico.

E, à medida que novos dados são revelados, como a hipertrofia da automatização por computadores, a ampliar o desemprego – e sobretudo a microeletrônica, a alterar o próprio comportamento humano –, torna-se fácil perceber porque já chegaram os filósofos de tecnologia. Um deles, Arthur Bronwell, revela a grandeza do debate quando indaga: “civilização sobreviverá?” É preciso admitir, antes de tudo, que o acervo das contribuições científicas e tecnológicas, se contribui para solucionar uns, gera, de maneira paradoxal, outros problemas. Parece que há mesmo certa maldição no fundo da vocação científica. Inútil, por exemplos, reafirmarmos o que estamos cansados de saber.

O desequilíbrio ecológico e a poluição crescente – gases venenosos e fuligens atômicas a concorrerem com a escassez de alimentos e o excesso de doenças, o lodo químico industrial a competir com os pesticidas e os neurotóxicos – refletem a carga sinistra que já atinge a própria estrutura biológica e intelectual do homem. A manipulação econômica, por sua vez, instalada em torno de computadores e aparelhos mecânicos, como os robôs políglotas, ao invés de deter a pobreza, a ampliou de tal modo que atinge todas as áreas do mundo, sem considerar os espaços ideológicos. A fome flagrante se reprojeta na disparidade entre a produção agrícola e o superpovoamento. A fome e a má nutrição, assegura Marshall Sahlins, aumentaram com o desenvolvimento industrial. O relatório de Adele Davis sobre o declínio da qualidade da alimentação, conclui que a “nossa era é de uma fome sem precedentes”. Um terço da humanidade sobrevive em níveis de fome e subalimentação, enquanto mais e mais indivíduos absorvem tóxicos e mutagênicos nos alimentos.

O desenvolvimento industrial, aliás, já tão responsável pelo aumento da fome, responde também pelo envenenamento dos céus, das terras e das águas. Inseticidas, como o DDT, estão acabando com os pássaros. Fertilizantes químicos, que arruinam o solo, vêm

gerando uma espécie de câncer na terra. O importante, porém, é verificar-se que a tecnologia, sem perder a expansão, já não atua de maneira inconsciente. E tanto esta a verdade que esperou surgissem os seus filósofos, os filósofos da tecnologia.

E o mais singular é que, atentos à expansão da tecnologia, esses filósofos fazem a exegese à luz do existencialismo. Não é por acaso que Robert Penn Warren se apoia no existencialismo ao discutir as relações da tecnologia com a democracia. Mas, em tudo isso, o que realmente interessa saber é que a tecnologia – acionando o processo da mudança através de invenções e inovações – alterou definitivamente os valores da civilização e da sociedade. E não é por mais nada que os seus filósofos reclamam novas ideologias para o novo tempo. Revoluções decisivas, com exemplos nas comunicações instantâneas dos meios de difusão de massa, na computação, no transporte supersonico, nas usinas elétricas nucleares e na automação industrial, já impuseram transformações culturais e sociais tão flagrantes que as suas exigências se tornam inadiáveis.

Atentos a movimentos científicos paralelos, como o biológico que permitiu a emancipação sexual da mulher, os filósofos da tecnologia já concluíram que a reformulação geral é inevitável. E, se François Mitterrand já relacionou o desenvolvimento e o trabalho com a tecnologia, é preciso não esquecer o impacto que causou na educação e, particularmente, no ensino universitário. Ernest Lynton, considerando a importância econômica do conhecimento, resume numa frase toda a subversão educacional: “um número cada vez maior de ocupações requer educação formal ao invés de aprendizagem.”

Mas, se tudo isso é realmente de extraordinária importância, bastando observar como a tecnologia atual vale por toda a história das técnicas, é bom não ignorar que os seus filósofos – sempre preocupados com a mudança da civilização e da sociedade – especulam sobre as metas e os significados da própria tecnologia. E, efetivamente, após os sonhos realizados através das ciências aplicadas, com exemplos na conquista da energia elétrica e na viagem à Lua, o grande receio é que o homem esteja a perder o destino. O paradoxo, já denunciado por um físico como Dennis Gabor, é que cada vez mais possamos estar a avançar contra nós mesmos. E não é outro motivo que a tecnologia, já com um pouso filosófico, começa a mudar de caminho. A pergunta, que Arthur Bronwell soltou no

ar, esclarece tudo: “a civilização sobreviverá?”. Ou, em outras palavras, estamos a viver a grande revolução cultural capaz de mudar a sociedade e a civilização?

E, porque creem na tecnologia, os seus filósofos não ocultam o otimismo quanto ao futuro. Respondem, por isso, que a grande revolução cultural, tangida inclusive pela tecnologia, já muda a sociedade e a civilização. E não hesitam em dizer que a tecnologia, em sua própria supremacia científica, acabará por inventar um futuro melhor. Seria realmente um ponto a mais, a favor daquele otimismo e desse futuro, que os “presidenciáveis” respondem, em exame público, ao questionamento dos problemas do tempo. Isso para que, quando já estamos na idade dos astros, não permanecemos na idade da pedra.

## 10 A falta de estadistas<sup>15</sup>

A falta de estadistas é uma das causas da grande crise política contemporânea. O julgamento das massas, sempre em estado de hipnose, permite que os líderes sejam fabricados acima das exigências mínimas de vocação, lucidez e comando. E, em consequência das máquinas publicitárias que respondem pela coação psicológica, inúmeras são as usinas que se especializaram na produção de líderes. Há os que são manufacturados pelas ideologias, com exemplos em Stalin e Hitler, como há os que são manipulados pelas corrupções eleitorais, com exemplo em Nixon e os que, como Khomeini, surgem do fanatismo religioso. O uso do poder público, porém, apesar de todos os recursos que engendram falsas imagens, e se pode muito, não pode caracterizar o estadista.

E o que é realmente grave, como logo se verifica, é que o estadista não se improvisa. Ele nasce tomado pela vocação que responde por seu próprio destino. O exemplo, se fosse pedido seria César. E talvez mais Lincoln que César. Os nomes, porém, pouco importam. Definir, sim, é o que importa. Dizer que, em termos históricos e culpa do Estado moderno, hoje, são excessivamente mais difíceis que as do passado. O caso de Carlos Magno, por exemplo, que sendo analfabeto foi sem qualquer dúvida um estadista, não teria como se repetir hoje. Governantes primários, como em todos os espaços

e tempos, são salvos da mediocridade e da incompetência pelas acessórias especializadas.

Mas, e precisamente porque conseguem se salvar pela porta estreita da rotina burocrática, constituem uma das causas que provocam e alimentam a grande crise contemporânea. E tudo começa por um equívoco que, de tão comum, talvez seja maior constante na via política dos nossos dias. O equívoco mesmo que confunde e identifica o estadista com o administrador como se fossem uma só pessoa verdadeira. O estadista, porém, em consequência da natureza dos seus compromissos com o País e o novo – inclusive na órbita internacional – se por um lado absorve, pelo outro supera o administrador. A supervisão que dele se reclama, favorecendo uma imagem global dos problemas, devem permitir uma configuração política geral. As parcelas técnicas, que pertencem aos administradores, têm que ser uma soma em suas mãos. Infelizmente, porém, e se conseguirmos separar uns dos outros na chefia dos Governos, verificaremos que sempre um estadista para cem mil administradores. E por isso se pode dizer que, como Disraeli, Churchill não nasce todos os dias.

Mas, e porque inúmeros administradores se julgam estadistas – despreparados, em consequência, para as complexas exigências do Estado moderno -, é que se tornam agentes da crise. Eles, que têm por função abrandar ou solucionar a grande crise, agravam-na por todos os lados, inclusive porque não sabem como configurá-la ou reconhecê-la. O esforço em consequência, é muito mais que o de enquadrar-se a crise em termos de soluções técnicas porque é o de encontrar-se o estadista capaz de vencê-la sem desprezar aquelas soluções. A conclusão, pois, não será difícil.

A conclusão – ou, pelo menos, uma das conclusões – é a de que, frente à grande crise, as assessorias especializadas, os equipamentos mecânicos e a cobertura administrativa, com todos os planejamentos e computadores, não preenchem a falta do estadista. E, se parte de sua formação deve resultar de leituras filosóficas, que um Platão e um Rousseau não faz mal a ninguém, este e o momento de citarmos alguém como Montesquieu. Eles, os estadistas, conseguiram elevar a sociedade da brutalidade à ordem. E, se estão faltando, precisamente porque estão faltando é que a grande crise já leva ao caminho oposto. A sociedade, em verdade, começa a descer da ordem para a brutalidade.

E desce, vem descendo todos os anos, como prova a violência animal com escala no terrorismo promovido pelo próprio Estado.

Os exemplos estão no Gulag soviético e na subversão xiita do Irã. O chefe de Governo, que não aceita as críticas porque não sabe como respondê-las, jamais será um estadista porque não entende o adversário como um participante da mesma preocupação pública. A brutalidade, pois, que leva à sociedade, é uma consequência de sua própria incapacidade em, resolvendo os problemas, evitar as críticas. Infelizmente, porém, assim como não há loteria para descobri-los por sorteio, também não há escolas para a formação de estadistas. Apesar dos séculos, entretanto, creio que – se tanto necessitamos deles, os estadistas – a melhor lição virá dos gregos.

E não foi por acaso que Edith Hamilton afirmou que o lugar dos gregos é no mundo moderno. É, se admitirmos que, apesar de todas as aparências materiais, temos nos gregos os mais sábios dos nossos contemporâneos, logo entenderemos por que neles, até hoje, o Ocidente se abastece e alimenta. Os seus historiadores e cronistas, Heródoto ou Tucídides, Políbio ou Xenofonte, pode ressurgir, e por isso mesmo, como verdadeiros mestres para um estadista moderno. E tudo porque, sobretudo filósofos e cientistas, não faltaram a valores sérios e atualíssimos em nossos debates com exemplos na liberdade, na opinião pública e na democracia. Não há como esquecer, por exemplo, a definição clássica de democracia feita por Heráclito: “O contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia”.

Certo, porém, certo mesmo é que, com ou sem a ajuda dos gregos, o mundo necessita de estadistas para vencer a grande crise contemporânea. E talvez não fosse falso concluir que todas as questões – sociais, políticas, econômicas – se tornaram assim complexas e quase insolúveis precisamente porque faltam os estadistas. E o receio maior em tudo isso é que, com a falta de estadistas, a sociedade civil acabe por chegar a desobediência para evitar os abusos da mediocridade e da incompetência.

## 11 A luta contra a fome<sup>16</sup>

O governo soviético renovou a campanha destinada a provocar a adesão do povo para o programa nacional de alimentos. O plano é para que, numa população de 270 milhões, pelo menos uma pessoa

possa adquirir 70 quilos de carne por ano, no fim da década de 80. A campanha, aliás – que, pela franqueza, vem surpreendendo sobretudo os ingleses –, confessa as deficiências no complexo agroindustrial do país, com a escassez cotidiana de pão, peixe, leite, frutas e legumes. O grande esforço, afinal, como diz Richard Balmforth, é para acabar com a escassez crônica e o racionamento da comida. No momento, na União Soviética, o cartão azul de racionamento limita cada cidadão a 400 gramas de manteiga e 2 quilos de carne por mês, quando isso é possível. O grande e grave problema, porém, não é a falta de cereais para o fabrico do pão, mas a incapacidade de cultivá-los para engordar um rebanho de 94 milhões de cabeças de gado.

Os especialistas ocidentais, entretanto, apesar de todas as medidas tomadas e do peso publicitário da campanha, não acreditam em seu êxito. E isso porque, para eles, a Rússia – considerada o celeiro da Europa antes da revolução comunista – tem o seu ponto fraco na coletivização agrícola imposta por Stalin, com vigência até hoje. A campanha soviética confirma apenas que a maior de todas as crises, no mundo atual, é precisamente a da produção de alimentos. E, exatamente porque uma grande crise provoca inquietação social, pelo outro gera poder. O poder do alimento, como já o chamaram. Em face da crise, que em linguagem direta significa fome, não será difícil concluir que não há salvação fora da agricultura. Não é possível qualquer discussão, aliás, sobre acontecimento tão flagrante como a crise mundial de alimentos.

E, se quisermos vê-la no fundo das causas, logo as encontraremos na limitação das terras aráveis e principalmente na explosão demográfica. As Nações Unidas confirmam todos os dias que, em 20 anos, o mundo – já com a cota populacional esgotada porque de 5 bilhões – terá 6 bilhões e 200 milhões de habitantes. E o que se indaga, já que não se admite uma estabilização demográfica, é onde e como buscar alimentos para todos os povos. Mas, mesmo que ignoremos que a água doce natural se reduz cada vez mais por efeito de descargas despoluidoras nos rios; que o desmatamento irracional continua a fazer desertos; que a perda da cobertura fértil em um quinto das terras aráveis se verifica pela erosão; mesmo assim será quase impossível solucionar o problema da humanidade que já é o da produção de alimentos. O alimento, porém, não pode ocultar que tem um adversário de peso na própria órbita agrícola, precisamente o álcool carburante. Lester Brown já confessou não

saber como, no sufoco pela comida, os governos farão para não restringir os combustíveis agrícolas. E, além de tudo isso, mesmo antes da explosão demográfica, pelo menos um bilhão e meio de pessoas viviam em regime de carência alimentar.

A luta pelo alimento, ou a luta contra a fome, e que já começou sem deixar de fora qualquer povo, justifica a prioridade dada à agricultura nos países economicamente organizados. E isso porque, assim como ainda se divide entre os que têm e os que não têm petróleo, o mundo não tardará a se dividir entre os que dispõem e os que não dispõem de terras. É preciso considerar, em consequência, que os países sem ou com agricultura deficiente já entraram na luta pelo alimento.

A União Soviética, agora confessando o esforço na luta contra a fome, apenas o ano passado, importou mais de US\$ 1 bilhão de cereais, dos Estados Unidos e outros países produtores. E nesse mesmo ano as importações agrícolas dos países da OPEP ultrapassaram US\$ 40 bilhões. Os países do Mercado Comum Europeu, por sua vez, gastaram quase US\$ 30 bilhões em produtos agrícolas importados. E a China, a comprovar que a agricultura não se harmoniza com o sistema comunista de trabalho agrícola, importou US\$ 20 bilhões.

Mas, em tudo isso, o que se verifica, em consequência da luta contra a fome, é que a guerra comercial pelo alimento que vai se tornando violenta à medida que as populações nacionais crescem. E os Estados Unidos compreenderam isso perfeitamente quando, abrindo a campanha pelo “poder do alimento” – que parece ser agora imitada pela União Soviética -, e já o maior país agrícola do mundo, ampliaram de tal modo os esforços que a si próprios superaram. Nos últimos anos, por exemplo, a safra de trigo norte-americana de tal modo bateu todos os recordes que pôde abastecer a União Soviética em 30 milhões de toneladas por ano. A safra de milho, em outro exemplo, cresceu em 150% o ano passado. Não é por outro motivo que o Ministério da Agricultura talvez seja tão popular quanto a soja, essa mesma soja que abastece o mercado mundial em 98%. O feijão de soja e o trigo, que colocaram a União Soviética na dependência dos Estados Unidos, como todos os cereais de base, explicam por que a agricultura se converteu em arma decisiva na guerra comercial entre os países.

Está claro que o alimento também provoca reações dos países importadores no sentido de uma solução interna imediata. O esforço soviético, por este lado, é extremo como provam a atual campanha e



todos os planos quinquenais. Os países da OPEP, por sua vez, com exemplo no Fundo Árabe de Desenvolvimento, investem bilhões de dólares na batalha dos alimentos. É realmente emocionante o esforço do Iraque – que, como a Argélia e o Ira, está a adquirir trigo da Austrália – para instalar colônia agrícolas entre o Tigre e o Eufrates. A agricultura, como se vê, em qualquer parte do mundo, vem tendo prioridade absoluta como investimento obrigatório. É o mínimo, aliás, que pede a escassez mundial de alimentos.

Todos esses exemplos bastam para justificar, acima das demagogias, as reivindicações agrícolas brasileiras. Conhecer essas reivindicações, em termos realistas e honestos, já será um começo para a nossa entrada na luta contra a fome.

## 12 A biologia é uma lei<sup>17</sup>

O ministro do trabalho Murilo Macedo, acaba de constituir o primeiro Conselho Federal de Biologia, atendendo ao que determinava a lei 6.684, de 1979. A Comissão de Saúde do Senado, por sua vez, também acaba de aprovar o parecer do senador Marcondes Gadelha ao projeto de lei que, dispondo sobre o exercício da análise clínico-laboratoriais, beneficia os diplomados em Ciências Biológicas. E, pelo que vemos, parece que os poderes públicos comecem a se conscientizar da importância da Biologia como talvez a ciência fundamental em nosso século. A Biologia, aliás, a partir da preocupação de Aristóteles – o “deão da ciência antiga”-, passando por Darwin, sempre teve um lugar privilegiado entre as ciências. Tendo como finalidade o estudo de todos os seres vivos, a ponto de muitos a julgarem como um “ grupo de ciências”, abrangendo inclusive a fisiologia e a genética, a verdade é que apenas hoje, em nosso tempo, se tornou realmente definitiva em sua dimensão extraordinária. Esta colocação é que justifica, já com bastante atraso, a criação do Conselho Federal de Biologia.

Os problemas imediatos do mundo – e todos graves porque relacionados com a demografia, a ecologia e o urbanismo – impuseram a crença de que os demógrafos, ecólogos e os urbanólogos são os especialistas que já respondem pelo destino do homem. Entre

eles, e mesmo superando-os, incluiria os biólogos. E tudo porque, a partir da revolução biológica da mulher, com a pílula que é de longe a grande contribuição científica do século, o seu campo de trabalho tornou-se ilimitado. E ainda mais ilimitado que a física nuclear e a microeletrônica que, segundo alguns filósofos da tecnologia, deverá mudar radicalmente a sociedade e a civilização. Nos laboratórios, com base em experiências tão fantásticas que lembra a ficção científica, os biólogos reformulam teses e doutrinas porque interessados no tratamento científico da matéria viva.

E por isso mesmo, como vinha acontecendo no Brasil, país algum deve abandoná-los ou perde-los. As áreas menores de pesquisas e atividade, com exemplo na biblo-patologia – sem entender-se como a preciosa documentação do acervo nacional, nas bibliotecas e nos arquivos, apodrece pelo não recrutamento dos biólogos -, essas áreas refletem ao mínimo o mundo da Biologia. Reflete-se infinitamente mais no encontro com a agricultura que, por ser um capítulo excepcional, mobiliza interesse e recursos nos países desenvolvidos. Sabe-se que as meças sobre as safras de alimentos, em consequência da fraqueza genética vegetal, tão sujeita as pragas, não disporá de solução fora da cobertura biológica. A Terra, há 10 mil anos, contava com 5 mil espécies vegetais alimentares. Hoje, dispondo apenas de 150 espécies, já configura o problema que se vincula mesmo com a carência de alimentos e, portanto, a fome. Não é por outro motivo, aliás, que instituições internacionais especializadas, como a Comissão Internacional de Recursos Genéticos Vegetais – voltadas para “a biologia natural das plantas” -, colhem e preservam o plasma germinativo dos vegetais. As safras agrícolas, vitais para a humanidade, e como se vê, dependem necessariamente da Biologia.

Isso, que já não é pouco, esclarece porque um educador, Clark Kerr, assegura que “o campo intelectual de maior crescimento hoje é o da Biologia”. E, porque há níveis de complexidade a extrapolar em todas as estruturas vivas, ele conclui que os próprios segredos do átomo não possuem significado maior “do que os segredos ainda escondidos no código genético”. A segunda metade do nosso século, por isso mesmo, já pertence as ciências biológicas.

E tanto é esta a verdade que, saindo ou permanecendo no código genético, a Biologia não limita, como diz Lewis Thomas, a batalha que envolve o desconhecido. Os estudos em torno da biosfera- que a Terra sempre é uma forma de vida, como quer o biólogo Lynn

Mergulis – se completam nas análises que favorecem a psicologia no setor do comportamento humano e animal. Não termina aí, porém, o desafio que a Biologia aceitou para valer. E isso porque, atenta aos mistérios do código genético, não recua mesmo face ao problema da reestruturação da raça humana que um professor de Columbia, Charles Frankel, chama de “o espectro da eugenia”. O entrosamento das descobertas biológicas com as técnicas médicas, a que já se denomina de biomedicina, responsável pela inseminação artificial, trabalha neste momento – e ainda é Charles Frankel quem escreve – para “compensar as deficiências genéticas através da implementação dos genes necessários”. A Biologia, como se verifica, e muito mais que uma espantosa revolução científica, realiza a mais fantástica das guerras, precisamente a guerra para decifrar a vida.

O reconhecimento de uma ciência assim já não podia tardar mais um dia. E o Conselho Federal de Biologia, porque acaba de ser constituído, elimina a denúncia do atraso cultural e científico.

### 13A tragédia das secas<sup>18</sup>

A seca permanece no Nordeste. Agora, porém, a completar o noticiário da imprensa, temos na TV as imagens dos flagelados que repetem as cenas de mais de um século. E tanto o quadro é o mesmo de sempre que nada acrescenta as tristes e duras faces sertanejas dos que fogem da fome, da desolação e do deserto, para que se tenha uma ideia do quadro vivo, basta que se diga que há municípios nos quais a lavoura se perdeu e o gado continua a morrer porque a água sumiu dos pequenos açudes, dos poços e das cacimbas. Na Bahia, por exemplo, o governador João Durval Carneiro decretou estado de emergência em quase 25 municípios, já com 245 a ilustrarem as lamentações de Jó. Tamanha a estiagem – como no Ceará, em Sergipe, no Piauí – que, além do gado a morrer cada dia, não se pode falar em safra de coisa alguma, muito menos de feijão. Os nordestinos dos sertões repetem hoje, como há um século, a mesma procissão dramática.

E a palavra retorna, pois, como há um século: flagelados, os flagelados. Secas, as secas. Tudo porque a seca se recusa a perder a atualidade como um dos nossos mais constantes e graves problemas.

Ai está, mais uma vez, a documentar tragédia. E o povo, que vê a lavoura queimada e o gado morto, parece ter que viver para sempre esta espécie de castigo bíblico. O que esse povo não esquece, porém, é que o sertão, apesar de todos os recursos e desenvolvimento, apesar mesmo da infraestrutura administrativa que se criou, vem sendo derrotado pela invencibilidade das secas.

Em livro recente, “Nordeste, o Drama das Secas” (Civilização Brasileira, Rio, 1983), um estudioso com a lucidez de Pinto de Aguiar pode configurar o problema em todos os aspectos. Não esqueceu ao menos de reprojeter o trabalho dos órgãos públicos na dimensão histórica de um século.

Os órgãos públicos federais da linha de frente – como a Sudene, o DNOCS ou os estaduais como os Departamentos de Poços e Açu-dagem – parecem desarmados diante dos erros cometidos. E, se os erros vêm de séculos, com origem talvez nas queimadas indígenas, torna-se claro que as correções não podem ser casuísticas, porque requerem medidas mais complexas e profundas. Atender-se a exigências imediatas, como a das frentes de trabalho para os flagelados, poderá ser uma solução temporária. Um quebra-galho inevitável, sem dúvida. Não, porém, uma solução definitiva. E jamais o será porque, num exame mais vertical das secas, a solução que se impõe, embora extrema e onerosa, será a da reconstrução do equilíbrio ecológico perdido no complexo biótico regional. Não será difícil concordar, aliás, que o deserto, aberto a fogo durante séculos para o pastoreio faz agravar em cem por cento a aridez tropical. E, se as chuvas faltam, a culpa é do homem que violentou o ambiente por todos os lados. A terra, hoje quase nua, perdendo as árvores e os rios, apenas não se vinga porque continua sendo a grande vítima. Agora mesmo, com o novo surto das secas nordestinas, nada se aprende. E isso, efetivamente, é o que espanta.

Espanta, realmente, que não se estabeleça – agora, com urgência! – a política do prevenir para não remediar. Os fazedores de desertos continuam os desmatamentos ignorando inteiramente os exemplos que, no Nordeste, já são históricos. Essas derrubadas, que vêm substituindo a selva pelo pasto, a mata pelo tabuleiro de capim, já ameaçam até a amplitude de áreas como a da própria Amazônia.

Ainda agora, na 35ª reunião da Sociedade Brasileira para progresso da Ciência, o agrônomo Mário Dantas revelou que, na Amazônia, um milhão de hectares entraram em declínio, 1,5 milhões

de hectares se degradam e 800 mil hectares já estão sob degradação avançada. E conclui que, de 4 milhões de hectares de pastagens estabelecidas na floresta amazônica, 3,3 milhões de hectares estão ameaçados de erosão e secas. A invasão, como se vê, se processa por todos os lados.

Não é difícil concluir, afinal, porque, ferido o complexo biótico de várias regiões brasileiras – com o reflexo maior no Nordeste – as secas acabaram por se impor como enfermidades periódicas. E por isso mesmo, para vencê-las, não vingam medidas intermediárias. A solução, pois deve e tem que ser global. E não é por outra coisa que essa solução reclama a reconstrução do equilíbrio ecológico perdido e que, já agora, não sabemos mesmo seja possível refazer. A dúvida para a reconstrução sobrevém, aliás, da própria alteração climática com prejuízo já cientificamente observado na qualidade do ar e da água. As tecnologias industriais, como observou Robert Hellbrover, vêm aumentando a carga atmosférica de calor, isso que ele chama de “superaquecimento da atmosfera”. E com interferência maior nas áreas tropicais onde, como no caso do Nordeste, se registram as grandes secas.

As secas, em consequência, são partes de um dos mais sérios problemas do mundo que é o imensurável problema da própria destinação dos trópicos. E por isso mesmo, apesar das questões sucessivas que dele resultam – como, por exemplo, a da perenização dos rios e de áreas florestais protegidas -, temos que equacioná-lo como um desequilíbrio ecológico. O passo a ser dado, pois, é o de admitir as secas como um dos efeitos do que Barbara Ward chamou de “degeneração ambiental”. E fica muito claro que, sem corrigirmos aquela degeneração, não há como vencermos as secas.

## 14 A questão médica<sup>19</sup>

A existência de uma grave questão médica no Brasil é indiscutível. O noticiário diário da imprensa, com os médicos e os residentes reivindicando melhores salários, bolsas e honorários, se revela o lado interno, não reflete a questão pelo lado externo. A verdade é que todos os otimismo cessam por este lado. Tanto que a realidade não permite que o esqueçamos por um instante. E isso porque, grave e dramática, a questão médica já se impõe em termos de urgência urgentíssima.

Está claro que não me refiro ao detalhe salarial, ainda no lado interno, que humilha o médico quando servidor público. Os vencimentos, efetivamente, face à complexidade dos cursos e das especializações, não representam sequer uma gorjeta para a responsabilidade profissional, sempre mantida apesar de toda uma série de episódios como, por exemplos, os das mortes do juiz Zalkind Piatgorski e da cantora Clara Nunes. E, como ilustração daquela responsabilidade, não esqueçamos as palavras do médico Harry Graeff: “Sagrada é a vida humana que é a base de todo o trabalho médico”. O lado que agora nos preocupa, porém, é o outro, precisamente o lado externo.

Para começar, reconheçamos que, desde o Império, o Estado não tem ignorado o problema de saúde. Crônica, pois, esta questão já histórica. E tanto o interesse do Estado se fez permanente que, desvinculando-se da Pasta da Educação, a Saúde ganhou Ministério próprio. Apesar, porém, de toda esta preocupação, o problema cresceu ao invés de regredir. A velha definição de Miguel Pereira, em consequência, continua de pé. E, se Miguel Pereira dizia que “o Brasil é um vasto hospital”, não temos ainda hoje como alterar a triste imagem. Vasto hospital no sentido da carência de recursos e meios, sobretudo a falta de médicos e enfermeiras, com a subnutrição e a pobreza gerando todas as modalidades de doenças. E, se a meningite ainda demonstra como pouco avançamos, é a mortalidade infantil que prova que estamos quase a zero. Dir-se-ia que há, contra o nosso subdesenvolvimento, um flagrante desenvolvimento das enfermidades.

Os males, porém, não são incuráveis no problema brasileiro de medicina. Feitos cientificamente, porque em laboratórios estatísticos, os exames revelam dados que, por sua vez, provocam uma série de espantos. E um dos mais sérios subproblemas, talvez mesmo o primeiro dentre todos, é o que se identifica com a própria população. Na verdade, e por insuficiência dos meios – já que 70% da população dispõem de renda no limite de dois salários mínimos –, o nosso povo, pela subnutrição, é a matéria viva do “vasto hospital”. A dieta forçada e a fome compulsória não são apenas causas da mortalidade infantil que, no nordeste ultrapassa 50%. A miséria, mais uma vez, aparece como fermento de todas as pragas. E, se a população constitui um campo minado de predisposição, sem recursos para comer e sem resistência – e são milhões os subnutridos e doentes –,

pede por isso mesmo um leito para curtir a enfermidade todos os dias. E que encontra? Encontra uma rede hospitalar precaríssima e, quando particular, tão cara que é preciso se vender a alma para pagar as doenças do corpo e da própria morte. Não poderia mesmo existir – essa rede hospitalar – porque, para acioná-la, faltam os agentes indispensáveis que são o médico, o dentista, o farmacêutico e a enfermeira. Visitássemos os quatro mil municípios brasileiros e verificaríamos que em 48% deles não há médicos e nem dentistas. Nas próprias capitais dos Estados, com exemplo na “Grande São Paulo”, faltam 896 médicos para atingir o índice de um médico para cada mil habitantes. E, finalmente, para que se tenha uma ideia global do quadro, basta que se diga que 35 milhões de brasileiros não dispõem de serviços médicos.

Os direitos humanos devem começar com a assistência médica no ato do nascimento e, sempre ao lado do cidadão por toda a vida, terminando com a morte. O Estado, qualquer que seja o seu tipo ideológico, não assegura direitos humanos sem que, com a questão médica solucionada, assista o cidadão em sua saúde. A sopa do presidio, afinal, deve ter início no leito do hospital. Está claro que, nem por permanecer submerso em tantos problemas, não se perdoa ao Estado a omissão ou a falta de interesse para com a questão médica. Todos os problemas sociais imediatos – como, por exemplos, o custo de vida, a falta de habitação e o desemprego – nela desembocam porque geram enfermidades. E, se somarmos todos esses problemas, não há como se discutir que há uma grave questão médica no Brasil.

E questão, convenhamos, para entrar nos programas de todos os Governos.

## 15 A crise na educação<sup>20</sup>

Não há dúvida de que os filósofos da ciência são também responsáveis pelo debate em torno da educação. É certo que, se a tecnologia adquiriu uma filosofia para os novos valores que alteram as estruturas da civilização e da sociedade, a educação não tinha como escapar à sua interferência. Tamanha a penetração – com exemplo nas comunicações instantâneas, na computação, no transporte supersônico, nas usinas nucleares, na automação sexual da mulher,

na impressão eletrostática – que atingia a educação ao reformular o próprio comportamento da vida humana. Tornou-se inevitável, pois, a superação do pedagogismo escolar em todos os segmentos, inclusive e sobretudo na Universidade.

A crise da Universidade, que tantos procuram restringir ao Brasil quando é uma constante em todos os países, tem aí a sua principal causa. A precipitação na mudança social já não permite que a Universidade se mantenha acastelada na ortodoxia acadêmica de “primeiro aprender e depois fazer”. E, porque transmite apenas conhecimentos teóricos, sem considera que a competência profissional resulta da aprendizagem pelo trabalho de uma vida inteira, é que a Universidade parece ossificada em sua grande crise.

Mas, e porque assegurada a aprendizagem em todo o curso da vida, o homem não deve ter outros limites para a educação a não ser a aptidão individual. É a educação aberta, com igualdade de oportunidades para todos, enriquecida pela experiência pessoal que justifica a tese de que é trabalhando que se adquire o verdadeiro saber profissional. todos os trabalhadores, em consequência, podem alcançar o saber a nível mais alto.

Não há, por isso mesmo, um período ideal para educar-se. E, principalmente, não se deve aprender na juventude o que se deve aprender na idade adulta em consequência da experiência e da cultura acumuladas. Denuncia-se, desse modo, a Universidade que, servindo a uma minoria privilegiada, não se preocupa com a maioria absoluta que vive no mundo do trabalho.

O ensino ativo, porém, não tem a justificá-lo apenas as invoções e as modificações técnicas e científicas que, todos os dias, ultrapassam a Universidade. É após os estudos – como Henri Janne muito bem explica em seu relatório sobre a Universidade e as necessidades da sociedade contemporânea – que surgem as novas necessidades de conhecimento. O que há, efetivamente, é a incapacidade do sistema escolar e universitário em acompanhar a mudança de um mundo que altera os conhecimentos e gera novas profissões. O que se pede, afinal, é a educação aberta.

E mesmo a educação que, realizando-se através do trabalho, demonstra que a competência profissional prescinde da formação universitária. Não se pense, porém, que a nova educação, a “educação progressiva durante toda a vida”, como a ela se referia Dennis Gabor, um prêmio Nobel da Física, vem se processando teoricamente. E,



porque é de fato uma resultante da filosofia mesma da tecnologia, já invadiu a área prática como provam os debates que, em 1976, agitaram em Nairóbi a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas.

Parece claro, pois, ser inadiável a reformulação do sistema escolar frente à contribuição dos filósofos da tecnologia. E, quando dizemos ao ensino em todos os graus, do primário à Universidade. A argumentação, afinal, se contém numa pergunta: se todos os sistemas culturais, sociais e econômicos estão mudados, como e por que não mudar também o atual sistema de educação?

## 16 A educação e o trabalho<sup>21</sup>

A exigência da escolaridade, na iniciativa privada ou no serviço público, sempre me pareceu uma imposição injustificável. A imposição, aliás, que corresponde a uma espécie de autodefesa e auto-afirmação de um ensino culturalmente ultrapassado, começa por negar a igualdade democrática do trabalho. E, negando-a por um lado, reafirma pelo outro os privilégios tanto na sociedade como no trabalho. E ninguém poderá contestar que a exigência de escolaridade constitui um flagrante privilégio. A escolaridade, aliás, não assegura competência, assim como o nível universitário não corresponde a saber e, muito menos, atualização de saber.

No trabalho, pois, em consequência da exigência de escolaridade, não há igualdade de oportunidade para todos. E, se é verdade que os meios de difusão e o consumo cultural são mais importantes que o sistema escolar, de tal modo aquela igualdade é ferida que se coloca contra uma das convenções da Organização Internacional do Trabalho, precisamente a que determina a “não discriminação em matéria de emprego e ocupação”.

Mas, antes de abrir esta ferida, a exigência de escolaridade já reflete um absurdo científico, porque anula o reconhecimento psicológico de que, ao invés de limitar-se à juventude, o tempo educável se insere num processo permanente que vai do nascimento à morte. E, como consequência desse reconhecimento psicológico, a enorme diferença admitida entre o “sistema educativo” e o “sistema escolar”.

Não cabe discutir aqui, do ponto de vista sócio-cultural, a superioridade do “sistema educativo” sobre o “sistema escolar”. E tudo

porque, se o sistema escolar, com ênfase sobretudo na universidade, é de fato um círculo opressor, por sua vez dominado pelo enciclopedismo e o pedagogismo ortodoxo, o “sistema educativo” tem a sua validade na certeza de que não existe qualquer limitação para a educação, a não ser as aptidões individuais. E, em consequência, a aceitação do saber sem que se indague onde e como foi adquirido e, portanto, acima de qualquer escolaridade. A aquisição do saber erudito ou profissional, aliás, jamais depende da escolaridade.

A verdade é que o saber erudito, de fundo humanista e clássico, mantém-se acima dos currículos escolares. E isso porque, reclamando uma vivência pessoal e uma experiência intelectual, não tem como ser verdadeiramente assimilado fora da idade adulta e, portanto, acima da escolaridade convencional. Não é por outro motivo que um filósofo da educação, como Mortmer Adler, conclui ser dispensável qualquer ensino para a aquisição do saber, desde que – sendo-se alfabetizado – aprenda-se a aprender. É a mesma conclusão a que chegou Alvin Toffler, quando demonstra que “uma pessoa adequadamente motivada pode aprender tudo o que uma pessoa imprópriamente motivada nada aprenderá, mesmo que fique sentada 20 anos numa sala de aula.”

E isso quer dizer que é trabalhando – através do trabalho – que se consegue o saber profissional. Cirigliano, um dos principais teóricos da “educação permanente”, já observou que, assim como o diplomado, todos poderão adquirir o saber através da experiência e do trabalho. Nos tribunais, nos hospitais, nas fábricas e nos laboratórios – como exemplo -, qualquer trabalhador, diplomado ou não, “pode alcançar o nível mais alto do saber”. É o trabalho, pois, que promove a aquisição do saber profissional e o atualiza, como provam os professores que ensinam o que não aprenderam na universidade.

Mas, se a importância de tudo isso por si mesma já se demonstra, o que surpreende é que se faça a exigência de escolaridade precisamente para o trabalho. E, porque não é segredo, muitos já observaram que da população em idade de universidade escolar – pelo menos na América Latina – apenas 20 ou 10% usufruem o sistema superior de ensino. Os 80 ou 90% que sobram estão no trabalho e é a esses que, inexplicavelmente, governos e empresários exigem a escolaridade. Para alcançá-la e exibi-la, sobretudo em nível universitário, é que se empreende a maratona pelo diploma sem cogitar-se das vocações e das aptidões. E talvez por isso é que hoje, no Brasil,

um milhão e oitocentos mil universitários, embora não ignorem a falta de mercado profissional, buscam os diplomas. Chegam à universidade, na maioria, apenas para que possam atender à exigência da escolaridade.

O trabalho, afinal, dispensa a escolaridade porque, como aprendizagem, vale tanto ou mais que o sistema de ensino. E, por isso mesmo, não falta razão a Alvin Tofler quando diz: “penso que um indivíduo deveria ter o direito de estabelecer a sua competência e que a forma como a obteve não é da conta do empregador. Se você pode executar o serviço, não deve importa ao empregador como o aprendeu. Se você pode dar conta do trabalho, deve ficar com o emprego e não depender de um pedaço de papel fornecido por uma universidade”.

## 17 A outra escola<sup>22</sup>

É difícil saber porque, dentre os privilégios estabelecidos na sociedade brasileira – e sociedade que reivindica uma colocação democrática – permaneça o da escolaridade a nível superior ou, mesmo, a qualquer nível. Talvez a explique a colonização portuguesa que, com seus preconceitos aristocráticos, sempre considerou inferior o trabalho que não resultasse da consagração universitária. A escravidão, por sua vez contribuiu forçosamente para que até hoje não se iguale o trabalho manual a qualquer outra atividade. Outros são os tempos, é verdade, mas ao invés de regredir, o preconceito como que se robusteceu.

Mas, embora não consiga entender porque o curso superior tanto diferencia os cidadãos – que todos devem ser iguais perante a lei -, será mais difícil ainda compreender por que um diplomado qualquer tenha direito a prisão especial e não mereça, por exemplo, um escritor ou um artista. Pergunto-me se o destino houvesse armado uma armadilha a notáveis brasileiros, sem curso superior, se também esses não mereceriam a prisão especial?

O curso superior, afinal, jamais fará com que alguém a si mesmo se valorize e prestigie o seu País e o seu povo. E, para ficarmos apenas em alguns exemplos de grandes mortos, que tratamento seria dado a gente como Machado de Assis, Noel Rosa, Villa Lobos, Por-

tinari, Procópio Ferreira e Carmem Miranda? E, porque não tinham curso superior, seriam metidos no xadrez comum? O dispositivo legal que regula prisão especial, como se vê, confirma tão-somente aristocráticos preconceitos da nossa formação social.

E, confirmando-os, reafirma a escolaridade, neste País, como indispensável para o acesso ao privilégio no trabalho. A prisão especial, aliás, ainda é uma resultante do tabu da escolaridade. É o instante de dizer-se, pois, que a exigência da escolaridade, no serviço público ou na iniciativa privada, é uma imposição tão injustificável quanto absurda. E tudo porque, se o tempo educável se insere num processo permanente que vai do nascimento à morte, não se deve indagar onde e como foi adquirido o saber.

Não é por outro motivo, aliás, que um filósofo da educação, Mortmer Adler, concluiu ser dispensável qualquer ensino para a aquisição do saber desde que – sendo-se alfabetizado – se aprenda a aprender. É a mesma conclusão que chegou Alvin Tofler quando demonstra que uma “pessoa motivada pode aprender tudo o que quiser sem pôr os pés numa sala de aula”. Cirigliano, à sombra de John Dewey, já observou que, assim como o diplomado, todos poderão adquirir o saber e uma profissão através da experiência e do trabalho.

Já se observou, também, que o mundo moderno, porque dependente das ciências e das tecnologias, alterou fundamentalmente a educação que hoje se realiza sobretudo pelo trabalho. É, na verdade, a autoformação, com influência imediata dos meios audiovisuais – com exemplos na televisão e no transistor -, da qual já se disse corresponder à democratização dos estudos. È hora, pois, de dizer-se aos Governos e aos empregadores as palavras certas. E as palavras certas são as de Alvin Tofler: “ O indivíduo tem o direito e estabelecer a sua competência, e a forma como a obteve não é da conta do empregador. O empregado não deve depender de um pedaço de papel fornecido por uma universidade.” O que se deve exigir, pois, ao invés da escolaridade, é a prova da competência.

Tudo o que resta a dizer, agora, é que a prova da escolaridade não vale coisa alguma. E, porque nada significa, deve ser esmagada como todos os privilégios.

## 18. A cultura de massa<sup>23</sup>

Há uma incompreensão histórica quando se reivindica a cultura erudita para a massa. E isso porque a massa, a partir da primeira e mais primitiva manifestação cultural, sempre teve uma cultura tão própria que sempre rejeitou – pela autenticidade mesma de sua cultura – a cultura erudita. Se Lévi-Strauss pôde observar que as sociedades primitivas não são menos ricas em gênios com Pasteur e Palissy, também é certo que a massa não tem como trocar o que cria e faz por modelos culturais com quais não se identifica. A memória e a vocação, a percepção e a inteligência, a sensibilidade e as outras reações psicológicas e coletivas, tudo isso molda um comportamento que a prende culturalmente em um círculo rigorosamente definido. Não é por outro motivo, aliás, que repele a tutela dos que pensam abastecê-la culturalmente.

E, se a origem do processo cultural no sentido criador é o mesmo para a massa e os eruditos – o esforço kierkegaardiano para que o homem possa negar a animalidade -, também não se distinguem operacionalmente a concepção, a técnica e o artesanato. As realizações culturais de um, aliás, não são melhores ou piores que as do outro precisamente porque se igualam nas bases criadoras. E não é por outro motivo que, na órbita das artes, a cultura de massa não se desqualifica frente à cultura erudita.

Verifica-se-á facilmente que subsistem modelos diferentes como bem o demonstram os modelos ocidental e oriental. Na infraestrutura desses modelos, porém, apesar da autovalorização que os eruditos fazem de si próprios, subsiste naturalmente a cultura de massa e, talvez, em maior espaço. O fato ostensivo é que as manifestações da cultura de massa – nos costumes, na alimentação, no teatro, na música, na pintura e na escultura – demonstram que a massa participa do processo cultural global como um agente legítimo e muitas vezes de interferência e influência decisivas. As interferências são de tal modo perceptíveis nas áreas artísticas que se documentam com a maior facilidade. Dentre os exemplos, porém fiquemos com os brasileiros.

No fundo desses exemplos, logo sobressairá a origem da própria ficção brasileira. É na oralidade, como ilustração típica da cultura de massa, e durante três séculos, que as fundações se concretizam.

Em sua continuidade, a partir do século XVI até a eclosão erudita na primeira metade do século XIX, a oralidade executa trabalho simplesmente extraordinário. As vinculações a serem estabelecidas, neste período, através da oralidade com a matéria ficcional e desta com as constantes literárias, comprovam que o ciclo novelístico é realmente brasileiro na base de todas as fundações. A interferência da cultura de massa, através da oralidade – fluxo ininterrupto que atua desde o século XVI -, é tão flagrante que não permite qualquer discussão.

Como outro exemplo da interferência da cultura de massa no círculo erudito, temos os autos populares como autênticas matrizes culturais que dispõem de mostragem plástica, literária e musical. E, precisamente porque espetáculos de arena com raízes no mais antigo chão brasileiro, neles o nosso teatro.

Encontrou a sua manifestação primitiva. Os autos, como espetáculos populares, vêm das fundações. A dança e o canto nas cerimônias guerreiras dos índios surpreenderam cronistas do século XVI. O auto indígena dos “Pajés”, por exemplo, é fusão mítica, musical e coreográfica. Em todo o período colonial, a partir do auto indígena, os elementos constitutivos são natureza coletiva e anônima.

A cultura de massa, pois, como os autos populares provam, sempre atendeu as exigências da própria massa como receptividade e consumidora. E, se isso acontece, é porque dispõe, além das bases criadoras tão legítimas quanto as eruditas, de um poder inventivo e de uma força de testemunho simplesmente extraordinários.

Luís da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, comprova aquela inventividade sem necessidade de maiores comentários. E, quanto ao testemunho, basta que se reveja o caso de Canudos. Na luta, quando Macedo Soares combinava a ação de combatente com a curiosidade de repórter, no momento mesmo em que Euclides da Cunha redigia a *Caderneta de Campo* com vistas aos *Sertões*, já o próprio sertanejo se valia da guerra para erguer o cancionário folclórico.

José Calazans Brandão da Silva recolheu e analisou o ciclo que chamou de “Ciclo Folclórico do Conselheiro”. Quero dizer com isso que, enquanto a guerra se processava, a literatura oral se aproveitava do material que surgia na base do acontecimento ao vivo. A massa convertia Canudos, pois, em fonte literária durante o próprio processo da guerra.

Não se pode deixar de reconhecer, em consequência, que, por dispor assim de cultura tão própria que a si mesma se basta, a massa torna flagrante o que é a vocação criadora do povo. Parece-me ter chegado a hora, pois, de se desfazer a incompreensão histórica sobre a cultura de massa. E, desfazendo-a, confessemos que é uma violência a tentativa de esmagar os próprios valores culturais em proveito dos valores eruditos.

## Notas

- 1 Textos digitados por Milene Fontes de Menezes Bispo e Jó Rodrigues Cezar Junior, bolsistas IC, a partir do Projeto de Pesquisa – “Perspectivas: o trágico, o político e o literário em Adonias Filho”.
- 2 Link do evento: [www.uesc.br/noticias/?acao=exibir&cod\\_noticia=3104](http://www.uesc.br/noticias/?acao=exibir&cod_noticia=3104).
- 3 Quanto a seu acervo em São Paulo, v. [www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital). Para o Rio de Janeiro, v. [www.bndigital.bn.br/hemeroteca-digital](http://www.bndigital.bn.br/hemeroteca-digital).
- 4 PINHEIRO JUNIOR 2011, BARBOSA 2007.
- 5 Note-se a alta recorrência da expressão «consequência» nos textos das crônicas, o que procura marcar um processo racional, uma argumentação com apresentação de ideias, provas e conclusões.
- 6 Entre outros títulos de crônicas não recolhidos aqui temos: «As direitas e o voto livre», de 8/11/1983; «As patrulhas ideológicas», de 2/08/1983; «Economias em confronto», de 19/04/1983; «A engenharia», de 13/12/1983; «Escolaridade e trabalho», 18/01/1983; «Futuro sem futuro», de 12/04/1983; «Goeldi», 10/01/1984; «O intelectual e a revolução», 25/01/1983; «No fundo das cavernas», 13/12/1983; «O equívoco socialista», 31/05/1983; «O espectro de Marx», 29/03/1983; «O fracasso socialista», 7/02/1984; «O pesadelo do Rio», 17/05/1983; «O poder conservador», 15/03/1983; «O problema habitacional», 26/04/1983; «O quadro negro», 31/01/1984; «O voto facultativo», 6/12/1983; «Os conservadores», 8/02/1983; «Os motins contra Mitterrand», 10/05/1983; «O outro Vietã», 26/07/1983; «Que democracia é esta?», 12/07/1983; «O terror tribal», 3/05/1983; «Um ano começa», 03/01/1984; «Um quadro assustador», 7/07/1983; «A Unesco e a imprensa»; 14/02/1984; «Voltando ao que já fomos», 21/06/1983; «Um ano roxo», 11/01/1983.
- 7 UH 1/02/1983, p.2.
- 8 UH 18/11/1983, p.4. Note-se como Adonias Filho retoma materiais da crônica anterior de 1/02/1983, bem como partes e argumentos de seu livro *O bloqueio Cultural*, de 1964.
- 9 UH 20/12/1983, p. 4.
- 10 UH 22/03/1983, p.2.
- 11 UH 24/05/1983, p.4.

- 12 UH 21/09/1983,p.4.
- 13 UH 27/12/1983.
- 14 UH 5/07/1983,p.4.
- 15 UH 29/11/1983,p.4. A crônica é ilustrada com uma foto do Aiatolá Khomeini, está com a legenda «Um produto do fanatismo».
- 16 UH 28/06/1983 p. 4.
- 17 UH 29/11/1983,p.4.
- 18 UH 19/07/1983,p.4.
- 19 UH 23/08/1983,p.4.
- 20 UH 24/01/1984
- 21 UH 16/08/1983,p. 4
- 22 UH 17/01/1984. . Esta crônica liga-se à anterior, do dia 16/08/1983, p. 4.
- 23 UH 22/02/1983

## Referências

BARBOSA, M. **História cultural da imprensa no Brasil -1900-2000**. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

PINHEIRO JUNIOR A **Última Hora (Como ela era)**: História e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Wainer. Rio de Janeiro, Mauad, 2011.



# O fim do fim: a produção ficcional nos últimos anos de Adonias Filho

**Marcus Mota**

Doutor em História pela Universidade de Brasília – UnB  
Coordenador do Laboratório de Dramaturgia e Imaginação  
Dramática – UNB

*E-mail:* marcusmotaunb@gmail.com

Recebido em: 19/08 /2015.

Aprovado em: 15/10/2015.

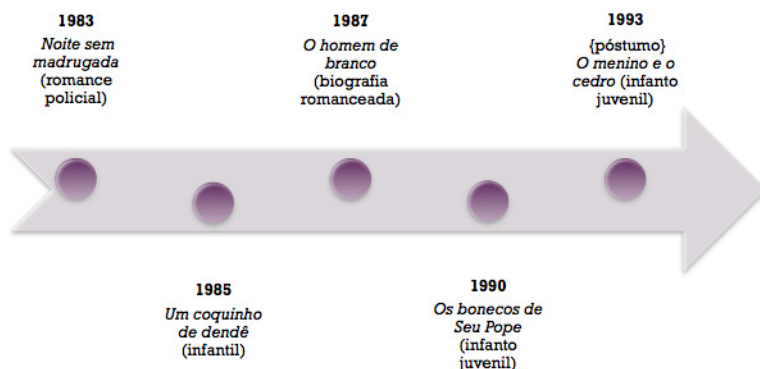
## 1 Introdução

Ironicamente, o crítico e teórico da literatura Edward Said (1935-2003) deixou um livro inacabado, publicado postumamente, a respeito do chamado 'estilo tardio' em grandes artistas, período muitas vezes marcado por mudanças relevantes na carreira e na produção de escritores, compositores e pintores, entre outros. Entre as perguntas que dirigiram as reflexões de E. Said, temos «Ficamos mais sábios com o passar do tempo? Haverá uma sensibilidade e uma forma peculiares à última fase da carreira de artistas que chamam a uma idade avançada? (SAID 2009:26).»

Um fato pouco comentado na recepção de Adonias Filho é o de ser possível identificar um conjunto homogêneo de decisões criativas em seu projeto ficcional. Este estilo tardio de Adonias Filho será o foco das observações que se seguem. A escolha deste tópico vai além de um necrológio ou rememoração afetiva:<sup>1</sup> a argumentação aqui apresentada procura demonstrar que a esclarecimento desse estilo tardio é chave para a compreensão da carreira de Adonias Filho.

Os últimos anos da produção literária de Adonias Filho (1915-1990) são pouco considerados. Vejamos os marcos temporais:

**Figura 1:** Os últimos anos da produção literária de Adonias Filho



Fonte: Elaborada pela Autor

Como se pode observar, Adonias Filho dedicou-se completamente, ao fim de sua vida, a explorar tradições escriturais às quais ele parecia pouco identificado. De fato, *As velhas*, de 1975, pode ser considerado como um ponto limite: é a última obra ficcional de Adonias Filho que se vincula ao projeto narrativo que se inicia com *Servos da Morte* em 1947 e que se compreende em um tripé de referências: 1 - tradição regionalista revisitada; 2 - diálogo com técnicas narrativas modernas 3 - recriação de imagens e procedimentos da cultura grega, especialmente a dramaturgia ateniense.

O que levou Adonias Filho a romper com seu projeto ficcional e se reinventar? De início é importante observar que Adonias Filho não foi um, mas vários. Havia o Adonias incansável comentador de livros nas colunas literárias de diversos jornais, o Adonias ensaísta, o Adonias burocrata/gerente de órgãos públicos ligados à cultura (Serviço Nacional de Teatro, Biblioteca Nacional, Conselho Federal de Cultura) e o Adonias Filho ideólogo anticomunista, para apenas nomear alguns. A ruptura com o projeto ficcional iniciado a partir de *Servos da Morte* ocorre em um tempo de maior alinhamento político-ideológico de Adonias Filho.

Como se sabe, Adonias Filho inicia sua carreira nas letras com um livro-manifesto *O renascimento do Homem* em 1937. O livro era um exercício ensaístico eclético no qual o alvo crítico era bem identificado: uma reação à mobilização esquerdista no país, reação promovida por círculos católicos e integralistas<sup>2</sup>.

Quase trinta anos depois, temos quase os mesmos antagonistas mas um outro contexto: Adonias Filho é integrado à ditadura militar como um intelectual que ocupa posições estratégicas na mobilização anticomunista. Ou seja, o projeto ideológico foi desdobrado em um projeto de poder.

Não que isso fosse novidade para Adonias Filho: ele se candidatou a Deputado Federal pelo UDN, em 1950, mas não conquistou a vaga<sup>3</sup>. Durante o período militar Adonias Filho esteve em listas para Ministro da Educação por duas vezes (1964 e 1974) e para Governador biônico da Bahia (1974)<sup>4</sup>. Era um nome na carteira, mas nunca foi utilizado. Ou seja, as oportunidades de aplicação de suas convicções restringiram-se às atividades dos cargos para os quais foi nomeado.

Assim, durante a ditadura militar temos dois movimentos contrastantes: uma maior demanda de ações para o intelectual alinhado e uma interrupção no projeto literário que caracterizava a obra de Adonias Filho<sup>5</sup>.

Ora, mais ocupado em correlacionar seu projeto ideológico a um possível projeto de poder, Adonias Filho acaba por ter de rever seu projeto ficcional. Adonias não deixa de escrever. Ao contrário: investe considerável tempo de sua vida na elaborar e coordenar textos não literários como:

1 - *Bloqueio cultural*. (Martins Fontes, 1964)

2 - *Estradas do Brasil*. (Editora Image. Ministério dos Transportes, 1973)

3 - *Sul da Bahia: chão de cacau* (Civilização Brasileira, 1976)

4 - *O cidadão e o civismo: Educação Moral e Cívica, suas finalidades* (IBRASA/INL, 1982).

Junte-se a isso a sua enorme colaboração com a Ediuouro/Tecnoprint, seja em prefácios e notas a publicações de clássicos da literatura nacional e universal, seja na tradução e adaptação de obras paradigmáticas de polígrafos como o catalão José Noguer Poch. Trata-se da coleção Os grandes Personagens e a História e de biografias de grandes figuras históricas. Entre os títulos temos: *Sócrates (o mais sábio dos homens)*, *Demóstenes (O leão de Atenas)*, *Aristóteles (Vida de Aristóteles-Símbolo da Sabedoria Humana)* *Alexandre o Grande*, *Arquimedes (O maior dos sábios da Antiguidade)*, *Júlio Cesar (o Senhor do Mundo)*, *Sêneca (Contemporâneo de todas as épocas)* *Carlos Magno*, *Ricardo Coração de Leão*, *Leonardo Da Vinci (o Homem da Renascença)*,

*Miguel Angelo (O mestre dos mestres6), Joana Darc (A donzela de Orleans), Cristovão Colombo (o descobridor) Napoleão (O filho da revolução).* Tais biografias para o público infanto-juvenil se apresentam em edições de bolso, baratas, entre 90 e 160 páginas. De fato, mesmo sendo adaptações de originais, demandaram grande energia e tempo por parte de Adonias Filho. Assim se aproximam momentos iniciais e finais da carreira de Adonias Filho: uma produção intensa de obras não originais para o mercado, obras estas marcadas por um caráter formativo, inspiracional.

Voltando nossa atenção para as publicações dos últimos anos de Adonias Filho, podemos então compreender como ao mesmo tempo apontam para rupturas e continuidades: inicialmente, inserem-se no programa de formação de corações e mentes a partir de valores cooptados com as forças políticas que sustentaram a ditadura militar. Mas não se circunscrevem a isso: a tensão entre o projeto ficcional e o projeto ideológico em Adonias vem de longa data, como vimos; e, mesmo que haja uma tentativa de harmonização no período pós-golpe de 64, ainda temos fricções e não correspondências. Vamos então para as obras.<sup>8</sup>

## 2. Um coquinho de dandê

O livro fazia parte da coleção paradidática Zipt-Zapt, da Editora do Brasil, pela qual Adonias havia publicado o romance infanto-juvenil *Fora da pista* em 1978. O projeto gráfico e editorial da obra tem como resultado a interseção entre três linguagens: a escritura narrativa, as ilustrações e as intervenções que orientam e avaliam a leitura, por meio de glossários e perguntas de interpretação textual ao fim de cada um dos dez capítulos do livro.

Antes do texto do livro começar, as informações prévias nos apontam para tentativas de descrever seu público-alvo: «o livro foi escrito para VOCÊ, criança de 9 a 10 anos. Sua cabecinha vai vibrar com a aventura de um coquinho de dandê a navegar por um grande rio.” (ADONIAS FILHO, 1985, p. 2). A informação sobre a faixa etária e o uso de uma linguagem mais direta e informal procura estabelecer o contato entre a obra e seu possível leitor implícito.

Mas esse grande rio segue seu curso sem se ater a tais diretri-

zes: na classificação para as bibliotecas, o livro é registrado como literatura infantil e literatura infanto-juvenil (ADONIAS FILHO, 1985, p. 4). Assim, o encontro entre as necessidades de mercado e as indicações didáticas vão projetando uma obra que não se reduz à funcionalidade prevista, mesmo que Adonias dedique-a para Thaís e Rosita Veloso Aguiar, suas netas<sup>1</sup>.

Ou seja, mesmo dentro de uma coleção marcada por expectativas relacionadas a um certo público-leitor, há o intervalo entre a ideia e a realização. Adonias Filho vale-se de seus famosos procedimentos estilísticos no livro, os mesmos que o fizeram ser conhecido como um artífice da palavra, gerando o esforço da parte de seu leitor para acompanhar os jogos sintáticos, o cinematismo da escritura.<sup>10</sup> Exemplificando: para além da sentença em ordem direta ou com todos seus elementos e funções, muitas vezes temos «Asas também não as tinha para voar (ADONIAS FILHO, 1985, p. 12)»; «encachoeirado, correndo grosso, roncava tão forte que era para se pensar em trovoada” (ADONIAS FILHO, 1985, p. 17); «Enorme foi o medo de que, chocando-me com algum tronco de árvore, afundasse para sempre tragado pelo lodo” (ADONIAS FILHO, 1985, p. 18). «Tais manipulações sintáticas flexibilizam a linguagem para colocar em evidência, em destaque, o que realmente importa para orientar a imaginação do leitor. A fusão entre narrativa e audiovisualidade, esse cinematismo textualizado pode ainda ser compreendido no recorrente recurso de *close-ups* narrativos: trata-se de sentenças isoladas que antecedem ou precedem sequências textuais, como na abertura do capítulo 3 (ADONIAS FILHO, 1985, p. 22-23). O movimento dos blocos narrativos em suas quantidades de linhas procura explorar na escritura o ritmo de apresentação de materiais audiovisuais<sup>11</sup>.

Dessa maneira, em uma obra relacionada a um público-alvo de leitores iniciantes, Adonias investe a narrativa de técnicas narrativas maduras. Ele não concede, não altera muito o seu modo de narrar. A mudanças estão em outros procedimentos escriturais.

Primeiramente, é a tentativa de fazer corresponder o texto a uma tradição que, aqui, oscila entre a fábula e conto de aventuras. Para Adonias valer-se de um protagonista não humano em um estrutura narrativa rapsódica não foi novidade. Em 1973 ele publica *Uma nota de cem*, que a inflação depois transformou em *Uma nota de mil*. No livro o dinheirinho passa de mão em mão, oferecendo

oportunidades para o exercício imagético e moralizante. De fato, as interrupções no fluxo narrativo por meio de discussão de valores contribuem para um texto desigual no que se refere à qualidade: nas caracterizações e na agilidade de algumas cenas percebemos as marcas de quem domina a técnica narrativa, ao prover a experiência de o leitor ser lançado aos acontecimentos que irrompem diante de seus olhos. Contudo, no julgamento das ações das personagens, há desperdício de tempo em truísmos e pressupostos sem nenhuma discussão ou validade além de seu acatamento tácito. Dessa forma, a incômoda tensão entre o ideal de orientar sua audiência e o prover uma experiência narrativa bem realizada acaba um resultado não de todo satisfatório: como os blocos de discursos moralizantes não se prendem a nada, eles são obstáculos, «postas de palavras» que entre o leitor e o fluxo narrativo. Nessa oportunidade, o ideólogo Adonias defrontou-se com um dilema: como não saturar sua narrativa como um processo discursivo que parece alheio ao mundo representado. Para quem havia trabalhado tanto com fusões entre narrativa e teatro, o fato de projetar um super sujeito dono da verdade no papel de uma nota de dinheiro foi um experimento problemático.

Lição aprendida com *Uma nota de cem*, Adonias Filho em *Um coquinho de dendê* retorna a mesma estrutura: capítulos independentes das aventuras de uma figura não humana que é antropomorfizada. Mas não há grandes verdades para serem oferecidas ao leitor: o coquinho segue uma teleologia quase aristotélica - de semente tornar-se em planta. Entre os momentos iniciais e finais dessa teleologia temos as dificuldades, provocadas por agentes naturais e humanos. Ao fim há bondade e maldade entre as pessoas e as coisas, e cabe a cada um cumprir ao que se destina.

A correção do ímpeto moralizante primevo, uma tentação para os que se iniciam nas fábulas, é controlada pela construção do fluxo narrativo e por uma tratamento alegórico de algumas das figuras que cruzam o caminho do coquinho de dendê. Esse tratamento alegórico justapõe ao texto de agora com um *background* de referências que o leitor ideal projetado para a obra não possui. Ao mesmo tempo, Adonias se vale de muitas repetições vocabulares, como um contraponto aos momentos de saturação de referências nas alegorias. Assim, o que para uns é esvaziamento, torna-se para outros pletora, acarretando a simultânea convivência de leitores mais experientes e outros em formação.

Porém, o que é digno de nota em *Um coquinho de dendê* não são nem as limitadas peripécias de vegetal ou as alegorias com as quais ele se depara: é no decurso da narrativa junto ao curso do rio Almada que Adonias Filho tem a oportunidade de trazer para o leitor a pujança da natureza e costumes da população ribeirinha. Como álbum de retratos ou um documentário sentimental, Adonias Filho busca tornar conhecido este mundo em sua beleza, que é a de sua abundância e diversidade.

A grande personagem do livro, o rio Almada, faz transbordar a narrativa não apenas em referências tópicas a lugares e costumes da microrregião Ilhéus-Itabuna: o texto é inundo por imagens, comparações, vozes das coisas e das pessoas. O fim de tudo é abrupto: mesmo que desde o capítulo quatro haja a possibilidade ou não do coquinho florescer e virar árvore, a narrativa centra-se mais nas estações, nas paragens, nos encontros. Desse modo, quando o menino Gabriel realiza seu sonho de fazer brotar a muda a partir do coquinho, o menino e o vegetal se fundem na rapidez com que a narrativa chega ao seu fim, lembrando dos breves acenos de felicidade ao fim das aventuras de Cajango em *Corpo Vivo*.

Mas, enfim, não há grandes perigos e ameaças diretas no livro: o mundo visto da perspectiva de um carço que é levado pelas correntezas é o mundo de sons e cores em volta dele. Em outras palavras, a o foco da narrativa está na habilidade de Adonias em produzir este universo imaginativo exuberante que se movimenta por si: a passividade e limitação da figura que nomeia o livro é uma oportunidade para se fazer esta geografia sentimental não recair no piegas ou no enciclopedismo didático.

A única preocupação do coquinho de dendê é não apodrecer, não ser consumido pelo meio líquido que possibilita seu deslocamento. Ao fim, então, a felicidade, breve.

### 3. Os bonecos do Seu Pope

Segundo Cyro de Mattos, Adonias Filho «vende, em definitivo os direitos autorais de *Os Bonecos de Seu Pope*, livro infantil, às edições de Ouro, para custear a doença da esposa Rosa Galeano, que vem a falecer. Na sua fazenda Aliança falece em 2 de agosto

de 1990.” (MATTOS, 2011, p. 10). De fato, no fechamento do livro, Adonias informa que fora o mesmo escrito na «Fazenda Aliança. Inema-Ilhéus-Bahia - de Janeiro a Novembro de 1989” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 79). Logo, o livro está irreversivelmente ligado à morte - sim, um livro para crianças e jovens.

Há alguns elementos em comum entre *Os bonecos do Seu Pope* e o *Um coquinho de Dendê*: são edições acompanhadas de aparato paradidático, como ilustrações e glossário; situam-se na conclusão da carreira literária e da vida de Adonias Filho; alinham ou são classificadas como produtos para um determinado tipo de recepção ao mesmo tempo em que colocam esta classificação e alinhamento em xeque.

Uma análise mais detida demonstra como dentro desse conjunto de traços comuns as obras se distinguem e nos ajudam a melhor compreender as opções estéticas e existenciais de Adonias Filho.

Diferentemente de *Um coquinho de dendê*, *Os bonecos do Seu Pope* se organizam em seriação de episódios que não partem das sensações de uma figura criada para os efeitos de uma câmera: o narrador é externo ao universo narrativo, no caso aqui os incidentes em torno da figura de um bonequeiro/performer mágico em Ilhéus. Mas é uma Ilhéus antiga, das primeiras décadas do século XX, com suas vielas, igrejas e praças, em um tempo em que as pessoas se encontram face a face, e o controle social sobre a vida alheia se manifesta em cada um saber o que o outro faz.

Mesmo que a cidade tenha o *status* de grande personagem no livro, Adonias não se limita a mostrar o espaço. A figura misteriosa do bonequeiro ‘Seu Pope’ evita a saturação da narrativa com as memórias do *flâneur*. Dessa maneira a narrativa se organiza na atração gerada pela extraordinários eventos em torno de Seu Pope. O núcleo dessa experiência eram os seus bonecos:

Cada boneco, assim como dispunha de uma voz própria, também tinha a sua própria personalidade. E, se Quincas pilheriava todo o tempo, a brincar com os espectadores, Chico mostrava-se austero, a dizer coisas sérias, a ensinar mesmo com ares de professor. O que mais agradava, porém era Gaspar, o contador de histórias. Sentadinho no braço de seu Pope, com multidão em frente, narrava histórias de amores e fantasmas, de viajantes e mágicos de feiticeiras e castelos encantados (ADONIAS FILHO, 1990, p. 26).



Mas o mistério não reside nos bonecos articulados que parecem gente: o fato de seu Pope ser «mais que uma criatura humana. Talvez um ser mágico ou um bruxo” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 52) amplia-se na história paralela da Formiguinha. Para o idoso artista, ela «foi minha mãe, minha noiva e minha amante. A coisa mais querida do mundo [...] flutuava como uma leve nuvem no misterioso reino da morte. [...] Filha da égua selvagem com o arco-íris. [...] Um dia quando ele estiver preparado para ouvir, contarei ao povo de Ilhéus a vida de Formiguinha” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 49-50).

Assim, Adonias acumula suspensões de sentido. De um lado temos «o misterioso homem dos bonecos, que ao menos não se sabia de onde viera, tinha partes com o diabo. As dez vozes que usava e o tratamento que dava aos bonecos falantes - que, para ele, eram criaturas tão humanas quanto qualquer mortal - já denunciavam o mistério que o envolvia.» De outro lado, «além de falar com os bonecos, também conversava com uma mulher morta que, por sua vez, era filha de uma égua selvagem com um arco-íris.” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 56).

Se em *Um coquinho de dendê* o ‘maravilhoso’ entre cena para uma poética cinemática dos entornos do Rio Almada, aqui a «suspensão da descrença» é provocada para que a cidade de Ilhéus mire em um espelho, e observe o que não quer ver. Pois o mesmo homem que traz tanta felicidade para a cidade começa a ser alvo de desconfianças e julgamentos até que seus bonecos são roubados. O Seu Pope estava se tornando perigoso para a modernização da cidade: «Os que se julgam bem-pensantes e esclarecidos, porém, contestavam e diziam que uma cidade como Ilhéus, ainda no começo do século, pois em 1926, não poderia oferecer tão impressionante exemplo de atraso. Não seria fácil explicar por que o povo se deixava levar pela conversa de um velho bronco, mas esperto.” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 60).

Diante da hostilidade crescente, o artista desiste de sua última apresentação. Adonias deixa tudo para o fim do livro. Nas duas páginas finais ele apresenta Seu Pope: «Não havia imaginação e nem preparo para que o povo aceitasse sua confissão. [...] Os bonecos não foram roubados. Ele próprio simulara o roubo, escondera os bonecos, criara o barulho, visando atrair o povo para o espetáculo de domingo” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 77). Enquanto a multidão se apinhava na praça para o último espetáculo, o artista debandou-se

da cidade: «E assim como chegou, seu Pope saiu de Ilhéus. Raros os bem-aventurados que o viram, com os seus pés na estrada, já fora da cidade. E conversava, muito tranquilo com seus bonecos” (ADONIAS FILHO, 1990, p. 78-79).

*Os Bonecos de Seu Pope* é o canto de adeus de Adonias Filho, como o *Rei Lear* o é para Shakespeare. O artista que não é compreendido, o idoso artista que é recusado pela cidade, acaba por ser refugiar nos produtos de sua imaginação. Esses novos tempos, essa nova imagem do artista para a cidade, são mostrados no deslizamento da magia para o charlatanismo, do trajeto da relação entre o artista e sua comunidade e a ruptura desse vínculo. Em vez de continuar a fazer sua arte, o Seu Pope prepara uma saída magistral memorável: um espetáculo sem o artista, um palco preparado, a audiência presente, apontando para o vazio que não se preenche. A audiência será testemunha do espetáculo interrompido, da presença do vigor do artista ausente.

Para organizar tal metanarrativa, Adonias mostra-se como um narrador mais flexível, menos comprometido com os arranjos invertidos ou elípticos das sentenças. O trato com as imagens também é mais reduzido: há poucas metáforas e comparações, uma menor intensidade na busca de fundir o que se narra com o que se mostra. Mas todos estes «menos» apenas o são em comparação com a tessitura narrativa do estilo adoniano. *Um coquinho de dendê*, por exemplo, relaciona-se com este estilo de maneira a dele se desviar por excesso: há uma inflação de comparações, de *links* imagéticos na narrativa, tornando-a quase infantil-paratática. Já em *Os bonecos de seu Pope* há o maior predomínio da ordem direta das sentenças, de relatos, de diálogos simples, tudo como extensão de um narrador onisciente que dispõe e apresenta os eventos e as figuras em contato.

Tal empenho e esforço em ser direto e claro faz com que o imponderável, o mistério do Seu Pope ao fim torne-se algo contido nos limites de seu contexto: a irrupção do maravilhoso no seio da cidade como presença de um passado que não se explica e que, mesmo não congruente com os novos tempos, permanece em sua ausência fundadora.

Assim, Adonias Filho despede-se do mundo e da ficção com uma apologia ao seu ofício, o de contador de histórias. O que quer que venha a ser «filha da égua selvagem como o arco-íris» não é menos importante do que deixar a memória, a presença de algo

inesgotável e singular. Em *Um coquinho de dendê*, este excesso superabundante estava na *physis*, no mundo em volta do rio. Agora está na figura do artista de muitos sons e imagens.

#### 4. O menino e o cedro<sup>12</sup>

No site da editora FTD, a ficha técnica da obra traz as seguintes indicações:<sup>13</sup>

**Figura 2:** Ficha técnica da obra O menino e o cedro



The image shows a screenshot of a technical sheet for the book "O menino e o cedro" from the FTD website. At the top, there are three tabs: "Descrição", "Ficha Técnica" (which is selected), and "Coleção". Below the tabs, the title "O menino e o cedro" is displayed. The technical details listed are: Cód FTD: 13402303; Disciplina: Literatura; Nível: Ensino Fundamental; A partir de: 6º ano; Temas abordados: Amizade, Amor, Solidariedade; Temas transversais: Ética, Meio ambiente; Genero Literário: Aventura; ISBN: 8532210228; Peso: 0,117 Kg; Páginas: 64; Ano de produção: 1994; Editora FTD. At the bottom, the author is listed as Adonias Filho and the illustrator as Carlos Moreno.

Fonte: Site da Editora FTD

Como se pode notar, este “texto de aventura” se dirige para estudantes do ensino fundamental com aproximadamente 13 anos de idade, retomando indicações etárias de *Um coquinho de dendê* e *Os bonecos de seu Pope*.

O livro também se situa em um passado histórico que se interpenetra com o tempo de fábula. Contudo, aproxima-se mais de *Um coquinho de dendê*: o ambiente rural em torno do rio Almada e técnica de montagem de imagens a partir de matrizes épicas do Velho Testamento Bíblico e da literatura grega, como Homero e Ésquilo.

Neste livro póstumo, Adonias encerra o ciclo de obras finais com as quais concluiu sua carreira literária celebrando um universo

narrativo no qual potências cosmogônicas entram em luta: o cedro, «um gigante, com quarenta pés de altura e que tivesse a cabeça perto do céu, olhando de cima acharia tudo aquilo - a casa, o rio e as plantações - não passara de um presépio, miudinho no vale imenso. O rio, principalmente, e de tão insignificante, apareceria como um fiapo de água.” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 15), e o rio Almada durante as cheias e um dilúvio: «todas as forças pareciam ter seu unido - trovões, relâmpagos, ventania, chuva - para a destruição de tudo” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 55).<sup>14</sup>

Toda a narrativa converge para este drama cosmogônico final que coloca em risco uma família e sua casa. As dez divisões narrativas do livro vão apresentando os agentes que participam desse drama, por meio de uma seriação de episódios encaixados: o fim de cada episódio anuncia o seguinte. Assim, temos:

1 - *Entre a casa e o rio*, no qual se localiza a família em uma casa nas margens do rio Almada, com a indicação de Grilim ao fim do episódio «Onde está Grilim? Onde se Grilim se meteu?” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 9).

2 - Grilim, no qual a movimentação do menino funciona um adensamento da espacialidade além da casa e então seu contato, enfim, com o cedro, o vermelho.

3 - O vermelho, no qual, além de se ampliar o estatuto mítico-hipérbolico do cedro previamente apresentado, «Era de fato maior que um gigante, dez vezes gigante, de tão alto que, no outono, se encontrava com as nuvens. Duzentos metros, a altura.” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 19). No fim do episódio há a referência à cadela Manió, transpondo do gigantismo da árvore para a cadela companheira a amizade de Grilim.

4 - Manió, a cadela caçadora, «alta, com as orelhas aberta para todos os ruídos, liso o pelo cor de manteiga, enormes os dentes afiados, os olhos marrons, assim era Manió. Um homem bruto, mesmo com seu chicote, seria presa fácil para os seus dentes.” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 25). Aqui se encerra a primeira sequência do livro, com a paz entre a casa e o mundo natural, com a amizade entre Grilim, a cadela e o cedro. A cadela mesma antes «valente e agressiva, capa de enfrentar um par de onças de uma só vez em guerra aberta” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 25) deixara de ser caçadora para se transformou em moleque, na companhia de Grilim, «feliz da vida, andando por aí a cantar e assobiar” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 26).

5 - Vento, sol e chuva são a parte medial do livro em que o limite da estabilidade e calma dos eventos narrados chega ao seu máximo. No diálogo, ao fim do episódio, Grilim entra em conversa com o Vermelho, duplicando o diálogo anterior com Manió. Agora tem um amigo protetor gigante, do qual «esperava durasse para sempre a amizade» (ADONIAS FILHO, 1993, p. 33).

A segunda metade do livro é uma sucessão de tensões que se insere para dissipar em mundo encantando do menino, sua casa e suas criaturas: episódio seis entram homens que propõem ao pai de Grilim, Nico, a derrubada do Vermelho para fazer estacas; episódios sete e oito: Nico tenta derrubar o Vermelho, mas é impedido por Grilim. Então, nos dois últimos episódios, o conflito é cósmico: uma tempestade se abate sobre abate sobre o espaço mítico de Grilim, sua família e seus amigos «nuvens grossas e escuras estavam nas lonjuras. Chuva de dilúvio deveria cair naquela distância, ali, nas cabeceiras do rio.» (ADONIAS FILHO, 1993, p. 55). Com a tempestade, o rio transbordou: «A casa estava cercada. O rio cercou a casa! O rio subia, espumava com raiva, inchava e roncava. Já não era um rio, mas um monstro que, arrastando as árvores a animais, não tardaria a engolir a casa.» (ADONIAS FILHO, 1993, p. 57).

Então, na conclusão do livro, temos o embate entre o Vermelho e o rio, ambos personificados em uma épica batalha: «O rio e o cedro enfrentam-se, agora, como inimigos» (ADONIAS FILHO, 1993, p. 62). De um modo súbito e inesperado, o conflito se resolve: «como se despencasse um pedaço do céu, com imenso esforço a arrancar as próprias raízes, o tronco mais duro que o ferro, o cedro fez o que devia fazer. Caiu por si mesmo, a provar que era mais forte que o rio, para salvar Grilim, os pais e os irmãos. O Vermelho primeiro adernou, cambaleando, e, com barulho de cem trovoadas, caiu sobre o rio. Rasgou as águas ao meio, e fazendo a correnteza recuar, colocou-se à porta da casa. O rio espumava, querendo afastá-lo, mas sem forças para removê-lo e sem água para cubri-lo. Uma ponte, o cedro estabeleceu uma ponte entre a casa e a terra firme.» (ADONIAS FILHO, 1993, p. 62).

Essa fraternidade universal concluiu o livro, reforçando a perspectiva da criança, a brincadeira de falar com todos e estabelecer um acordo entre as criaturas do mundo.

## 5 Padrões

Dessa maneira, no estilo tardio de Adonias Filho, predomina esse movimento de afastamento em relação ao tipo de ficção para um público adulto, com narrativas sem o imaginário trágico anterior e suas manifestações de violência e morte.

A partir desse afastamento, temos a retroversão, ou a busca de realidades primevas, antigas, mesmo míticas, em que o passado arquetípico e o maravilhoso vigoram como dimensões operantes na narrativa.

Porém, cada uma das situações das três narrativas estudadas apontam para diferenciados confrontos e modos de resolução. O Coquinho de dendê não tem controle sobre seu destino e vai correndo rio abaixo entre os riscos e o deslumbramento de uma realidade exuberante e mítica, até fixar-se em um solo, e feliz e renascido, ver «o sol que, surgindo naquele instante, veio para engrossar as minhas raízes” (ADONIAS FILHO, 1985, p. 70). Ao seu turno, o fantástico idoso Seu Pope, decide largar a cidade, seu público, sua audiência, ensimesmando-se com seus bonecos: «E assim como chegou, seu Pope saiu de Ilhéus. Raros os bem-aventurados que o viram, com os pés na estrada, já fora da cidade. E conversava, muito tranquilo, com seus boneco.”s (ADONIAS FILHO, 1990, p. 79). E, com a casa salva espetacularmente da inundação por causa de uma árvore providencial, o menino Grilim fecha sua aventura em voz alta «Sei agora que as árvores amam e sofrem como os homens” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 62).

Assim, em *O coquinho de dendê* o conflito está no contato com o mundo, é inerente ao processo de maturação, mas a maturação se encaminha para uma solução final, para a eliminação do conflito, que é o sujeito encontrar um lugar estável na terra, fora do fluxo, do rio. Em *Os Bonecos de seu Pope* o mundo, os outros são os antagonistas, e sair do mundo e refugiar-se naquilo que concorda consigo é a solução dos conflitos. E em *O menino é o cedro*, há uma ordem universal no acordo entre as criaturas, capaz de resistir a eventuais investidas contrárias. Enfim, é preciso adotar a perspectiva de um menino e estar aberto a esta força universal harmônica.

Mesmo que não haja total acordo entre as situações das narrativas em relação ao modo como os conflitos são propostos e resolvidos,

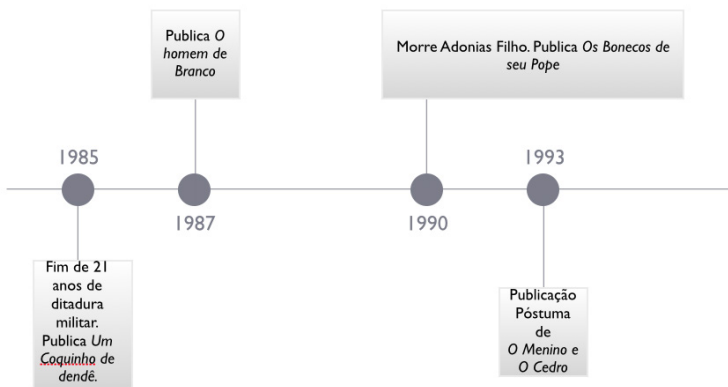
o que se projeta é uma paz, uma solução, um momento de encontro do sujeito com sua plenitude apenas no fim, no extremo limite dos textos. O calor e o poder revigorante do sol, a brincadeira com os bonecos na errância pelas estradas e o visão da família e da casa salvas - todas são epifanias que ocorrem no término, das últimas linhas dos livros finais de Adonias Filho. Essas poderosas imagens de repouso, proteção e renovação concluem trajetórias narrativas e projetam imagens finais para a carreira mesma de Adonias Filho.

Por que então, ao fim de sua existência, o escritor lançou-se ao que se pode chamar de um estilo tardio, o qual se marca por um tom parabólico, nostálgico, retroversivo, que, no fim do fim, oferece breves e intensos momentos de alegria, paz e repouso, construídos em oposição a riscos, incompreensões e tensões cósmicas? O que podemos extrair das *imagens-princeps* da semente, do idoso artista e do menino<sup>15</sup>?

## 6. Fechado as pontas

Além dos textos, o estilo tardio de Adonias Filho se confunde com o encerramento da ditadura militar no Brasil:

**Figura 3:** Adonias Filho e Ditadura Militar



Adonias Filho viveu pouco tempo na chamada Nova República. Os seus últimos cinco anos de vida nos deixaram quatro obras, as quais, mesmo que tenham alguns traços de obras anteriores, conservaram uma identidade, algo que as diferencia do que ficou para trás. Adonias escreve em outro tempo, em uma outra conjuntura. Nesses novos tempos de abertura política, Adonias prefere escrever para os jovens, para as crianças. Adonias Filho, pois, frente ao fim da ditadura militar, frente ao fim de seu mandato no Conselho Federal de Cultura, passa mais tempo longe do Rio de Janeiro, até que se muda em definitivo para sua fazenda Nova Aliança, em Inema. Assim, o estilo tardio de Adonias Filho é uma réplica literária de uma situação existencial: o insulamento do escritor após o fim da ditadura militar e de suas ocupações oficiais neste governo. Continua na Academia Brasileira de Letras, mas essa não é uma função pública.

Nesse sentido, a partir de seus 70 anos, Adonias se reinventa: passa a residir no espaço de suas memórias, como uma volta a um passado sempre presente. E escreve livros sem um ambicioso projeto expressivo ou político. Trata-se de obras de adeus. Mas adeus a quê?

A ditadura militar significou para Adonias Filho o encontro de sua utopia da mocidade (integralismo) com os meios para realizá-la. Seria a convergência de seu projeto ideológico com seu projeto de poder. Seu engajamento manifesta-se nos cargos ocupados e nas obras escritas. Um último exemplo disso está no conjunto de crônicas escritas entre os anos 1983 e 1984 para o *Última Hora-RJ*<sup>16</sup>. Aqui, nos estertores da ditadura, Adonias Filho em contínuos editoriais discute e apresenta soluções para problemas nacionais e internacionais os mais variados, sem contudo ainda arrefecer sua ferrenha oposição aos perigos de supressão da liberdade, da cultura, da civilização nos que seguem o espectro de Marx.

Assim, atualiza-se o mesmo esquema de base presente, por exemplo, em *O renascimento de um homem* (1937), nas notas cáusticas contra JK na coluna Estante no *Diário de Notícias*, no *Tribuna da Imprensa* e no *journal Semanário* entre 1957 e 1960<sup>17</sup>, e os textos supracitados durante a ditadura militar. Se antes havia o inimigo e a perspectiva de enfrentá-lo, após o fim da ditadura, há um mundo novo, estranho, uma nova época para Adonias Filho: as dicotomias, a hierarquia dos valores tudo soçobra. A ditadura militar teria sido o lugar e o momento para se instalar no país a sua utopia e ele, mais que um ideólogo, seria um oficiante e fiscal dessas ideias tornadas



realidades. E não foi por falta de esforço e escrita que isso deixou de acontecer.

Restou para Adonias Filho refugiar-se em um tipo de práxis literária e em sua fazenda, herança familiar. Ele que havia saído desse ambiente controlado pelo pai para ser escritor, agora retorna para escrever e morrer. Nas palavras de seu amigo e também escritor Hélio Pólvora, lemos que:

Ao perceber que um dos filhos, o adolescente Adonias, propendia às letras que não eram promissórias, e parecia entregue a devaneios inócuos, o velho insurgiu-se. Queria-o médico, teria de ser médico.

O conflito agravou-se. Um dia o patriarca perdeu as estribeiras e soltou os cães de guerra: se o filho queria de fato ser escritor, que sumisse então da sua casa e de suas vistas, que fosse para bem longe e lá ficasse. (PÓLVORA, 2014, *online*).

Dessa maneira, o estilo tardio de Adonias Filho apresenta uma sucessão de narrativas parabólicas que buscam explorar a sua reintegração com seu mundo de uma vez por todas. Mesmo que estivesse muito ligado a sua terra e aos problemas da região onde nasceu por textos e laços familiares e políticos, Adonias Filho agora está restrito a sua fazenda e aos seus livros. E nessa confluência entre existência e literatura ele pode fazer o que quiser. Não há mais os outros.

Nesse sentido a questão da infância ganha relevo hermenêutico: os livros do estilo tardio não apenas são destinados a um público leitor infanto-juvenil como também são atravessados por figuras de crianças: *Um coquinho de dendê* apresenta um fruto em seu desenvolvimento, que duplica a imagem de meninice ao ser, nos dois capítulos finais do livro ir parar nas mãos de um outro menino - «E eu, um coquinho de dendê, me tornei um pertence de Gabriel. Menino de quinze anos de idade e, porque ajudava o pai no trabalho, muito sabia da plantações” (ADONIAS FILHO, 1985, p. 65). É esse rapazinho Gabriel que cuida do fruto e o ajuda a se transformar em muda de dendê e depois em palmeira. Por sua vez, desde os título, em *Os bonecos de seu Pope* anuncia-se a referência a esse grupo de marionetes que são, enfim, como filhos do artista extraordinário. Ao passo que em *O menino e o cedro*, o foco da narrativa vai para o menor dos filhos de Nico, «o menorzinho, Grilim, de dez anos, era

o espanto da casa” (ADONIAS FILHO, 1993, p. 8).

Em momentos de sua crítica literária jornalística, Adonias Filho explicitou suas ideias com a literatura infantil. Três momentos:

A - resenhando o livro de Gilberto Amado, *História de minha Infância*, Adonias parece visualizar o futuro: «Gilberto Amado sabe que a colaboração vem da memória e o que me parece extraordinário é a reprodução por intermédio da memória, da perspectiva infantil. O veículo máximo é a memória visual-auditiva. Em todo o livro, é o menino quem vê e escuta. As imagens correm, inúmeras, vibrantes aos grupos [...]»

B - Em 1946, ao Correio da Manhã, Adonias Filho procura conciliar duas demandas: a necessidade de se «conhecer a solicitação da criança, não afastar-se nunca dos seus sentimentos interiores e de sua compreensão de vida» e a exigência de educar, do livro infantil funcionar como «um veículo decisivo de influência e educação” (ADONIAS FILHO, 1946, p. 4).<sup>18</sup>

C - Em 1960, frente um mercado editorial que se organizava, Adonias Filho projeta: frente ao aumento na procura e na oferta de títulos, o mercado “começa por reclamar um escritor que - tendo as melhores qualidades de ficcionista - será um técnico no sentido da aplicação psicológica e do emprego da linguagem exata. O interesse pela comunicabilidade não permitirá o desconhecimento da técnica novelística. Para alcançá-la, a essa comunicabilidade que corresponde à integração do livro na capacidade receptiva de seu leitor, o escritor necessita adaptar os recursos novelísticos ao plano infantil. Talvez seja, na ficção, o único tipo de livro escrito para um leitor certo e mentalmente configurado. Em sua ação episódica, na caracterização das suas personagens, na elaboração de sua atmosfera, o livro infantil não dispensa um enquadramento especial. Movimenta-o, em certos aspectos, menos o poder criador do autor e mais o reconhecimento das qualidade psicológicas do leitor a que se destina. “

Toda essa prefiguração foi implementada em *Uma nota de cem* e nas milhares de páginas gastas em reescritas e adaptações para a Ediouro/Tecnoprint. O caso do estilo tardio é outro. Não há mais este projeto iluminista, não há utopias. Mesmo dedicados aos netos, mesmo classificados como literatura infantil ou literatura infanto-juvenil, a produção final de Adonias Filho não se compreende como produto de circunstância ou mercado.

Nesse sentido, a criança, suspensa entre ontem e o amanhã, não ratifica nenhuma paidéia: ela está em jogo, perto da casa. Segundo

Bachelard, “ao sonhar com a infância, regressamos à morada dos devaneios, aos devaneios que nos abriram o mundo. É esse devaneio que nos faz primeiro habitante do mundo da solidão. E habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens (BACHELARD, 1988, p. 101).”

Neste exílio voluntário, de volta para seu lugar, Adonias vai defrontar-se com as coisas que estão ao seu alcance, com seu pequeno grande mundo em Inema. Cristão, talvez venha em sua mente as diversas passagens dos evangelhos sobre Jesus e as crianças. O menino é o pai do homem, diria alguém.

No fim do fim, seu estilo tardio revela atos de ruptura e de uma tensa, mas feliz reconciliação com sua história. Pelo menos nos momentos de conclusão, no fim do fim.

## Notas

- 1 Como, por exemplo, o capítulo «Imagens e Palavras de Adonias Filho» em PÓLVORA 2005:82-91.
- 2 Para uma discussão mais detalhada sobre este livro e a sua relevância na bibliografia de e sobre Adonias Filho, v. DANTAS 2010.
- 3 *Tribuna da Imprensa* 24/05/1950, p. 7; *Diário Carioca* 11/06/1950, p. 4
- 4 Para Ministro da Educação: *Última Hora* 13/04/1964, p. 02 e *Tribuna da Imprensa* 14-15/12/1974, p. 05; para *Governador da Bahia*: *Tribuna da Imprensa* em 23/01/1074
- 5 Fred Elisson acrescenta a este conjunto de atividades o fato de a partir de 1975 Adonias dar início «a um rico período de 10 anos como colunista sobre temas do interesse nacional para o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (ELISSON 2011:130).» Nessa mesma direção, Adonias escreve crônicas sobre os mesmos temas no jornal *Última Hora*, entre 1983 e 1984.
- 6 O original deste é de Maria Luz Morales.
- 7 Recontado por Adonias Filho a partir do original de José Baeza.
- 8 Não trato aqui dos livros *Noite sem madrugada* e *Um homem de branco*.
- 9 Filhas de Adonias Aguiar Neto, filho de Adonias. V. <<http://ascompmitajuipue.blogspot.com.br/2014/02/morre-aos-63-anos-de-idade-adonias.html>>. Thaís nasceu em 15/01/1979, e Rosita em 1/07/1980, tendo então, respectivamente, 6 e cinco anos de idade. Teriam de aguardar um certo tempo para ler o presente do vovô. Mas poderiam ver as ilustrações ou alguém contar para elas.
- 10 MATTOS 1991:7 «Sua narrativa com períodos curtos, em que aparece a posposição do sujeito, o uso valorizado do gerúndio, a supressão do verbo na frase sincopada».
- 11 Exemplo textual desse ritmo: «Todo o tempo, enquanto descí na doída carreira das águas, vi como são lindas as margens do Almada. Um ou outro ribeirão, com as águas barrentas, vinham desembocar no velho rio. E quantos regatos, meu Deus! (...) O temporal, que me arrancara do cacho dos coquinhos de dendê e me separara de mãe, não fora de brincar em serviço. Ali estava o resultado na cheia do Almada, que inundados os pastos e as plantações, ameaçava as casas. **O sol, porém, estava**

no céu (ADONIAS FILHO, 1985, p. 23). « Grifo nosso.

12 No site da editora FTDE, a obra é indicada para ser lida a partir do 6º ano do ensino fundamental. Os temas abordados são amizade, amor, solidariedade e os temas transversais [shttp://omeninoeocedroon.blogspot.com.br/](http://omeninoeocedroon.blogspot.com.br/).

13 <http://www.ftd.com.br/detalhes/?id=3453>.

14 Sobre a questão dos mitos, v. SOUSA 1973 e SOUSA 1980.

15 Emprego aqui a expressão de Gaston Bachelard, utilizada em referência a uma imagem arquetípica, axiomática, imagem-princípio (BACHELARD 1989 e 1996). V. ainda MOTA 2014.

16 MOTA 2015 c.

17 MOTA 2015.

18 *Correio da Manhã* 12/05/1946, p. 4. Esse texto foi republicado no suplemento Letras&Artes do jornal *A manhã*, 27/05/1951, p. 6. e no Jornal de Notícias(Goiânia) 17/08/1952,p. 2.

## Referências

ADONIAS FILHO. **Um coquinho de dendê**. São Paulo: Editora do Brasil, 1985.

ADONIAS FILHO. **Os Bonecos de seu Pope**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

ADONIAS FILHO. **O menino e o cedro**. São Paulo: Editora FTD, 1993.

ALMEIDA, M.F.A. **Representações dos espaços rural e urbano na ficção de Adonias Filho**. Dissertação de Mestrado, UEFS, 2014.

ARAÚJO, V.L.R.C **Palavra de Deuses, Memória de Homens: Diálogo de culturas na ficção de Adonias Filho**. Maceió: Ed. UFAL, 1999.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DANTAS, R.N. **Entre a Arte, a História e a Política: Itinerários e representações da 'Ficção brasileira' e da nação brasileira em Adonias Filho (1937-1976)**. Tese de Doutorado, Unicamp, 2010.

MATTOS, C. **O chão de cacau: Adonias Filho**. Suplemento Literário do Estado de Minas Gerais 2/2/1991,p. 6-7.

MATTOS, C. **Histórias Dispersas de Adonias Filho**. Ed.UESC, 2011.

MOTA, M. **Imaginação e morte**: Ensaios sobre a representação da finitude. Brasília: Editora UnB, 2014.

MOTA, M. **O romance dramático de Adonias Filho**: a mobilidade dos procedimentos. Cadernos de resumo do XII Seminário Internacional Archai. Coimbra/Brasília: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos / Universidade de Coimbra Cátedra UNESCO ARCHAI, 2014. p. 21-22. (2014 a)

MOTA, M *et alii*. **Documenta**: Adonias Filho e o teatro. *Revista Vis* 13.2(2014): 250-270. (2014 b)

MOTA, M. **Vida/Morte, Morte/Vida**: Temas e Tarefas na recepção de Adonias Filho. Texto Inédito, apresentado ao seminário 'O Literário, O Político e o Trágico em Adonias Filho', na UESC 2015.

MOTA, M. **A narrativa como experimento**: Entrelaço de tradições em Adonias Filho Texto Inédito, apresentado ao seminário 'O Literário, O Político e o Trágico em Adonias Filho', na UESC 2015. (2015 a)

MOTA, M. **Os textos não literário de Adonias Filho**: Perspectivas em aberto. Texto Inédito, 2015. (2015 b)

MOTA, M. **Adonias Filho Cronista**: apresentação e pequena antologia. Inédito, 2015. (2015 c)

OITICICA, R. **O Instituto Nacional do Livro e as Ditaduras**: Academia Brasileira dos Rejeitados. Tese de doutorado, PUC-RJ, 1997.

PÓLVORA, H. **Memorial de Outono**: Vivências de um velho escritor zangado. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

PÓLVORA, H. A fuga de Adonias Filho. Disponível em: <<http://www.academiadeletras.deitabuna.com.br/2014/02/a-fuga-de-adonias-filho.html>>. s/d.

SAID, E. **O estilo tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, E.A.R; FREITAS, L.S; BERTOLETTI, E.N.M. **A questão da faixa etária na literatura infantil**. *An.Sciencult* 1.1(2006):68-73). Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/view/132/70>>.

SOUSA, E. **Dionísio em Creta e outros ensaios**: estudos de mitologia e filosofia da Grécia antiga. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

SOUSA, E. **Mitologia**. Brasília: UnB, 1980.

# ***Renascimento do Homem (1937)*, o ensaio-chave para entender a obra de Adonias Filho**

**Robson Norberto Dantas**

Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de Santa Cruz

*E-mail:* robsondantas1304@gmail.com

Recebido em: 20/08 /2015.

Aprovado em: 17/10/2015.

## **1 Introdução**

*Renascimento do Homem (1937)* foi escrito por Adonias Filho “em seus anos verdes de Integralismo” (PÓLVORA, 2005) concebido como história das doutrinas filosóficas, com o objetivo de demonstrar que a Renascença desencadeou o naturalismo, o racionalismo, o cientificismo, movimentos, que engendrariam fases, períodos, etapas que levariam ao declínio da civilização cristã e a emergência do comunismo.

Em seu diagnóstico, a doutrina “liberal-marxista” teria destruído pouco a pouco os laços do homem com a fé, com Deus e com a moral, fazendo-o regredir ao primitivismo. Portanto, o homem moderno teria surgido de um “erro filosófico” derivado da concepção científica do mundo; erro que começou no Renascimento e descortinou para o homem novas perspectivas na ciência, criando novos métodos de investigações e de experimentações, sob o critério científico. O resultado teria sido extraordinário para a mente humana, que ganhou uma grande capacidade de análise de todas as coisas naturais. Entretanto, com o tempo, isso resultaria em um alto preço: o naturalismo, o racionalismo e o cientificismo teriam provocado uma revisão radical da ideia de Universo, inclusive, deslocando o sentido de homem, que passou a ser visto apenas como ser natural, sem espiritualidade.

Para Adonias, a Idade Média foi um momento importante de recuperação do homem. Nesse sentido, tudo indicava que, após uma longa vida primitiva e pagã decorrente da Queda, motivada pela rebelião contra Deus, ele caminhava para reconstituir a sua espiritualidade e voltar a ter uma conduta moral. Nesse processo de reconstituição de sua interioridade espiritual, a Igreja Católica medieval lhe teria dado um sentido para a vida, reconduzindo-o à unidade entre corpo e alma.

Entretanto, o medievalismo enquanto regime social foi ruim para o cristianismo. Se por um lado, ajudou o homem a se concentrar espiritualmente, por outro, cometera excessos que resultaram em uma época de opressão, origem de uma segunda rebelião. O efeito foi ruinoso, porque, ao revoltar-se contra o regime medieval, ele rebelou-se, inconscientemente, contra o cristianismo. Daí teria nascido o Renascimento, movimento de ideias que viria impor o paradigma do homem primitivo ou natural, ensejando, posteriormente, a criação do homem “liberal-marxista”.

Na argumentação de Adonias, o Renascimento levou o homem moderno a sua autoglorificação, ou seja, ele passou a “julgar-se força, movimento e causa da vida e de tudo”. Livre da Igreja Católica, o homem criaria uma nova doutrina filosófica, política e social, embora não de imediato, já que foi preciso alguns séculos para que a filosofia, de base racionalista penetrasse no espírito do tempo e na mente dos homens.

Na criação dessa nova doutrina, sob pressão, o homem se viu obrigado a buscar uma atitude passada, antiga, fazendo então renascer o naturalismo. Foi daqueles tempos pagãos que o homem tirou a sua filosofia anticristã, seus princípios, conceitos, postulados, sua doutrina filosófica, sua orientação política, sua posição social, enfim, tudo o que seria “anticristão”. Assim, o naturalismo (e a consciência antropocêntrica), teria feito renascer os caracteres primitivos de ser humano: a revolta e a belicosidade. Dominado e orientado pelos instintos, ele sacrificaria o espírito, o único elemento que o distinguiria dos outros seres da natureza. Necessitando de outra força que não a sua, ele a teria buscado fora de si: encontrou-a na natureza.

O naturalismo se tornou o eixo da vida, seu movimento e causa, e deixou o mal que nele existia desenvolver o egoísmo. Apoiando-se nele, o homem voltou-se para o seu próprio interesse, julgou-se maior que os próprios semelhantes. Nasceu assim o individualismo. Aí começava a se configurar o novo homem, profundamente egoísta,

com a vontade de querer todas as coisas; não se contentando com o seu entorno, ultrapassou fronteiras e passou a dominar todas as partes do mundo.

O triunfo do naturalismo foi decisivo, pois suprimiria o sentido cristão-medieval e o homem sobrenatural. Encerrando-se o período do antropocentrismo logo sucederia outro tão nocivo e degradante quanto ele, o cientificismo, que se inicia para “manter, aperfeiçoar e prolongar os caracteres em formação”.

Através do cientificismo, o homem foi pouco a pouco suprimindo a fé. Mas isso não teria sido de imediato, ocorrendo paulatinamente por intermédio de uma luta renhida entre razão e fé. No seu centro estaria a questão da “verdade”, a verdade científica e a verdade religiosa. Nessa luta, a verdade moral da religião seria destronada restringindo-se a uma só, a da ciência.

No entendimento de Adonias, a verdade proveniente da fé religiosa se manifestaria pela fé; tratava-se, portanto, de uma verdade revelada, por isso sobrenatural, já que “não se revela pela luz natural da razão, mas pela autoridade de Deus, que não pode enganar-se ou enganar-nos”. A fé religiosa exporia uma verdade que seria antitética à verdade formulada pela filosofia do homem renascentista. A verdade religiosa saiu do campo do conhecimento do mundo físico e ficaria restrita ao campo da moral.

No fundo, a filosofia racionalista procurava a “independência integral” da razão, para que definisse os rumos da ciência. Pouco a pouco ela passaria a ser o elemento caracterizador do ser humano: “a razão adquire uma soberania absoluta e penetra na vida para caracterizar a vida”. (ADONIAS FILHO, 1937, p. 64).

No diagnóstico de Adonias, no fundo, não haveria antagonismo entre o liberalismo e o marxismo, pois se tratava de sistemas com a mesma origem filosófica. Assim, em sua genealogia, a fase marxista existe em absoluta identidade com a fase liberal, mas os marxistas se projetariam como movimento doutrinário sem qualquer ligação com o capitalismo. No entanto, eles reproduziriam integralmente os princípios liberais. A passagem de uma fase a outra ocorreria por meio da “evolução de identidades”: política, econômica, cultural e moral. Elas evoluiriam de forma teórica e prática com o interesse de completar um “fim”, que seria a fase marxista.

Em relação à identidade moral, Adonias observa que a antítese entre ciência e religião teria sido outro fator de desequilíbrio. O



homem sem o sentimento religioso não conseguiria dispor de sua vontade livremente. Na Idade Média, o cristianismo dotou o homem do “problema moral”, isto é, da capacidade de discernir entre o bem e o mal; entretanto, o cientificismo “falso” lhe suprimiria a moral e ele teria ficado apenas com o “problema”. Destituído do problema moral, desde então a sua vida vinha sendo de conflito interior, de desorientação, pois passaria a confundir o bem com o mal e vice-versa.

O liberal-marxismo suprimiu o direito humano de auto-orientação, por isso teve de criar o Estado para contê-lo. O Estado moderno seria um “princípio” do liberal-marxismo, em razão de haver negado a liberdade humana de distinguir o bem do mal, aceitou apenas o mal. “É, portanto, o mal quem manda no mundo hoje, o que não será amanhã, com a ascensão marxista, quando apenas exista o homem sem o Estado?”.

Assim, o destino do homem moderno estava em aberto, pois ele vinha perdendo a fé em virtude do processo de expansão do marxismo, visto que a perda da fé religiosa e também política integrava o próprio marxismo. Confiando que as forças econômicas, por sua inevitável evolução, trar-lhe-iam “ascensão fatal”, o homem tornou-se cético e apático, passou a desconsiderá-las, desconsideração que não deixava de ser sua vingança, que Adonias interpretou como “desprezo estúpido dos cétricos”. Dessa forma, o ceticismo e a indiferença começavam a dominar os sentimentos da maioria dos homens submetidos ao regime liberal-marxista. “O cético não age, não se esforça, só acredita em sua descrença. Isso contribui para manter a ordem estabelecida”.

Adonias conclui o ensaio observando que o ceticismo e a indiferença dos adeptos do marxismo, por um lado, e o aguerrido combate levado a termo pelos movimentos nacionalistas por outro, eram os elementos que indicavam a possibilidade de uma “não objetivação” da fase marxista. Eram os elementos que respondiam a pergunta inicial: “a fase marxista conseguirá se objetivar? Não, a fase marxista não se objetivará”.

Em sua crítica, os pensadores liberais e marxistas acreditavam poder controlar a natureza humana por meio da ciência, da técnica e dos regimes sociais; mas falharam, porque o homem seria um ser incompleto, desde o pecado original.

Para Adonias, a natureza humana seria problemática, sempre instável, vivendo em meio a uma luta incessante entre matéria e espí-

rito, interior e exterior, corpo e alma. Nesta encontrava-se a substância divina eterna e incorruptível, acima do mundo das necessidades. Na alma ou no ser estaria a verdade absoluta, muito superior à verdade da filosofia e da ciência. Por isso, a insistência de Adonias de que a solução para o problema humano passaria pela introspecção do ser, ideia central da filosofia cristã de Santo Agostinho (1973, p. 350). O “problema do mal”, portanto seria intrínseco à natureza humana.

Na concepção católica de Adonias, o problema moderno, então, seria de ordem moral, já que o sentimento religioso havia sido abolido pelo cientificismo. Ou seja, a faculdade mais importante que Deus deu ao homem logo após a Queda, a de distinguir entre o bem e o mal, foi extinta por ele.

Parece-me que o pressuposto do “problema do mal” se situaria também no âmbito da tradição agostiniana, de que o homem seria uma criatura especial entre todas as coisas, por isso foi criado à semelhança divina, sendo dotado de corpo e alma. Deus o distinguiu com o “livre arbítrio da vontade”, para que na sua existência terrena se apartasse do mal. Em “Confissões VII”, Santo Agostinho afirma que a vontade humana corresponderia ao amor do Espírito Santo (junto com a do Pai e a do Filho), responsável pela criação do mundo. A vontade constituiria, portanto, o centro da personalidade humana. Seria criadora e livre. Nela se colocaria a possibilidade do homem se afastar de Deus e se aproximar do mal. Portanto, o mal ou pecado não seria algo necessário, mas seria uma escolha do livre arbítrio da vontade humana (AGOSTINHO, 1973, pp. 131/133).

Em *Renascimento do Homem*, foi assinalado que o domínio da matéria teria levado o ser a um estado de agonia; em outros termos, o contato com o sensível teria retirado o pouco da substância divina que lhe restava, levando o homem a mergulhar no remoinho do não-ser. Nessa perspectiva, Adonias considera que o homem moderno não teria condições de se salvar por suas próprias forças, uma vez que na luta consigo mesmo, precisaria de orientação para resgatar a sua espiritualidade. De acordo com a soteriologia de Adonias, o homem precisaria da religião e da arte para conter suas dificuldades estruturais de ser trágico, no entendimento cristão-católico.

Roberto Romano observou que o discurso teológico-político, portador de uma atitude soteriológica (a de salvação do homem), atualiza-se constantemente com os dados da cultura secular, racionalizando-se, inovando-se, para manter-se no mundo (ROMANO, 1979, p. 245).

É possível que argumentação católica de Adonias associe a filosofia cristã agostiniana com a visão antropológica de Oswald Spengler, autor citado de forma recorrente no ensaio de Adonias, que marcou a geração dos intelectuais integralistas, a exemplo de Octávio de Farias e Plínio Salgado. Não seria difícil constatar que assertivas da filosofia da história de Oswald Spengler, autor de *O Homem e a Técnica* (1993) tenham migrado para *Renascimento do Homem*, principalmente em relação à visão problemática da natureza humana.

Para Oswald Spengler, todos os animais seriam dotados de “alma”. Mas, dentre eles, o homem seria um animal superior porque possuía alma com perfil singular: sua essência seria divina e de difícil explicação, de tal forma que nem o conhecimento científico conseguira explicá-la. Porém, a alma do homem vivia em um mundo divinamente indiferente e cruel; por isso seria predadora, e ao mesmo tempo sem escolhas, pois nesse mundo, o homem via-se na contingência de dominar ou sucumbir. Quanto mais solitária fosse a sua alma, mais empenhado estaria em construir um mundo para si, menos necessidade teria dos outros seres e mais forte seria.

A alma do homem seria solitária e dominadora. Entretanto, à medida que vai progredindo, essa alma vai pouco a pouco se afastando da natureza. Para Spengler, o livre-arbítrio seria uma aberta atitude de rebelião, pois o homem como criador teria um desejo imenso de ultrapassar os limites da natureza. A cada invenção, ele se distanciava e se apresentava como um verdadeiro deus, hostil para com a natureza. Seria essa a narrativa de sua história universal, uma narrativa da cisão fatal que vai paulatinamente opondo o homem ao universo. Nesse sentido, seria a narrativa da ação de um rebelde que, livre das limitações materiais, voltava-se contra a natureza. Eis o destino humano: uma luta perdida contra a natureza, pois ela seria incomparavelmente mais forte.

Assim como em outros intelectuais dos anos 1930, Spengler seria presença marcante na argumentação de Adonias, particularmente na concepção de sua teoria de história.

Para circunscrever a concepção de história de Adonias, dois encaminhamentos se fazem necessários. O primeiro, seria circunscrever a ideia de tempo; e o segundo, acompanhar o processo de migração de conceitos de outros autores para o texto de *Renascimento do Homem*, ou seja, a articulação que ele faz entre a filosofia cristã e os dados de filosofias da história de matriz laica.

Na verdade, como já vem sendo sinalizado, para Adonias as sociedades cumpririam um destino vitalista, constituindo um percurso à imagem de um organismo vivo que seguiriam uma sequência temporal: nasceria, se desenvolveria, teria uma plenitude, decadência e morte. Tal concepção tanto poderia vir de Oswald Spengler, como de Marx Beer, autor socialista. Autores opostos em seus objetivos políticos, mas com argumentos e imagens retirados de um fundo-comum de ideias organicistas.<sup>1</sup>

O que atrai Adonias em Max Beer é a ideia de que a finalidade única das lutas dos povos é a justiça social. Na história, a meta dos estoicos, comunistas, anarquistas, cristãos, internacionalistas foi sempre por uma nova “ordem moral”. Para Max Beer, o percurso dos povos compreende um movimento vitalista: nascimento, plenitude, desagregação, decadência e crise moral, como é o caso de Atenas e Roma, na Antiguidade. Desse conceito, Adonias retirou o elemento inconveniente – a luta de classes – e compôs a imagem síntese de sua filosofia da história: a Renascença foi um movimento cultural que, ao mesmo tempo em que afirmou o homem, engendrou os elementos de sua negação, a desagregação de seu ser (ADONIAS FILHO, 1937, p. 246).

Para Adonias, o tempo histórico seria comandado pelas ideias filosóficas dos grandes pensadores. As ideias se desenrolavam em busca de sua efetuação histórica em direção ao futuro, movendo-se em um processo dialético de afirmação e negação e uma fase engendrando os princípios da fase sucessora. O tempo seria concebido com certo pragmatismo e finalismo – nem todos os princípios teóricos se concretizavam no contato com a realidade, uma vez que esta se encarregava de despojá-los de seus elementos literários. Para a sua efetuação, as ideias filosóficas teriam necessidade dos fatos históricos, os quais as configurariam em poderosa estrutura mental capazes de comandar as experiências humanas de toda uma civilização.

Dessa forma, o tempo foi concebido por Adonias como continuidade e descontinuidade. A continuidade seria o tempo progressivo em direção à cidade de Deus, marcado, sobretudo, pelo episódio da vinda de Jesus Cristo e pelo longo domínio da Igreja católica na Idade Média. Entretanto, o projeto da cidade de Deus sofreria um abalo com a emergência da cidade dos homens, sujeita ao ciclo vital dos organismos, ideia presente em Oswald Spengler.

Nesse sentido, a Renascença e o seu regime social significariam um desvio do percurso da cidade de Deus. Adonias representou

esse desvio através da imagem da queda: “quem não sente a queda do mundo? Que são mesmo estas lutas, estes ódios, esta suprema anarquia, senão a queda do mundo?”. Na cidade de Deus, o tempo do espírito, eterno, estaria em um patamar superior, incorruptível, acima das contingências da cidade dos homens. A metáfora “renascimento” teria uma dupla perspectiva: o fim do comunismo e a retomada do percurso em direção a cidade de Deus.

Assim, pode-se considerar que Adonias se expressou por meio de uma filosofia da história que buscou nexos em dois registros: no cristianismo e na filosofia laica da história, que organizou a história global e ação de homens em uma chave teleológica. Em sua concepção de história, portanto, a cidade dos homens marcaria uma descontinuidade na construção progressiva da cidade de Deus, a grande obra começada depois da criação e continuada incessantemente por Abel, Noé, Abraão, pelos profetas, sobretudo por Jesus Cristo e pela Idade Média, mas interrompida pela emergência do regime liberal-marxista. Este significaria um interregno no percurso rumo à cidade Deus, provocado por um período de egoísmo, de individualismo, de violência, de sede de poder, de sede de lucro, enfim, um período em que homem estaria dominado pelos afetos mais terríveis, resultando em um destino de abismos, com a perda da consciência de sua experiência existencial. Essas ideias-chave deslizariam no decorrer dos anos para os primeiros romances de Adonias.

Em termos católicos, o autor de *Renascimento do Homem* seguiria a tradição agostiniana, ou seja, a visão de que o homem seria um ser sem fé, primitivo e decaído, havendo alguns fiapos de esperança apenas se ele buscasse a salvação de sua alma através de uma autoeducação espiritual. Ela o faria conhecer-se, para apiedar-se de si e dos outros e tornar-se socialmente útil, ou seja, o homem teria de amadurecer a sua consciência, voltando-se para dentro de si mesmo.

## 2 Imagens do homem liberal-marxista

É provável que os primeiros romances de Adonias ensejaram representações do homem liberal-marxista, principalmente na composição de personagens sínteses que representariam a ruína e

o renascimento do homem. A seguir, faço rápidas sinopses de *Os Servos da Morte* (SM) e de *Memórias de Lázaro* (ML), para constatar a sua relação com o ensaio *Renascimento do Homem*.

*Os Servos da Morte* narra o fracasso moral e familiar dos Duarte, cacauicultores do Sul da Bahia e figuras representativas dos homens primitivos, vingativos e sem moral que emergiram a partir do renascimento nas sociedades instituídas no “mundo moderno”, *locus* do homem liberal-marxista. A história de fracasso se repete no enredo de *Memórias de Lázaro*, mas aí surgem personagens que encarnariam uma moralidade cristã salvadora, em contraposição àqueles homens moldados pelo liberalismo e pelo marxismo, mas que também sucumbe diante da violência e do primitivismo da sociedade e de sua própria família.

Em SM, um dos personagens principais é Paulino Duarte, patriarca dos Duarte, homem rude e despótico, que agride verbal e fisicamente a mulher Elisa. Em vão, ela tenta mudar a natureza do marido. Esgotada, sabendo que seu fim estava próximo, ela arquiteta uma vingança contra ele: engravida de outro homem para lhe ferir o orgulho patriarcal e fazê-lo criar o filho pensando ser seu. Viúvo, Paulino cria os filhos “soltos como se eles fossem cães”, instigando-lhes o “instinto mal”.

Ângelo, o filho da vingança, inválido, sofre dos nervos. Vive pelos quartos miasmáticos da casa-grande da fazenda Baluarte. Alterna momentos de lucidez e alucinações, é espancado diariamente por Paulino e pelos irmãos violentos.

Na velhice, idoso e cego, Paulino passa o comando dos negócios da fazenda a seu primogênito, Quincas, que saiu como o pai: “um bruto capaz de tudo, capaz de morder e matar com um animal no cio” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 97). Ângelo descobre a identidade do verdadeiro pai e toma conhecimento do sofrimento que a mãe viveu. Promete vingança e lança na cara do velho a verdadeira história de seu nascimento. Enfurecido, Paulino tenta assassiná-lo, mas não consegue. A vingança começa a ser posta em prática; pouco a pouco o velho patriarca, sem a força de antes, açoitado por instantes de ódio e de culpa, torna-se uma presa da tirania de Ângelo que o martiriza diariamente, minando os seus nervos até a morte. O fim de Paulino é triste, morre “implorando um copo d’água” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 177). Na sequência de mortes entre os Duarte, Rodrigo, epilético e alcoólatra, assassina a filha do irmão Quincas e da cunhada. Amedrontados, os Duarte abandonam Ângelo sozinho

na fazenda Baluarte para que ele continue seu destino “insanável”.

Em ML, Adonias narra o percurso de “uma raça de homens oculta de Deus” que vive em um lugar imaginário chamado de Vale do Ouro, supostamente no Sul da Bahia. O personagem principal, Alexandre, por meio de monólogos interiores, de recordações de situações vividas e de conversas com Jerônimo e com outros personagens, procura compreender a sua existência e o mundo que o cerca. Ele é o homem decaído, no sentido católico, isto é, a criatura proscrita do Éden. O seu percurso fatídico – a morte – é marcado pelo conflito entre a vontade de liberdade e o cumprimento inconsciente do que lhe está reservado pela vontade divina, isto é, a de viver como degredado na natureza.

A angústia o devora por tentar entender o destino de desgraças de sua família: a mãe enlouquecera, o pai se matou e a sua mulher foi violentada e assassinada pelo irmão. Para completar seu sentimento de abandono e solidão, em um “universo sem Deus”, Alexandre é expulso do vale do Ouro, por ser suspeito da morte de sua mulher Rosália e do cunhado Roberto. Os habitantes do vale passam a temê-lo e tentam linchá-lo, mas Jerônimo, seu protetor, impede e comuta a pena em degredo. Errante, alhures, ele vive a “morte em vida”, como o Lázaro bíblico, em uma “planície de pedras”, entre delírios e alucinações. Tempos depois, um plantador de cacau o recolhe no interior da temível mata do Sul da Bahia. Pouco a pouco, ele descobre que há no mundo homens como Terto e Natanael, que conseguem dispor da vontade de liberdade e de praticar o bem e o amor, diferentemente das criaturas do vale. Em breve momento, quando chega à consciência de si, recuperando seu livre-arbítrio, Alexandre tem um colapso nervoso ao ver o parto da filha de Natanael, que dá à luz a uma criança deformada. A imagem horrenda o desespera: foge, embrenhando-se na mata, e sem saber como, retorna ao vale do Ouro, para cumprir o seu destino final, a morte.

Cotejando o *Renascimento do Homem* e SM e ML é possível constatar que os já assinalados pressupostos do homem liberal-marxista ali se transfiguraram em imagens de “instinto mau” e “instinto bom”. Personagens como Paulino Duarte e Ângelo representariam o fracasso moral, a maldade, a desagregação interior, a culpa e as tentativas frustradas de regeneração do ser. Atuando como imagem antitética, aparece a alegoria do “instinto bom”, através do personagem Natanael, símbolo do homem moral. Vejamos, então, como

ocorre esse desdobramento da linguagem positiva da doutrina católica para a linguagem ficcional.

Há dois grupos de personagens que tipificariam as tais imagens antitéticas. Paulino Duarte, Ângelo (e Alexandre) constituiriam o polo do homem patológico; e Terto, Natanael e, em parte, Jerônimo, formariam o outro polo, imagens sínteses do homem moral.

O histórico de vida familiar diz um pouco sobre quem seria Paulino Duarte. Sabemos apenas que era destituído de qualquer instrução e passou grande parte de sua vida incomunicável na fazenda Baluarte, “vivia com os animais do seu pasto. Já homem, dotado de incrível força física, distraía-se nas matas, o rifle na mão, protegido pela matilha de cães. Gastava dias na caça, a barba ruiva, os pés nas alpercatas de couro” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 12). Seu pai se juntou a “uma rapariga forte, liberta, vagabunda e instintiva [...] a linguagem baixa, mas era bonita”, antes de conhecê-lo, “rolou perdida, entregando-se, vendendo-se” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 11/12; 45). Enviuvou e entregou os negócios da fazenda ao capataz; o velho Miguel Duarte passava o dia bêbedo e jogando pôquer e o filho soltou na fazenda, vivendo como bicho.

Quando adolescente, Paulino Duarte era visto pela vizinhança da Baluarte: era “arredio e silencioso, intratável e sujeito a terríveis acessos de fúria”, quase matou a facão um empregado de uma fazenda da vizinhança. Em seu primeiro contato com o futuro marido, Elisa o descreveu como sendo um homem de corpo enorme, deformado pela rusticidade: “surgiu na sua frente como uma coisa hostil. Achou-o horrível, os olhos rasgados, os cabelos enormes, os braços curtos e grossos como troncos de pequenas árvores, as mãos chatas, o corpo alto” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 24). Depois de casada, Elisa teve uma visão ruim do futuro que lhe esperava: “conhecendo o instinto mau, a natureza diabólica de Paulino Duarte, previu o destino de miséria que a esperava. Seria como um brinquedo nas mãos de uma criança perversa. Insanável, dera passo insanável que se refletiria sobre toda sua vida” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 30).

Para Elisa, o marido “era o senhor despótico, rude, dono também do seu corpo e pai dos seus quatro filhos (...) todos eles indomáveis, herdeiros da violência do pai, sobressaiu em seu pensamento à visão dos filhos adultos, ignorantes, estúpidos, irascíveis e perversos como o pai” (ADONIAS FILHO, 1979, pp. 36/37). Ela ainda nutria o desejo de poder mudar o marido, através da ternura, “mudar a sua



natureza do cão”, fazê-lo “sacudir a cauda e lambe-me as mãos” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 26). Enganou-se, sucumbiu ante a “violência, o despotismo veemente e inato” do marido.

No leito de morte de Elisa, Paulino não entendia porque era mau, “sentia que a maldade, aquela obsedante vontade de gritar e bater existia nos seus nervos como uma condição terrível. Os projetos feitos, todo o interesse em se transformar, tudo era inútil ante a pressão brutal daquela raiva, aquela danação sem origens, presente na sua natureza como instinto” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 38). Um lado dele sentia piedade da mulher, vendo-a agonizar, mas, o outro lado, mais forte e incontrolável, tinha o desejo de espancá-la.

Paulino sentia-se preso a um destino de fracasso. Lembrava do pai de Elisa: estaria repetindo o destino de fracasso de Tomás Abreu, que, fazendeiro de cacau, tornou-se alcoólatra e viciado em pôquer; perdeu tudo, abandonou a família e fugiu. Paulino se perguntava: por que o “destino maldito”? (ADONIAS FILHO, 1979, p. 60).

Seu enclausuramento interior o fazia viver entre o passado e o presente. Já velho e cego lembrava que dezenove anos atrás pisara a mão de um filho pequeno; agora, após tanto tempo, a cegueira o fazia sentir angústia e medo da miséria da alma. Torturava-se por saber que Ângelo, filho de outro, era o prolongamento do ódio e da vingança de Elisa. Ele precisava lutar; exterminar Ângelo. A sua “natureza diabólica e autoritária” o impelia à destruição do outro. Às vezes lhe batia um arrependimento e tinha vontade de confessar esse ódio hediondo que o consumia, mas era impossível confessar. Falhado o plano de vingança, os dias finais de Paulino foram de “medo da morte”.

Outro personagem de SM, tipificando o fracasso moral do homem sem fé, primitivo e decaído era Ângelo. Na Baluarte, todos evitavam-no, fugiam ao vê-lo, exceto o irmão Rodrigo, alcoólatra e epilético e a mulher de Quincas, seu outro irmão. O narrador descreve Ângelo como “rústico, primitivo no seu desconhecimento do mundo, julgou-se uma sombra, uma forma viva desgovernada e medrosa” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 84). Vivia imerso em “silenciosas angústias dos seus monólogos”, pois o ódio que sentia por Paulino Duarte o oprimia, e não entendia porque tinha vontade de matá-lo. Era visto “falando sozinho, batendo palmas ou se dirigindo agitadamente aos cães [...] causava pavor, pavor e repugnância, sem sangue, sem carnes, a voz um sussurro gasto” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 94).

Depois que a cunhada descobriu e revelou o segredo de sua origem, Ângelo entendeu que era instrumento de vingança, um “servo da morte”, preso à desgraça de Elisa. Pouco a pouco, a visão de si e do destino dos Duarte aumentaram-lhe o sofrimento interno. Comentou com a cunhada que “por nós mesmos, não valemos nada [...] estamos sujeitos ao que há de pior, de mais sórdido e grosseiro”; sozinho, se despedaçava de angústia “por ser incompleto”, pela “infâmia de ser corpo”, de sua “condição sofredora”. Em sua revolta contra a degeneração humana, pensava que “ser corpo era a última maldição – e Ângelo sofria; como despreza os homens ao vê-los tentar o prolongamento da vida!” (ADONIAS FILHO, 1979, pp. 151/174). Para ele, os Duarte eram “almas perdidas”, incapazes de compaixão e de solidariedade; alienado da realidade de seu entorno, olhava para si e via “a própria alma como sendo uma natureza incompleta e informe (...) como fazer para destruir a prisão, sepultá-la, antes que lhe viesse a morte? Que seria dele, da sua eternidade, se morresse assim?” (ADONIAS FILHO, 1979, pp. 186/187).

A imagem emblemática sobre o fracasso moral dos Duarte aparece no diálogo entre Ângelo e Rodrigo: “– Você acha que eu, nós, pessoas assim possam se libertar do passado? – Não, – disse Rodrigo – o passado que nos domina é uma miséria [...]” (ADONIAS FILHO, 1979, p. 189).

Por essas representações de personagens sem fé, primitivos e decaídos, talvez, na visão de Adonias Filho, o advento da lavoura capitalista teria significado um retrocesso social e humano, lançando os homens em um caos moral.

O romance SM ensinaria uma mensagem: as famílias tradicionais do Sul da Bahia, embora tivessem erguido a ferro e fogo a lavoura cacaueteira, e o fizeram sem a ajuda governamental, apenas com o seu empreendedorismo, não teriam conseguido “segurar-se” diante de uma crise geral do país, fracassaram porque a sua degenerescência moral já vinha lhes corroendo os sentimentos e comportamento; isso já vinha de longo tempo, através do egoísmo e do amoralismo suscitados pelo capitalismo. Ainda nessa perspectiva, os homens, assim como as sociedades para se manterem em bases sólidas, teriam que ter um sentido moral em suas vidas, saber usar a vontade e a liberdade com finalidade superior. Sem isso, seria o caos moral. O pressuposto agostiniano aparece aí subentendido.

Em ML persiste a imagem regressiva do homem patológico,

principalmente no desenho do personagem Alexandre, agoniado entre a vontade de liberdade e a vontade sobre humana que o empurra à desgraça.

Para encerrar, considero o ensaio político *Renascimento do Homem* a base do que viria a ser o núcleo essencial das convicções de Adonias. Certamente, elas sofreriam mutações conforme as circunstâncias do momento, por isso os seus romances realizaram um movimento pendular, ora inclinando-se para uma postura cética em relação às contravenções humanas, ora apiedando-se do homem e crendo na possibilidade de sua regeneração.

## Nota

Baseio-me na ideia de *fundo comum* de Myriam R. D'Allones. *Le dépérissement de la politique: généalogie d'un lieu commun*. Paris: Aubier, 1999. Apud Maria Stella Bresciani. *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*. S. Paulo: Ed UNESP, 2005, p. 41.

## Referências

ADONIAS FILHO. **Renascimento do Homem**. Rio de Janeiro: Ed. Schmidt, 1937.

\_\_\_\_\_. **Os Servos da Morte**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (1ª edição: 1946).

\_\_\_\_\_. **Memórias de Lázaro**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. (1ª edição: 1952).

AGOSTINHO, Santo. **Os Pensadores**. Volume VI. Tradução: J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. S. Paulo: Ed. Abril, 1973.

BEER, Max. **História do Socialismo e das Lutas Sociais**. Tradução: Horácio Mello. S. Paulo: Expressão Popular, 2006 (1ª edição, 1934).

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade. Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil**. S. Paulo: Editora Unesp, 2005.

CHAUÍ, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho Franco. In: **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; S. Paulo: CEDEC, 1978.

DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário. Imaginário político no Brasil dos Anos 30**. Rio de Janeiro: UFRJ; Belo Horizonte: UFMG, 1997.

LIMA, Alceu Amoroso; Medeiros, Cláudio Lima. **Memórias Improvisadas. Diálogos com Medeiros Lima**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

PÓLVORA, Hélio. “Palavras e Imagens de Adonias Filho”. In: **Memorial de Outono**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 84.

ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. S. Paulo: Kairós, 1979.

\_\_\_\_\_. **Conservadorismo Romântico. Origem do Totalitarismo**. 2ª edição. S. Paulo: Ed. Unesp, 1997.

SADEK, Maria Tereza. **Machiavel, Machiavéis: A Tragédia Octaviana**. S. Paulo: Símbolo, 1978.

SPENGLER, Oswald. **A Decadência do Ocidente: Esboço de uma morfologia da História Universal**. Tradução: Herbert Caro. Rio de Janeiro: Zahar, 1964 [1ª edição: 1ª parte 1917, 2ª parte 1922], p. 39 e 47.

\_\_\_\_\_. **O Homem e a Técnica**. 2. ed. Tradução: João Botelho. Lisboa: Guimarães Editores, 1993 [1ª edição: 1931].

# Zonga: a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauceiras<sup>1</sup>

**Ruy do Carmo Póvoas**

Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ  
Babalorixá do Ilê Axé Ijexá de Itabuna – Bahia

Recebido em: 28/08 /2015.  
Aprovado em: 17/10/2015.

Minha intenção é fazer um recorte e abordar a figura de Zonga, a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauceiras, uma das robustas personagens da ficção adoniana.

Evento da natureza deste, que ora se realiza, nos obriga a revistar caminhos que aparentemente estão muito separados. E nossa obrigação consiste em fazer costuras, compondo o quadro maior que a junção de tais caminhos possa proporcionar.

Em *Águas de Angola em Ilhéus*<sup>1</sup>, tese de doutoramento pela UFBA, em 2009, a Doutora Valéria Amin assim se posiciona na *Apresentação*:

[O capítulo III deste texto], *O candomblé e a cidade de Ilhéus*, busca contextualizar a dinâmica do Candomblé na cidade, inserindo a análise de padrões de etnicidade e ancestralidade num contexto de escravidão. [...] Apresenta a nação angola na cidade a partir das narrativas de origem [...].

Mais tarde, 2013, num outro trabalho coordenado pela mesma pesquisadora, *Águas do Leste: um olhar sobre terreiros*<sup>2</sup>, a equipe de pesquisadores do Kàwé<sup>3</sup> identificou 42% dos terreiros situados em território da Bacia do Leste da Bahia sendo de nação angola. Fica evidente, então, que a região de abrangência da UESC, território

antes considerado Região Cacaueira e, presentemente, como Região Sul da Bahia, tem o lastro de religiões de matriz africana nas origens angolanas.

Alguns devem estar querendo saber o que tem a ver tais considerações que fiz até aqui com este Colóquio Internacional Centenário de Adonias Filho: literatura, cultura, história e memória, e mais especificamente, com esta mesa redonda, Vivências literárias: Adonias Filho, o escritor por escritores. Chegaremos lá, prometo.

Por sua vez, da lavra adoniana, entre outras obras, avultam clássicos, a exemplo de *Servos da Morte*, romance de 1946; *Memórias de Lázaro*, romance de 1952; *Corpo vivo*, romance de 1962; *O forte*, romance de 1965; *Léguas da promessa*; novela de 1968; *Luanda Beira Bahia*, romance de 1971 e, finalmente, *As velhas*, romance de 1975, com o qual Adonias se despede da ficção que tem como pano de fundo a Região do Cacaú. E é justamente desse último romance seu, que emergem quatro personagens femininas, todas muito velhas.

Diga o que se disser deste livro<sup>4</sup>, nada supera o que está expresso na sua contra capa. Vale a pena repeti-la na íntegra, dada a objetividade, clareza e concisão do texto:

Neste livro de empolgante ação e também de raro tom poético, *Adonias Filho* conta a história de quatro velhas, figuras marcadas pelo destino e marcantes como personagens de ficção.

Romance com forte cheiro de terra e pleno de aventura, amor e ferocidade, *As velhas* decorre no mágico cenário da mata primitiva baiana e narra as duras andanças de um filho em busca dos ossos do pai, há vinte anos assassinado.

E se isso ainda não for suficiente, aos olhos dos sabidos, à guisa de orelhas da capa, Raquel de Queiroz magistralmente se expressa num texto primoroso. Vale revisitar pelo menos algumas passagens de seus dizeres:

Neste romance, como diz o seu nome, as heorínas são quatro velhas, cujos destinos e tragédias se entrelaçam. E como são teríveis e poderosas, na sua fragilidade caduca!

A primeira delas, Tari Januária, a índia pataxó viúva de Pe-

dro Cobra, [...]. A outra, Zefa Cinco, a que “sem perder um tiro e sem tremer a mão enviara cinco cabras para o inferno [...]”. Zonga, a rainha preta, “negra velha de quase dois metros, magra de mostrar o esqueleto,[...]”. E por fim, Lina de Todos, a velha mais velha que a terra dali [...].

Quatro velhas, quatro parcas, tremendas na sua autoridade, nas suas lembranças, nos seus rancores, na sua cegueira vingativa [...].

Justamente aqui, caminhos tão diversos se cruzam. Valéria Amin se debruça sobre dados recolhidos em suas pesquisas e descobre que o território da Bacia do Leste da Bahia apresenta uma predominância de terreiros de nação angola. Raquel de Queiroz mergulha nas páginas de *As velhas* e desvela a região que se faz território romanceado – aquele mesmo examinado por Valéria – cujos limites circunscrevem quatro imagens arquetípicas: quatro mulheres, quatro velhas. Nelas, Raquel vê a arquetipologia das Moiras gregas, que são as mesmas Parcas romanas.

Mergulhando no pensamento do personagem Tonho Beré, na última página desse romance, Adonias Filho sintetiza suas parcas ficcionadas: “As velhas, todas as velhas, têm seus mortos. A questão é saber se esses mortos ficaram ou se estão esperando na frente.”<sup>5</sup> Essa síntese é resultante da tecitura adoniana de uma trama na qual fica configurada a alma da região. Essa alma, porém, tem quatro origens, quatro matrizes geradoras: a indígena, a morena, a negra e a branca. Há um destino proclamado, uma vida predestinada, uma fatalidade para ser vivida, uma tragédia para se transformar em memória. O trágico é uma espécie de humus que sustenta a tudo e a todos. Animais humanizados, humanos animalizados, territórios personificados, fantasmagorias pungentes do medo. Tudo e todos têm vida, uma vida injetada de tragédias, ódios, vinganças e selvagerias. Nesse conjunto dramático e épico, Zonga se erige. Deixemos que o próprio Adonias nos apresente a velha Zonga<sup>6</sup>:

[...] Sentada na cama que é um estrado que peles de onças e esteiras e travesseiros de penas cobrem, mascando fumo com as gengivas pois já não tem um só dente, pernas compridas e secas, peitos murchos, magra que até parece uma tábua e negra como carvão. Frente à cama, no quarto que cheira a mastruço, o nicho que abriga em barro imagens de São Sebastião e São Bebedito de mistura com as de Iansã e Oxóssi. Ela, tão velha quan-

to o nicho, ali permanece tardes inteiras. Ninguém tem mais paciência com as pessoas, devoção pelos santos e bondade com os bichos que Zonga.

Um pouco mais adiante<sup>7</sup>, na voz de Anastácio, filho de Zonga, a negra velha aparece em outros detalhes:

Mãe, aquela Zonga que vosmecês viram, nasceu aqui perto e isso era então uma abertura de nada. Ela conta que, menina ainda, viu o pai enfrentar a selva a fogo e a machado. Homem brabo, de coragem e força, Calupo foi por isso mesmo um protegido de Deus. Calupo o pai de Zonga, meu avô. Um vencedor de desafios sem medo das armadilhas do mundo. A velha sempre disse desde que botei corpo de homem.

– Você é o retrato dele.

Veio de muito longe, lá de Angola, na África, caçado no mato como bicho e apanhado menino para escravo. A hitória ele contou e para nós mãe Zonga repetiu muitas vezes.

Eis como um bom escritor também pode ser um ótimo revelador de origens étnicas antes olvidadas. Zonga é filha de um negro de Angola, ex-escravo. E ela é uma das matrizes geradoras de sua etnia no território romanceado. O filho é cópia do pai, mas saiu do ventre dela.

Ocorre, no entanto, que todo bom escritor não inventa, nem tampouco faz história: apenas cria para-realidades. Isto é: narra eventos que, se não aconteceram, poderiam ter acontecido, e descreve personagens que, se não existiram, poderiam ter existido. Literatura é isso: expressão artística escrita da cultura de uma dada sociedade. Romance bem escrito é isso: seu autor revela as raízes, os subterrâneos de uma sociedade, cujos componentes até mesmo podem ignorar ou negar sua verdadeira identidade. O texto literário é resturador, pois concorre para provocar a revisão dos discursos oficiais, que se constituem, quase sempre, fonte e origem das negações.

Adonias Filho, sobretudo, é um cultor da liberdade. Ele afirma<sup>8</sup> que “A liberdade pede luta, e luta permanente, como a própria vida, para permanecer” (FILHO, 1965, p. 12) investindo nessa liberdade para criar, em *As velhas* ele traz a filha de um angolano, capturado na África e vendido na Bahia.

Seja através dos estudos da professora Valéria Amim em seu doutorado; seja no pesquisa por ela coordenada e realizada com



estudiosos e estagiários do Kàwé, ou com Adonias, no romance *As velhas*, esses caminhos concorrem para um assentamento: na Região Sul da Bahia, a herança de Angola se constitui um lastro, seja ele de religião africana, seja de ascendência ancestral. Zonga, tal qual as mães de santo da maioria dos terreiros pesquisados pela professora Valéria, instaura a *nação angola* como herança cultural.

Com as quatro velhas, Adonias compõe um quadro de origens, diversificado na força de mais três mulheres, nossas ancestrais: Taria Januária, nossa tataravó pataxó; Zefa Cinco, nossa tataravó morena; Zonga, nossa tataravó negra angolana e Lina de todos, nossa tataravó branca. Pouco importa que tenhamos mudado o nome de nossa região para Região Sul da Bahia. Isso em nada muda a nossa genética, nem a nossa herança cultural. Para terminar, parafraseando o último parágrafo de meu livro *A memória do feminino no candomblé*<sup>9</sup>, afirmo:

Basta que guardemos um pouco de recolhimento e silêncio e ainda será possível ouvir, no nosso interior, a voz dessas ancestrais de todos nós, que viveram em terras da Região Cacaueira da Bahia, um dia, há muitos e muitos anos. Foram elas as primeiras a se fazerem imagens da Grande Mãe, que continuamos a refletir até hoje.

## Notas

1 Intervenção na Roda de Escritores, Vivências literárias: Adonias Filho, o escritor por escritores. **Colóquio Internacional Centenário de Adonias Filho:** literatura, cultura, história e memória. Universidade Estadual de Santa Cruz, 11 nov., 2015. Composição da mesa: Aleilton Fonseca – Academia de Letras da Bahia (ALB); Sonia Carvalho de Almeida Maron – Academia de Letras de Itabuna (ALITA); André Rosa – Academia de Letras de Ilhéus (ALI); Ruy do Carmo Póvoas – Ilê Axé Ijexá e Samuel Leandro Oliveira de Mattos (DLA) – Mediador.

2 AMIM, Valéria. **Águas de Angola em Ilhéus:** um estudo sobre construções identitárias no candomblé do Sul da Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Comunicação, 2009. Tese de doutoramento.

3 AMIM, Valéria (org.). **Águas do leste:** um olhar sobre terreiros, mapeamento de comunidades religiosas de matriz africana da Bacia do Leste (BA). Ilhéus: Editus, 2013.

4 Núcleo de Estudos Afro-baianos Regionais – Kàwé, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

5 ADONIAS FILHO. **As velhas:** romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

6 Idem. p. 126.

7 Idem. p. 67

8 Idem. p. 69.

9 TEMPO BRASILEIRO. *A nação grapiúna*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965, p. 12.

10 PÓVOAS, Ruy do Carmo. *Memória do feminino no candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro*. Ilhéus: Editus, 2010. p. 210.

## ***Luanda Beira Bahia: o olhar romanesco de Adonias Filho para culturas comparadas (a África)***

**Sarita Monjane Henriksen**

PhD, Universidade Pedagógica de Moçambique

E-mail: sarita-henriksen@hotmail.com

Recebido em: 10/09/2015.

Aprovado em: 05/10/2015.

**Resumo:** A presente comunicação revisita a obra de Adonias Filho, intitulada *Beira, Luanda e Bahia*. O estudo faz uma breve análise sociocultural da obra, concentrando-se particularmente no cruzamento entre aspectos históricos, literários e culturais. O estudo descreve a presença constante do mar, do hibridismo cultural, da convivência e identidades multiétnicas, mistas e crioulas, a heterogeneidade e a diáspora nesta obra, em última instância incidindo sobre os principais elementos comuns e/ou aspectos que ligam e aproximam a Beira de Moçambique, a Luanda de Angola e a Bahia do Brasil, a saber, a língua que nos une e que ao mesmo tempo nos separa. O estudo argumenta que esta obra literária permite-nos fazer grandes voos, principalmente através do Atlântico, mas também do Índico, reflectindo sobre a ligação entre os três continentes, Europeu, Americano e Africano, por meio de um passado comum de colonização e a presença constante de África nesta obra.

**Palavras-chave:** Hibridismo cultural. África. Angola. Moçambique. Bahia.

### ***Luanda Beira Bahia: o olhar romanesco de Adonias Filho's fictional look at comparative cultures (Africa)***

**Abstract:** This communication revisits the work of Adonias Filho entitled *Beira, Luanda and Bahia*. The study gives a brief sociocultural analysis of the work, focusing particularly on the intersection between historical, literary and cultural aspects. The study describes the constant presence of the sea, cultural hybridity, coexistence and multiethnic, mixed and creole identities, heterogeneity and diaspora in this work, ultimately focusing on the main common elements and/or aspects that link and approach Beira of Mozambique, Luanda of Angola and Bahia of Brazil, namely the language that unites us and which at the same time separates us. The study argues that this literary work allows us to make large flights, mainly through the Atlantic,

but also the Indian Ocean, reflecting on the connection between the three continents, Europe, America and Africa, through a common past of colonization and the constant presence of Africa in this work.

**Keywords:** Cultural hybridity. Africa. Angola. Moçambique. Bahia.

## Introdução

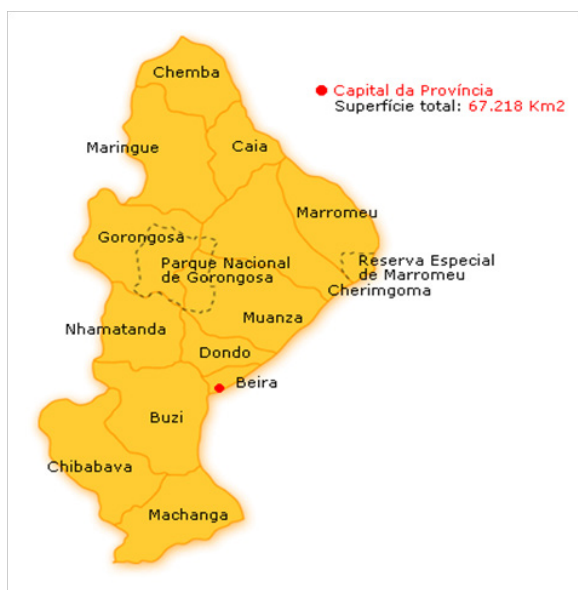
Nasci na Beira, a cidade capital da Província de Sofala, a segunda maior cidade do território moçambicano, banhada pelo Oceano Índico e onde se encontra um dos maiores corredores comerciais da África Austral, o Corredor da Beira, através do qual transitam quantidades elevadas de caminhões de mercadorias oriundos de países do interior como a Zâmbia e o Zimbabwe com destino ao Porto da Beira e vice-versa. Sobre o Porto da Beira, Adonias Filho escreve:

A trepidação diminuía como se o cargueiro deixasse de respirar. Parou, de repente, no instante em que Caúla pôs os pés no convés. Nascia o sol que, de tão forte doía nos olhos. E, no cais estavam os estivadores negros de pé, atrás se mostravam as ruas que levavam ao centro da Cidade. O porto de Aruanqua, povoação de Manica e Sofala, era a Beira que começava naquele cais sem tamanho. Guindastes, bóias de amarração, navios, batelões, estrada de ferro interna que ligava os armazéns. (FILHO, 2005, p. 134-5).

Sofala é uma das onze províncias de Moçambique, com uma área de 68 018 km<sup>2</sup>, está situada na região centro do país. Segundo o Censo 2007, a população de Sofala é de 1 543 909 habitantes. É uma Província conhecida há muitos séculos. No século X, Al-Masudi descreve as terras de Sofala e a importância da mineração e comércio entre o Império dos Mwenemutapas, os árabes e indianos e mais tarde os portugueses.

Segundo dados do Censo Eleitoral (2007), a Cidade da Beira conta com uma população total de 443,369 habitantes. Por outro lado, a população total do Distrito de Gorongosa é de 143,518 habitantes. A estrutura etária da população desta cidade e distrito é maioritariamente jovem, com o maior número da população nas idades iniciais, especificamente, nas idades de 0 aos 4 anos. Apesar da existência de uma grande percentagem populacional (24.0%) que não se identifica com nenhuma religião, a população

da Cidade da Beira professa várias religiões, a destacar: a religião Zione ou Sião (8,8%), a religião Anglicana (1,2%), a Islâmica (6,5%), a Evangélica/Pentecostal (22,7%) e a religião católica (31,9%), que é a mais expressiva na Cidade da Beira (INE 2007). O mapa da Província de Sofala, abaixo, apresenta a localização da Cidade da Beira e do Distrito de Gorongosa.



Fonte: Portal do Governo (<http://www.sofala.gov.mz/#>)

A imagem a seguir extraída do Wikipedia (<http://www.google.co.mz/url>) apresenta-nos uma praça no centro da Cidade da Beira.



As três imagens a seguir, fornecidas pelo Professor Erik Vermeulen (2015), também apresentam alguns locais relevantes da Cidade da Beira:



Descrição: Farol de Macuti



Descrição: Praia – Beira



Descrição: Grande Hotel

Tendo brevemente apresentado alguns dados factuais sobre a Cidade da Beira e o Distrito de Gorongosa, ambas referenciadas na obra *Luanda Beira e Bahia*, passarei de seguida a tecer algumas considerações relativas ao quadro teórico para o presente estudo.

## Enquadramento teórico-literário da obra

Depois de ter lido a obra e começar a refletir sobre a abordagem que deveria usar para a sua análise, veio-me à questão de se estava perante uma obra romanesca que poderia ou não ser classificada como Literatura de Viagem. O meu posicionamento na ocasião foi de incerteza e dúvida. Poderia ou não a obra romanesca *Luanda Beira e Bahia* de Adonias Filho ser enquadrada na chamada Literatura de Viagem?

A obra reúne certamente muitos elementos que caracterizam e que são comuns à Literatura de Viagem como, por exemplo, os seguintes: o mar, as viagens intercontinentais através do mar, sendo o principal meio de transporte o navio, a navegação, as grandes distâncias, a ausência, a vista da terra e em última instância os descobrimentos e o desbravar de novos horizontes, que podem incluir as populações nativas e/ou indígenas dessas novas terras, a descrição das suas paisagens insólitas e desconhecidas (com particular destaque para a sua flora e fauna). A Literatura de Viagem pretende ser também informativa e factual, apresentando datas e horas de partida e chegada e da ocorrência de determinados eventos. *Luanda Beira e Bahia* apresenta certamente esses traços, conforme podemos observar nos seguintes excertos:

- (1) - A culpa é do mar – as mulheres diziam. (p. 13)
- (2) As mulheres diziam que as sereias do mar enfeitiçam os homens. (p. 16)
- (3) O mar levava os homens para muito longe. Voltavam alguns, quando voltavam, e outros desapareciam como se morressem. (p. 17)
- (4) Os olhos abertos sobre o mar. Águas agitadas que baluçavam, na distância, as jangadas dos pescadores.



Navios sempre passavam ao largo, os apitos longos da despedida... Impossível, seria impossível contar os que se foram, anos e anos, deixando as mulheres atrás. (p. 19)

- (5) Preferiam o mar, os brancos e os negros, os de sangue português e africano... O mar, assim começavam a andar, era o primeiro brinquedo. (p. 19)
- (6) Um mês, um ano, dez anos, a espera. (p. 13)
- (7) – Subam, subam, é o porto da Beira! ... Ergueu o rosto, queria ver a cidade, mas o sol ocultava o mundo... O outro lado onde estavam a praia, o índico sem limites e a cidade que Rosário tinha no coração. (p. 135)
- (8) COSTEAR, SEMPRE COSTEAR, RODANDO a África por baixo para sair no Atlântico, costear em busca de Luanda. O navio, dia após dia, a poucas milhas da terra, aproximava-se lentamente de Angola. Ali, na cobertura, Caúla via as manchas cinza, muito distantes, e sabia que grande era o mundo dos africanos. Selvas por dentro, feras em liberdade, tribos dançando. (p. 147)
- (9) Luanda, sabia que o navio saudara Luanda! A escuridão, embora as luzes mostrassem a curva da baía, mas a escuridão fechava a paisagem. E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada do que da noite, ali ficou a esperar a manhã. Debruçado na amurada, andando no convés, fumando. Bom foi esperar porque – com quase todos os tripulantes no convés – viu Luanda surgir aos poucos e aos pedaços, saindo da névoa como da casca de um ovo. Alargou-se, expandindo-se, quando o sol a invadiu em todos os espaços. (p. 148)

Conforme anteriormente indicado, o mar é um traço comum em *Luanda Beira e Bahia* segundo ilustram as alíneas 1-5 acima; além disso, vários trechos da obra apresentam de forma recorrente o sentimento de ausência, saudade e a diáspora, como é retratado na alínea 6 acima. Por último, os descobrimentos e o desbravar de novos horizontes aparecem também fortemente nesta obra, como se apresenta nas alíneas 7, 8 e 9, acima. Corroborando com o propósito da chamada Literatura de Viagem, de acordo com Bustamonte,

As narrativas de viagem, deixadas por homens que ajudaram a colonizar o Brasil, abrem uma espécie de janela sobre um Novo Mundo que já desapareceu. Dessa janela vemos um lugar ensolarado, povoado por animais exóticos, plantas e frutas desconhecidas, canibais que andam nus e cantos barulhentos de amor e de guerra dos Índios ‘sem fé, sem lei e sem religião. [...] As experiências vividas e transmitidas por seus autores em seus textos mostram que a viagem não se reduz ao simples relato de um deslocamento no espaço e no tempo, e sim em uma descoberta de sentido mais largo. Descoberta que implica uma confirmação dos conhecimentos que, mesmo antes da viagem, já fazem parte do imaginário do viajante. Um universo novo se revela, mas o mundo percebido conserva os valores tradicionais.’ (BUSTAMONTE, 2013, p. 134-5).

As definições existentes de Literatura de Viagem parecem convergir para o facto de ser um relato ou uma narrativa de viagem, que tem como objectivo activar a imaginação do leitor, através de uma leitura envolvente, que descreve experiências, vivências, descobertas e reflexões de um viajante. É uma narrativa que combina factos históricos, ficcionais e mesmo mitológicos, como quando o autor descreve alguns eventos na Gorongosa. É uma narrativa que retrata também a diversidade cultural, transportando o leitor através de *nuances* de experiências diferentes daquelas que caracterizam a sua própria realidade social e cultural.

Recorri a Eckardt (2009, p. 72) para tentar fundamentar as minhas reflexões; em sua opinião, “os relatos dos viajantes do século XIX seguiam duas correntes distintas: eram de cunho objetivo, com conteúdo científico, ou de cunho subjetivo, contendo impressões pessoais dos viajantes.” Ela adianta dizendo que

Entre os séculos XVIII e XIX, com tantos exploradores dispostos a desbravar os recantos ainda desconhecidos do mundo, o Brasil se tornou uma terra visada pelos viajantes, pois além de ser em grande parte ainda desconhecida de todos, era uma terra considerada fonte de muitas riquezas e recursos naturais, o que incitava a curiosidade e interesse de potências europeias. (ECKARDT, 2009, p. 72).

Contudo, diferentemente de ter como alvo apenas o novo continente e o Brasil em particular, *Luanda Beira e Bahia* está também virada para a África, conforme sugerem as seguintes passagens:

- A África está no outro lado. (p. 28)
- Lá, do outro lado, é a África ... (p. 32)
- Meus amigos, os bichos de África. (p. 37)
- Você conhece a África? (p. 39)

A África está presente nesta obra, mesmo através da imagem da Professora Maria da Hora, de raça negra, que quando fala de África se emociona e activa o imaginário de Calúia e dos seus colegas, conforme bem nos apresenta a seguinte passagem:

A mão negra se abria sobre o mapa e mostrando os continentes, parava na África. A voz, a princípio suave e lenta, depois aguda e rápida, gerava paisagens e animais, pondo a selva e seus viventes dentro da sala. Não era apenas o sangue africano que a fazia assim uma feiticeira porque, logo a seguir, arrastava a mão para os vazios pintados de azul. Oceanos e mares que cercavam os continentes. (FILHO, 2005, p. 25).

Os dois excertos abaixo apresentam mais uma diferença entre a Literatura de Viagem tradicional e *Luanda Beira e Bahia*:

Movidos pela curiosidade de querer descobrir novas terras, desbravar novos horizontes e de, conseqüentemente, dominar estas novas terras, entre os séculos XV e XVI os europeus empreenderam grandes jornadas em busca das terras do mundo ainda desconhecidas; estas grandes jornadas são conhecidas como 'As grandes navegações'. (ECKARDT, 2009, p. 74).

Com tantas terras novas e, pelo menos segundo uma visão eurocêntrica, sem donos, as potências europeias passaram a querer, mais do que nunca, dominar a maior extensão possível destes territórios para aumentar seu poder e suas riquezas através da dominação e exploração destas. E uma das melhores maneiras de se apoderar destas era tentar conhecê-las o máximo possível. (ECKARDT, 2009, p. 74).

## ***Luanda Beira e Bahia: os elementos que nos unem***

Além dos elementos apresentados na sessão anterior que indicam a presença de traços comuns a Literatura de Viagem, e para além do nosso passado colonial comum, *Luanda Beira e Bahia* incide fortemente sobre a questão do hibridismo cultural, da convivência e identidades multiétnicas, mistas e crioulas e a heterogeneidade, quando fala da família de Caúla; filho de mãe Índia e pai descendente de Português. Este hibridismo está presente não só na família de Caúla, mas também na sociedade de Ilhéus e Bahia, marcada pela coabitação com marinheiros oriundos de lugares diversos, portugueses, suecos e outros, que passam por aquelas margens; está ainda presente nas terras do Brasil também os índios e os negros.

O hibridismo cultural, a convivência e identidades multiétnicas, mistas e crioulas e a heterogeneidade características do contexto brasileiro constituem um traço também comum ao continente e países africanos. Com muitas poucas exceções, (Lesoto e Swazilândia, na África Austral, por exemplo), a maioria dos países africanos constituem verdadeiros mosaicos etnolinguísticos e culturais. Na sua obra *Girls at War and Other Stories*, o célebre escritor nigeriano, Chinua Achebe, escreveu em 1972:

África é um continente enorme com uma diversidade de culturas e línguas. África não é simples – muitas vezes as pessoas que rem simplifica-la, generaliza-la, estereotipar as suas gentes, mas África é muito complexa. O mundo começa a conhecer África.<sup>1</sup>

De acordo com as estatísticas do *worldpopulationreview.com*, estima-se que a população africana corresponde a 1.033 bilhões de pessoas, distribuídas pelos seus 54 países ou estados soberanos. Acredita-se que são faladas aproximadamente 2.000 línguas em África e que o continente alberga inúmeros grupos étnico-linguísticos e culturais. Assim, a diversidade étnico-linguística e cultural constitui uma característica intrínseca das sociedades africanas. As principais variedades linguísticas faladas em África incluem línguas endógenas africanas e línguas exógenas europeias e asiáticas levadas para

o continente como resultado de contactos comerciais entre povos africanos e árabes e também em consequência do colonialismo.

O carácter multiétnico, misto e crioulo de *Luanda Beira e Bahia* está também patente em Angola, segundo retratam, por exemplo, as seguintes passagens: “As moças, todas as moças da planície, negras e mulatas do Quibala, enfeitadas pelo vento do mar.” (p. 57); “[...] a mãe não saía nunca, sempre no almofadão, negra de luxo que parecia ser mulher de um soba. E tudo porque... vivera com um branco, aquele português Manuel Sete, o pai de Corina.” (p. 58).

Com base no que foi acima dito, avanço a tese de que África e certamente Moçambique, em toda a sua heterogeneidade etno-linguística, cultural e social, é crioula e mista e caracterizada por identidades múltiplas.

Os principais elementos comuns e/ou aspectos que ligam e aproximam a Beira de Moçambique, a Luanda de Angola e a Bahia do Brasil são em primeiro plano a língua portuguesa, que nos une e que ao mesmo tempo nos separa. O Português, língua exógena em Moçambique, Angola e Brasil, é certamente o denominador comum nestes três países étnica, linguística e culturalmente diversos.

No contexto moçambicano, a língua Portuguesa é central para a promoção da unidade nacional moçambicana e para veicular a nossa moçambicanidade. É através da língua portuguesa que moçambicanos de diferentes origens étnicas e culturais se encontram e interagem e discutem a conjuntura socioeconómica e política do país, mas também questões da arena privada. Uma língua de origem exógena, mas agora também nossa, enriquecida com o nosso *Chima*, o *Chapa 100* e o *Machimbombo* e por muitas outras palavras, expressões e modos de falar; uma língua que permite que moçambicanos de diversos níveis sociais possam estabelecer contactos interculturais, internacionais, uma língua que nos aproxima de muitos outros povos e nações, como os de Angola e do Brasil.

A língua portuguesa nos une, mas também nos separa, principalmente porque através do contacto secular com outras línguas africanas bantu (em Moçambique<sup>2</sup> e em Angola) e certamente no Brasil, com as línguas índias, neologismos têm sido criados, influenciando, transformando e reconstruindo esta língua portuguesa que herdamos dos portugueses e de certa forma, distanciando-nos uns dos outros. Em *Luanda Beira e Brasil* importa destacar algumas formas de falar Português, distintas da nossa forma moçambicana

de falar português: nas páginas 43-52, *alvarenga de ferro, esquentou o café, marujo, pilheriava, caranguejando, brabeza do mar, dendê*. Mesmo a nossa Gorongosa é referenciada como Gorongoça, como se pode observar no extracto abaixo:

- Xantu da Cabinda ... Hoje, mora na Beira, lá em Moçambique. E se você algum dia, precisar de alguém na hora do maior perigo, não esqueça! Procure Xantu, na Beira, perto da reserva de Gorongoça...

- Onde ele mora mesmo?

- Perto de Gorongoça. É o único a andar na Reserva, entre os leões e os leopardos [...] (FILHO, 2005, p. 113-114).

Depois da breve apresentação de alguns elementos que unem estas três cidades alvo da obra de Adonias Filho, em jeito de conclusão passarei a seguir a apresentar algumas reflexões finais.

## Notas

1 Minha tradução da mensagem original de Chinua Achebe na obra literária *Girls at War and Other Stories*: “Africa is a huge continent with a diversity of cultures and languages. Africa is not simple – often people want to simplify it, generalize it, stereotype its people, but Africa is very complex. The world is just starting to get to know Africa.

2 Ver Gonçalves 1996 para uma revisão detalhada do Português de Moçambique

## Referências

ACHEBE, Chinua. *Girls at War and Other Stories*. Cape Town: Penguin Books, 1972.

BUSTAMANTE, Cristina. O imaginário dos viajantes franceses: o mundo “ao contrário da América, no século XVI”. Em Gomes, Maria e Gerson Roani (Eds.) (2013). *Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade*. Universidade Federal de Viçosa: Editora UFV (pp.127-136)

ECKARDT, Isadora. ‘A Perspectiva Científica da Literatura do Século XIX: August de Saint-Hilaire’. *Estação Literária*. Vagão – volume 4 (2009) – 1-100. ISSN 1983-1048. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL>>.

FILHO, Adonias. *Luanda, Beira e Bahia*. 16. ed. Brasil: Bertrand Brasil, 2005.

GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: Uma Variedade em Formação*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1996.

Instituto Nacional de Estatística (INE). *Recenseamento Geral da População e Habitação 2007*. 2009. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/censo2007>>. Acesso em: 09 out. 2015.

Matias, Felipe e Gerson Roani. O fecundo entrecruzamento entre a Literatura e a História. Em Gomes, Maria e Gerson Roani (Eds.) (2013). *Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade*. Universidade Federal de Viçosa: Editora UFV (p. 136-162). Disponível em: <<http://worldpopulationreview.com/continents/africa-population/>>.

VERMEULEN, Erik. Fotografias da Cidade da Beira (p. 4-6), 2015.

# Memorial Adonias Filho: patrimônio e memória em Itajuípe

**Silmara Santos Oliveira**

Coordenadora do Memorial Adonias Filho (Itajuípe, Bahia)

Licenciada em Letras (UESC)

*E-mail:* silmaraoliveira@gmail.com

Recebido em: 20/09 /2015.

Aprovado em: 24/10/2015.

**Resumo:** Este trabalho procura indicadores para o desenvolvimento local, na cidade de Itajuípe, no sul da Bahia, a partir dos resultados de estudo realizados no Curso de Mestrado em Cultura e Turismo, na Universidade Estadual de Santa Cruz, com a dissertação: Uma interpretação cultural para o turismo: patrimônio adoniano. Contempla a experiência de salvaguardar o acervo do escritor Adonias Filho, bem como a preservação da sua memória por meio dos patrimônios material e imaterial existentes no Memorial Adonias Filho; discute ainda esse Memorial sob a perspectiva da formação do leitor a partir do trabalho realizado no município e a significação da escrita para as gerações futuras. Além dessas análises, fará uma retrospectiva do trabalho desenvolvido, ao longo de cinco anos de abertura de casa e o relacionamento entre a comunidade local o patrimônio e memória representada na obra.

**Palavras-chave:** Patrimônio, comunidade local, gestão cultural.

## **Adonias Filho Memorial: heritage and memory in Itajuípe, Bahia, Brazil**

**Abstract:** This work looks for indicators for local development, in the city of Itajuípe, in the south of Bahia, Brazil, from the results of a study carried out in the Master's Program in Culture and Tourism, at the State University of Santa Cruz, with the thesis "A cultural interpretation for tourism: Adonias Filho's heritage. It contemplates the experience of safeguarding the collection of the writer Adonias Filho, as well as the preservation of his memory through the material and immaterial patrimony existing in the Adonias Filho Memorial. It also discusses this Memorial from the perspective of the formation of the reader from the work carried out in the municipality and



the significance of writing for future generations. In addition to these analyses, it will give a retrospective of the work developed during the five years of opening of the Memorial and the relationship between the local community and the memory represented in Adonias Filho's work.

**Keywords:** Heritage. Local community. Cultural management.

## Introdução

*Sólo le pido a Dios  
Que el futuro no me sea indiferente  
Desahuciado está el que tiene que marchar  
A vivir una cultura diferente*

Mercedes Sosa

A existência do acervo do escritor Adonias Filho, no município de Itajuípe, remonta ao ano de 1992, data de sua doação ao poder público local feita pelos herdeiros Raquel Aguiar e Adonias Neto. A Prefeitura Municipal de Itajuípe o recebeu, contudo, e apesar das boas intenções e consciência da importância de ter um patrimônio dessa magnitude, não havia preparo científico para tratamento, preservação, conservação ou o que a necessidade apontasse. (O que se referir, doravante, como “patrimônio”, neste texto, está de acordo com os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 que formaliza a dimensão “imaterial” dos bens culturais. O conceito patrimônio cultural abarca tanto obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas de grande valor – patrimônio material – quanto manifestações de natureza “imaterial”, relacionadas à cultura no sentido antropológico: visões de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas, experiências diferenciadas nos grupos humanos – fundamentos das identidades sociais. Um conceito que abrange as criações humanas compreendendo o seu significado). Naquele momento, procedeu-se à acomodação, em imóvel alugado, onde já funcionava a Secretaria de Cultura que também abrigava um acervo com bens diversos da comunidade. Ainda nesse cenário, foi instalado no formato muito simples para uma exposição mínima e

guarda de documentos. As visitas ao patrimônio aconteceram por parte de estudantes e comunidade local, além de visitantes de outros municípios e estados.

A experiência de salvaguarda, conforme a Carta do restauro (“qualquer medida de conservação que não implique a intervenção direta sobre a obra”. 1972) explica bem como resultou, em determinado momento, em prejuízo irreparável em parte do fardamento da Academia Brasileira de Letras do escritor. O vestuário para ingresso na cerimônia de recepção é assim composto: o fardão masculino é um uniforme que inclui casaca, calça, espada e chapéu de veludo negro com plumas brancas, feitos de cambraia inglesa verde, decorados por bordados à mão, caprichados feitos com fios de ouro. No caso de Adonias, doados pelo poder público do município de Itajuípe, o fardão veio em conjunto com livros e artigos de jornais dentre as poucas peças. Deu-se, porém que houve o desaparecimento da espada, num traslado para mudança de residência.

Não ocorreria isso em países cuja educação remete ao passado histórico como um valor importante. Nesses lugares, bens patrimoniais não apenas são preservados, mas contam como interesse econômico para as suas comunidades rendendo-lhes cifras correlatas à sua significação, projetando o país ou local como grandes atrativos turísticos. Base, aliás, tratada na dissertação de mestrado sobre o patrimônio adoniano. Num movimento de fluxo e refluxo, experiências de aproximação e distanciamento entre a comunidade e o acervo, dez anos após o término desse estudo, a mentalidade regional avançou muito pouco. A região Sul da Bahia na qual se insere o patrimônio cultural literário em estudo, conquanto congregue muitas escolas de nível médio e superior, não dá conta de reconhecer, no âmbito da literatura, um aporte cultural importante para o desenvolvimento local.

Sem fugir a essa regra e contraditoriamente a isso, a partir de 2011, começa, em Itajuípe, uma nova fase para o trato dos bens patrimoniais do escritor, bem como, sua divulgação no âmbito local e regional a partir da abertura do Memorial Adonias Filho. Por meio de edital e apoio do Governo do Estado da Bahia, foi aberta uma exposição permanente, de onde se originou uma nova concepção e ações na comunidade, especialmente, a estudantil. A partir desse novo olhar, a comunidade local inicia o reconhecimento do patrimônio e passa a considerar o nome do escritor como personalidade

de estatura elevada para a região, tendo-o como um valor referente para o município. É interessante nos atermos à questão dos valores e das escolhas, notadamente, o que diz que cultura é o universo da escolha, da seleção, da opção (Cf. MENESES, 2002).

Nesse particular, quando o município resolve tratar e apresentar à sua comunidade o acervo de um escritor, percebe-se o cuidado, a opção pela cultura, o entendimento do valor de determinado bem cultural. No caso de Adonias e, apesar de existirem bens materiais no município, seu patrimônio foi constituído, inicialmente, em formato impresso, mas na realidade, seu maior legado é dado como imaterial porque registra a cultura em literatura, as formas de vida e suas relações, fazeres práticos e comportamento psicológico da gente que aqui chegava tornando-se parte do progresso regional, bem como o particular.

O Memorial Adonias Filho tem influenciado as escolas, especialmente, a rede municipal de ensino, num relevante trabalho sob a perspectiva da formação do leitor a partir do trabalho realizado no município, puxando para cima, como se diz popularmente, a significação da leitura e escrita para as gerações futuras. Com a abertura do Memorial, transformou-se em Lei, na esfera municipal, o estudo das obras do escritor nas escolas e, por força desta, mas também por afeição de parte da estrutura escolar, professores e corpo técnico da Secretaria de Educação, o alunado tem se envolvido e tido acesso aos textos e vida do escritor transformando em espaço de integração e identidade o que antes inexistia.

Sobre o que se espera e deseja em relação à preservação da memória do ficcionista por meio dos patrimônios material e imaterial existentes, tendo aqui como referente para este termo a concepção abaixo,

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, [...]. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também, um instrumento e um objeto de poder. (LE GOFF, 1996, p. 476-7).

Ainda se constitui bastante frágil e, apesar dos avanços, como referido inicialmente, a lentidão nas transformações sociais e suas concepções opera negativamente agindo como um fluxo e refluxo. Momentos há, em que a comunidade reconhece o patrimônio do

escritor Adonias Filho como um valor para as futuras gerações, como demonstra a observação de Fonseca, nas duas maneiras de tratar obras de artes: coisas e valor: “Pode-se ter preocupação pelas coisas: procurá-las, identificá-las, classificá-las, conservá-las, restaurá-las, exhibi-las, vendê-las; ou então, pode-se ter em mente o valor: pesquisar em que ele consiste, como se gera e transmite, se reconhece e se usufrui” (FONSECA, 1997, p. 30).

E, em outros, esse reconhecimento inexistente. No primeiro dos casos, apontado por Fonseca, em parte, funciona de maneira sofrível as questões de conservação e restauração. Elas poderiam ser melhores empreendidas nos padrões exigidos. Já no tocante à vendas, não se processa a autossustentabilidade da casa. No segundo aspecto tratado, a pesquisa se ressentida ainda mais, também isto relacionado ao fato de o autor ser pouco estudado dentro e fora da região. Essa maneira incipiente reflete a falta de estruturação no campo da institucionalização, assunto que vai ser discutido adiante, resvalando para falta de educação, como um todo, mas especialmente, a patrimonial. O importante é que se tenha a educação como pilar para o desenvolvimento cultural, a própria leitura de mundo e seus significados, o sentido de universal e local.

Estamos tratando de um patrimônio que em si mesmo está correlato à área do conhecimento, da leitura, mas que, paradoxalmente, se estaciona na escassez de visão ampliada. Se por um lado, a sociedade atual no lócus da região do cacau, demonstra descaso ao patrimônio cultural constituído por gerações anteriores, por outro, a memória é vista e tratada de forma essencial na obra de muitos autores. Sobretudo se acrescenta ao caráter da essência a forma intrínseca assinalada pelo próprio Adonias em discurso de membro que se inicia na Academia Brasileira de Letras:

Seria imperdoável não mover o tempo, fazendo-o recuar, retomando o passado como a demonstrar que a infância não morre. O menino está deitado na terra, sombras na roça de cacau, os homens cortam os frutos. O agreste de Ilhéus, Itabuna e Itajuípe, em todas as aventuras do povo do sul da Bahia, chega pelas vozes que narram. Heróis que se isolam, o sangue escorre na fala, o menino escuta. A saga é violenta, guerra e ódio, também piedade e amor, a carga humana pesa como o chão de árvores. Ouviu, o menino ouviu. E quando o romancista se debruça para escrever – sem reinventar a fábula regional, sem trair as vozes, sem esquecer as figuras – é o menino quem na verdade escreve. (FILHO, 1965).

Do que podemos observar, é a memória em si mesma que move a escrita adoniana em seu complexo texto que mescla a condição humana, o aspecto formal e de conteúdo da tragédia grega, a idade antiga da formação regional, a quebra de paradigmas estrutural do romance que o coloca ao lado de Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Se a comunidade itajuipense esquece o papel da memória, a preservação deixa de ser fomentada nas bases mais importantes que é o cultivo da cultura popular assim compreendido por Ianni:

O que há bastante, na cultura do povo, é sentido de vida. Pode ser que falte alguma coisa. Vida é que não falta. E vida no sentido de trabalho, criação, compaixão, ódio, amor, remorso, resignação, fatalismo, assombro, assombração, feitiço, encantamento, paganismo, companheirismo, movimento, luta, revolta. É assim que se movimentam as gentes e as coisas, as idéias e as criações. Transformada em liberdade, a vida funda a cultura, a inventiva, o milagre da criação. (IANNI, 1987, p. 32).

E nada mais consta nos livros de Adonias que esta tão bem colocada retratação da cultura, em seus livros assim se documenta, sem que tenha por princípio o caráter do registro formal, a vida do povo, a pulsação do sangue correndo nas veias de quem derrubou matas e gerou fazendas, tudo isso ouvido quando criança nas roças de cacau. O patrimônio imaterial do escritor são bens culturais de conformação social de longa data, suscitam a melhores condições e avanços seja na abertura para pesquisa ou adequação nos documentos e ampliação de utilização desses bens, exemplo do que ressalta a ideia seguinte

É sobre um universo circunscrito de bens – embora não fechado a novas inclusões – que vão incidir as ações de documentação proteção e promoção que conferem a esses bens, aos olhos da sociedade, um valor específico, enquanto “materiais de memória” e enquanto “referências culturais”. (LONDRES, 2004, p. 7).

Retornando ao movimento de fluxo e refluxo da forma de compreensão e de ações que incidem sobre o acervo no diz respeito à salvaguarda, conservação e preservação, curiosamente, o Memorial Adonias Filho, se ressentido da falta de uma institucionalização que dê

conta dos processos supracitados para um desempenho adequado às atividades museais em conformidade com o que diz a diretriz 04 do Eixo II Cultura, cidade e cidadania do plano nacional setorial de museus, enquanto meta prioritária

Estabelecer o espaço do museu como mecanismo dinâmico de referência cultural para as cidades como um bem simbólico necessário para a afirmação de identidades, valorizando a memória e os saberes, promovendo a integração das comunidades locais. (Plano Nacional Setorial de Museus, 2010).

Ao longo de cinco anos, o funcionamento do Memorial deu-se por gestão de atividades que o consolidaram como casa de cultura representativa do escritor patrono, por meio de ações diversificadas tais como recepção de visitas guiadas de todas as escolas municipais e estaduais, bem como, turmas de alunos dos cursos de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz e do Instituto Federal da Bahia, Lançamento de livros, I Encontro de Cinema, com a presença de todos os diretores de cinema que tiveram seus trabalhos exibidos, participação ativamente da programação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM: Semana Nacional de Museus e Primavera dos Museus; palestras oficinas, instituiu a sua própria Semana Adonias filho, apresenta exposições à comunidade, saraus, palestras, celebração de Santo Antônio e atendimento de solicitações das mais diversas.

Todo o trabalho do Memorial aconteceu, até o momento, sem que se tenha constituído uma Diretoria e Conselho, com apenas três pessoas trabalhando diretamente: a coordenadora, um fotógrafo e um funcionário, estudante do Curso de História, formado esse ano.

Trabalhos técnicos de restauro e higienização são feitos ainda longe de ser o esperado e necessário. E no que diz respeito à gestão cultural do Memorial, imagino estar ao lado do conceito de que podemos articulá-lo à ideia de mediação de processos de produção material e imaterial de bens culturais e de mediação de agentes sociais os mais diversos. Mediação que busca estimular os processos de criação e de fruição de bens culturais, assim como estimular as práticas de coesão social e de sociabilidade ( Cf. RODRIGUES, 2009).

No trabalho de gestão, tentou-se de diversas maneiras a interação com a comunidade que em parte esteve presente às ações, de forma relevante, procurou se associar à classe estudantil e de educadores num trabalho sempre com resultados satisfatórios no

que concerne à fruição de atividades culturais por parte de uma população com poucos recursos econômicos e sendo, especialmente, crianças e adolescentes, essas ações contribuem de forma importante em sua formação.

A conformação museal do Memorial tem relação com a comunidade e se apoia em um conjunto pequeno de pessoas, pois ainda não foi feita uma campanha ostensiva para ajuda, e para solução imediata de algumas demandas, recorre-se a instituições, pessoas físicas e comerciantes da cidade. Ainda naquele sentido de fluxo e refluxo, as iniciativas com projetos nem sempre são aprovadas e por outro lado a sua mantenedora, a Prefeitura nem sempre se comporta de modo maduro, ou quem está à sua frente no momento, passa por cima da importância do patrimônio. De forma que a memória coletiva representada no texto do escritor Adonias Filho de Itajuípe e região se processou no fazer com vagar, mas com intensidade e precisão do que é necessário.

Essa tônica comprova que é urgente uma gestão museal mais ampliada, com vistas a sustentabilidade ainda não efetivada, não oscilando entre ser ou não assegurada em seu fazer coletivo, lembrando que um museu tem sua complexidade para atingir seus objetivos metas de extensão.

## Considerações finais

No ano do Centenário de nascimento do escritor, quando a cidade deveria respirar essa comemoração, há um distanciamento do poder local com esse compromisso. Mergulhada numa dificuldade administrativa de cumprimento com pagamentos, o poder local salta essa etapa em silencioso desarmamento de atividades culturais voltados para o aniversário de cem anos. As secretarias de educação e Cultura que sempre tiveram senso mais colaborativo, não atendem a essa demanda, ficando para um devir, para que essa memória, celebrada por uns e esquecida por outros não caia no desperdício da perda de oportunidades para estudo e fruição pela comunidade local e regional, no sentido de não perder a memória nem de identidade nem literária.

## Referências

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ / IPHAN, 1997.

IANNI, Octávio. **Dialética e capitalismo**. Ensaio sobre o pensamento de Marx, Petrópolis: Vozes, 1987.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 3. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro. IPHAN. 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

MENESES, Ulpiano. Os “usos culturais” da Cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. Eduardo Yázigi, Ana Fani Alessandri Carlos, Rita de Cássia Ariza da cruz, organizadores. Ed. São Paulo: Hiutec, 2002.

RODRIGUES, Luiz Augusto F. Gestão cultural. Disponível em: <[http://gestoemcultura-thb.blogspot.com.br/\\_04\\_01\\_archive.html](http://gestoemcultura-thb.blogspot.com.br/_04_01_archive.html).2009>.



## ***Simoa*: o divino e a condição feminina em Adonias Filho**

**Simone da Silva Santos**

Bacharela em Comunicação Social e Especialista em Gestão Cultural  
(UESC)

*E-mail*: simonecsba@hotmail.com

Recebido em: 10/08 /2015.

Aprovado em: 16/10/2015.

**Resumo:** Neste trabalho discute-se a representação do divino e a condição feminina a partir da análise do personagem título da novela *Simoa*, de Adonias Filho. Analisa-se o imbricamento das relações sociais e da organização da comunidade através das ações de Simoa, bem como a representação dos mitos africanos e de suas características para a formulação da sociedade sul-baiana, reconhecendo o protagonismo feminino na constituição da sociedade na qual a personagem título se insere.

**Palavras-chave:** Literatura. Mito. Condição feminina. Sociedade.

### ***Simoa*: the divine and the feminine condition in Adonias Filho**

**Abstract:** In this work we discuss the representation of the divine and the feminine condition from the analysis of the title character of the novel *Simoa*, by Adonias Filho. The interrelationship of social relations and community organization through the actions of Simoa, as well as the representation of African myths and their characteristics for the formulation of South-Bahia society, are analyzed, recognizing the feminine protagonism in the constitution of the society in which the character title is inserted.

**Keywords:** Literature. Myth. Female condition. Society.

## 1 Introdução

A literatura é um importante meio pelo qual os costumes e as crenças de um povo são evidenciados. Através do trabalho executado pelo autor, esses costumes e crenças são concretizados sob a forma do texto literário e, conseqüentemente, eternizados. Na região sul-baiana, esses aspectos da cultura popular foram perpetuados nas palavras de um de seus maiores expoentes literários: Adonias Filho.

Adonias Filho compõe um importante grupo de escritores que fazem parte do chamado Romance Brasileiro de 30, uma clara referência ao surgimento de escritores a partir desta década, a 2ª geração do Modernismo. Isto posto, buscamos entender como Adonias Filho apresenta as relações sociais e a disputa de terra, tomando como ponto de vista a personagem Simoa. Podemos entender, a partir da caracterização desta fase do modernismo, que suas palavras carregam com forte impacto as ações e movimentos populacionais que contribuíram para a formação da região sul-baiana.

Ao mesmo tempo, o escritor inspirou-se nos mais profundos sentimentos do povo desta região, criando caracteres e tipos que refletem a emergência da vida, a intensidade de um mundo bruto e, ao mesmo tempo, mítico. Essa relação mítico-sócio-cultural evidencia não só a constituição do povo da região sul-baiana, mas também da composição do povo brasileiro. De acordo com Maria de Lourdes Neto Simões:

A literatura constitui-se em ótica do universo cultural e vivencial que configura uma visão de mundo do ficcionista [...]: comportamentos éticos, filosóficos, políticos, traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o mundo. Nessa ótica, a interação entre ficção e o contexto sócio-cultural (*sic*) é fundamental. (SIMÕES, 1998, p. 119-120).

Nessa perspectiva, Adonias soube como poucos relacionar cultura e sociedade em seu universo literário, traduzindo a formação da região do cacau e dos povos constitutivos desta cultura como os pilares da sociedade retratada em seus textos.

Adonias recorre a mitos universais, aclarando a relação existente entre o social e o divino na constituição do imaginário do povo da região sul-baiana e também na construção da sua novela *Simoa*.

Dessa forma, Adonias amplia o alcance de sua obra, fazendo com que ela seja capaz de transcender o regional, tornando-se universal. Ao direcionar seu foco para a cultura do povo negro nesta novela, Adonias ajuda o leitor a compreender a mitologia africana como integrante dessa mitologia universal, e, portanto, digna de figurar entre as principais mitologias ocidentais como a grega, celta, etc.

É tratando desses aspectos que se tentará, neste estudo, descobrir o relacionamento entre literatura, mitologia e condição feminina, buscando compreender os elementos que constituem o imaginário do povo negro que, conseqüentemente se tornou, ao longo da história, elemento constitutivo do imaginário do povo baiano.

Dessa forma, a análise em questão evidenciará não só as características dos orixás femininos africanos refletidas pela personagem Simoa, mas também como essas características se fazem presentes no campo social em que a referida personagem se insere.

## 2 Simoa: mitologia e condição feminina

Considerando estas observações, Lyra (1998, p 30) afirma que “Cada povo tem sua configuração existencial própria, modelada pela sua base geográfica e pelo seu percurso histórico, ambos com seus problemas típicos”. Estes percursos históricos, do negro, do branco, do índio e do sertanejo, que transcendem os personagens adonianos, evidenciam o alcance de sua obra, numa tentativa de criticar os fatos, impulsionando o leitor a mergulhar num universo denso, cheio de drama e comoção.

O próprio autor, afirma que esse

É um romance, pois, de documento. E sendo principalmente o testemunho, não aliena ou elimina – no fundo mesmo dessa percepção realista – a grande auscultação ou a sondagem maior em torno da condição comum. Não falta a interiorização em busca psicológica como também não falta a dialética em força (*sic*) de debate. (FILHO, p. 11-12, 1969).

Em *Simoa* não é diferente. Através dessa configuração social, Adonias apresenta a luta pela ocupação das terras do sul da Bahia,

traduzindo não só a organização social, mas para além desta configuração, como o mito e a fé transpõem essa configuração social. A partir da personagem título, Adonias amplia a visão do leitor para além da disputa social, buscando também inserir o mito e a fé na interpretação dos grandes movimentos populacionais que constituíram a região em questão.

Simoa surge como centro da organização social de seu povo, tornando-se essencial na salvação deste e na organização de seu meio social. A partir das ações da personagem, assumimos a visão de mundo em que o mito organiza e direciona as ações dos personagens. A iminência do destino confronta os personagens e os obriga a agir através de uma única saída: a fé.

Adonias caracteriza sua personagem de uma maneira sobrenatural, trazendo desde sempre em seu cerne a figura dos mitos africanos e da cultura negra, como pano de fundo de sua história. Para Roger Bastide (2001, p. 218) “Na sua vida, nas suas estruturas psíquicas, o homem todo simboliza o divino”. Dessa forma, a atmosfera mítica, baseada nos orixás femininos Iansã, Oxum e Iemanjá, perpassa a personagem Simoa, tornando-a muito mais que uma mulher, torna-a a Grande Mãe de seu povo, arquétipo feminino que na cultura universal é representante do maternal, da mágica autoridade do feminino, da sabedoria e da elevação espiritual, fundamental para Simoa em sua organização social.

De acordo com Bastide (2001, p. 153) “os orixás [...] constituem forças da natureza, fazem chover, reinam sobre a água doce, ou representam uma atividade sociológica bem determinada: a caça, a metalurgia”. A partir dessas forças míticas, podemos evidenciar de que maneira a construção da personagem Simoa está relacionada com as características dos orixás femininos africanos, o campo de atuação social dos mesmos, bem como tal atuação torna-se determinante para a constituição da organização social do povo da várzea, comunidade de Simoa e sua conseqüente salvação.

### 3 Simoa: origem, poder e mito

Assim como os orixás femininos Iansã, Oxum e Iemanjá, Simoa caracteriza-se como a figura da Grande Mãe. Simoa carrega, por sua

vez, a imagem arquetípica derivada do imaginário do povo negro, e, juntamente com essa imagem, simboliza as principais características dos orixás femininos supracitados, em sua constituição psicossocial: Iemanjá “a deusa das águas, tida como a mãe de todos os outros orixás” [...]; Oxum “a deusa iorubana da água doce, dos lagos, das fontes e das cachoeiras” [...]; Iansã “a deusa iorubana dos ventos, dos raios e das tempestades” (GONÇALVES DA SILVA, 1994, p. 78-79).

No início da trama, Simoa apresenta-se como a imagem arquetípica de Iansã, pois é forte, decidida, atraente “[...] pedia vestidos vermelhos [...] os pés nus, os seios pequenos, a pele macia, de mulher o rosto” (FILHO, 1993, p. 134). As cores ligadas a Iansã, segundo Vagner Gonçalves da Silva (1994) são: rosa, vermelho e marrom. Simoa está mais próxima ao divino do que ao humano, essa condição especial faz com que seja desejada pelos homens da comunidade a que pertence.

Os rapazes, homens que plantavam as canas, os braços fortes na moenda e no arado, desejavam Simoa, o corpo devia ser morno, gosto de sal nos lábios. Recuavam, porém quando chegavam perto. A moça como que refletia os poderes, seria impossível tomá-la como uma mulher, não pulsava em seu peito um coração de gente. Sentiam uma espécie de ameaça, amor de incêndio, a carne se queimando até a morte. Rodavam em torno, atraídos e espantados, ninguém entendendo o que havia nela para assustar. Concha, concha de pedra, nem Ifá decifraria (FILHO, 1993, p. 134).

O fragmento acima indicia o comportamento de Iansã, através da construção da personagem, uma vez que esta é ao mesmo tempo sedutora e misteriosa, “Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder” (PRANDI, 2001, p. 296), portanto, os homens se interessam, mas não se aproximam de Simoa, em decorrência da aura de mistério que envolve a personagem, visto que intuitivamente eles entendem que “não pulsava em seu peito coração de gente”.

Simoa sai da condição de simples mortal para ser reflexo do plano metafísico. Ainda utilizando o fragmento supracitado, nota-se que este faz referência ao fogo “[...] amor de incêndio, a carne se queimando até a morte”, o orixá feminino africano Iansã está intimamente ligado ao fogo. “Com Exu adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia, para realizar os seus desejos e os de seus protegidos” (PRANDI, 2001, p. 29). Ainda em relação ao fogo, este

elemento é citado em outras passagens da obra literária analisada: “Simoa veio correndo, trazia brasas nos ombros, ele a achou linda como as próprias trevas.” (FILHO, 1993, p. 140).

A aura de mistério que envolve a personagem Simoa se intensifica por causa de sua origem, pois se sabe apenas que ela foi achada na praia de Ilhéus e destinada para a comunidade negra da várzea.

[...] quando Iansã descarrega as tempestades. Armam-se todos os destinos. Uma criatura foi nascida, ninguém viu ou soube, era Simoa [...]. As coisas acontecem, as palavras não explicam, o mundo é grande demais para que se conheçam seus mistérios [...]. A pretinha acomodada no fundo. “Não sou a mãe” - jurou. Era de Ilhéus - e ainda pudera contar - viúva de pescador, a jangada com o nome de Janaína. Vivia quase de esmola catando na praia o resto da pescaria. E buscava o peixe, manhã de sol por cima, quando viu a menina. Uma semana de nascida talvez. Na areia úmida, as águas lavando o corpo, a pretinha não chorava. Precipitara-se, era como uma filha que viesse do mar, [...]. Entreguem ela ao povo da várzea. Já morria, embora falasse. E foi possível dizer, ofegante, muito baixo: ‘Ela se chama Simoa’ (FILHO, 1993, p. 133).

No trecho acima, fica claro outra proximidade entre Simoa e Iansã: a origem das duas representantes femininas é semelhante, pois ambas foram encontradas por pescadores na água, Simoa no mar e Iansã no rio:

Tempos depois, alguns pescadores viram uma caixa boiando no rio .  
Foram ver de perto e dentro tinha uma criança.  
Assustaram-se com o que viram.  
Temerosos, abandonaram seu achado na margem do rio.  
Pelo mesmo lugar passou uma embarcação.  
Seus ocupantes foram atraídos pelo choro da criança.  
Os viajantes recolheram a criança e a levaram como presente ao rei .  
[...]  
Essa menina era Oiá [Iansã]. (PRANDI, 2001, p. 295-296)

A mitologia africana em *Simoa* acaba por ser um dos elementos que dá o suporte para a organização social da comunidade negra. No texto, os negros acreditam, pois, que todas as suas práticas sociais e decisões estão respaldadas pelo plano metafísico. Uma das consequências desta crença é o fato deles terem aceitado Simoa, pois esta demonstra ser um reflexo do divino, por seu comportamento ser similar aos dos orixás femininos africanos.

Simoa é a enviada que vai ajudar a solucionar os problemas da tribo por conhecer o caminho que leva à superação de obstáculos, fato que mais uma vez, aproxima a personagem-título de Iansã. Simoa conduz a comunidade negra para a vida, fugindo da morte; Iansã conduz os mortos, para deixar os vivos em paz, logo as duas são condutoras por excelência, mesmo que em caminhos diferentes. Uma preserva a vida, enquanto a outra consolida a morte.

Olorum, que tudo via, emocionou-se com o gesto de Oiá e deu-lhe o poder de ser guia dos mortos no caminho do Orum. Transformou Odulecê em orixá e Oiá na mãe dos espaços dos espíritos. Desde então todo aquele que morre tem seu espírito levado ao Orum por Oiá (PRANDI, 2001, p. 311).

No desenrolar da trama Simoa que, a princípio, se aproxima de Iansã no seu comportamento, em seguida apresenta-se como imagem arquetípica do orixá feminino Oxum, visto que a comunidade negra da várzea está passando necessidade no meio do deserto e clama pela ajuda de Oxum, porque o ambiente físico é inóspito e a comunidade fica assustada com essa realidade.

Honório veio à frente para dizer o que povo negro estava assustado. Avançava, porém, passo a passo, arrastando-se. E, quando a terra se mostrou nua, ninguém pôde acreditar que aquilo ainda fosse um pedaço do mundo. O barro crestado, de perder vista, com as pedras por cima e o silêncio medonho na desolação. Quem quer que ali ficasse morreria de fome, cairia de sede, correria doido para mumificar-se na estufa. Nada no ar, nem mesmo urubus, o céu sem manchas. A parada de súbito com o povo negro unido naquele momento sem nenhuma esperança. E, como se temesse um grande castigo de Exu – os orixás fugindo -, Xangô sem corpo para criar a sombra, o povo se voltou para o deserto, calado. Iria começar a provação, melhor

seria ter ficado, morrer assassinado na várzea a penar naqueles tabuleiros do inferno. (FILHO, 1993, p. 142-143)

Apesar da comunidade acreditar na proteção dos orixás, passa por um período de provação que, momentaneamente, faz com este povo abale sua crença de ser amparado pelos “santos fortes” (FILHO, 1993, p. 126).

O povo da várzea foi conduzido até o deserto, por conta da mediação da personagem Simoa, uma vez que esta, com seu poder de sedução, conseguiu que Naro, que se torna seu companheiro, deixasse sua comunidade de origem -os caçadores -para guiar os negros na sua salvação. Simoa é a “dona dos caminhos” (FILHO, 1993, p. 134),

(...) A força inteira do homem se quebrava no pedido dos olhos, pedido e vontade, uma ordem. Ela explicou, o povo seria destruído se ali ficasse, o destino estava na fronteira – aquele deserto – e ele, Naro, o guia na selva. (...) Encantara um homem, tão forte agora como a raiva das ondas, em seus músculos os raios de lansã, posse de Simoa como o mar inteiro. Ela o beijaria na boca, mais que uma criatura porque escolhido para amante, sal também no sangue. Orixalá sabia, não podia se enganar, Simoa salvaria o povo. (FILHO, 1993, p. 138).

Naro se rende à força de Simoa, força espiritual, sua jornada como caçador é deixada de lado para unir-se àquela que inspira o povo à sua salvação. A urgência de seu chamado faz com que ele rompa com sua organização social e se dedique ao povo da várzea: “Sim, pai, eu serei o guia. [...] Lá, entre os negros, está a minha mulher – a pausa. – É Simoa.” (FILHO, 1993, p. 139). Como consequência deste episódio, Naro é deserdado por seu pai, deixando de fazer parte do seu grupo social de origem, abandonando sua história para construir outra, ao lado de Simoa e, conseqüentemente, dos negros da várzea.

A comunidade estava desolada, por isso passou a acreditar que os orixás estavam fugindo e que melhor teria sido ficar na várzea para morrer assassinados do que suportar aquela situação extrema. No período de mudanças, as certezas são abaladas, pelo fato das situações não estarem bem organizadas.

Agora não interessa mais para o destino dos negros, Simoa



ser atraente, linda, elegante como Iansã, porquanto a dificuldade atual era a falta de água para a sobrevivência da coletividade, logo a personagem-título deveria ter o comportamento similar ao de Oxum, “deusa iorubana da água doce, dos lagos, das fontes e das cachoeiras” (GONÇALVES DA SILVA, 1994, p. 78).

Quando Simoa passa a refletir o comportamento de Oxum, a esperança de seu povo retorna, se o grupo quer água para sua subsistência, solicita a Oxum, pela mesma ter a capacidade de transformar uma terra infecunda em uma terra próspera.

Uma vez Olodumare quis castigar os homens.  
Então levou as águas da Terra para o Céu.  
A terra tornou-se infecunda.  
Homens e animais sucumbiam pela sede.  
Ifá foi consultado.  
Foi dito que se fizesse um ebó.  
[...]  
Oxum encarregou-se de levar o ebó ao Céu.  
[...]  
Olodumare viu tudo aquilo e se comoveu.  
Olodumare devolveu à Terra a água retida  
no Céu  
e tudo voltou a prosperar. (PRANDI, 2001, p.  
339-340)

No desfecho da história, a maneira de agir da personagem assemelha-se, principalmente, como a imagem arquetípica de Iemanjá. Apesar da semelhança de Simoa com Iemanjá ficar mais notória na finalização da trama, durante o enredo, há alguns indícios que podem associar as duas figuras femininas. O primeiro deles, diz respeito à origem de Simoa, visto que a personagem foi encontrada no mar, ambiente no qual Iemanjá reina, pois é “a deusa das águas [...]” (GONÇALVES DA SILVA, 1994, p. 78).

Metafisicamente falando, Simoa é apresentada como uma filha que veio das águas, logo Iemanjá pode ser considerada sua mãe, sendo natural portanto, a semelhança comportamental entre as duas:

-E a água? – era um grito. E a água?  
-O mar esteve aqui – Simoa respondeu. – Isso aqui foi o fundo do mar.

O fundo do mar, ela sabia, as ondas rolando, os grandes peixes, gosto de sal na terra. Simoa dissera – “o fundo do mar” -e as palavras correram acordando a imaginação dos negros [...] Simoa afirmou novamente:  
-Foi o fundo do mar. (FILHO, 1993, 143)

Iemanjá é a mãe de todos os orixás, portanto, quando Simoa apresenta-se com as características de Iansã e Oxum, não deixa para trás a sua maior peculiaridade, ser o que podemos definir como a filha da rainha das águas.

[...] O ventre descomunal de Iemanjá se rompeu e dele nasceram os orixás:

[...] Oiá, deusa do rio Níger, Oxum, deusa do rio Oxum,

[...] E outros e mais outros orixás nasceram do ventre violado de Iemanjá.

E por fim nasceu Exu, o mensageiro.

Cada filho de Iemanjá tem sua história, cada um tem seus poderes. (PRANDI, 2001, p. 382-383)

A despeito de estar no meio do deserto, Simoa sabe, mesmo que intuitivamente, que curso de sua vida está predeterminado em direção ao mar, pois o seu princípio é a água “[...] era como uma filha que viesse da água [...]” (FILHO, 1993, p. 133), logo o seu destino não pode ser o deserto, onde o solo é árido, impróprio para ser povoado. Sendo filha de Iemanjá, ela não pode conduzir o seu povo para a morte (seca), mas sim para a vida (água), portanto Simoa está segura que o lugar onde se encontra tinha sido o fundo do mar e também seria o lugar ideal para a salvação de seu povo.

## 4 Diálogos entre o mitológico e o literário

*Simoa* é um texto envolvente, vertical e mítico, que apresenta as crenças da região sul baiana como reflexo da miscigenação cultural entre negro, índio e branco. Adonias, representante de seu tempo, construiu uma narrativa que pinça cada elemento constitutivo da

região que veio a ser a «região do cacau», povoando de mistérios e de lendas, uma história que denuncia, ao mesmo tempo que reforça, os acontecimentos que a conformaram. Para Adonias,

“É o universo brasileiro que se mostra em quadro e imagem, problema e drama, linguagem e paisagem, ficcionalmente se movendo no poder de uma temática que oferece, com os mitos e os símbolos, o caráter nacional e a personalidade do povo” (FILHO, p. 12, 1969).

É nesse contexto, onde se verifica a mescla de tantas culturas, que Adonias Filho produz sua obra literária captando, portanto, os costumes da sociedade a qual pertence: o sul da Bahia. Ao documentar estes acontecimentos, respeitando a infraestrutura literária, com seus estilos e técnicas apuradas, Adonias toma pra si uma posição, na qual sua obra vai além do exercício da escrita, como também a preocupação em expressar o mundo em que viveu e povoou suas memórias: “Há os que entendem que a obra literária envolve uma representação e visão de mundo, além de uma tomada de posição diante dele” (FILHO, 1986, p. 9).

Neste texto, priorizou tratar da cultura afrodescendente, principalmente, da mitologia africana, enfocando a relevância do mito na organização social da comunidade negra da várzea, pois «A sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que habitam realizam-se na articulação verbal” (BRAIT, 1990, p. 66).

Em *Simoa*, as características da cultura negra são visíveis a partir dos comportamentos das personagens femininas e das referências à mitologia africana, destacando-se o comportamento da personagem-título, visto que assume, ao longo da trama, as características de três orixás femininos africanos: Iansã, rainha dos trovões, das tempestades, guerreira; Oxum, deusa das águas doces e das cachoeiras e, Iemanjá, deusa do mar e mãe de todos os orixás.

As atitudes de Simoa demonstram ligação entre mitologia e sociedade, pois a dualidade existencial – humano/divina – da personagem influencia nas decisões da comunidade negra a qual pertence. O comportamento de Simoa evidencia uma das principais características da cultura africana, que reforça a organização social voltada para os aspectos religiosos, posto que os orixás e suas respectivas áreas de atuação são relevantes para as práticas sociais da comunidade representada na história.

A princípio, Simoa confunde-se com Iansã, por ser sedutora, misteriosa e encantadora de homens, deixando-os temerosos quando dela se aproximam. A partir do momento que Simoa apresenta-se como imagem arquetípica de Iansã, evidencia-se a sutileza com que as mulheres desta novela agem, com suavidade e firmeza, através das quais Simoa impõe suas vontades nas decisões tomadas por seu povo, contrariando, a princípio, o destino dados às mulheres na trama: “Não falavam as mulheres, em reuniões como aquelas discutiam os homens” (FILHO, 1993, p. 128).

Como reflexo do orixá feminino africano “Oxum”, Simoa chega a um período de transição, para que os negros renovem a fé e a esperança, a fim de conseguirem trilhar o caminho rumo ao eu destino. A comunidade afrodescendente sofre uma mudança brusca no seu modo de viver, pois sai da várzea e migra para o deserto, onde passa dificuldades, as quais só Oxum pode resolver, posto que esse orixá tem a capacidade de tornar fecunda a terra estéril.

Ao seguir seu destino, Simoa surge como filha de Iemanjá, visto que tem seu ciclo de vida voltado para a água. Desde o seu nascimento, a personagem-título está envolvida com situações nas quais a água foi sempre o elemento principal: foi achada no mar, suas qualidades físicas e psicológicas fazem referência ao contexto marítimo; a semelhança entre Simoa e Iemanjá, faz com que a personagem seja dona do destino de sua comunidade, por deter o conhecimento sobre as águas, onde tudo se origina e se encerra.

As águas, nesta novela, predeterminam o curso da vida dos habitantes da comunidade negra da várzea. Logo, Simoa, mesmo que intuitivamente, detém sabedoria para salvar o seu povo. Assim, como reza a cultura africana, Simoa expressa o divino, pois suas condutas confundem-se com os comportamentos dos orixás africanos.

Observa-se a predominância do arquétipo da Grande Mãe, visto que a maneira de agir da personagem-título é baseada no amor e na esperança de salvação para o seu povo. Simoa, sob sua constituição humana e divina, define o desenrolar dos fatos. Através de suas escolhas e decisões leva, a sua comunidade para o deserto, que se transforma na terra da vida.

## 5 Considerações finais

Adonias estabelece uma relação entre o mito e sua literatura. O mito, em seu texto, torna-se o amálgama que envolve os povos dentro de um único universo de tensão. A todos estes povos, a comunidade da várzea, os caçadores, os que buscam a terra para a expansão da lavoura de cacau, todos estão sob a mesma aura de mistério.

O mito, neste caso de *Simoa*, determina os rumos, “sopra” os ventos da mudança e inspira seus personagens a agirem para sua própria salvação. Simoa é a principal representante deste misticismo e assume dentro da narrativa um papel fundamental como líder de sua comunidade, uma líder espiritual.

Vale ressaltar que, apesar deste protagonismo da personagem, socialmente, sua condição não é de igualdade perante os homens. A ela são atribuídas características de sensualidade, de beleza, de força, ainda que sua condição de líder seja questionada a todo instante ao primeiro sinal de dificuldades enfrentadas durante a jornada de seu povo, momentos em que a espiritualidade fala mais alto e seu papel de mulher transcende a questão de gênero. Simoa, à sua maneira, chama atenção para o papel da mulher numa sociedade que ainda a objetifica, que a reconhece primeiramente pelos atributos físicos que pela contribuição em outras áreas de atuação na comunidade.

Apesar disso, Adonias oferece um papel de destaque a esta mulher, dentro de sua comunidade e, também, à mitologia africana. Conforme a característica de sua literatura, inspirada principalmente nos clássicos gregos, verificamos no texto de Adonias menções ao mito universal da Grande Mãe, presente em inúmeras religiões, ao qual elege Simoa como representante. Apesar disso, Simoa não muda a estrutura social de sua comunidade, não apresenta diferentes papéis para as mulheres, tendo sua jornada “guiada” por um homem, Naro, aquele que abandona seu grupo para se tornar o guia do povo da várzea.

Adonias realiza uma novela “documentária”, característica dos romances desta segunda fase do modernismo no qual se insere, capta a matéria ficcional da atmosfera histórica que envolve o país, naquele contexto histórico, bem como as consequências desta atmosfera e as utiliza, como um índice, no qual permite-se realizar também a denúncia social e crítica histórica, ambas traduzidas pelo texto literário.

Adonias realiza uma denúncia social, da expulsão dos povos em prol do avanço da lavoura cacaueteira, bem como representa as entrelinhas do misticismo e do caldeirão cultural que também ajudou a formar a região sul-baiana.

## Referências

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1990.

FILHO, Adonias. Simoa. In: **Léguas da Promissão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. **O romance brasileiro de 30**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

FILHO, Domício Proença. **A linguagem literária**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

LYRA, Pedro. A transfiguração poética do elemento local. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. N. 01, 1997/1998. Ilhéus: Editus, 1998, p. 129-144.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **A ficção da Região Cacaueteira baiana**: questão identitária. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. N.º 01, 1997/1998. Ilhéus: Editus, p. 119-128.

---

## Instruções aos autores

### Normas para publicação de artigos na Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas

A revista Especiaria recebe semestralmente artigos com temas relacionados às ciências humanas. Confira os temas e os períodos de chamada em [www.uesc.br/revistas/especiarias](http://www.uesc.br/revistas/especiarias).

#### 1. Categorias de trabalhos publicados na revista

(obs: 1 lauda = 2.100 caracteres com espaços)

Artigo(*paper*): texto inédito; pode ser assinado por até três autores.

Padrão: não ultrapassar 25 laudas, digitadas com fonte Times New Roman, 12 pts e entrelinha 1,5.

Tradução: texto em língua estrangeira com tradução inédita (ou revisão crítica de tradução já realizada) para o português; deve ser assinada por apenas um autor.

Padrão: número de laudas será analisado conforme o texto, digitadas com fonte Times New Roman, 12 pts e entrelinha 1,5.

Resenha (*review*): de uma obra escrita ou audiovisual recém-publicada; deve ser assinada por apenas um autor.

Padrão: de 3 a 5 laudas, digitadas com fonte Times New Roman, 12 pts e entrelinha 1,5; a primeira parte da resenha deve ser a apresentação de todos os dados bibliográficos da respectiva obra.

---

## 2. Envio dos arquivos

Os textos deverão ser digitados em editor de texto, preferencialmente no MS-Word, salvos em arquivo.doc, e enviados para: [especiaria@uesc.br](mailto:especiaria@uesc.br)

Todos os trabalhos devem ser acompanhados de uma folha de rosto com as seguintes informações:

- Nome completo, endereço, telefone e e-mail do autor.
- Formação e filiação institucional do autor.
- Título do trabalho.
- Resumo de aproximadamente 700 caracteres (com espaços), em português e em inglês (abstract), acompanhados respectivamente de cinco palavras-chave. Se o artigo for escrito em espanhol, então seu resumo e palavras-chave devem ser em espanhol, português e inglês.

## 3. Avaliação, termos e condições

**O artigo recebido é primeiramente avaliado pelos editores, a fim de se verificar as seguintes exigências básicas: formato, linguagem científica, linha editorial, ineditismo e contribuição relevante ao debate ou descrição do respectivo tema. Os textos assim selecionados são enviados a dois pareceristas (revisão paritária, *peer review*). O diálogo entre autor e revisor é arbitrado anonimamente pelos editores. Sob essa condição, os autores recebem cópias dos pareceres de seus artigos.**

**Ao submeter um texto, os autores declaram aceitar os termos e condições correspondentes e cedem seus direitos autorais à Revista Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas.**

**A versão digital de todos os textos estará disponível gratuitamente no site da revista.**

**O conteúdo dos textos é de responsabilidade de seus autores.**

**Os editores poderão aplicar alterações somente em relação à**



---

**forma dos artigos, a fim de garantir a clareza e o respeito aos padrões da publicação.**

#### **4. Configuração de página, títulos de seções, citações, siglas, notas e imagens**

Medida de configuração de página para A4; margens esquerda e superior 3,0 cm; margens direita e inferior 2,0 cm.

O título principal deve ser em fonte Times New Roman, 14pts, negrito, centralizado. Cada título de seção deve ser numerado em algarismos arábicos e alinhado à esquerda, em fonte Times New Roman, 12pts, negrito. Antes do título de cada seção deve haver duas marcas de parágrafo que a distancie do parágrafo anterior e depois do título de cada seção deve haver uma marca de parágrafo que a distancie do parágrafo seguinte.

Para as citações diretas e indiretas (paráfrases) deverá ser usado o sistema autor-data conforme ABNT NBR10520. Exemplo: “[...] de acordo com Miranda (1984, p. 35)” ou “(MIRANDA, 1984, p. 35)”. Diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano deverão ser diferenciados, adicionando-se, sequencialmente, uma letra depois da data: (MIRANDA, 2001a), (MIRANDA, 2001b); o mesmo recurso deverá ser observado na lista de referências.

Citações diretas com o máximo de três linhas devem ser apresentadas no texto, entre aspas; as com mais de três linhas devem ser destacadas do texto com uma linha de espaço depois do texto anterior e outra linha de espaço antes do texto posterior, com redução da fonte para 10 pts, recuo de 4 cm à esquerda e entrelinha simples.

Siglas deverão ser introduzidas entre parênteses e, fora dos parênteses, antecedidas de suas significações. Ex.: “[...] dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)”.

Todas as notas devem ser inseridas no final do texto e antes das referências, numeradas sequencialmente em algarismos arábicos.

---

Imagens (gráfico, desenho, esquema, diagrama, fluxograma, fotografia, quadro, mapa, planta, retrato etc.) devem ser introduzidas em suas respectivas posições no texto e enviadas também em arquivos separados, preferentemente no formato JPEG (com 300 dpi de resolução). Os gráficos e/ou tabelas devem vir acompanhados de seus arquivos de imagem correspondentes.

Identificação das imagens no texto. Qualquer imagem será identificada na parte inferior, precedida da palavra designativa (sua descrição ou título), seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, e, entre parênteses, da fonte (caso não seja de autoria do próprio autor).

## 5. Referências

Na lista de referências devem constar somente os autores que foram citados no texto direta ou indiretamente.

Seguem abaixo alguns exemplos básicos. Para outro tipo de referência consulte a ABNT NBR 6023 mais atualizada.

- Livros. Exemplos:

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. Brasília: UnB, 1998.  
ORLANDI, E. **Análise do discurso**, princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2003.

- Partes de livro. Exemplos:

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. In: LEVI, G.; SCHMIDT, J. (Orgs.). **História dos jovens 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 7-16.  
SANTOS, F. R. dos. A colonização da terra do Tucujús. In: \_\_\_\_\_. **História do Amapá, 1o grau**. 2. ed. Macapá: Valcan, 1994. cap. 3.

- Artigos em periódicos. Exemplo:

REZENDE, Fernando. A imprevidência da previdência. **Revista**

---

de **Economia Política**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 51-68, abr.- jun. 1984.

- Trabalhos de conclusão de cursos acadêmicos (especialização, mestrado e doutorado). Exemplo:

LOPES, Roberto Paulo Machado. **Universidade pública edesenvolvimento local**: uma abordagem a partir dos gastos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2001. Dissertação (Mestrado em Economia). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

- Documento disponível exclusivamente em meio eletrônico. As referências devem seguir o mesmo formato indicado para artigos e/ou matéria de publicações diversas, acrescida das informações relativas à descrição física do meio eletrônico (CD-ROM, on-line e outros). Quando se tratar de obras consultadas on-line, deve-se indicar as informações do endereço eletrônico entre os sinais <>, precedido da expressão "Disponível em:" e seguido da expressão "Acesso em:". Exemplo:

ADORNO, Sérgio; CARDIA, Nancy. Democracy, violence and human rights in contemporary Brazil". **Latin American Studies Association**, v. xl, n. 2 e 3, p. 23-25, 2009. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/files/forum/2009-SpringSummer.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2012.

